

**Universidade de Lisboa**

**Faculdade de Letras**



**Portugal nocturno e a ameaça do dia.**

**A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX)**

Rosa Maria Canarim Rodrigues Fina

Orientadores: Professor Doutor José Eduardo Franco (UAberta/CLEPUL)

Professor Doutor António Ventura (FLUL)

Professor Doutor Roger Ekirch (Virginia Tech)

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de História Contemporânea.

2016



**Universidade de Lisboa**  
**Faculdade de Letras**



**Portugal nocturno e a ameaça do dia.**

**A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX)**

Rosa Maria Canarim Rodrigues Fina

Orientadores: Professor Doutor José Eduardo Franco (UAberta/CLEPUL)

Professor Doutor António Ventura (FLUL)

Professor Doutor Roger Ekirch (Virginia Tech)

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de História Contemporânea.

**Júri:**

Presidente: Doutor **Vitor Manuel Guimarães Veríssimo Serrão**, Professor Catedrático e Membro do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutor **Luís Machado de Abreu**, Professor Catedrático Aposentado do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro;

Doutora **Maria Alice Dias de Albergaria Samara**, Investigadora Integrada do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais;

Doutor **José Eduardo Franco**, Investigador Coordenador Equiparado a Professor Catedrático na Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização da Universidade Aberta, orientador;

Doutor **Vitor Manuel Guimarães Veríssimo Serrão**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutora **Annabela Carvalho Vicente Rita**, Professora Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutora **Maria Alexandre Lopes Campanha Lousada**, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutora **Ana Paula Ribeiro Tavares**, Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Apoio financeiro da

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

SFRH/BD/75830/2011

2016





## **Agradecimentos/ Acknowledgements**

Antes de mais, há lugar para os agradecimentos institucionais. Agradeço ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por me acolher como aluna do seu programa de doutoramento, particularmente na pessoa dos Professores Doutores Amílcar Guerra, Ana Seabra Rodrigues, Teresa Reis e Sérgio Campos Matos. Ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL) por ser a minha instituição de acolhimento e pelo apoio no processo de obtenção da bolsa de doutoramento e no decorrer da investigação. Por último, à Fundação para a Ciência e a Tecnologia que me facultou a bolsa de estudos durante estes quatro anos, facto que me deu a possibilidade de me dedicar exclusivamente a este projecto.

Nos agradecimentos pessoais, começo por agradecer aos meus orientadores, os professores José Eduardo Franco, A. Roger Ekirch e António Ventura. Um agradecimento especial ao meu orientador principal, José Eduardo Franco, por ser o primeiro e maior impulsionador desta ideia e deste estudo e por ter sido o que mais acompanhou todo o processo ao longo destes quatro anos. *Equally special was Roger Ekirch's work (which inspired mine) and endeavor; he who, despite the linguistic and geographic distance, was always able to respond to my requests and doubts with such faultless empathy and availability. Thank you for all your time, work and concern, Roger, it was very important to me.* Ao Professor António Ventura agradeço o enquadramento institucional bem como os seus contributos historiográficos relevantes.

Um brinde ao Maurício Ieiri (*father of Luke*), por estar a um oceano de distância mas sempre perto. Sempre disponível. Ao Luís Pinheiro, pela presença discreta mas imprescindível que opera milagres de última hora. À Ana Catarina (Anani\*), pelo apoio, conselho e sorriso sempre prontos. À Cátia, obrigada por tudo, mas principalmente pelo tempo e dedicação que dispensou a ler, corrigir e comentar toda esta tese, com o carinho e empenho que sei que colocou no gesto.

Agradeço aos meus pais e irmãs pelo amor e apoio incondicionais. À minha filha Mariana, *a light that never goes out*, que me oferece a felicidade e o amor todos os dias.

Ao Filipe, *encore une fois*, porque será sempre parte de mim e de tudo o que faço.

*And, in the end, the love you take is equal to the love you make.*



## **A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX)**

**Rosa Maria Fina**

### **Resumo**

Esta dissertação tem como objectivo estudar a noite na cultura portuguesa entre os séculos XVIII e início do século XX. Tamanha amplitude temporal e conceptual exige um trabalho estruturado e bem argumentado.

Assim, movendo-nos no campo da história da cultura portuguesa, pretendemos numa primeira parte determinar o conceito de noite no seu carácter mais mitológico e fundacional, na cultura europeia em geral depois na portuguesa em particular, passando obrigatoriamente pelas tradições e superstições populares. Em seguida, acendemos o nosso enfoque histórico sobre a cidade de Lisboa setecentista e oitocentista e estudamos os ambientes sociais e culturais nocturnos bem como a forma como se foram metamorfizando ao longo dos séculos. Contemplamos, na cidade pós-terramoto, a influência europeia iluminista, a gesta pombalina, bem como as mudanças específicas urbanas como o policiamento e, mais tarde, o polémico surgimento da iluminação. Durante o século XIX, os modelos sociais foram-se esculpindo na sua diferença, assim como as vivências nocturnas, que, através de um número crescente de teatros e outras distrações, se reconciliam com a rua.

Noutra vereda, recuperamos na quarta parte o conceito simbólico e metafórico da noite e olhamos através desta lente para a literatura portuguesa do final do século XIX e início do século XX, tentando fazer o levantamento de alguns autores mais preponderantes. Na mesma linha, embora alargando mais uma vez o escopo à cultura europeia, reflectimos sobre o conceito de poder e de pessimismo característicos do século XX considerando um e outro conceito na sua relação com a noite.

**Palavras-Chave:** Noite; Sociedade; História Urbana; Iluminismo; *Fin-de-siècle*; História da Cultura.

## **The idea of night in portuguese culture (XVIIIth to XXth centuries)**

**Rosa Maria Fina**

### **Abstract**

This thesis aims to study the night in the Portuguese culture between the eighteenth and early twentieth century. Such temporal and conceptual scope requires a structured and well-argued work.

Thus moving us in the field of Portuguese cultural history, we intend to determine, in the first part, the concept of night at its mythological and foundational nature in general European culture then in particular the Portuguese, necessarily going through the popular traditions and superstitions. Then we light our historical focus on the eighteenth and nineteenth century Lisbon and study the nocturnal social and cultural environments and how they were changing over the centuries. We contemplate, in the city after the earthquake, the European Enlightenment influence, Pombal deed as well as specific urban changes such as law enforcement and later the controversial appearance of public lighting. During the nineteenth century, the social models were up carving in its difference as well as night time experiences, which, through a growing number of theaters and other distractions, are utterly reconciled with the street.

In another path, we recovered in our dissertation fourth part the symbolic and metaphorical concept of the night and look through this lens at the Portuguese literature of the late nineteenth century and early twentieth century, trying to appraise some of the most important authors. In a similar vein, though once again extending the scope to European culture, we reflect on the concept of power and pessimism – which we consider a twentieth century characteristic – considering either concept in its correlation with the night.

**Key-words:** Night; Society; Urban History; Enlightenment; *Fin-de-siècle*; Cultural History.

## **La idée de nuit dans la culture portugaise (XVIIIe au XXe siècle)**

**Rosa Maria Fina**

### **Résumé**

Cette dissertation a comme but d'étudier la nuit dans la culture portugaise entre le dix-huitième et le vingtième siècle. Une telle amplitude temporelle et conceptuelle exige un travail structuré et suffisamment argumenté.

De ce fait, en partant du domaine de l'histoire de la culture portugaise, nous désirons, dans une première partie, définir le concept de la nuit dans son caractère davantage mythologique et fondateur, concernant la culture européenne en général et la culture portugaise en particulier, faisant forcément appel aux traditions et superstitions populaires. De suite, nous dirigerons notre regard historique vers la ville de Lisbonne aux dix-septième et dix-huitième siècles et nous étudierons les environnements sociaux et culturels par rapport à la nuit, ainsi que la façon dont ils se sont métamorphosés au fil des siècles.

Nous observerons, dans la Lisbonne post-séisme, l'influence européenne des Lumières, le travail de Pombal, ainsi que les changements urbains spécifiques comme la présence policière et, plus tard, l'arrivée controversée de l'illumination. Pendant le dix-neuvième siècle, les modèles sociaux se sont construits dans leur différence, de la même façon que les pratiques nocturnes, à travers un nombre grandissant de théâtres et d'autres distractions, se réconcilient avec la rue.

Sur une autre voie, lors de la quatrième partie de ce travail, nous comptons nous réapproprier le concept symbolique et métaphorique de la nuit, à travers duquel nous regarderons la littérature portugaise de la fin du dix-neuvième et début vingtième siècle, en essayant de relever quelques uns des auteurs les plus prépondérants. Dans cette même optique, en élargissant à nouveau la portée de notre étude à la culture européenne, nous nous proposons de réfléchir sur le concept de pouvoir et de pessimisme, si propres au vingtième siècle, afin de montrer le rapport de ses deux notions avec celle de la nuit.

**Mots-clés:** Nuit ; Société ; Histoire Urbaine ; Siècle des Lumières ; Fin-de-siècle ; Histoire de la Culture.



# ÍNDICE

<b>Introdução.....</b>	<b>19</b>
0. Etimologia	
1. Enquadramento Epistemológico	
1.1. História da Cultura	
1.2. História da Cultura em Negativo	
1.3. A Interdisciplinaridade	
2. Enquadramento Temporal e Geográfico	
3. Revisão da Literatura	
4. Metodologia e definição das Fontes	
5. Plano e Estrutura do Trabalho	
6. Propostas e questões fundamentais	
<b>Capítulo I</b>	
<b>A noite primordial: das origens mitológicas às tradições populares.....</b>	<b>41</b>
1. A noite cosmogónica.....	44
2. A mulher como manifestação do <i>maleficium</i> nocturno. Três exemplos mitológicos: Erishkigal, Hécate e Lilith.....	49
2.1. Ereshkigal, deusa do submundo.....	51
2.2. Lilith, de primeira mulher de Adão a demónio nocturno.....	54
2.3. Hécate, a deusa da encruzilhada.....	58
3. O medo da noite – natural ou cultural?.....	63
4. Provérbios e lendas portuguesas relacionadas com a noite.....	69
4.1. Provérbios, a voz do povo.....	70
4.2. As Lendas e Tradições populares nocturnas em Portugal.....	73
4.2.1. Lobisomens e mulheres lobisomens	
4.2.2. Bruxas e feiticeiras	
4.2.3. Noites de São João & Moiras Encantadas	

## II Capítulo

<b>O lado nocturno do século das Luzes português.....</b>	<b>85</b>
1. <i>A cidade ruiu</i> : o terramoto, a segurança e as mudanças na vida urbana.....	87
1.1. 1 de Novembro de 1755: o regresso à noite medieval.....	90
1.2. A segurança nas ruas: Quadrilheiros e outros vigilantes.....	92
1.3. A Intendência Geral da Polícia e a luta de Pina Manique contra a noite.....	98
2. As mudanças na sociabilidade urbana. A cidade à noite – a possibilidade de um início.....	105
2.1. Noites aristocratas: os salões, os jogos e a aventura.....	107
2.2. Tentativas de reestruturação do espaço público: o controlo da rua.....	110
2.3. <i>E agora a noite</i> : a batalha da luz contra a escuridão e o medo da noite.....	115
2.4. O fogo-de-artifício e o domínio da luz.....	120
3. Pombal, a Inquisição e os jesuítas: as Luzes que dissipam as trevas.....	123

## III Capítulo

<b>Século XIX – O advento da luz, da liberdade e do progresso.....</b>	<b>129</b>
1. A primeira metade do século XIX: a adaptação ao liberalismo e à cidade ordenada. ....	133
1.1. As crescentes preocupações com o policiamento.....	134
1.2. Academia da noite: um exemplo do espírito liberal na educação.....	139
2. Um novo mundo conhecido: as mudanças trazidas pela iluminação pública – do azeite ao gás.....	143
2.1. A iluminação a gás: razões para a insistência e para a resistência ...	144



3.	Sociabilidades nocturnas: da família à boémia.....	151
3.1.	Os cafés, os saraus e a atividade nocturna da <i>intelligentzia</i> portuguesa oitocentista.....	152
3.2.	As noites de Carnaval – a liberdade por detrás das máscaras.....	157
4.	Criminalidade e transgressão: misteres da noite.....	161
4.1.	Prostituição e a Lisboa bairrista.....	161
4.2.	Libertinos, marialvas e a mulher oitocentista.....	167
4.3.	Criminosos e marginais: as personagens da noite?.....	172
4.4.	Os trabalhadores da noite.....	176
5.	O futuro da noite – séc. XX e depois?.....	180
5.1.	A invasão da noite – actos e consequências.....	183
<b>IV Capítulo</b>		
<b>Estéticas da noite do <i>fin-de-sècle</i> e distopias nocturnas.....</b>		<b>187</b>
1.	Alguns retratos da noite na literatura portuguesa: Romantismo, Decadentismo e a noite da cultura portuguesa de 1890 a 1920.....	189
1.1.	Noctígero Antero – breve passeio pela poesia anterioriana.....	193
1.2.	Gomes Leal e <i>o fim de um mundo</i> .....	196
1.3.	Camilo Pessanha e a decadência humana.....	199
1.4.	<i>A Senhora da noite</i> e <i>Verbo escuro</i> de Pascoaes.....	201
1.5.	Álvaro de Campos, o mais nocturno dos heterónimos pessoanos.....	204
2.	Das distopias ao pessimismo nocturno do século XX.....	209
<b>Conclusão.....</b>		<b>219</b>

<b>Epílogo.....</b>	<b>229</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>231</b>
1. Fontes.....	231
2. Estudos.....	244
3. Obras de Referência.....	261
<b>Índice de Anexos.....</b>	<b>265</b>
I. Figuras.....	267
II. Cronologia da iluminação nocturna em Lisboa.....	297
III. Glossário da Noite.....	301
IV. Documentos.....	309

*Ao Filipe e à Mariana*

**Andante** *espress dolce*

The image shows a musical score for a piece titled "Ao Filipe e à Mariana". The score is written for two staves: a treble clef staff on top and a bass clef staff on the bottom. The key signature is two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is 12/8. The tempo and mood are indicated as "Andante espress dolce". The treble staff begins with a melodic line of eighth notes, starting on a G4 and moving up to a B4, then down to an A4, and finally up to a B4. The bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and eighth notes. The first measure of the bass staff has a dynamic marking of *p* (piano) and the instruction *espress dolce*. The second measure of the bass staff has a fermata over the first chord. The score is divided into two measures by a bar line.



*There is no dark side of the moon, really.  
As a matter of fact it's all dark.*  
Pink Floyd

*La nuit a inventé le temps: les nuits d'amour sont trop courtes,  
les nuits de souffrance interminables.*  
Luc Bureau

*Noite, vem noite sobre mim sobre nós  
dá repouso absoluto de tudo  
traz peixes e abismos para nos abismarmos  
traz o sono traz a morte..*  
António Gancho



## Introdução

*É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância  
Brilha a luz dum janela.  
Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.*  
Alberto Caeiro

*O historiador da cultura necessita de ter uma apurada consciência  
do valor e da complexidade do objecto e objectivos que escolheu.  
Essa consciência permite-lhe perder complexos de inferioridade (...) e evita-lhe ao mesmo tempo provincianas superioridades de conhecedor único ou óptimo.*

Luís Filipe Barreto

Os versos de Alberto Caeiro escolhidos para epígrafe contêm em si uma espécie de síntese absoluta do que é a noite para o Homem. “A noite é muito escura”, é o elemento daquilo que é desconhecido, selvagem e estranho a tudo o que é humano. Por outro lado, a luz (“de uma janela”), ou seja, em rigor, o fogo – cuja descoberta foi um dos mais importantes avanços civilizacionais – é o sinal da cultura humana face à natureza, é um dos símbolos da humanidade. A luz ténue de uma janela no meio da escuridão é a presença apaziguadora do humano num meio desconhecido. Esse é, pois, o fito maior desta dissertação: estudar a relação do homem com a noite.

Durante a última década a noite começou a surgir mais frequentemente como tema de estudo em vários países, nas mais variadas áreas, como seja a literatura, a sociologia, a geografia, a ecologia, a saúde ou a história. Em cada uma destas áreas já conseguimos encontrar trabalhos publicados cujo tema se encadeia de uma forma ou de outra com a noite. No caso português, embora o número seja ainda exíguo, já surgiram igualmente alguns estudos em áreas distintas. O nosso estudo no entanto não surgiu somente motivado pela lacuna científica que detectámos mas principalmente pela constatação de que a noite é de facto omnipresente e que esta ubiquidade merecia ser estudada.

Ainda que uma pesquisa simples apenas pela palavra “noite” no acervo bibliográfico da literatura portuguesa não nos possa oferecer pertinentes revelações científicas, a verdade é que a constatação de que existem centenas e centenas de títulos

com a palavra “noite” (algumas dezenas só mesmo com a palavra – única – como título) se coaduna com a capacidade que a literatura tem de espelhar as preocupações humanas, logo, olhar para estes títulos é bastante revelador. Efectivamente a expressão desta variedade semântica que a noite pode ter no nosso imaginário não deve ser ignorada. Tomemos como exemplo alguns títulos: *Noite de Angústia* de Castro Soromenho, *Noite de Fogo* de João de Araújo Correia, *Noite abre os meus olhos* de Tolentino Mendonça, *Noite de Libertação* de Serafim Ferreira, *A Senhora da Noite* de Teixeira de Pascoaes, alegando o carácter misterioso e também sagrado que a noite (e a poesia de Pascoaes) pode ter, ou ainda *A Noite e o Riso*, brilhante título de Nuno Bragança de um romance satírico-filosófico sobre a noite lisboeta no meio século XX. Os exemplos ultrapassam largamente as centenas se não olharmos às fronteiras de género, incluindo ensaios históricos ou literários, romances, poesia, teatro, antropologia, sociologia, ecologia, entre outros que se apropriam da palavra “noite” para potenciar miríades de possibilidades.

Foi desta constatação que nasceu a centelha do interesse num projecto sobre a noite em Portugal. Procurámos desenvolver um trabalho original e único nos estudos da história da cultura em Portugal, na linha do que está a ser feito em alguns países, mas consagrando as especificidades históricas e culturais do país. A constatação da omnipresença da noite deve-se portanto ao facto da pluralidade de sentidos que a “noite” pode ter, como referimos acima, o que representa um perigo para quem se decide a estudar o tema. Logo, um dos primeiros passos será o da clarificação de conceitos, permitindo assim estabelecer os limites e o alcance etimológico e epistemológico do nosso trabalho.

## **0. Etimologia**

A palavra “noite” deriva do latim *nox, noctis* (em português e em quase todas as línguas europeias) e tem essencialmente cerca de sete significados que lhe podem ser mais directamente associados, aos quais apanhamos exemplos para uma melhor ilustração dos diferentes sentidos. O primeiro e mais literal será: tempo compreendido entre o crepúsculo vespertino e o matutino (“chegaste já era noite”); o segundo remete para a escuridão e a obscuridade (“era noite dentro daquela gruta”); num sentido mais figurado pode significar tristeza (“ela partiu e fez-se noite na tua



vida”); pode também metaforizar a morte (“foi levado pela noite eterna”); ou a ignorância (aqui são mais usadas palavras de proximidade semântica “estás às escuras” ou “idade das trevas”); actualmente é usada para significar o tempo-espço de diversão nocturna (“andaste na noite”); ou uma época muito remota (“noite dos tempos”). Além destas acepções existem dezenas de expressões relacionadas com a noite que enriquecem este vocábulo com novos e variados sentidos<sup>1</sup>.

Ao longo do nosso trabalho, tentaremos digressionar sobre todos estes sentidos, embora priorizemos uns sobre outros. A questão da noite como tempo e espaço é a que mais atenção terá, todavia todos os sentidos figurados não deixarão de ser abordados principalmente no que ao caso cultural português diz respeito.

## **1. Enquadramento epistemológico**

Este estudo, que incide principalmente na época contemporânea, situa-se num domínio epistemológico que cruza várias disciplinas da História, como seja a História Cultural, a História das Mentalidades, ou a História do Imaginário, sem desprezar o auxílio da filosofia ou da literatura. Com efeito, este é um trabalho que se estrutura numa amplitude interdisciplinar recebendo e utilizando por isso também contributos da antropologia, da etnografia, da sociologia, da geografia e dos estudos literários.

Neste amplo quadro epistemológico o processo hermenêutico adoptado para a compreensão da história da noite em Portugal é igualmente o da história dos conceitos, à luz de outras Histórias da Noite já elaboradas, como veremos adiante, e igualmente à semelhança de outras historiografias de conceitos já conhecidas como são exemplos o medo (Delumeau, 1989) ou o feio (Eco, 2007).

### **1.1. História da Cultura**

A especialidade desta dissertação de doutoramento enquadra-se na História Contemporânea, principalmente pela cronologia que estabelecemos *a priori*: entre a segunda metade do séc. XVIII e o início do séc. XX. Contudo, desejamos clarificar que

---

<sup>1</sup> Para uma listagem mais rigorosa remetemos para o anexo II onde elaboramos um glossário relacionado com a palavra “noite” na língua portuguesa.

o nosso estudo se move contiguamente dentro da arquitectura da História da Cultura precisamente no cruzamento entre as disciplinas da História e da Ciência da Cultura no sentido em que Manuel Antunes a teorizou<sup>2</sup>. Assim, teremos em linha de conta o olhar da História para a Cultura no sentido da apreensão dos “grandes resultados criadores da vontade e da razão humanas entendidas de modo lato como as produções do espírito humano, particularmente no plano da chamada cultura imaterial, mas que não deixam de ser altamente modeladoras e criadoras de condições materiais”<sup>3</sup>. Efectivamente é da junção da cultura material e da imaterial que surge a síntese cultural de cada povo que une as comunidades “por linhas de coerência que as unem e identificam”<sup>4</sup>. Deste modo, quando lavramos o campo da História da Cultura portuguesa consideramos todos os “modos de vida, sistemas de referência e escalas de valores”<sup>5</sup> inerentes à comunidade portuguesa, respeitando as suas variantes regionais.

Todavia, não descuramos o conhecimento de outras acepções semelhantes da teorização da História da Cultura ou da História Cultural. A definição de História da Cultura para a medievista Miri Rubin também suscita interesse na medida em que consiste numa corrente renovada e adaptada da história das mentalidades, buscando uma abordagem crítica do “sentido do real” mediante a análise de documentos textuais de diferentes tipos (comunicação verbal) e documentos não textuais (toda a comunicação não verbal, incluindo as imagens, as representações figuradas, os sinais...), na linha de investigação de estudiosos da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* que associa a História à Antropologia<sup>6</sup>.

Em linha semelhante, também da escola francesa, surge Roger Chartier. Chartier enquadra-se na geração mais recente dos *Annales*<sup>7</sup>, que pensa a História

---

<sup>2</sup> Cf. Manuel Antunes, sj, *Obra Completa: 1.º Tomo, 4.º volume – Theoria: Cultura e Civilização – História da Cultura*, Coordenação de Luís Filipe Barreto, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, pp 88-89.

<sup>3</sup> José Eduardo Franco, *Relatório de Agregação*, Universidade de Lisboa, 2013, p. 24-25 na linha de Manuel Antunes, *op. cit.*, p. 88-89.

<sup>4</sup> E. H. Gombrich, *Para uma História Cultural*, Lisboa, Gradiva, 1994, p.11.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> Miri Rubin, “O que é a história cultural hoje?” in David Cannadine (Coord.), *O que é a História hoje?*, Lisboa, Gradiva, 2006. (v.g. Jean-Claude Schmitt, Jacques Le Goff et al.).

<sup>7</sup> A questão da disciplina da História da Cultura ou História Cultural (designação adoptada principalmente depois dos anos 80 do séc. XX) é complexa e conheceu várias fases ao longo do século XX e depois. Peter Burke sintetiza-a e faz uma espécie de História da História Cultural de forma atilada na obra *What is cultural History?*. Muito resumidamente, salientamos os vectores principais: Chartier provém da

Cultural como um constante movimento sem unidade de abordagem que é construída através do debate das várias disciplinas em torno do objecto histórico, recusando especialmente a visão unidimensional da história bem como a preeminência político-social da historiografia<sup>8</sup>. Conforme bem evidencia Luís Filipe Barreto, “o historiador da Cultura comparticipa, no quadro das Ciências do Homem e da sabedoria filosófica e literária, de todo um movimento para a compreensão do homem, para a fundação de uma ciência da Cultura.”<sup>9</sup>

Assim, traçaremos o nosso caminho dentro da esquadria destes conceitos que nos permite elaborar um trabalho histórico sobre variadas fontes (permitidas pela diversidade cultural) que decerto contribuirão para o alcance dos nossos objectivos, bem como abrirão novas perspectivas sobre o tema. Será pois sob essa égide, que, além do já referido, conclama a interdisciplinaridade a fim de uma análise mais rica e informada, que redigiremos o nosso estudo.

## 1.2. História da Cultura em Negativo

Este projecto de doutoramento integra-se num projecto maior do centro de investigação que acolhe o nosso trabalho denominado: História da Cultura Portuguesa em Negativo<sup>10</sup>. A razão primeira da existência deste estudo é o abrigo que este conceito nos dá de estudar a História da Cultura em Portugal pelo seu lado negativo, sendo a noite encarada como o negativo do dia, poderemos a partir da nossa análise vislumbrar novas perspectivas de compreensão cultural especificamente da Lisboa dos séculos

---

geração dos Annales, do início do século XX, de que Lucien Febvre e March Bloch eram protagonistas. Com o movimento francês dos anos 60, a chamada segunda geração dos Annales, onde se enquadram Foucault, Barthes, Georges Dumézil ou Lévi-Strauss há uma maior ênfase nas estruturas do pensamento e, logo, da linguagem. Cf. Peter Burke, *What is cultural history?*, Cambridge, Polity Press, 2004. Referimos também, neste contexto, a importante obra de Jacques Le Goff (et alii), *La Nouvelle Histoire*, Paris, C.E.P.L., 1978. Outra reflexão importante sobre esta questão e que abarca o caso português é a obra de Diogo Ramada Curto, *As Múltiplas Faces da História*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp 35 e ss.

<sup>8</sup> Roger Chartier, “A nova história cultural existe?” in Sandra Pessavento, *História e linguagens*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2006, pp. 29-44.

<sup>9</sup> Luís Filipe Barreto, *Caminhos do Saber no Renascimento Português: Estudos de História e Teoria da Cultura*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 13.

<sup>10</sup> Trata-se de um projecto coordenado pelo Professor Doutor José Eduardo Franco integrado no CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa), que já teve alguns produtos científicos, nomeadamente a obra *Dança dos Demónios: Intolerância em Portugal* (2009) e *Dicionário dos Antis* (no prelo), por exemplo.

XVIII e XIX e da noite como tema cultural de uma forma mais transversal. Tal como o negativo da fotografia nos mostra a mesma imagem mas com as cores invertidas, também a perspectiva histórica e cultural pode ser invertida para obter novos resultados no estudo desta época da História de Portugal.

Assim surge o desafio de olhar os factos, os costumes, as tradições, os documentos não do modo usual e afirmativo, chamemos-lhe diurno, mas de uma nova forma negativa, através da lente nocturna.

Geralmente, tendemos a centrar a nossa atenção sobre a história afirmativa, sobre a narrativa do que predominou, desconsiderando-se, quase como refugio, a reflexão, a imagem, até mesmo o pensamento sobre aquilo que se queria negar, combater, limitar para melhor afirmar o que se queria impor como valor, como liderança da sociedade e do processo histórico.<sup>11</sup>

No caso específico da noite, poderemos decerto afirmar que tem sido um campo negligenciado em geral e pela disciplina da história em particular. Teresa Alves sublinha, ainda que na área da geografia e do inerente planeamento territorial: “Esquecida durante muito tempo, a noite começa por ser, para o planeamento, uma questão de tempo. Hoje, afirma-se, cada vez mais, como uma questão de espaço de vida.”<sup>12</sup>. Isto é, abandona-se cada vez mais a noção de a noite ser apenas um período de tempo em que o sol está a iluminar o outro lado do planeta, mas sim uma complexa questão relacionada com a vida, com as pessoas, com os hábitos e que constitui todo um campo do conhecimento a explorar. Muito por conta da negligência de que tem sido alvo, a noite adequa-se perfeitamente ao conceito de “negativo” em que enquadramos este estudo.

As correntes de produção cultural, em termos de discurso, de doutrina, de imagem sobre a cultura do outro, sempre para efeitos de desvalorização e execração, é o que chamamos por Cultura Negativa, cuja história está por fazer e sistematizar na sua globalidade.

---

<sup>11</sup> António Marujo, José Eduardo Franco (coord.), *Dança dos demónios: Intolerância em Portugal*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2009, *passim*.

<sup>12</sup> Teresa Alves, *Geografia da Noite. Relatório para Provas de Agregação*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013, p.37.

Fazer, pois, a história negativa é conhecer os dinamismos de oposição ao Outro, ao diferente, e é conhecer também as estruturas de intolerância que esses dinamismos desenvolveram.<sup>13</sup>

Por conseguinte a noite, muitas vezes representante do tempo e oportunidade (*kayros*) das marginalidades, das diferenças e das minorias intoleradas durante o dia afigura-se a nosso ver como o lado negativo do quotidiano diurno (e da história?) que pretendemos aqui desvendar.

### 1.3.A interdisciplinaridade.

Ao longo da pesquisa realizada cedo depreendemos que a noite é estudada (ou está de algum modo presente) essencialmente em quatro campos do saber: a ecologia, a saúde, a geografia urbana, a história e, além destes, na arte e na literatura. Logo concluímos que a melhor forma de estudar e aprofundar o nosso estudo seria através da interdisciplinaridade<sup>14</sup>, embora sempre partindo da História para a relação com as outras disciplinas. Seguindo a esteira da reflexão de Luís Filipe Barreto,

A interdisciplinaridade no quadro das Ciências do Homem, isto é, a criação duma estrutura regular de troca porosa entre os diferentes saberes, é uma consequência lógica e natural da afirmação e rigorização da disciplinaridade, uma necessidade própria do desenvolvimento do conhecimento (a chegada a uma idade do disciplinar dialogal) que não implica o desaparecimento do disciplinar mas cria toda uma alteração e metamorfose de estatuto que leva a uma outra forma de afirmação e rendibilidade do conhecimento disciplinar.

A interdisciplinaridade é a idade adulta da disciplinaridade(...).<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> José Eduardo Franco et al., *História, filosofia e cultura em negativo*, [no prelo] p.11.

<sup>14</sup> Usamos os conceitos Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade conforme foram definidos por Berger e por Piaget. Jean Piaget, “Epistemologie des relations inter disciplinaires” *et* Guy Berger, “Conditions d’une problematique de l’interdisciplinarité” in Ceri (ed.), *L’interdisciplinarité. Problèmes d’enseignement et de recherche dans les Universités*, Paris, Unesco/OCDE, 1972, pp 21-24 *et* 131-144. Escolhemos para a nossa abordagem a Interdisciplinaridade porque visa o diálogo entre as várias disciplinas com um objectivo comum, partindo sempre de uma disciplina de maior primazia. Já a transdisciplinaridade é o passo seguinte em que há tanto trânsito entre as disciplinas que não há nenhuma que se sobreponha formando até, da soma de todas elas, como que uma macrodisciplina. Sugerimos a este respeito uma perspectiva sobre o tratamento que as ciências sociais em Portugal têm dado à interdisciplinaridade, *vide* Diogo Ramada Curto, *Para que serve a história?*, Lisboa, Tinta-da-China, 2013, pp.55-62.

<sup>15</sup> Luís Filipe Barreto, *Caminhos do saber no Renascimento Português. Estudos de história e teoria da cultura*, Col. Temas Portugueses, Lisboa, IN-CM, 1986, p. 229.

A nosso ver, trata-se de uma colaboração positiva e que só poderá beneficiar e enriquecer o nosso estudo. Como refere José Sarmento Matos, a propósito da necessidade do diálogo interdisciplinar, “a História, quando se esquece da Geografia, resvala sem remédio para o terreno da abstracção”<sup>16</sup>.

Relativamente à ecologia, verificamos que existe uma preocupação crescente com os efeitos que a falta da noite escura, como existia antigamente, poderá ter tanto no ecossistema em geral, como no próprio ser humano. O livro *Let there be night. Testimony on behalf of the night* traz subjacente essa ideia: uma chamada de atenção para o que os americanos chamam “dark-sky ordinance”, ou seja, uma regulamentação eficaz para uma iluminação nocturna inteligente e conscienciosa. Estas preocupações ecológicas estão em íntima relação, como se referiu atrás, com o ser humano, pois, como parte integrante da natureza, também ele sofre as consequências destas perturbações. Desta forma surgem naturalmente as ciências da saúde a estudar a noite: os efeitos do trabalho nocturno, das horas desequilibradas de vigília, da insónia, do excesso de luz, como aponta Paul Bogard “our bodies have evolved in bright days and dark nights, and need one as much as the other.”<sup>17</sup> A questão do trabalho e das actividades nocturnas está intimamente ligada, por sua vez, à geografia da cidade e ao ordenamento do território, simultaneamente ao aspecto social e cultural da história da noite: que actividades são estas? Como se repercutiam na sociedade? Que efeitos tinham na ordem social? Acreditamos que só o diálogo interdisciplinar poderá responder eficazmente a estas e outras questões.

Uma das formas mais fidedignas de conhecer os factos da vida quotidiana de uma altura pouco documentada, como se sabe, será através dos seus escritores, poetas e pintores, que apesar da subjectividade naturalmente afecta à arte, apoia-se quase sempre em realidades muito objectivas. A literatura é constituída por documentos escritos, registados por homens e mulheres do seu tempo e, por isso, desprezar esses documentos, que são também históricos, seria uma insensatez. Maria Alzira Seixo<sup>18</sup> a

---

<sup>16</sup> José Sarmento Matos, *A Invenção de Lisboa. Livro I – As Chegadas*, Lisboa, Temas e Debates, 2008, p.26.

<sup>17</sup> Paul Bogard (Ed.), *Let there be night. Testimony on behalf of the dark*, Las Vegas, University of the Nevada Press, 2008, p.2.

<sup>18</sup> Cf. Maria Alzira Seixo, “Literatura e História. Poética da descoincidência. Peregrinação de Barnabé nas Índias, de Mário Cláudio”, *Actas do Colóquio Internacional sobre Literatura e História*, vol. II, Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, 2004, pp. 231-232.

propósito do diálogo entre a literatura e a história, afirma que existem vários domínios de intersecção entre as duas disciplinas, desejamos salientar acima de tudo um deles – o estudo da história, como memória de um passado humano colectivo, que pode ser reconstituído através de diversos documentos verbais (ficcionais, memorialistas, científicos, etc.) podendo por isso ser abarcado pelos estudos literários e vice-versa.

As fontes literárias – talvez, de entre as fontes documentais escritas, aquelas que nos podem dar um mais rico conjunto de informações sobre algumas das facetas mais íntimas do quotidiano, muito embora tais informações devam ser encaradas com as devidas precauções metodológicas.<sup>19</sup>

Assim sendo, verificamos que um estudo coerente e profundo sobre a história da noite em Portugal não poderá ser feito sem o entretecer destas áreas tão diversas mas tão complementares neste objectivo em comum. Nenhum dos autores que elaboraram os estudos mais completos sobre a noite (e aqui refirimo-nos a Ekirch, Cabantous, Palmer e Koslofsky) conseguiram escusar-se a tocar uma ou mais destas áreas correndo o risco de, de outra forma, não cobrirem toda a informação necessária para elaborar uma história da noite, como era seu objectivo.

## **2. Enquadramento temporal e geográfico**

O desenho deste estudo, apesar de incidir cronologicamente no período decorrente entre o séc. XVIII e o séc. XX, não dispensa uma incursão preliminar ao mundo antigo e ao sedimentar das origens mitológicas e primeiras interpretações da noite e das vivências nocturnas. Desde a Antiguidade, seja ela materializada nos textos da tradição clássica, da tradição judaico-cristã ou até muçulmana, a noite surge como cúmplice do mal, das forças demoníacas inspiradas pela lua e seguidas pelos animais nocturnos. Julgámos ser essencial esta digressão pelos mitos e tradições como parte introdutória a este trabalho, muito pela influência que têm na história da cultura, contribuindo decisivamente para a formação do imaginário e quadro cultural de uma civilização, a ocidental neste caso.

O nosso objectivo não é de todo elaborar uma cronologia exaustiva desde a segunda metade do séc. XVIII ao início do séc. XX, mas antes destacar eventos,

---

<sup>19</sup> José Machado Pais, *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, ICS, 2002, p. 174.

personalidades e aspectos pertinentes e preponderantes para a construção e metamorfose da relação dos portugueses com a noite neste enquadramento temporal.

No que diz respeito ao enquadramento geográfico, quando não nos referimos a Portugal e à cultura portuguesa em geral, o nosso objecto de estudo situa-se essencialmente na cidade de Lisboa – especificamente nos capítulos II e III, na medida em que figura como exemplo de uma urbe europeia, entre as Luzes e o Realismo, passível portanto de ser comparada com as suas congéneres europeias. Lisboa nesta época configura-se essencialmente no que hoje chamamos o centro ou “centro histórico”, limitada pelas hortas em praticamente todo o seu redor. Mapeamos portanto a nossa área de incidência seguindo os seguintes limites: terminando a norte no Passeio Público posteriormente crescendo para a Av. da Liberdade e Avenidas Novas; a oriente pela zona do Beato e a ocidente por Alcântara, alcançando oportunamente a zona de Belém. A “acção” que analisaremos é que se passa precisamente dentro deste perímetro geográfico, que oscila inevitavelmente entre o século XVIII e XIX, com as reformulações urbanísticas de que a cidade foi alvo.

### **3. Estado da Arte.**

Um dos mais antigos e assinaláveis estudos sobre a noite que encontrámos na nossa pesquisa foi precisamente da autoria de um historiador português, Joel Serrão com o ensaio “Noite Natural e Noite Técnica” (1978), integrado no segundo volume da sua obra *Temas Oitocentistas*. Este ensaio inaugura uma série de questões sobre o nocturno na cultura portuguesa, de uma forma bastante transversal, que espoletaram e inspiraram esta pesquisa e, conseqüentemente, a presente dissertação. Entre outros aspectos, salientamos a interessante ponte que ele faz entre a noite natural (dos medos, do sobrenatural, da escuridão) e a noite técnica (da luz artificial e das cidades), ponte que desejamos igualmente estabelecer e explorar: “cremos que ela [a electricidade] também significou um ponto marcado na luta contra o Medo, um medo quase estrutural que vem do fundo dos tempos. Medo da fome, das trevas e da morte – gerador de guerras, de mitos e de apelos angustiados...”<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Joel Serrão, “A Noite Natural e a Noite Técnica” in *Ensaios Oitocentistas. Para a História de Portugal do Século Passado*, vol. II, Lisboa, Livros Horizonte, p. 58.



Durante as décadas de 80 e 90 da centúria transacta também se elaboraram alguns estudos sobre a noite, nomeadamente estrangeiros. Salientaremos alguns dos que considerámos de maior importância para o nosso estudo.

Carlo Ginzburg, reconhecido historiador italiano, escreve a história do ritual do *sabat* das bruxas, mas na verdade escreve sobre muito mais. *História Noturna* acaba por ser um estudo aprofundado de uma série de mitos e histórias tradicionais que se definem como núcleos narrativos elementares que acompanham a humanidade há milénios. O livro torna-se uma viagem aos “centros ocultos da nossa cultura, do nosso modo de estar no mundo”<sup>21</sup>, pois o *sabat* é apenas uma manifestação entre muitos desses centros. Assim, Ginzburg guia-nos por um ensaio essencialmente mitológico, de reflexão sobre as raízes ocultas e nocturnas dos mitos sobrenaturais europeus.

Em 1988 o historiador alemão Wolfgang Schivelbusch vê a sua obra traduzida para inglês – *Disenchanted night. The industrialization of light in the nineteenth century*<sup>22</sup>. Como o título indica esta é uma obra técnica, que incide fundamentalmente na questão da iluminação a gás e eléctrica no noroeste da Europa, ainda que com algumas incursões anteriores. Não obstante, contém elementos históricos e sociais interessantes pois trata, por exemplo, da questão da iluminação nos teatros e reflecte sobre as suas consequências sociais e culturais. Acima de tudo o interesse desta obra reside no facto de ser uma das primeiras obras europeias a pensar a noite urbana como objecto de estudo.

Joachim Schlör, também historiador alemão, publica em 1998 uma obra que consideramos no rol das mais pertinentes para o estudo das cidades à noite: *Nights in the big city. Paris, Berlin, London 1840-1930*<sup>23</sup>. Em primeiro lugar porque considera as três grandes capitais europeias de então (e provavelmente de hoje) no aspecto das alterações dos seus comportamentos geográficos e sociais à noite, com uma ênfase deveras acertada no papel da segurança e da moralidade. Efectivamente os capítulos

---

<sup>21</sup> Carlo Ginzburg, *História Noturna. Decifrando o Sabá*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 37. A edição original italiana (Torino, Giulio Einaudi Editore S.P.A.) é de 1989.

<sup>22</sup> Wolfgang Schivelbusch, *Disenchanted night. The Industrialization of light in the nineteenth century*, The University of California Press, 1988. Primeira edição em alemão em 1983 (*Zur Geschichte der künstlichen Helligkeit im 19. Jahrhundert*, Carl Hanser Verlag).

<sup>23</sup> Joachim Schlör, *Nights in the big city. Paris, Berlin, London 1840-1930*, London, Reaktion Books, 1998. A edição original em alemão é de 1991 (*Nachts in der großen Stadt*, Artemis&Winkler Verlag).

“Night and Security” e “Night and morality” contribuíram em muito para a validade de uma análise semelhante à cidade de Lisboa, salvaguardando todas as diferenças e ritmos, nomeadamente em termos de progresso tecnológico e equidade social.

Mais recentemente tem-se verificado um crescente interesse pelo tema, mesmo uma tendência a valorizar o tema da noite no âmbito da história e de outras disciplinas, como já vinha a ser tentado com os exemplos *supra*. Com efeito, no ano 2000, a Universidade Blaise Pascal em Paris organizou o colóquio intitulado “Penser La Nuit (XVe-XVIIe siècles)” em que a noite na idade moderna europeia (França e Inglaterra apenas) foi pensada a partir de várias ópticas disciplinares. Este colóquio configura um dos primeiros testemunhos do crescente interesse que existe sobre esta área temática e, simultaneamente, a necessidade que existe de pensar a noite como uma problemática, admitindo que olhar a realidade de diferentes perspectivas poderá ser enriquecedor. No mesmo ano Simone Delattre, uma das participantes neste colóquio, publica *Les Deuze heures noires. La nuit à Paris au XIXe siècle*<sup>24</sup>. Ao longo do interessante livro sobre as mudanças na noite parisiense oitocentista, a autora chama a atenção para algo que também se passa em Lisboa no mesmo século. Durante o séc. XIX tanto Lisboa como Paris experienciam uma passagem de uma cultura nocturna para outra: primeiro uma noite antiga, escura<sup>25</sup>, vigiada, com recolher obrigatório; na segunda metade do século surge a noite padronizada, humanizada e vivenciada socialmente.

Brian D. Palmer redigiu também em 2000 *Cultures of Darkness. Night Travels in the histories of transgression [from medieval to modern]*, resultado de um exaustivo trabalho de investigação e reflexão. Em cerca de 460 páginas, este historiador canadiano traça um percurso da marginalidade e da liberdade possibilitados e abrigados pela noite ao longo da história, que acaba por ser não só complementar, mas também por oferecer subsídios inéditos para a compreensão da história “diurna”, digamos assim, salvaguardando a neologia da expressão pelo presente contexto. Com uma índole curiosamente marxista e economicista, defende a tese de que paralelamente ao

---

<sup>24</sup> Simone Delattre, *Les Deuze heures noires. La nuit à Paris au XIXe siècle*, Paris, Albin Michel, 2000.

<sup>25</sup> Salvaguardando as devidas diferenças, Paris já tinha as suas ruas iluminadas desde o séc. XVII e em 1729 já existiam 5700 pontos de luz na cidade. Durante o século XIX, devido aos conflitos existentes houve uma vivência diferente da cidade. Por outro lado, Lisboa também viveu a experiência da Guerra Peninsular e do Liberalismo no início do século, portanto poderão ser experiências comparáveis.

desenvolvimento mais ou menos exponencial do capitalismo ao longo dos séculos XIX e XX, houve um outro vector de gentes e culturas marginais que se desenvolveu à margem da sociedade, uma espécie de efeitos secundários não previstos (ou pelo menos mal previstos) pelo sistema, que oferecem uma possibilidade de leitura muito mais humana e profunda da sociedade. Parafraseando o autor, pareceu-lhe, com efeito, que uma perspectiva das diferentes formas como a subordinação foi vivida como uma dialéctica de luta e oposição, alternativa e independência, cumplicidade e incorporação, adaptação e fuga, poderia esclarecer bem melhor a nossa compreensão da essência corrompida do capitalismo<sup>26</sup>.

Por outro lado, surge a obra estadunidense *At day's close. A history of nighttime*<sup>27</sup> de Roger Ekirch, um dos mais respeitados historiadores hodiernos nesta temática. Este seu estudo é singularmente abrangente tanto no enquadramento geográfico como temporal. São referidos casos da Europa Ocidental desde a Escandinávia ao Mediterrâneo, sendo que o núcleo dominante é constituído pelas ilhas britânicas, não obstante é possível encontrar referências também à América do Norte colonial e a alguns países da Europa de Leste. O enquadramento temporal é igualmente amplo: encontramos menções desde a Idade Média tardia até ao século XIX, embora o foco seja essencialmente a era moderna (1500-1750). De qualquer forma, com o livro de Ekirch obtemos uma visão muito clara da noite pré-industrial europeia, bem como uma reflexão sobre as mudanças que conseqüentemente sobrevieram. Curiosamente, o seu estudo teve bastante atenção dos *media* e do mundo fora da universidade devido a uma descoberta realizada durante a sua pesquisa: o sono interrompido. Ele defende a teoria de que, antes do advento e popularização da luz eléctrica, as pessoas dormiam uma espécie de sono segmentado (*segmented sleep*)<sup>28</sup>. Ou seja, dormiam as primeiras horas da noite, depois acordavam para um convívio caseiro que poderia incluir comida, leituras, conversas, etc. para depois voltarem ao descanso até ser de manhã. Ekirch defende que, com o prolongamento das horas de vigília que a luz eléctrica em casa

---

<sup>26</sup> Brian D. Palmer, "Introduction" in *Cultures os Darkness. Night Travels in the histories of transgression [from medieval to modern]*, New York, Monthly Review Press, 2000, p.5 (tradução nossa).

<sup>27</sup> Roger Ekirch, *At Day's Close. A History of Nighttime*, London, Weidenfeld&Nicolson, 2005.

<sup>28</sup> Roger Ekirch, "Sleep we have lost: rhythms and revelations", *op. cit.*, pp 300-323. Oportunamente salientamos que também em Portugal existia a tradição monacal de interromper o sono para as orações nocturnas. Esta interrupção por vezes também era seguida pelos habitantes dos arredores dos mosteiros o que levava igualmente a episódios de convívio comunitário nocturno.

permite, o horário para dormir é cada vez mais tardio e as pessoas dormem de seguida até de manhã, porém beneficiam de menos descanso (e de menos convívio familiar) do que antes, com o sono fraccionado.

Mais recentemente surge o estudo de Elisabeth Bronfen<sup>29</sup> que um dos aspectos principais que trata é o cinema, mas privilegiando também outras artes e a literatura, substancialmente. Esta publicação diferencia-se dos restantes pela incidência temporal que se dedica essencialmente ao século XX, cobrindo, no que diz respeito ao espaço, os países da Europa Ocidental com incursões a Hollywood.

Ao que apurámos no nosso percurso, parece-nos que surgiu uma curiosidade científica sobre como era encarado o mundo nocturno durante a época do iluminismo, como se confrontava o racional dos filósofos das luzes com o irracional e imprevisível do mundo noctívago, *ad limine*, um confronto entre Apolo e Diónisos. A título de exemplo, referimos uma obra que nos chega de França e incide, em termos de espaço, na Europa Ocidental, principalmente sobre França e Inglaterra, e, em termos temporais, sobre os séculos XVII e XVIII, a saber, *Histoire de la nuit*<sup>30</sup>. O período escolhido é fundamental para a história da percepção da noite, principalmente em França, com a iluminação pública (na capital) a ser inaugurada nesta altura, bem como uma nova vida social. Um outro exemplo desta incidência temporal é a obra colectiva que se debruça exclusivamente sobre o século XVIII, com ensaios sobre a relação entre o Iluminismo e a noite em Inglaterra, *The enlightenment by night. Essays on After-Dark Culture in the Long Eighteenth Century*<sup>31</sup>, de onde destacamos alguns ensaios sobre o *topos* da noite em Mary Shelley, Young ou Blake, bem como outros sobre o uso da luz e do fogo artificial como instrumentos de poder.

Num espectro temporal mais alargado, desde o século XV ao limiar do século XVIII saiu do prelo em 2011 mais uma história da noite, do autor Craig Koslofsky, com o título *Evening's Empire: A History of the Night in the Early Modern Europe*, com o selo da Cambridge Press. Este trabalho, por sua vez e como o nome

---

<sup>29</sup> Elisabeth Bronfen, *Tiefer als der Tag gedacht: eine kultur geschichte der Nacht*, München, Hanser, 2008.

<sup>30</sup> Alain Cabantous, *Histoire da la nuit (XVIIe – XVIIIe)*, Paris, Fayard, 2009.

<sup>31</sup> Serge Soupel, Kevin L. Cope, Alexander Petit (Ed.), *The enlightenment by night. Essays on After-Dark Culture in the Long Eighteenth Century*, New York, AMS Press, Inc., 2010.

indica, dedica-se exclusivamente ao estudo da noite na Idade Moderna, “analisando a noite na intersecção da história da vida quotidiana com a história da cultura”<sup>32</sup>, sendo o espaço geográfico abarcado o da Europa Ocidental (essencialmente Inglaterra, França e Alemanha).

Com o levantamento da questão da noite não só na sua concepção de tempo mas também como novo “espaço de vida” na cidade a ser considerado no planeamento urbano, surge Teresa Alves assinando um dos mais recentes estudos sobre a noite, em 2013, na área da geografia. A investigadora dá uma visão mais contemporânea da problemática da noite, chamando a atenção para questões do séc. XXI, por exemplo, a forma como as práticas sociais por intermediação electrónica estão a reinventar os horários e o território urbano em si, “desligando-se dos conceitos espaciais tradicionais de distância e proximidade”<sup>33</sup> – questão que também abordaremos neste estudo. Também em Portugal, gostaríamos de salientar a iniciativa do evento organizado em 2007, *Luzboa: Lisboa inventada pela luz*<sup>34</sup>, sobre a experiência nocturna na cidade. Em linha semelhante, surge o grupo de investigação que existe actualmente na Universidade Nova de Lisboa, “LxNights – Pensar criticamente a noite em Lisboa”<sup>35</sup>, que se ocupa, entre outras coisas, do estudo sobre a vivência hodierna da noite lisboeta, bem como a relação entre os munícipes, os noctâmbulos e o turismo – cada vez mais preponderante na cidade. Todas estas iniciativas demonstram uma resposta à crescente preocupação com a noite e corrobora a sua emergência e consolidação como campo de estudo e reflexão no nosso país.

Por último, julgamos importante referenciar um outro vector dos estudos da noite – a sua vertente de preservação da escuridão em geral e do céu nocturno em particular. Nessa linha surge o livro de Paul Bogard, *Let there be night. Testimony on behalf of the night*, uma antologia de textos de vários autores sobre a importância da

---

<sup>32</sup> Craig Koslofsky, *The Empire of the Evening. A History of the night in the Early Modern Europe*. Cambridge Press, 2011, p.1.

<sup>33</sup> Teresa Alves, *Geografia da Noite: Relatório das Provas de Agregação*, FLUL, 2013, p. 40.

<sup>34</sup> Trata-se de um evento cultural organizado pela ExtraMuros - Associação Cultural para a Cidade em 2006, para o qual foram convidados vários investigadores e artistas para fazer uma reflexão sobre a cidade nocturna, Teresa Alves foi uma das oradoras convidadas, com a comunicação “Noite: geografia de emoções”. As actas foram publicadas em 2007 pela Almedina.

<sup>35</sup> Projecto de investigação coordenado pelo Doutor Jordi Nofre e pertencente ao Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da FCSH da Universidade Nova de Lisboa (CICS.Nova).

preservação da noite, da escuridão e da sua “sacralidade”, tanto no que respeita à saúde, como ao ambiente ou mesmo à cultura.

#### 4. Metodologia e definição das fontes

No caso da cultura portuguesa, com toda a sua diversidade de expressões e ajustáveis particularidades, tentaremos pautar o nosso caminho pelas fontes que melhor o poderão iluminar. Se, por um lado, a arte é um dos testemunhos mais ricos do efeito que uma determinada temática tem na sociedade<sup>36</sup>, como acontece com a nossa temática, por outro lado os registos e documentos estatísticos mais rotineiros revelam-se fontes tão ou mais importantes.

Assim, haverá uma atenção dedicada às artes, em particular à literatura e às artes plásticas, também à diarística de alguns escritores e personalidades mais representativas da sociedade do período em questão, e até à tradição oral e popular de que for possível encontrar registo ou comentário. Não obstante, serão de igual forma considerados como fontes importantes a imprensa da época – salvaguardando as suas intenções muitas vezes sensacionalistas –, as leis e decretos relativos à vida nocturna, a documentação técnica sobre o processo de iluminação pública, bem como a documentação estatística sobre as profissões e actividades nocturnas.

No que diz respeito ao final do século XVIII e início do séc. XIX foi de extrema importância a consulta da vasta documentação da Intendência Geral da Polícia, principalmente durante a vigência de Pina Manique, produtor ele próprio de numerosa correspondência. Ainda nas fontes setecentistas, consultámos várias obras *quasi* populares de difusão cultural, como o *Folheto de Ambas as Lisboas* e *Anatomico Jocos* entre outros documentos semelhantes de descrição do quotidiano popular e dos acontecimentos que tinham lugar em alguns bairros de Lisboa.

---

<sup>36</sup> Jean Starobinsky, 1789: *Les Emblèmes de la Raison*, Paris, Flammarion, 1979. Será pertinente verificar o que nos diz Starobinsky sobre a importância da arte em determinados períodos históricos e simultaneamente do diálogo simbólico entre as Luzes e as trevas: “Les métaphores de la lumière victorieuse des ténèbres, de la vie renaissant du sein de la mort, du monde ramené à son commencement, sont des images qui s’imposent universellement aux approches de 1789. Métaphores simples, antithèses sans âge, chargées de valeur religieuse depuis des siècles, mais auxquelles l’époque semble vouloir se prêter avec une prédilection passionnée. L’ordre ancien ayant pris, par une réduction symbolique, l’apparence d’une ruée obscure, d’un fléau cosmique, la lutte contre celui-ci pouvait se donner pour objectif, selon le même langage symbolique, l’interruption du jour.” (p. 31)

Na área da literatura o que nos serviu de maior auxílio foi a produção romanesca do final do século XIX (e mesmo início do seguinte), com a preocupação social que o realismo e o naturalismo imprimiram aos seus autores.

Quando d'aqui a muitos anos algum rabiscador de curiosidades antigas, quizer investigar e saber o que era a cidade de Lisboa á noite no ultimo anno do século XIX, póde afoutamente ficar convencido que n'este livro encontrará sem exageros de simples fantasias a mais fiel photographia d'esse interessante quadro social da primeira cidade do reino.<sup>37</sup>

Verificamos como há obras que nos oferecem uma pluriforme descrição da Lisboa oitocentista, tanto dos seus aspectos mais nobres, como de outros menos honrados. Serão exemplos de autores que julgamos indispensáveis Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida, Abel Botelho, Alfredo Gallis, Ramalho Ortigão, entre outros de presença mais pontual. Salvaguarda-se a presença lírica de César Verde, cuja autodenominada função de repórter do quotidiano, apesar de se tratar apenas de produção poética, possibilita o uso de algumas das suas composições no nosso trabalho historiográfico. Nesta linha, gostaríamos de salientar a importância do projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental”<sup>38</sup> e principalmente, de entre as suas produções científicas, a existência de uma base de dados com inúmeros excertos de várias centenas de autores portugueses (e não só) sobre a cidade de Lisboa à qual nos foi permitido o acesso e que se revelou de inextinguível utilidade.

Ainda no campo literário, foi de grande uso (principalmente na quarta parte) a produção poética de Antero de Quental, Gomes Leal, Camilo Pessanha, Teixeira de Pascoaes e de Fernando Pessoa, aqui mais na conceptualização da noite, que nos importou pelo seu carácter especular da cultura portuguesa no virar do século e no início do século XX.

## **5. Plano e estruturação do trabalho**

---

<sup>37</sup> Alfredo Gallis, *Tuberculose Social, parte III: Mulheres Perdidas*, 2.ª edição, Famalicão, Tipografia Minerva de Gaspar Pinto de Sousa e Irmão, 1931, p. 6.

<sup>38</sup> Coordenado por Ana Isabel Queirós e Daniel Alves, projecto do IELT (Instituto de Estudos da Literatura Tradicional) da FCSH da Universidade Nova de Lisboa (<http://paisagensliterarias.ielt.org/>).

Esta dissertação está dividida em quatro partes, com os devidos subpontos, respeitando a sua organização principal uma ordem cronológica, ainda que a inerente coerência conceptual também seja considerada.

A primeira parte, intitulada “A noite primordial: das origens mitológicas às tradições populares”, ocupa-se do conceito de noite de uma forma transversal, começando com a sua presença nos mitos cosmogónicos, passando pelo carácter nocturno ligado ao feminino em alguns mitos, chegando então ao caso particular português, onde se faz um levantamento das principais tradições populares relacionadas com a noite, especialmente no que diz respeito aos medos e superstições envolvendo seres sobrenaturais nocturnos.

A segunda e terceira partes apresentam o denominador comum de se debruçarem especificamente sobre a noite em Lisboa durante o séc. XVIII e XIX, compondo juntas o âmago da dissertação, num tentame objectivo de traçar os contornos da história nocturna urbana destes dois séculos. Ainda que o ponto de partida seja a segunda metade de setecentos, depois do terramoto, não deixamos de ensaiar uma ou outra incursões à primeira metade do século à laia de comparação. A formação e a actuação da Intendência Geral da Polícia é uma passagem incontornável no nosso estudo pelo reflexo que teve na vivência da cidade.

Pensamos ser importante esclarecer desde logo nas considerações introdutórias que a análise e descrição do mundo boémio da Lisboa oitocentista, principalmente a questão da prostituição, já foi amplamente estudado<sup>39</sup> pelo que não desenvolveremos excessivamente este tema, chamando antes a atenção para o trabalho já realizado. Por conseguinte, serão objecto da nossa cuidada atenção as mudanças de hábitos sociais na noite da capital bem como a influência que a iluminação e a segurança públicas tiveram nessas mudanças. A questão do fado outrossim deveras aprofundada por vários estudos<sup>40</sup> tanto da antropologia, como da história e até,

---

<sup>39</sup> José Machado Pais, *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*, Lisboa, Ambar, 2008. *Idem*, “A Prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX” in *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983-3.º, 4.º 5.º, 939-960. Existe também um livro sobre a prostituição em Lisboa no século XIX, mais antigo, de 1841 mas editado pela D. Quixote na década de 1980, que com certeza terá inspirado José Machado Pais: Francisco Ignácio dos Santos Cruz, *A prostituição em Lisboa*, D. Quixote, 1984. Paulo Guinote, “The old Bohemian Lisbon (c. 1870-c. 1920): Prostitutes, Criminals and Bohemians” In *Portuguese Studies* (vol.18/2002), London, Department of Portuguese King’s College, 2002. Apenas para exemplificar alguns dos mais exaustivos estudos.

<sup>40</sup> Rui Vieira Nery, Pinto de Carvalho (Tinop), Alfredo Pimentel, entre outros.



naturalmente, da música, será oportunamente referida e integrada no quadro da sociedade nocturna lisboeta, mas não constituirá de forma nenhuma o escopo do nosso estudo.

A quarta parte, por sua vez, reúne uma série de considerações acerca da noite na passagem do século (entre o séc. XIX e XX) e o seu reflexo tanto no quotidiano urbano de Lisboa como na produção literária de alguns poetas. Esta incursão pela literatura lírica fundamenta-se no facto de certas composições espelharem concepções da noite únicas, de tal forma que se tornam fundamentais na compreensão da ideia de noite na cultura portuguesa do seu tempo.

Nesta quarta parte haverá espaço também para uma reflexão sobre a marginalidade, a transgressão e a liberdade que a noite proporciona, assim como a reacção do poder a estas correntes populares. Serão também abordados os temas da distopia e do pessimismo nocturno em geral e na cultura portuguesa em particular.

Seguir-se-ão, feita a conclusão, os documentos anexos a esta dissertação que serão de três tipos: iconográficos, infográficos e escritos. Em primeiro lugar, no Anexo I, encontrar-se-ão as referências à iconografia que serviram de exemplo ao longo do texto da tese, todas elas de algum modo relacionadas com a temática da noite, seja na pintura, na ilustração ou mesmo na fotografia. Em seguida, o Anexo II consiste numa cronologia da Iluminação nocturna na cidade de Lisboa, informação que julgamos importante para compreender a preocupação existente em relação à iluminação pública, bem como a demora na decisão definitiva de a instalar. O Anexo III contém um pequeno Glossário da palavra “noite” de forma a dar um contributo para a reflexão sobre a preponderância que a palavra e o campo semântico têm na língua portuguesa. Por último, o Anexo IV contém diversos documentos transcritos dos seus respectivos originais. Na sua maioria trata-se de textos que se encontram citados pontualmente ao longo da dissertação e que julgámos, pela sua pertinência, ser importante a sua transcrição integral (ou parcial). São exemplo disso o documento respeitante à fundação da Intendência Geral da Polícia (1760), o Regulamento da Guarda Real (1801) ou o texto literário de um diálogo entre candeeiros de rua.

## 6. Propostas e questões fundamentais

Procurar-se-á com todo o levantamento de informação e análise, questionar de que forma a noite marca a cultura portuguesa e como ela pode ou não ajudar a defini-la, recuperando os mitos da cultura ocidental (incluindo o seu substrato mesopotâmico) e as tradições populares que ajudam a defini-la.

Utilizando a metáfora sebastianista da eterna espera pela manhã de nevoeiro (uma espécie de noite branca) podemos pensar Portugal como um país que acolhe um povo nocturno eternamente à espera da manhã salvadora que não chega? Se a Revolução Industrial se fez sentir na maior parte dos países europeus durante o século XVIII, Portugal só sentiu os seus reais efeitos na segunda metade do século XIX. Portanto, durante o século XVIII, o país, ainda em boa parte abstraído da experiência europeia de industrialização, vive o iluminismo e experimenta um período de nova riqueza, provinda, mormente, da exploração do interior do Brasil. Interessa, neste período, estabelecer o paralelo Luz/Escuridão à semelhança do que foi feito no caso da Inglaterra e da França, analisando em que medida a noite seria um barómetro de uma contra-cultura das Luzes.

Por outro lado olharemos a cidade de Lisboa no seu núcleo mais recôndito, a vida nocturna, os hábitos de lazer e domésticos. Como se vivia a cidade durante a noite no séc. XVIII, no conturbado início do século XIX? Como eram controladas as ruas e as pessoas na escuridão? Que medidas foram sendo tomadas para asseverar a segurança dos lisboetas? Que poderes monitorizavam a noite e como se relacionavam entre si? Qual a diferença da vivência nocturna entre as classes mais altas e as mais baixas? Interessavam-se uma pela outra? Todas estas questões surgiram durante a pesquisa e a elas tentaremos responder ao longo da nossa dissertação, considerando sempre cuidadosamente as fontes e a sua natureza, olhando para a subjectividade da literatura mas não desprezando a sua capacidade de retratar a sociedade; recorrendo à diversidade da imprensa mas não descuidando o seu contexto; consultando os documentos oficiais, mas tomando em conta a sua instrumentalização.

Ao analisar diacronicamente a história da noite, verificamos num primeiro contacto que a luz – ou seja, metaforicamente, o dia – caminha paulatinamente mas sem hesitações pelo espaço nocturno adentro. Poderíamos até falar numa invasão da noite pelo dia, cada vez mais efusiva e conseqüente. Assistimos cada vez mais a uma espécie

de tentativa de conquista de um movimento perpétuo, em que o ciclo movimentado do dia se vai impondo, a passos cada vez mais largos, ao silêncio e à quietude da noite até porventura à sua completa anulação. Em reacção a este movimento já várias vezes se levantaram em nome da importância premente da conservação da noite para o ser humano e mesmo para o planeta. Será o nosso caminho o regresso à noite?



# CAPÍTULO I

## A noite primordial:

### das origens mitológicas às tradições populares.

*Isso de olhar a lua  
E crescer para o céu  
É para os iniciados*  
Ana Paula Tavares

*Hesíodo alterou a tradição, porque coloca a cosmogonia  
antes da teogonia, arranjo racionalista que prenuncia o  
futuro caminho do pensamento abstracto grego.*

Maria Helena da Rocha Pereira

Falar da noite é falar da ausência de luz, da luz que efectivamente ou metaforicamente possibilita o conhecimento. A luz da fogueira, da vela, do candeeiro permite-nos ver no escuro, saber o que se passa no escuro. Por outro lado, a luz, assumindo a metáfora da sabedoria, ilumina as mentes que se dedicam ao estudo e ao saber.

No campo da astrofísica, por exemplo, sabemos que a luz permitiu decodificar grande parte do universo conhecido. A escuridão<sup>41</sup>, também no universo, é o desconhecido – aquilo que não nos é conhecido comumente nos ameaça e fascina. Mas como se pode dizer que foi a luz que permitiu o conhecimento da obscuridade do universo? Segundo a história da ciência, foi devido a uma descoberta de Isaac Newton em 1666. O cientista utilizou um prisma triangular de vidro para refractar a luz solar (branca), ou seja, subdividi-la nos feixes coloridos que juntos compõem a luz branca. Mais tarde, outros cientistas contribuíram para a descoberta de que cada uma das cores tinha comportamentos diferentes e que informavam a composição física e química do

---

<sup>41</sup> Em rigor, a escuridão no universo não é o vazio, mas sim matéria negra. “(...) além disso, a maioria das galáxias é encontrada nos aglomerados e podemos igualmente inferir a presença de mais matéria escura ainda por entre as galáxias nesses aglomerados por seu efeito sobre o movimento das galáxias. De fato, a quantidade de matéria escura excede em muito a quantidade da matéria comum no universo. Quando totalizamos toda essa matéria escura, ainda obtemos apenas cerca de um décimo da quantidade de matéria para deter a expansão. Mas poderia também haver outras formas de matéria escura, distribuídas quase uniformemente por todo o universo, que ainda não detectamos e que poderiam elevar ainda mais a densidade do universo.” Stephen Hawking e Leonard Mlodinow, *Uma nova história do tempo*, Rio de Janeiro, Pocket Ouro, 2005, p.72.

corpo. Assim, o prisma de Newton permitiu descodificar a luz e com ela a física quântica, os átomos e os seus constituintes. A partir de um simples objecto como é o prisma triangular (e da sua complexa capacidade de decompor a luz) chegou-se posteriormente a telescópios como o Hubble que atravessam o universo e nos trazem a informação acerca de corpos celestes longínquos. A informação que desta forma nos chega é somente a luz que, decomposta, permite decifrar a composição de cada um deles. Se sabemos a sua composição química, sabemos se há oxigénio, se há água, se há condições para existir vida, entre outras informações mais específicas. No caso particular da descoberta de Newton e de tudo o que possibilitou, temos a luz na sua ambivalência e completude: como instrumento do conhecimento e como conhecimento por si só.

Além disso, a luz permite a visão, enquanto a escuridão está ligada a uma espécie de cegueira universal a que todos estamos vetados quando nada está iluminado: “Parece que sea la ceguera inicial la que determine la existencia de los ojos, el que haya tenido que abrirse un órgano destinado a la visión, tan consustancial con la vida, como la vida lo es de la luz.”<sup>42</sup> No mundo da noite, da noite escura entenda-se, há uma regressão a esta cegueira primordial de que fala María Zambrano, em que os nossos outros sentidos são estimulados e quase automaticamente se apuram e nos mostram uma outra percepção do mundo. Nesta nova percepção, não são apenas os nossos sentidos que se hiperbolizam mas também a imaginação, que usualmente é reduzida e “confortada” pelo sentido da visão (através do qual recebemos 90% da informação), sem ele todos os medos se libertam, e a falta de uso dos restantes sentidos agiganta-se e transforma ruídos e texturas familiares em perigos extraordinários.

Marcadamente ligada à religião e aos rituais, a noite inspira toda uma cultura paralela, como é exemplo o Sabat<sup>43</sup> e outras manifestações ritualistas de carácter macabro ou não. A esse respeito, Alain Cabantous, no seu exaustivo estudo sobre a noite nos séculos XVII e XVIII no noroeste da Europa, refere o seguinte:

La relation de la nuit et du macabre ne s’inscrit pas seulement dans les signes, attendus, guettés, redoutés. La présence lancinante de la morte et sa

---

<sup>42</sup> María Zambrano, “Los ojos de la noche” in *Claros del Bosque*, Barcelona, Ed. Seix Barral, 1993, p. 117.

<sup>43</sup> Cf. Carl Ginzburg, *História Noturna. Decifrando o Sabá*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

familiarité provocante ont aussi favorisé l'édification de rituels religieux ou laïques qui confortaient justement la place solvante tout à fait originale de la nuit.<sup>44</sup>

Por outro lado, não é por acaso que o século em que se privilegiou o conhecimento fosse chamado o século das Luzes, que o movimento que inaugurou um inaudito progresso científico até então se denominasse Iluminismo, outrossim que os renascentistas designassem depreciativamente o período medieval como a Idade das Trevas, posto que a luz simboliza o conhecimento, e a escuridão, paradoxalmente, denota a ignorância<sup>45</sup>. Consideremos então a dicotomia luz/trevas que metonimicamente se estende para as que daí decorrem: dia/noite, sol/lua, bem/mal. Poderemos também considerar a dicotomia homem/mulher decorrente da matriz luz/trevas? Provavelmente sim, em determinadas alturas da nossa história e em muitas circunstâncias da nossa mitologia, como aventaremos *infra*, começando pelo facto de que muitas vezes o homem é representado pela solaridade, enquanto a mulher pela lunaridade. Efectivamente, o pensamento humano, como apontam vários estudiosos de áreas tão variadas quanto complementares: psicologia, filosofia, sociologia, antropologia, etc., estrutura-se binominalmente<sup>46</sup> e será partindo dessa estrutura fundacional que a sua mundividência se forma e evolui.

---

<sup>44</sup> Alain Cabantous, *Histoire de la nuit. XVII-XVIII siècle*, Paris, Fayard, 2009, p. 118.

<sup>45</sup> Obviamente não concordamos com esta apreciação negativa do período medieval, tão profícuo culturalmente, tentamos sim chamar a atenção para o uso então difundido do binómio luz/trevas.

<sup>46</sup> Esta organização de pensamento – chamada binarismo estruturalista – foi principalmente defendida por Lévi-Strauss. Miri Rubin, no seu ensaio sobre a História Cultural já referido na Introdução, nota que este binarismo ajudou os historiadores a perceber o sentido das oposições, porém este recurso terá igualmente levado os historiadores para uma certa confusão relativamente aos elementos de cada par.

## 1. A noite cosmogónica

*Cantarei a criadora dos homens e deuses – cantarei a Noite.*

Herberto Helder

*O mito pode ainda assumir uma dimensão histórica: nele o homem reconhece as suas origens, as suas tradições, e esta perspectiva pode tornar-se nacional. Ao encontrar-se com o passado, ao integrar-se num fluido temporal e existencial definido, é também a si que o homem se encontra.*

Victor Jabouille

As cosmogonias sempre foram um dos grandes fascínios mitológicos dos povos e, ao mesmo tempo, uma das suas marcas identitárias mais fortes. Segundo Mircea Eliade, “Sendo a Criação do Mundo a criação por excelência, a cosmogonia transforma-se no modelo exemplar para toda a espécie de ‘criação’<sup>47</sup>. Ou seja, os mitos cosmogónicos funcionam como uma espécie de justificação para todas as acções humanas, realizando-se como “arquetipo de um conjunto de mitos e de sistemas rituais. Toda a ideia de ‘renovação’, de ‘recomeço’, de ‘restauração’, por muito diferente que se suponham os planos em que ela se manifesta, é redutível à noção de ‘nascimento’ e esta, por sua vez, à ‘criação cósmica’.”<sup>48</sup> Com efeito, estamos perante o sistema de mitos mais importante de cada cultura, sendo ao mesmo tempo aquele que melhor ilustra os elementos culturais de cada povo.

De entre as várias cosmogonias, aferimos que as mitologias hindu, mesopotâmica, egípcia ou mesmo budista relacionam a origem do mundo (e do universo) com uma espécie de grande oceano cósmico, tão profundo que negro, ou seja, com o elemento da água e metonimicamente com a noite. Já a mitologia judaico-cristã e a grega, pilares fundacionais da cultura ocidental hodierna, narram os seus primeiros momentos imersos numa escuridão profunda, sendo a luz uma criação divina ou uma divindade *per se*. Se na tradição bíblica há o Deus criador que através do verbo ordena a existência da luz, da água, da terra ou mesmo do homem (“Deus disse: ‘Faça-se luz.’ E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à

---

<sup>47</sup> Mircea Eliade, *Aspectos do Mito*, Col. Perspectivas do Homem, Lisboa, Edições 70, s.d., p.25.

<sup>48</sup> Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Coleção Coordenadas, Lisboa, Edições Cosmos, 1990, p. 485.



luz, e às trevas, noite.”<sup>49</sup>), na tradição grega são as divindades que se reproduzem e criam o mundo como o conhecemos: “Do Caos nasceram o Érebo e a negra Noite,/ e da Noite, por sua vez, o Éter e o Dia.”<sup>50</sup> É interessante verificar como nesta cosmogonia a Noite nasce do Caos e o Dia nasce da Noite, estabelecendo assim uma linha de acontecimentos semelhante ao creacionismo: “No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo”<sup>51</sup>. As trevas antecediam a luz e foi a partir delas que a luz se formou.

Gilbert Durand no seu estudo sobre a antropologia do imaginário<sup>52</sup> estabelece uma série de símbolos nictomorfos (isto é, relacionados com a noite) que são marcados por um isomorfismo transversal, sistema do qual o elemento da água faz parte:

uma nova variação nictomorfa: a água, além de bebida, foi o primeiro espelho dormente e sombrio. (...) Os símbolos nictomorfos são, portanto, animados em profundidade pelo esquema heraclítico da água que corre ou da água cuja profundidade, pelo seu negrume, nos escapa, e pelo reflexo que redobra a imagem como a sombra redobra o corpo.<sup>53</sup>

Ou seja, a água está também deste modo ligada ao nocturno e ao mistério. Também na narrativa bíblica a água já existe em convivência com as trevas – “Deus movia-se sobre a superfície das águas”<sup>54</sup> – vemos igualmente de forma inequívoca um diálogo com os mitos mais orientais que concebiam um grande oceano cósmico no princípio do mundo. Oportunamente parafraseamos José Augusto Ramos<sup>55</sup> quando definiu a civilização oriental como um rio que corre sob toda a história, nutrindo-a com as suas matrizes ainda hoje presentes um pouco por todo o lado. A água está ligada outrossim profundamente ao tempo, pela metáfora heraclítica do rio que corre sempre

---

<sup>49</sup> Gen, 1: 3-5

<sup>50</sup> Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. Volume 1: Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 158. Referência anterior: “Os deuses primordiais” *Teogonia*, Heródoto, Estudo e Tradução de José António Alves Torrano, 3.ª edição, São Paulo, Iluminuras, 1995.

<sup>51</sup> Gen, 1: 1-2

<sup>52</sup> Gilbert Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*, Lisboa, Presença, 1989, p. 69.

<sup>53</sup> Gilbert Durand, *op. cit.*, p. 69 e 79.

<sup>54</sup> Gen, 1: 2

<sup>55</sup> José Augusto Ramos, “Orientalismo”, Seminário de Doutoramento - Estado da Arte e Novas Perspectivas, Departamento de História, FLUL, 12 de Abril de 2012.

renovado, sem parar, sem voltar atrás, tal como o tempo. Por sua vez, a noite também é a marca do tempo, sendo nos tempos antigos a forma de o contar através da lua e das suas fases – “As fases da Lua revelaram ao homem o tempo concreto, distinto do tempo astronómico”<sup>56</sup>. Ainda retomando a mitologia bíblica, podemos olhar para o Dilúvio<sup>57</sup> como um recomeço do mundo, em que a água submerge tudo e possibilita um novo início, uma renovada Criação. A água, portanto, está intimamente ligada tanto ao mito da (re)criação, como, metonimicamente, à escuridão e à noite pela sua dupla vertente ligada ao tempo e à renovação infinita. Como símbolo, a sua complexidade é profunda e espalha-se em quase tantas direcções quantas as que o seu estado líquido consegue alcançar.

[...] o símbolo da água contém o do sangue. Mas não se trata já do mesmo sangue, porque o sangue esconde, igualmente, um símbolo duplo: o sangue celeste, associado ao sol e ao fogo; o sangue menstrual, associado à Terra e à Lua. Através destas duas oposições, aprecia-se a dualidade fundamental luz-trevas.<sup>58</sup>

Também na concepção celta do tempo, a noite está conotada com o começo da jornada, o momento de onde tudo parte. De modo geral, a noite é associada ao “tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que desabrocharão em pleno dia como manifestações de vida”<sup>59</sup>.

A mitologia egípcia, como referimos superficialmente *supra*, concebe a cosmogonia também alicerçada tanto na água como na noite primordiais: “Nada ainda existe no mundo a não ser Nun, o grande oceano primitivo que um dia será chamado pelos sábios de ‘sagrado Nilo’. Ao seu redor, reinam o silêncio, as trevas e o caos infinito [...]”<sup>60</sup>. Assim, será a “força vital” de Nun que colocará o mundo em movimento e, logo, em formação a partir das águas e trevas primordiais onde o deus dormia o seu também primordial sono.

---

<sup>56</sup> Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Coleção Coordenadas, Lisboa, Edições Cosmos, 1990, p. 195.

<sup>57</sup> Gen, 6 e 7: 17-24.

<sup>58</sup> Jean Chevalier et Alain Gheerbrant, “Água” in *Dicionário dos símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Teorema, 1994, p. 44.

<sup>59</sup> Jean Chevalier et Alain Gheerbrant, “Noite” in *op. cit.*, p. 474.

<sup>60</sup> A. Piankoff, *Egyptian Religious Texts and Representations, Volume V: Pyramid of Unas*, Princeton University Press, 1969, p. 36 (tradução nossa).

Arriscando a travessia de fronteiras ténues mas importantes, não deixa de ser curioso cotejar estas cosmogonias mitológicas ou religiosas que partem da escuridão (caos) para a luz e conseqüente ordem do mundo (cosmos) com a teoria científica do Big Bang. Esta teoria foi desenvolvida ao longo do século XX por vários cientistas, entre eles Hubble, Einstein ou Hawking, cujas teses se foram encadeando até encontrar uma sistematização final ou, melhor dizendo, actual<sup>61</sup>. Assim, como dizíamos, se submetermos ao escopo comparativo a ciência e a mitologia, também esta teoria científica, tal como as cosmogonias descritas anteriormente, parte de uma matéria negra (caos) informe e instável que explodiu e, a partir dessa explosão e de uma constante expansão, o universo (cosmos) foi criado. Ou seja, no fundo, guardando todas as ressalvas e anacronias, detectamos uma espécie de intuição científica nestas cosmogonias com milhares de anos do que é, na realidade, o universo. O que não é de todo estranho, já que as primeiras teorias do movimento dos corpos celestes, no mundo antigo, acabariam por estar muito próximas de resultados comprovados durante o século XX, como o movimento elíptico dos planetas à volta do sol ou a posição das constelações estelares em relação ao nosso planeta.

Trata-se, portanto, de uma concepção ocidental bastante harmoniosa ou mesmo unívoca – a noite existia antes de tudo, a noite pertence à esfera do que é primordial.

Oliveira Martins, noutra vereda, elabora uma curiosa teoria acerca dos mitos ligados à noite ou, mais especificamente, à Lua. No seu estudo sobre os sistemas de mitos religiosos na pré-história descreve a Lua como o “deus soberano da noite selvagem [...] mais pessoal ainda que o Sol, porque se deixa fitar, porque se não dissolve nas ondas da luz difusa, porque se destaca vivo num lençol negro crivado de estrelas”<sup>62</sup>, soberania que se perdeu, alega, com a chegada da civilização, que abandonou a Lua e a substituiu com a deificação do Sol. Assim, também neste ensaio, verificamos que existe uma aproximação da noite do primordial, daquilo que tem a ver

---

<sup>61</sup> Trata-se de uma teoria em constante estudo, evolução e até contraposição, sendo que vários cientistas já negaram a sua possibilidade. Não obstante, esta é ainda assim a mais consensual teoria sobre a origem do universo. Como se sabe, existem várias publicações sobre a teoria do Big Bang e as suas várias fases de desenvolvimento. Por ser uma área fora do perímetro do nosso estudo, escolhemos como referência uma obra que simultaneamente simplifica e explica todo o caminho da teoria, desde a sua origem aos contributos que contemporaneamente são acrescentados. *Vide* Simon Singh, *Big Bang*, Lisboa, Col. Ciência Aberta, Gradiva, s.d.

<sup>62</sup> Oliveira Martins, *Sistema dos Mitos Religiosos*, Lisboa, Guimarães, 1953, p. 68.

com a aurora dos tempos, neste caso não para o Cosmos, mas para o Homem. A evolução faz-se num caminho em que se abandona a escuridão e se acerca da luz, sendo este o caminho tanto da moral, como da razão racional ou mesmo da técnica – em direcção à luz. Com efeito, Oliveira Martins nota que, uma vez abandonada a deificação da Lua, esta “como todos os vencidos, desce à condição feminina e maligna. Torna-se um demónio, como os génios pagãos se tornaram assim no seio da mitologia cristã”<sup>63</sup> e é a partir desta mudança da Lua para o Sol, que se enraíza e constrói o dualismo essencial da nossa cultura: “o dia e a noite, o Sol e a Lua, são os protótipos do bem e do mal, da paz e do susto, do céu e do inferno, dos mortos e dos vivos”<sup>64</sup>. De facto a Lua é não raras vezes relacionada com a esfera feminina, não só pelo género que lhe é atribuído morfológicamente na língua portuguesa, mas também pela sua inconstância, pela influência nas marés e principalmente pelos ciclos lunares, análogos aos ciclos menstruais da mulher, e muito ligados à fertilidade da terra e à riqueza das safras. Além disso, nesta passagem há também uma clara referência ao mito de Lilith<sup>65</sup>, a primeira mulher de Adão segundo alguns textos apócrifos, que, ao ser expulsa do Paraíso por Deus, ter-se-á exilado nos desertos e transformado num demónio que depois perpetrou a sua maldição pela história. De qualquer forma, esta ligação entre a mulher e a Lua é assumida e pensada tanto por Eliade<sup>66</sup> como por Durand como sendo natural, pois “a lua está indissociavelmente ligada à morte e à feminidade, e é pela feminidade que encontra o simbolismo aquático”<sup>67</sup>, sendo que esse simbolismo é conseguido pois “as águas estão ligadas à lua porque o arquétipo delas é menstrual”, isto é, mensal. Por sua vez a Lua, tal como a noite e tal como a água (as marés em particular), “é um astro que cresce, decresce, desaparece, um astro caprichoso que parece submetido à temporalidade e à morte.”<sup>68</sup> Com efeito, Harding sublinha que, desde as Idades mais recuadas, “para o homem primitivo o sincronismo entre o ritmo mensal da mulher e o ciclo da lua devia

---

<sup>63</sup> Oliveira Martins, *op. cit.*, p.70.

<sup>64</sup> Oliveira Martins, *op. cit.*, p.72.

<sup>65</sup> Reflectiremos sobre o assunto dos mitos nocturnos femininos, onde figura Lilith, no ponto seguinte deste capítulo.

<sup>66</sup> Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Coleção Coordenadas, Lisboa, Edições Cosmos, 1990, p. 195 e ss.

<sup>67</sup> Gilbert Durand, *op. cit.*, p. 73.

<sup>68</sup> Gilbert Durand, *op. cit.*, p. 73.

parecer a prova evidente de que existia um elo misterioso entre eles.”<sup>69</sup> Esta proximidade entre a Lua e a mulher inevitavelmente transforma-a num ser nocturno, em clara oposição à solaridade masculina.

## 2. A mulher como manifestação do *maleficium* nocturno. Três exemplos mitológicos: Erishkigal, Hécate e Lilith.

*Toma cuidado c'os seus belos cabelos,  
Esse ornato que a faz bela sem par  
Pois todo o homem novo que cai neles,  
Tão depressa não o irá soltar.*

Goethe, *Fausto*

*O homem procura na mulher o Outro como Natureza e como seu semelhante. Mas conhecemos os sentimentos ambivalentes que a Natureza inspira ao homem. Ele explora-a, mas ela esmaga-o, ele nasce dela e morre nela; é a fonte do seu ser e o reino que ele submete à sua vontade.*

Simone de Beauvoir

Desde tempos imémores que o sexo feminino tem sido associado ao mal, ao obscuro e ao inexplicável. Simone de Beauvoir<sup>70</sup> diz-nos, no seguimento desta mesma constatação, que a mulher sempre foi considerada o Outro, enquanto o homem é o Sujeito por definição e este postulado determinou de muitas formas a presença da mulher na sociedade. Na verdade, as razões para este medo do segundo sexo multiplicam-se ao longo da história e fundam-se principalmente no mistério da feminilidade em geral e da maternidade/fecundidade em particular.

---

<sup>69</sup> E. Harding, *Les Mystères de la femme*, Paris, Payot, 1953, p. 63. (apud Gilbert Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*, Lisboa, Presença, 1989, p. 74.)

<sup>70</sup> Cf. Simone du Beauvoir, *O Segundo Sexo I. Os Factos e os Mitos*, 2.<sup>a</sup> edição, Tradução de Sérgio Milliet, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981. Salientamos a seguinte passagem, que julgamos elucidativa da ideia da alteridade da mulher em relação ao homem: “O homem procura na mulher o Outro como Natureza e como seu semelhante. Mas conhecemos os sentimentos ambivalentes que a Natureza inspira ao homem. Ele explora-a, mas ela esmaga-o, ele nasce dela e morre nela; é a fonte do seu ser e o reino que ele submete à sua vontade; uma rede material em que a alma se encontra presa, e é a realidade suprema; é a contingência e a ideia, a finidade e a totalidade; é o que se opõe ao Espírito e ao próprio espírito. Ora aliada, ora inimiga, apresenta-se como o caos tenebroso de que surge a vida, como essa vida, e como o além para o qual tende: a mulher resume a Natureza como mãe, esposa e ideia. Essas figuras ora se confundem e ora se opõem, e cada uma delas tem uma face dupla.” (p. 212).

Para o homem, a maternidade permanecerá provavelmente sempre um mistério profundo [...]. O medo que a mulher inspira ao outro sexo prende-se especialmente a esse mistério, fonte de tantos tabus, de terrores e de ritos, que a religa, muito mais estreitamente que seu companheiro, à grande obra da natureza.[...] O homem definiu-se como apolíneo e racional por oposição à mulher dionisíaca e instintiva [...].<sup>71</sup>

Despertando simultaneamente, tal como o “abismo húmido e quente”<sup>72</sup>, medo e fascínio ao longo dos tempos, a mulher acaba por ser a síntese da capacidade de criar, de fazer nascer e também da morte, muito ligada à terra (mãe) e aos seus ciclos: “a terra mãe é o ventre nutridor, mas também é o reino dos mortos sob o solo ou na água profunda”<sup>73</sup>. Na mesma linha, George Minois na sua reflexão acerca do pecado original refere como a mulher estará sempre ligada à origem do mal: “Apesar de fisicamente fraca, a mulher descobre contudo um meio para dominar o homem pela sedução sexual, estranho poder que basta para fazer recair sobre ela a suspeita quando se busca a causa do mal num pecado original.”<sup>74</sup> Com efeito, o motivo literário e mitológico da mulher sedutora que atrai o homem para o abismo do mal terá atravessado os séculos numa multiplicidade de significações.

Mesmo na mitologia, a maior parte das divindades ou seres terríveis era feminina, encarnando juntamente toda a maldade e imprevisibilidade do seu comportamento (Circe, Medeia, Kali, Erínias, etc.)<sup>75</sup>. Retomando as palavras de Beauvoir, “a mulher é o *mare tenebrarum* temido dos antigos navegadores; a noite impera nas entranhas da terra. Essa noite pela qual o homem receia ser tragado [...]”<sup>76</sup>. Assim, mais uma vez se sublinha a ligação da mulher à noite, desta feita a noite que “impera nas entranhas da terra” e que inspira medo ao homem, sempre se colocando este do lado da solaridade e daquilo que é conhecido e racional.

---

<sup>71</sup> Jean Delumeau, *História do medo no ocidente (1300-1800)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 311.

<sup>72</sup> Simone du Beauvoir, *op. cit.*, p. 216.

<sup>73</sup> Jean Delumeau, *op. cit.*, p. 312.

<sup>74</sup> George Minois, *As Origens do Mal. Uma história do Pecado Original*, Lisboa, Teorema, 2004, pp. 16-17.

<sup>75</sup> Sobre o papel da mulher na história vd. George Duby e Michelle Perrot (Coord.), *As mulheres e a História*, Lisboa, D. Quixote, 1995.

<sup>76</sup> Simone du Beauvoir, *op. cit.*, p. 216.

Neste ponto, a propósito da mulher como representante do *maleficium* nocturno trazemos ao nosso escopo três exemplos de mitos femininos do Mundo Antigo, de três culturas diferentes: a Suméria, a judaico-cristã e a grega, Ereshkigal, Lilith e Hécate, respectivamente. O nosso objectivo será, descrevendo sinteticamente cada caso e respectiva tessitura mitológica que o enquadra, demonstrar como há, nestes três casos, em consequência de actos desafiantes (*hybris*) e ousados, uma tendência para caracterizar estas personagens femininas como nocturnas e, conseqüentemente, malignas.

O Judaísmo, sendo uma religião monoteísta, na sua pré-história forma-se a partir da influência das culturas politeístas vizinhas – nomeadamente da Suméria e da Grécia – importando muita da sua mitologia. Os panteões destas culturas antigas, da Suméria, de Israel e da Grécia incluíam deusas que agiam segundo as lógicas cíclicas primordiais: o nascimento, a vida e a morte. As antigas culturas grega e suméria desapareceram (embora a sua herança permaneça); contudo, o Judaísmo e o Cristianismo desenvolveram-se e tornaram-se a espinha dorsal viva da cultura e da religião do mundo ocidental. As suas metáforas monoteístas evoluíram de uma forma que excluem todas as deificações, excepto a divindade suprema masculina e, onde existiam reminiscências das divindades antigas femininas, houve uma diminuição da sua importância no caso do Cristianismo (a Virgem Maria, no Novo Testamento Cristão) e uma demonização dos seus aspectos mais obscuros (por exemplo, Lilith, no Velho Testamento Judeu).

Cada uma das três personagens que analisaremos em seguida são mitos femininos nocturnos com diferentes facetas e contextos, sendo que as une a linearidade de uma demonização do elemento feminino.

## **2.1. Ereshkigal, deusa do submundo.**

Na cosmogonia da antiga Suméria<sup>77</sup>, o mar primordial (Abzu) existia antes de qualquer outra coisa e, a partir dele, formaram-se o céu (An) e a terra (Ki). Ki é

---

<sup>77</sup> Antes de mais, há que esclarecer que o panteão da Antiga Mesopotâmia tem centenas de deuses diferentes que poderiam oscilar localmente em nome, poderes, proveniência, etc.. Nesta nossa abordagem do tema, tentamos seguir a tradição suméria, mas ainda assim salvaguardamos possíveis imprecisões ([www.ancient.eu/article/221](http://www.ancient.eu/article/221) disponível em linha em Outubro de 2015).

provavelmente o nome original da deusa da terra, cujo nome aparece mais frequentemente como Ninhursag (rainha das montanhas), Ninmah (a excelsa senhora) ou Nintu (a senhora que deu à luz). É muito provável que ela e An (o deus dos céus) tivessem sido os progenitores da maior parte dos deuses do panteão sumério.

Os líderes das cidades da antiga Suméria tinham o dever de agradar à divindade patrona da cidade, não apenas para agradar a esse deus ou deusa em particular, mas também para agradar aos outros deuses do panteão. Muitos senhores seculares reclamaram uma intervenção divina: Sargão da Acádia<sup>78</sup>, por exemplo, afirmava que havia sido escolhido pela deusa Inanna<sup>79</sup>. Se as deusas podiam conferir poder a deuses mortais, poderemos assumir que as divindades femininas detinham um poder diferente do das divindades masculinas. Durante as celebrações do Ano Novo, o Rei, numa representação simbólica da divindade da fertilidade (Tamuz ou Dumuzi) ressuscitada, contrairia matrimónio com uma representante terrena de Inanna. Logo, se era necessário o rei casar com uma deusa para assegurar a fertilidade das colheitas, poderemos concluir que a importância das divindades femininas na sociedade Suméria era primordial.

Ereshkigal, muitas vezes considerada a irmã ou cunhada de Inanna, era a deusa suprema do submundo. Segundo a narrativa mitológica mesopotâmica *Enuma Elish*<sup>80</sup>, quando se enfurecia, o seu rosto tornava-se lívido e os seus lábios escureciam. Um dos episódios mais conhecidos da mitologia suméria descreve um encontro entre as duas deusas, a *Descida de Inanna aos Infernos*<sup>81</sup>. A narrativa mítica, muito resumidamente, versa o seguinte. Inanna decide visitar Ereshkigal para prestar homenagens fúnebres ao falecido marido da irmã, esta não sabia ao certo por que razão

---

<sup>78</sup> Também conhecido por Sargão, o Grande foi um imperador acádico que reinou entre os 2334 e 2279 a. C. A sua lenda está ligada a Inanna, pois provavelmente nasceu ilegítimamente de uma sacerdotisa desta deusa. Devido a uma série de vicissitudes conseguiu partir de uma origem deveras humilde para se tornar um dos mais senhores mais poderosos da Antiga Mesopotâmia ([www.ancient.eu/Sargon\\_of\\_Akkad/](http://www.ancient.eu/Sargon_of_Akkad/) disponível em linha em Outubro de 2015, tradução e adaptação nossas).

<sup>79</sup> Inanna é a deusa da Antiga Suméria do Amor, da procriação e da guerra, que, mais tarde, no domínio Acádico da Mesopotâmia foi identificada com Ishtar e até mesmo com Afrodite, aquando a hegemonia grega que abarcou também o Médio-Oriente. [www.ancient.eu/Inanna/](http://www.ancient.eu/Inanna/) disponível em linha em Outubro de 2015, tradução e adaptação nossas).

<sup>80</sup> *The Seven Tablets of Creation* by Leonard William King (1902); toda a tradução do conteúdo das tábuas mesopotâmicas disponível em [www.sacred-texts.com/ane/stc/index.htm](http://www.sacred-texts.com/ane/stc/index.htm) (Outubro de 2015).

<sup>81</sup> Episódio transcrito e comentado em José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 29 a 34.



a irmã a visitava, mas desagradava-lhe a invasão ao seu mundo inferior, então permitiu que ela entrasse no seu palácio e deu instruções a Namtar, o mensageiro da morte, para soltar as suas maldições sobre Inanna. Quando Inanna avançou sobre o domínio de Ereshkigal a deusa “fixou o seu olhar sobre Inanna, o olhar da morte/ disse contra ela a palavra, a palavra da ira,/ a mulher doente tornou-se num cadáver,/ o cadáver ficou pendurado num gancho.”<sup>82</sup>. Socorrendo-se do grande deus Enki, conseguiu ser salva do mundo dos infernos, mas, segundo a lei inalienável do submundo, quem lá entra não mais poderá sair, logo, teve de arranjar um substituto para si. Sucedeu o infortúnio a Dumuzi, o deus pastor, que passou a habitar os infernos<sup>83</sup> pela vez da sua consorte Inanna.

Outro dos mitos da antiga Mesopotâmia protagonizado por Ereshkigal é o episódio amoroso *Nergal e Ereshkigal*<sup>84</sup>, em que Nergal desce aos Infernos e apaixona-se pela deusa, ficando sete dias e dormindo sete noites com ela. Como se se apercebesse de que, ficando mais tempo, não poderia mais abandonar o submundo, ele volta para a Terra e abandona Ereshkigal, que fica furiosa e implora aos deuses que a ajudem a recuperar o seu companheiro. Nergal foi-lhe trazido. Em algumas versões do mito, Nergal tomou controlo dos demónios de Namtar, agarrou Ereshkigal no seu trono, pelos cabelos, e ameaçou decapitá-la. Face a esta ameaça ela propôs-lhe casarem-se. Em qualquer uma das versões do mito, ele aceitou, casaram-se e ele tornou-se seu consorte e dominaram juntos o mundo dos infernos.

Ereshkigal ergue-se assim no panteão sumério como uma das mais obscuras divindades, conhecida pela sua vontade férrea, pela sua violência e pela sua terrível crueldade (não permitiu sequer que a sua irmã cometesse a ousadia de visitar o seu reino com vida).

Existe uma representação de uma figura feminina em alto-relevo de barro datada aproximadamente do séc. XIX a. C. a que se chamou “Queen of the night”. Trata-se inequivocamente de uma representação de uma divindade da antiga Mesopotâmia, a questão está em saber qual delas. As opiniões dividem-se, embora a

---

<sup>82</sup> José Nunes Carreira, *op. cit.*, p. 31.

<sup>83</sup> Sobre este episódio, existe também um texto intitulado *A Morte de Dumuzi*, igualmente transcrito e comentado em José Nunes Carreira, *op. cit.*, pp. 33 e 34.

<sup>84</sup> Acerca deste episódio *vide* José Nunes Carreira, *op. cit.*, pp. 126 a 128.

mais consensual seja a de que se trata da deusa Inanna/Ishtar; entre as outras possibilidades está Ereshkigal ou até Lilitu (que depois será Lilith na tradição judaica). Contudo, a presença da marca noturna das corujas, dos pés de ave de rapina e das asas orientadas para baixo (para o submundo) apontam para a probabilidade de ser Ereshkigal, a soberana dos Infernos. Pensamos, portanto, que esta figura (Fig. 1)<sup>85</sup> será a representação da deusa Ereshkigal<sup>86</sup>.

## 2.2. Lilith, de primeira mulher de Adão a demónio noturno.

Vestígios da religião suméria sobreviveram até aos dias de hoje e reflectem-se em escritos da Bíblia, por exemplo, no livro de Ezequiel<sup>87</sup>. Neste livro há referência a uma divindade suméria quando o profeta vê mulheres de Israel a chorar por Tamuz (Damuzi)<sup>88</sup> durante uma seca. O maior paralelo entre as duas culturas, no entanto, encontra-se no Livro Génesis. O segundo capítulo deste livro apresenta-nos o Paraíso, Éden, um sítio em muito semelhante ao Dilmun sumério, descrito no mito de Enki e Ninhursag. O Éden, que significa “ao oriente”<sup>89</sup>, como se sabe, tem um rio que rega o jardim e se divide em quatro braços, entre eles o rio Tigre e o rio Eufrates. Todo o jardim tem frondosa vegetação e árvores cheias de frutos<sup>90</sup>. O prólogo d’ *A Epopeia de*

---

<sup>85</sup> Todas as figuras referidas encontram-se reproduzidas, pela ordem numerada que surgem no texto, no Anexo I desta dissertação.

<sup>86</sup> Este alto-relevo em barro – *Queen of the night* – pertence ao espólio do British Museum, em Londres. Na descrição da peça encontramos referidas as dúvidas em relação à deusa que efectivamente aqui está representada: “Her long multi-coloured wings hang downwards, indicating that she is a goddess of the Underworld. Her legs end in the talons of a bird of prey, similar to those of the two owls that flank her. The background was originally painted black, suggesting that she was associated with the night. She stands on the backs of two lions, and a scale pattern indicates mountains. The figure could be an aspect of the goddess Ishtar, Mesopotamian goddess of sexual love and war, or Ishtar's sister and rival, the goddess Ereshkigal who ruled over the Underworld, or the demoness Lilitu, known in the Bible as Lilith. The plaque probably stood in a shrine.” (disponível em linha <https://www.britishmuseum.org> em Outubro de 2015).

<sup>87</sup> Ez, 8:14 – “Conduziu-me, depois, à entrada do pórtico do templo do Senhor, que dá para norte, e eis que se sentavam aí mulheres que choravam Tamuz.”

<sup>88</sup> Tamuz ou Dumuzi, o deus pastor, que teve de substituir a deusa Inanna no mundo dos infernos, mito referido no sub-ponto anterior.

<sup>89</sup> Gen, 2: 8

<sup>90</sup> Gen, 2: 9-14

*Gilgamesh*<sup>91</sup> possivelmente contém o antecedente da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal – a chamada Árvore da Vida. Esta árvore não só está adornada com uma serpente, mas também com Lilith, a hipotética primeira mulher de Adão. A árvore é transplantada por Inanna das margens do Eufrates para o seu jardim em Uruk para a tornar seu trono e seu leito, mas a árvore estava amaldiçoada. Como refere José Nunes Carreira, “Nas suas raízes aninhara-se a serpente que não conhece o encanto, no cimo o feroz pássaro *imdugud* instalara os seus filhos, no meio alojara-se a mulher-vampiro, Lilith”<sup>92</sup>. A mulher-vampiro, a mulher demoníaca, Lilith.

Na introdução ao seu livro, *Lilith's Cave: Jewish Tales of the Supernatural*<sup>93</sup>, Howard Schwartz nota que de todos os mitos de algum modo relacionados com a Bíblia e alvo de embelezamentos rabínicos populares nenhum teve mais preponderância do que o mito de Lilith. Schwartz defende que muito do reino demoníaco do folclore judaico se desenvolveu a partir desta lenda multifacetada, que nasceu de uma curta passagem da Bíblia: “Ele os criou homem e mulher.”<sup>94</sup>. Esta passagem foi interpretada pelos rabis como significante de que a criação do homem e da mulher foi simultânea, embora os seguintes versículos, que dão conta da criação de Adão e, depois, de Eva, a descrevam como sequencial. Segundo a tradição rabínica, tudo o que está escrito na Bíblia é a mais pura verdade, nessa premissa Schwartz diz-nos que os rabis interpretaram que esta contradição significava que a primeira passagem se referia à primeira mulher de Adão, a quem eles deram o nome de Lilith, e a passagem seguinte referia-se a Eva. Lilith, cujo nome só aparece na Bíblia uma única vez, no Livro de Isaías – “Até o fantasma Lilit ali habita e encontra o seu repouso”<sup>95</sup> – referindo-se nesta passagem já a uma forma demonizada, entrocando na tradição mitológica mesopotâmica que nomeava Lilitu como um demónio nocturno.

Schwartz continua dizendo que é possível encontrar referências a Lilith nos textos pós-bíblicos. No *Talmud* ela é descrita como uma criatura demoníaca com longo

---

<sup>91</sup> Como exemplo de edição portuguesa do texto (parcial) vide: N. K. Sandars, *Gilgamesh*, tradução de Pedro Tamen, Lisboa, Vega, 2013.

<sup>92</sup> José Nunes Carreira, *op. cit.*, p. 47.

<sup>93</sup> Howard Schwartz, *Lilith's Cave: Jewish Tales of the Supernatural*, Oxford, Oxford University Press, 1988. A maior parte das ideias do autor aqui referidas encontram-se na Introdução do livro (pp. 1-21).

<sup>94</sup> Gen, 1: 27

<sup>95</sup> Is, 34: 14

cabelo negro; criatura igualmente demoníaca e descrita de forma semelhante é encontrada no texto apócrifo *O Testamento de Salomão*. Contudo, a mais antiga referência da lenda e que retrata os aspectos essenciais de Lilith está no *Alfabeto de Ben Sira*, de origem persa ou arábica, do século XI. Esta lenda conta como Deus criou uma companheira para Adão e chamou-lhe Lilith, mas Lilith e Adão discutiam muito, com Lilith a recusar ser dominada por Adão de qualquer forma possível. Ao invés, ela insistia na igualdade entre os dois. Contrafeita com a incompreensão de Adão, a dada altura invoca o inefável nome de Deus e, em consequência desta ousadia, é imediatamente expulsa do Éden para as margens do Mar Vermelho, onde faz de uma caverna o seu lar. Lá foi condenada a ser amante de todos os demónios que viviam nessa caverna, nascendo dela, em consequência, uma grande multidão demoníaca, o que explica a proliferação de demónios pelo mundo. Em referência a outras obras, Schwartz relaciona o desenvolvimento da lenda de Lilith como “um arquétipo feminino negativo que é assertivo, sedutor e fatalmente destrutivo”<sup>96</sup>. Assim construindo este arquétipo feminino que encarna a simbiose da sedução e da destruição, tantas vezes explorada (lembramos Salomé, Circe ou Medeia), constituindo, pois, uma ameaça fatal para o homem.

O mito de Lilith atravessou a história como os mitos a atravessam, sempre sendo enriquecidos e alterados, subvertidos e apropriados, ao ritmo dos contextos e das circunstâncias. É interessante verificar como foram surgindo as referências a Lilith, em diferentes casos, com particular incisão na História Contemporânea. O Romantismo, como seria de esperar, foi profícuo na recuperação de mitos mais obscuros e Lilith não foi exceção. Ainda numa fase pré-romântica mas absolutamente fundacional para este movimento literário, surge a obra *Fausto*, de Goethe, em que descreve assim este mito judaico: “Quem é aquela?”, pergunta Fausto, ao que responde Mefistófeles: “Olha-a com atenção!/ É Lilith [...] A primeira mulher de Adão./ Toma cuidado c’os seus belos cabelos,/ Esse ornato que a faz bela sem par./ Pois todo o homem novo que cai neles, Tão depressa não o irá soltar.”<sup>97</sup>. Como se pode observar, a personagem que vemos aqui descrita é a suposta primeira mulher de Adão a quem são atribuídas as características de beleza inigualável, bem como de criatura perigosa (“Toma cuidado”), é preciso não se

---

<sup>96</sup> Howard Schwartz, *op. cit.*, p.6.: “a negative female archetype who is assertive, seductive and ultimately destructive” (tradução nossa).

<sup>97</sup> Johann Wolfgang Goethe, *Fausto*, tradução de João Barrento, Lisboa, Relógio d’Água, 1999, p. 230.

deixar enlevar pelos seus encantos, pois ela decerto irá prendê-lo. Note-se que a exímia beleza não era um dos pontos através dos quais é descrita na tradição do mito original, perigosa sim, persistente, teimosa, assertiva, demoníaca, mas não há referência a uma beleza incomparável. Provavelmente será um acrescento dos tempos, nomeadamente durante a Idade Média, período em que a tradição judaico-cristã desenvolveu uma tendência para a demonização da beleza, particularmente da beleza feminina.

Mais tarde, em 1868, o pintor Dante Gabriel Rossetti pintou um retrato de Lilith (Fig. 2), ao que apôs o seguinte escrito, que mais tarde intitulou de “Body’s beauty”:

Of Adam's first wife, Lilith, it is told  
(The witch he loved before the gift of Eve,)  
That, ere the snake's, her sweet tongue could deceive,  
And her enchanted hair was the first gold.  
And still she sits, young while the earth is old,  
And, subtly of herself contemplative,  
Draws men to watch the bright web she can weave,  
Till heart and beauty and life are in its hold.

The rose and poppy are her flowers; for where  
Is he not found, O Lilith, whom shed scent  
And soft-shed kisses and soft sleep shall snare?  
Lo! as that youth's eyes burned at thine, so went  
Thy spell through him, and left his straight neck bent  
And round his heart one strangling golden hair.

Em primeiro lugar, notemos como Rossetti apresenta Lilith: “The witch he loved before the gift of Eve”. Não há qualquer dúvida de que Lilith é aqui demonizada, como a “bruxa” e a “serpente”, bela e sedutora, que com os seus longos cabelos dourados enfeitiça os homens para os levar à perdição. Tanto aqui como em *Fausto*, não há quaisquer referências à personalidade irreverente e independente de Lilith, mas apenas ao facto de ela ser encantadoramente bela e de representar um perigo para os homens. Há neste poema de Rossetti uma sobrevalorização do cabelo de Lilith, já não negro como nas tradições antigas, mas agora dourado (ou louro) – “enchanted hair” e “round his heart one strangling golden hair” como aí estivesse concentrada grande parte do seu poder.

Já no século XX, em 1922, o dramaturgo irlandês George Bernard Shaw escreve uma peça composta por cinco partes intitulada *Back to Methuselah*<sup>98</sup>, que consiste numa recriação e reinterpretação dos tempos bíblicos. Neste caso, a representação de Lilith surge assaz diferente tanto dos exemplos anteriores como da tradição antiga do mito. A personagem feminina que tratamos representa, nesta peça, a mãe de Adão, de Eva e de toda a humanidade, tendo consagrado Eva com o seu maior dom: a curiosidade. A mesma qualidade que nos textos bíblicos a leva a cometer o Pecado Original e a condena inexoravelmente. O último acto deste texto dramático ocorre no futuro ano de 31.920 d.C. e Lilith tem a última palavra na cena onde conclui que o desenvolvimento da experiência humana na terra tem sem dúvida valido a pena e que a humanidade está no caminho certo para eliminar a crueldade, a hipocrisia e a morte. É muito curioso este branqueamento que Shaw faz da figura de Lilith, numa arguta crítica à Bíblia e à forma como as mulheres aí são tratadas. Dá-lhes, nesta sua obra, o protagonismo e faz com que aquilo que era negativo nas Escrituras se torne algo positivo.

Já em 1998, é publicado um volume de artigos resultante do trabalho de um grupo de estudos feministas que tenta recriar as várias acepções que o mito de Lilith tem conhecido ao longo dos tempos: *Which Lilith? Feminist writers recreate the world's first woman*<sup>99</sup>. É de salientar que a escola feminista tenta reinterpretar o mito de Lilith rejeitando de certa forma a demonização da mulher, capitalizando o poder e o livre arbítrio que a figura mitológica em questão detinha, em prol de um fortalecimento da imagem da mulher, face ao homem.

### **2.3. Hécate, a deusa da encruzilhada**

Com a chegada do pensamento grego, assistimos à transformação da mundividência humana da linearidade para a forma cíclica. Hécate, segundo a

---

<sup>98</sup> Não se conhecendo tradução para português, a edição consultada foi a seguinte: George Bernard Shaw, *Back to Methuselah*, Londres, Constable, 1936.

<sup>99</sup> Enid Dame, Lilly Rivlin and Henny Wenkart (ed.), *Which Lilith? Feminist writers recreate the world's first woman*, Northvale, Jason Aronson Inc., 1998.

enciclopédia *Wisdom of the Earth: Encyclopedia of the Goddesses and Heroines*<sup>100</sup>, era a deusa da morte, a velha mãe e conhecida como a rainha das bruxas em mitos e lendas cristãs. Tal como todas as outras formas da deusa de tripla face, ela era relacionada com Seléne (Lua), com Artemis (a deusa da caça) e com Perséfone (deusa do Hades). Entre os gregos ela estava muito ligada às aparições fantasmáticas e às encruzilhadas, local muitas vezes escolhido para alguns rituais nocturnos. Ela detinha também um cariz destruidor e recebia sacrifícios de recém-nascidos e de animais. Marília Futre Pinheiro define Hécate como

deusa poderosa e misteriosa, intimamente associada à magia, ao mundo da morte e da escuridão, filha de Perses e de Astéria; é uma deusa tripla: como deusa da Lua é chamada Luna; como deusa da terra, Diana; como deusa das Sombras e do mundo subterrâneo é apelidada Hécate ou Perséfone<sup>101</sup>.

Hécate era a deusa que proporcionava a chuva e também as tempestades sazonais. Não obstante, será como deusa lunar que ela se torna mais conhecida: a parte obscura da lua simboliza a adivinhação, a iluminação e os poderes de cura. A escuridão é o tempo da tactilidade e da voz, por isso esta deusa nocturna impera sobre as magias amorosas, a metamorfose, feitiçarias e curas medicinais. Muitas vezes retratada como uma feiticeira, a imagem popular de Hécate como uma bruxa velha e horrenda é falsa. Nas sociedades antigas ela era considerada uma “mulher sagrada” ou uma “mulher sábia”; uma xamã feminina da Europa pré-cristã, ou mesmo uma matriarca tribal sabedora das coisas da Natureza, da cura, da adivinhação, das artes e das tradições da deusa.

No artigo “Hekate in Early Greek Religion”<sup>102</sup>, Robert von Rudloff afirma que a tradicional acepção de Hécate na maioria dos livros académicos ou leigos é a de que a deusa é a benfeitora das bruxas malvadas e rainha dos fantasmas atormentados e de outras criaturas nocturnas indesejadas; em resumo, uma deusa das bruxas, no sentido pejorativo. Por outro lado, livros escritos recentemente por e para pagãos modernos tendem a retratá-la como uma benfeitora, uma ancestral deusa da lua, da magia e das bruxas bem-fazentes. Apoiantes destes dois pontos de vista citam argumentos

---

<sup>100</sup> Patricia Monaghan, “Hecate” in *Encyclopedia of Goddesses and Heroines*, 2-Volume Set, Santa Barbara, Greenwood Publishing Group Incorporated, 2009.

<sup>101</sup> Marília Futre Pinheiro, *Mitos e Lendas: Grécia Antiga*, Volume I, Lisboa, Livros e Livros, 2007, p. 428.

<sup>102</sup> Robert Von Rudloff, *Hekate in Early Greek Religion*, Victoria, Horned Owl Pub., 1999.

igualmente contraditórios, um exemplo disso são os escritos de Hesíodo, da Grécia Arcaica, que honra Hécate pelos seus poderes sobre o Céu, a Terra e o Mar, mas não refere o Submundo, ou seja, os Infernos, secundando apenas Zeus no seu poder. Por outro lado surge Horácio, da época da Roma Imperial que a apresenta como objecto de cultos coerentes com a sua natureza grotesca, sobrenatural, evocada por feiticeiras que praticavam necromancia em cemitérios.

Von Rudloff defende que nenhuma das versões será completamente verdadeira e que o problema subjacente a este logro é o de pensar que existia apenas uma única manifestação de Hécate; este argumento demonstra uma muito maior diversidade do que a que os historiadores normalmente consideram. Ele salienta que nenhuma das divindades gregas era concebida da mesma forma por todas as pessoas, independentemente da altura ou do local do Mundo Antigo. No seu estudo descobriu ainda que os registos limitados existentes indicam que em tempos mais antigos Hécate seria uma figura secundária que teria uma ou mais funções específicas, não sendo qualquer uma delas exclusiva. Estas funções podem ser categorizadas sob as designações antigas de Propylaia, que significa, à letra, “aquela que está diante dos portões”; Propolos, “a serva que conduz”; Phosphoros, “aquele que traz a luz”; Kourotrophos, “ama de crianças”; e Chthonia, que se traduz simplesmente por “da Terra”, mas traz consigo o sentido implícito de Deusa da Terra. Segundo Von Rudloff, não qualquer dúvida de que cerca de 400 a.C. existia a imagem de sacerdotisas de Hécate a fazer magia, sozinhas à noite em locais remotos. E, da mesma forma que existiam estas supostas figuras malévolas, existiam também manifestações públicas de devoção a Hécate, muitas vezes pelo bem comum da comunidade.

Todavia, na *Teogonia* de Hesíodo vemos atestado o mito de Hécate numa forma bastante imaculada, ainda sem uma dimensão ctónica ou subterrânea marcadas: “Quando lemos os atributos que Hesíodo outorga a Hécate, percebemos que as componentes nocturna e obscura da deusa ainda não estão presentes”<sup>103</sup>. Lemos, nas palavras do autor, que tanta era a dilecção com que Zeus tratava Hécate, que lhe concedia vários privilégios em relação aos seus congéneres. Uma das primeiras qualidades hecatianas será a sua faceta tripla, isto é, ela sintetiza em si partes da terra e

---

<sup>103</sup> Paula Carreira, *As Argonáuticas de Apolónio de Rodes. A Arquitectura de um poema helenístico*, Prefácio de Marília Futre Pinheiro, Lisboa, Esfera do Caos, 2014, p. 76.



do mar, alcançando igualmente supremacia no céu. A complacência de Zeus exterioriza-se também na outorga de uma liberdade inaudita, já que Hécate em várias ocasiões age de acordo com a sua vontade.

Hécate a quem mais  
Zeus Cronida honrou e concedeu esplêndidos dons,  
ter parte na terra e no mar infecundo.  
Ela também do Céu constelado partilhou a honra e é muito honrada entre os  
Deuses imortais.<sup>104</sup>

Assim sendo, em que altura é possível afectar a Hécate uma faceta mais negra? Segundo Paula Carreira, não é possível uma resposta definitiva a esta questão, ainda que seja possível apontar que o primeiro registo que certifica a ligação ao mundo do Hades: o *Hino Homérico a Deméter*.

No momento do rapto de Perséfone, nenhum outro deus ouve os gritos da jovem. Hécate percebe o pedido de ajuda e, passado algum tempo, lança o alerta, dirigindo-se a Deméter. Nesta fase da história, a deusa surge com uma tocha nas mãos, símbolo que se tornou muito explorado na descrição da figura. Por último, importa referir o final do Hino, onde Hécate passa a servir Perséfone, tornando-se também sua companheira. Este episódio do programa mitológico coloca Hécate em contacto directo com o Hades e abre as portas para uma outra fase da sua “biografia”, mais obscura, menos luminosa e mais temida.<sup>105</sup>

Poderemos outrossim destacar a presença da deusa na comédia *Idílio II*, de Teócrito, onde a sua descrição inclui adjectivos como terrífica. A invocação de Hécate numa composição poética, cujo tema se liga à feitiçaria, demonstra como, à época, o carácter sinistro da deusa era totalmente divulgado.

Relativamente à imagem de Hécate ao longo dos tempos, será lícito dizer que sempre permaneceu ligada ao mundo subterrâneo, à noite e à bruxaria. Vejamos em que medida Shakespeare e Blake permitem corroborar esta ideia.

William Shakespeare, na peça *Macbeth*, dedica toda uma cena à deusa Hécate. A história do teatro considerou esta uma cena menor, chegando a aboli-la em algumas adaptações, no entanto ela foi de facto escrita na versão original pelo poeta inglês. Trata-se da cena V do acto III e dá conta de um diálogo entre várias bruxas e a

---

<sup>104</sup> Hesíodo, “Hino a Hécate” (vv. 404-452) in *Teogonia, a origem dos deuses*, Tradução de Jaa Torrano, São Paulo, Iluminuras, 2006.

<sup>105</sup> Paula Carreira, *op. cit.*, p. 77.

própria Hécate. Contudo, o que é mais interessante para este estudo é notar o epíteto que Shakespeare confere à deusa: “the close contriver of all harms”, ou seja, a mãe de todos os males, a mãe de todas as feiticeiras, neste caso.

Mais tarde, William Blake pinta o quadro “The night of Enitharmon’s joy” (Fig. 3) que se tornou conhecido por “The triple Hecate” precisamente por retratar Hécate, tripartida, feiticeira e nocturna, rodeada de animais nocturnos ou de alguma forma conotados com a noite, como a arte a relembra.

Em suma, vemos nestes três mitos, Ereshkigal, Lilith e Hécate uma construção de um feminino nocturno, poderoso e temível, que ao longo da história vai conhecendo as naturais variações e oscilações, porém algo se mantém: a ideia de uma mulher terrível nocturna que perturba os sonhos dos homens e pode arrastá-lo para o mundos dos mortos, roubar-lhes a vitalidade ou apenas enfeitiçá-los. A verdade é que as narrativas destas três figuras mitológicas têm no seu enredo o amor a uma figura masculina (fosse humana ou divina): Ereshkigal e Nergal, Lilith e Adão, Hécate e Zeus (a filha preferida) e o resultado desse amor marcou em muito o seu destino como criaturas nocturnas. Ereshkigal teve de prender Nergal nos Infernos para que ele aceitasse ser seu consorte, Lilith teve de fugir do Éden e refugiar-se com os demónios por não aceitar a superioridade de Adão, Hécate foi condenada a habitar os Infernos como castigo por ter sido a única a ouvir Perséfone, quando esta foi raptada.

A descrição e comentário destes três mitos ilustram de forma bastante clara (ainda que simbólica) a confirmação de como tem funcionado o binómio homem/mulher ao longo da nossa História. Ainda seguindo a linha de pensamento de Beauvoir, será lícito afirmar que o homem tem a necessidade de projectar o mal fora de si, encontrando na mulher o alvo para essa projecção, logo, a figura feminina, fisicamente mais fraca, mais ligada à terra e à lua, torna-se o negativo do homem, representando tudo aquilo que ele não compreende e, conseqüentemente, teme. Note-se como, neste sentido, a figura de Antígona representa também ela o feminino incompreensível para o masculino, ostentando uma força emocional e vital que nada tem de ver com fisionomia ou sexo, mas sim com a certeza de estar do lado certo.

A construção do feminino como negativo do homem não tem forçosamente a ver com a necessidade da criação de um inimigo, tal como aponta Umberto Eco – “ter um inimigo é importante, [...] para arranjar-mos um obstáculo em relação ao qual seja

medido o nosso sistema de valores, e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor”<sup>106</sup>, em uníssonos com a intenção de Homero transformar Heitor no herói perfeito, apenas para assim cantar melhor a *areté* (ἀρετή) de Aquiles. Da nossa perspectiva, a leitura destes mitos mostra a mulher como o lado negativo do homem esse negativo que se revela necessário, mas comumente não é enaltecido, mas sim descrito como o outro lado da solaridade do homem, um lado obscuro, frágil, pernicioso e nocturno.

### 3. O medo da noite – natural ou cultural?

*A lo largo de sus generaciones  
los hombres erigieron la noche.  
En el principio era ceguera y sueño  
y espinas que laceran el pie desnudo  
y temor de los lobos.*  
Jorge Luís Borges

*O estudo da memória social é um dos modos  
fundamentais de abordar os problemas do tempo e  
da história, relativamente aos quais a memória ora  
está em retraimento, ora em transbordamento.*  
Jacques Le Goff

Como se lê nos versos de Borges, a noite, no princípio era “ceguera y sueño/ y espinas que laceran el pie desnudo/ y temor de los lobos”<sup>107</sup>, isto é, a noite como uma imensidão de desconhecido perante a qual o homem se expunha na sua fragilidade. Inevitavelmente surge o medo. Resta saber o que nasce primeiro, o escuro naturalmente temido, por si só, ou o medo do escuro humanizado, isto é, já povoado por toda a sorte de demónios, monstros e criaturas malévolas, fruto da imaginação humana. Começemos pelo início: a emoção do medo.

---

<sup>106</sup> Umberto Eco, *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais* (trad. de Jorge Vaz de Carvalho), Lisboa, Gradiva, 2011, p. 12.

<sup>107</sup> Jorge Luis Borges, “Historia de la noche” in *Historia de la noche*, Buenos Aires, Emecé Editores, 1996, p. 77.

O medo é uma das emoções primárias do Homem, e também uma das mais fortes em termos de reacções corporais, podendo estas ser espoletadas tanto por perigos reais como pela memória ou imaginação<sup>108</sup>. Além da caracterização fisiológica há também a psicológica e social, segundo Freud o medo é causado principalmente pelos seguintes factores: “a supremacia da Natureza, a caducidade do nosso próprio corpo e a insuficiência dos nossos métodos de regulação das relações humanas”<sup>109</sup>. Assim, a Natureza-mãe é muitas vezes vista como castigadora (desastres naturais) e principalmente detentora de uma força que o Homem não pode sequer pensar em controlar, reservando a sua intervenção para a prevenção e para o controlo dos danos *a posteriori*. Por outro lado, a caducidade do nosso corpo, como diz Freud, aponta tanto para a nossa mortalidade como para as nossas fraquezas: doenças, quedas, acidentes, etc., a resistência natural do nosso corpo, principalmente na era anti-séptica em que vivemos, é cada vez menor. Por último, surge o próprio homem como um dos factores causadores do medo: a imprevisibilidade do comportamento humano é, sem qualquer dúvida, um dos maiores perigos. Essa imprevisibilidade pode ser provocada por emoções (amor, paixão, ciúme, inveja, entre outras), por doença mental (psicopatas, sociopatas, pedófilos, etc.) ou simplesmente pelo factor mais distintivo da espécie humana: a vontade<sup>110</sup>, que, neste caso específico, pode ser canalizada para prejudicar o outro.

Numa outra perspectiva encontramos, também associada ao medo, a superstição, que usualmente se enraíza no receio de algo desconhecido e se refugia numa espécie de “sentimento religioso” como solução. Teófilo Braga assim o define: “O sentimento religioso é um estado psicológico resultante da emoção do terror [ou do medo como emoção primária], que se desenvolve espontaneamente em formas cultuais até chegar a sistematizar-se racionalmente em dogmas teológicos.”<sup>111</sup>. As superstições

---

<sup>108</sup> Vide sobre as emoções primárias e os mecanismos de resposta: António Damásio, *O Erro de Descartes*, Lisboa, Temas&Debates, 1995, p. 126 e ss.

<sup>109</sup> Sigmund Freud, *Civilization and its discontents*, Penguin Freud Library, London, Penguin Books, 2002, pp 274 e ss. Recuperado e actualizado em Zygmunt Baumann, *Confiança e medo na cidade*, Lisboa, Relógio d’Água, 2005, p.10.

<sup>110</sup> Segundo Kant, “Todas as coisas na natureza operam segundo leis. Apenas um ser racional possui a faculdade de agir segundo as representações das leis, isto é, segundo princípios, ou, por outras palavras, só ele possui uma vontade.” Emmanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Lisboa Edições 70, 1986, p. 24.

<sup>111</sup> Teófilo Braga, *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. II, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, p. 40.

estão muito ligadas ao medo do desconhecido, daquilo que não é possível evitar ou sequer compreender. Será portanto este medo a fabricar o artifício da superstição, uma espécie de ritual fictício que se realiza para evitar desgraças e, simultaneamente, o desejo do sentimento religioso, que projecta a responsabilidade e a protecção do homem em Deus, noutra entidade divina ou supra-humana.

Ora, a noite torna-se o terreno mais privilegiado para estimular a emoção do medo e, na verdade, o temor nocturno é, pois, dos mais antigos e causador de outros tantos, como o medo das criaturas nocturnas do mundo natural e sobrenatural. Esta tendência, como vimos, tem uma explicação fisiológica, ou seja, está relacionada com as nossas emoções, logo, com os nossos mecanismos de alerta e reacções ao perigo. A visão do homem é menos eficiente à noite, o que o deixa mais desamparado na escuridão comparativamente à maioria dos animais nocturnos. Com efeito, a existência de perigos reais na escuridão e a inabilidade humana de os detectar ou responder atempadamente fomenta a construção subjectiva de outros perigos. Além disso, é sabido que “a privação de luz atenua os ‘redutores’ da actividade imaginativa. Esta, liberada, confunde mais facilmente do que durante o dia o real e a ficção e corre o risco de desorientar-se fora dos caminhos seguros”<sup>112</sup>. Assim, há um constructo mental baseado em perigos objectivos que existem na noite, mas que facilmente transpõe a barreira do sobrenatural e avança para toda uma mitologia do medo da escuridão, por si só. Na verdade, como refere Albano Mendes de Matos, “Pode dizer-se que não há, propriamente, o medo do escuro (Ligofobia, Escotofobia ou Nictofobia), mas medo do que poderá existir ou acontecer no escuro. Medo porque é manifesta a suposição de que alguma coisa há que produz emoção desconfortante”<sup>113</sup>, ou seja, sintetizando, estar *na* escuridão produziu o medo *da* escuridão.

A arte tem reflectido este medo inevitável através de múltiplas manifestações. Vários quadros, nomeadamente no período do Romantismo (embora não só) – época de fascínio singular pelo nocturno, como se sabe – vários contos e romances também dão voz a esta atracção e medo que o homem sente pela noite. O quadro “O

---

<sup>112</sup> Jean Delumeau, *op. cit.*, p. 99.

<sup>113</sup> Albano Mendes de Matos, “Os Medos e a defesa do Corpo no Homem da Gardunha” in *Medicina na Beira Interior da pré-história ao século XXI*, pp 106-113, Cadernos de Cultura, n.º23, Novembro de 2009, p. 108.

Pesadelo” (Fig. 4) do pintor Henry Fuseli<sup>114</sup> é uma das primeiras imagens que nos surge quando se fala do fascínio do Romantismo inglês pelo terror.

Poucas há, não obstante, tão ilustrativas do medo da noite urbana como o conto “La nuit, cauchemar” de Guy de Maupassant. O narrador começa por descrever o quanto prefere a noite ao dia (“Amo a noite com paixão.”), como todos os dias se deslumbra com os seus passeios nocturnos pela Paris iluminada pelo gás e como tudo lhe parece mais belo nestas horas. Contudo, na circunstância desta narrativa, o protagonista prolonga-se um pouco mais do que seria habitual no seu passeio e fica na rua até os bicos de gás serem apagados, muito antes da aurora, e aí, instala-se o pânico: a cidade torna-se tão inóspita quanto a selva, apenas porque deixa de haver luz artificial.

O meu apelo desesperado ficou sem resposta. Afinal que horas eram? Peguei no relógio, mas não tinha fósforos. Escutei o tiquetaque ligeiro da pequena mecânica com uma alegria desconhecida e estranha. Ela parecia viver. Estava menos só. Que mistério! Retomei a marcha como um cego, tateando as paredes com a bengala e levantava a todo o momento os olhos para o céu, esperando que a luz do dia aparecesse por fim; mas o espaço estava negro, completamente negro, mais profundamente negro do que a cidade. [...]

Que horas podiam ser? Caminhava, parecia-me há um tempo infinito, porque as minhas pernas fraquejavam, o peito ofegava e sofria de fome horrivelmente.<sup>115</sup>

Com efeito, existem estudos<sup>116</sup> na área da psicologia que indicam que a palavra “escuro” é uma das mais associadas com a palavra “medo” mesmo entre os adultos, sendo que aparece quase sempre relacionada com os sentimentos de desamparo e desorientação. De facto, é isso que sentimos que a personagem de Maupassant está a vivenciar, uma sensação extrema de desamparo e desorientação (“Retomei a marcha como um cego, tateando”).

---

<sup>114</sup> Johann Heinrich Füssli (1741-1825), apesar de ter nascido na Suíça, viveu a maior parte da sua vida em Inglaterra, tendo adoptado o nome Henry Fuseli e tendo-se igualmente integrado no movimento estético do romantismo inglês.

<sup>115</sup> Guy de Maupassant, “Noite. Pesadelo (La nuit, cauchemar)” in *Contos do Insólito*, Lisboa, Guimarães Editores, 2004, p.190.

<sup>116</sup> Por exemplo: Antonio Roazzi, Fabiana Fredericci e Maria do Rosário Carvalho, “A Questão dos consensos nas Representações Sociais: um estudo do medo entre os adultos” in *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Maio-Agosto de 2002, vol. 18, n.º2, pp 179-192.

No campo das patologias psíquicas, mais especificamente em relação às fobias, a nictofobia<sup>117</sup> (o chamado “medo do escuro”) que vem normalmente da infância mas que, ao não ser resolvido, se pode prolongar e agudizar pela idade adulta. De qualquer modo, mesmo fora do quadro clínico existe efectivamente um medo do escuro (ou do que pode haver no escuro) que é ao mesmo tempo natural e cultural. Natural, porque, como referem os especialistas na área da psicologia, já poderá estar latente na nossa informação genética – “a maior parte das pessoas retém um pouco do medo do escuro da infância ao longo da idade adulta. Este medo poderá ter a ver com a evolução da espécie, uma vez que existiam muitos predadores nocturnos”<sup>118</sup>. Assim, recuperamos a ideia de que há a possibilidade de a noite ser um território temido pelo homem de uma forma quase ingénita. Muito provavelmente pelo facto de ser a altura em que o homem, em tempos primitivos, estaria mais desprotegido e vulnerável aos predadores.

Por outro lado, o medo pode estar estreitamente ligado aos mecanismos humanos (e não só) de sobrevivência, ou seja, o medo normalmente tem duas consequências: a fuga ou a capacidade de enfrentar o motivo, aquilo a que comumente designamos de coragem. O experienciamento das emoções primárias é bastante pedagógico e ensina a capacidade de lidar com a situação. A aprendizagem de todo o leque de emoções primárias revela o que é a gestão das emoções para dar azo a uma acção que assegure a sua sobrevivência, se for o caso. Portanto, o medo é, em última análise um alarme que o corpo recebe para reagir, daí uma das reacções fisiológicas espoletadas por esta emoção ser uma descarga de adrenalina, precisamente para ajudar a uma reacção mais rápida.

Ainda no que diz respeito aos estudos do foro psicológico, é possível recorrer aos célebres testes de Rorschach e verificar como a escuridão tem um efeito diferente e quase sempre negativo no indivíduo. Uma das etapas dos testes é feita com a exibição de um cartão completamente negro. O resultado do visionamento do cartão completamente escuro é o que chamam o “choque negro” que produz inequivocamente “uma impressão disfórica geral”, impressão esta indelevelmente ligada a “esse arquétipo

---

<sup>117</sup> A nictofobia é uma condição patológica do foro psicológico. O que abordamos neste estudo é um medo do escuro da noite que é aceite como natural em praticamente todas as pessoas.

<sup>118</sup> “most people retain a bit of a fear of the dark throughout life. This fear may be evolutionary in nature, as many predators hunt at night.” American Psychiatric Association, *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM-IV), Washington, DC, 1994. (tradução nossa)

tão importante, essa abstracção espontânea tão negativamente valorizada pelo homem, que as trevas constituem”<sup>119</sup>. Assim, tanto Rorschach como outros psicólogos como Oberholzer ou Bohm atribuem à reacção ao escuro sentimentos do “tipo depressivo, indolente e estereotipado” ou mesmo uma “angústia da angústia”, baseada “no medo infantil do negro, símbolo do temor fundamental do risco natural”<sup>120</sup>, como já vimos anteriormente.

O medo do escuro pode também ser, além de natural, cultural posto que a sociedade ao longo dos tempos tratou a noite como um território proibido e, assim, fomentou de uma nova forma o medo da noite. Como veremos adiante, só com o desenvolvimento da iluminação pública é que esses medos se começaram a dissipar (e a reformular), embora houvesse também um reforço do controlo policial da cidade, *pari passu* com o desenvolvimento da iluminação. Com efeito, os noctâmbulos facilmente se associavam a criminalidade, prostituição ou vagabundismo. Efectivamente, o receio do desconhecido subsiste, sempre associado ao nocturno e ao que de noite se passava. O Outro é o desconhecido, aquele que vagueia de noite, pode ser, desde há séculos, a bruxa, o monstro, o ser de outro mundo, o vampiro, o lobisomem, entre outras formas de expressão de um imaginário bastante rico em variedade, como corrobora Joel Serrão no seu estudo sobre a noite: “Sair à noite? Era tão perigoso como aventurar-se alguém no mar encapelado.”<sup>121</sup>

Mais tarde, nomeadamente com o movimento do iluminismo durante o século XVIII, em termos culturais, e depois com a iluminação pública a gás, que em Portugal se desenvolveu na segunda metade do século XIX, em termos tecnológicos, as crenças em bruxas amenizaram, mas permaneceram os medos da devassa da propriedade ou do corpo, os roubos, as facadas, os assaltos que se viam noticiados nos jornais urbanos e até rurais, acontecimentos que alimentavam os medos do noctívago.

A própria legislação aconselhava a não abraçar as lides nocturnas; desde o facto de um crime ser cometido à noite ser um agravante penal, até ao caso de quem fosse apanhado a vaguear nas ruas, sem morada conhecida, ser levado para um abrigo

---

<sup>119</sup> Gilbert Durand, *op. cit.*, p. 65.

<sup>120</sup> Gilbert Durand, *p. cit.*, p. 65. Citando Oberholzer e Bohm.

<sup>121</sup> Joel Serrão, “A noite Natural e a Noite técnica” in *Temas Oitocentistas II*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, p. 22.



da Casa da Misericórdia ou para a prisão, como vemos várias vezes descrito em textos de Fialho de Almeida ou de Eça de Queirós. Apesar de existir bastante vida nocturna nas cidades, que muitas vezes se prolongava até de madrugada, como é possível verificar pelos jornais ou outros documentos da época, a verdade é que nas horas da madrugada a cidade ficava desertificada e as vivalmas que surgiam eram quase sempre assustadoras. Com efeito, o noctâmbulo era usualmente caracterizado como um elemento fora da sociedade, que escolhia estar fora dela violando os seus hábitos mais instituídos.

Conforme concluem alguns estudos<sup>122</sup>, o medo do escuro é de alguma forma inato ao homem por razões evolucionais, ou seja, uma vez que os perigos naturais (quedas, acidentes, predadores) existem em maior número, a evolução humana ditou que aqueles que se protegiam das ameaças da noite viveriam mais. Assim, podemos concluir que o medo é muito mais um mecanismo necessário à sobrevivência do que algo que possa retrair o desenvolvimento humano.

#### **4. Provérbios e lendas portuguesas relacionadas com a noite**

*Março Marçagão, de dia cara de anjo, à noite cara de ladrão*

Ditado Popular

*Ao ouvirem essas composições, declamadas ou recitadas pelos jograis, os representantes do povo tê-las-ão fixado, memorizado, como se fossem seus produtores, iniciando o circuito da transmissão de boca a ouvido e ouvido a boca que, ao longo dos séculos, desaguou na actualidade.*

João David Pinto-Correia

Segundo Leite de Vasconcellos, um dos mais importantes etnógrafos portugueses, uma das razões principais para fundamentar o estudo das tradições populares é que estas “manifestam o modo como o povo encara actualmente a Natureza e como vive na sociedade”<sup>123</sup>. Além disso fomentam uma ligação privilegiada com o

---

<sup>122</sup> Por exemplo: Packer C., Swanson A., Ikanda D., Kushnir H., "Fear of Darkness, the Full Moon and the Nocturnal Ecology of African Lions", PLoS ONE 6(7), 2011.

<sup>123</sup> J. Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*. Organização e apresentação de M. Viegas Guerreiro, 2.ª edição revista e aumentada, Lisboa, IN-CM, 1984, p. 29.

passado, muitas vezes longínquo, ligação feita através da virtuosa veia da tradição oral. Ainda que se diga popularmente “quem conta acrescenta um ponto” querendo com este aforismo desvalorizar o rigor do conto oral, a verdade é que todos os “pontos” que foram sendo acrescentados ao longo do tempo poluem muito menos do que enriquecem. Deste modo, cada “ponto” enriquece a história e confere-lhe mais uma particularidade, seja ela geográfica, política, religiosa ou mesmo pessoal, particularidade que a tornará cada vez mais única e valiosa. Ainda segundo o etnógrafo português, a razão mais importante para estudar as tradições populares é porque elas são, na verdade, a mais soberana obra do povo<sup>124</sup>.

Assim, os provérbios relacionados com a noite são um testemunho valioso da cultura popular na sua relação com o fenómeno astronómico da oclusão do sol bem como os medos e superstições que vem inspirando ao longo dos tempos. Os exemplos de superstições relacionadas com a noite são inúmeros, como o caso de não se poder beber água durante a noite, porque ela está a dormir e não deve ser perturbada ou ouvir o canto da coruja quando alguém está doente pressagia a sua morte a breve trecho. Todas elas se relacionam com os medos ancestrais que alimentam a cultura de cada país e, de alguma forma, contribuiram para um instinto de preservação como qualquer outra defesa.

#### **4.1. Os provérbios, a voz do povo.**

De noite todos os gatos são pardos § De noite, à candeia, parece bonita a feia § Noite aqui, noite em casa. § Quem mal quiser cear, à noite o vá buscar. § Trabalho feito de noite, de dia aparece. § Noite perdida nunca é restituída. § Faz da noite, noite e do dia, dia e viverás com alegria. § Se queres passar a noite leve, seja a ceia parca e breve. § Boa noite após mau tempo traz depressa chuva ou vento. § Quando a noite é de escuro, nada vale a madrugada. § Noites alegres, manhãs tristes. § Má cama faz a noite longa. § A noite coroa o dia. (...) <sup>125</sup>.

Os provérbios fazem parte do folclore e da identidade de todos os países. São uma expressão única e privilegiada da sabedoria do povo e de como essa sabedoria

---

<sup>124</sup> J. Leite de Vasconcellos, *op. cit.*, p. 32.

<sup>125</sup> Exemplos de provérbios populares com a noite como tema. Recolha feita em: AAVV, *Dicionário de Provérbios, Adágios, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*, Lisboa, Porto Editora, 2014.

é passada de geração em geração. Na verdade, os provérbios têm a capacidade de traduzir o homem na sua existência quotidiana, condições de vida, no sensato e no ridículo, nas alegrias e nas tristezas, nas grandezas e nas misérias, na realidade e nos sonhos, na objetividade e nos preconceitos. Mais do que qualquer outra expressão literária, os provérbios têm, frequentemente, o dom de incidir sobre aquele núcleo permanente e atemporal da realidade do homem. E daí decorre a sua inextinguível atualidade.

Portugal não é de todo excepção e possui um rico acervo proverbial, enriquecido ao longo dos séculos, que contribui activamente para a definição das características mais ímpares do país. A noite, como importante fenómeno antropológico<sup>126</sup>, está obviamente presente na paremiologia portuguesa, ora na sua concepção temporal (período de tempo que precede o dia) como na sua aceção mais misteriosa (as trevas, o desconhecido, o mal), como veremos. Seleccionámos para comentário alguns dos mais representativos no que diz respeito à relação do povo com o mundo nocturno.

Os provérbios “De noite todos os gatos são pardos”, “De noite, à candeia, parece bonita a feia”, “Prata falsa de noite passa” ou “À noite todas as moedas são verdadeiras”, por exemplo, apontam para o facto de a noite encobrir tudo com um manto de penumbra e nada ser realmente o que parece, uma resolução que já pertence de certo modo ao senso comum. Com efeito, a noite tece um contexto favorável à maior parte das situações de certa natureza secreta, seja pela própria escuridão, seja pelas actividades nocturnas mais propícias a essa atitude mais receptiva que não encontramos durante o dia, quer se trate de encontros amorosos, embustes ou outros quejandos.

Por outro lado, existem outros provérbios que aludem precisamente ao carácter mais místico, como dissemos – e revelador, acrescentamos – que a noite pode ter: “Março Marçação, de dia cara de anjo, à noite cara de ladrão”, “Palavras de noite não são para manhã”, “Quem de noite quer andar, o caminho quer errar”. Estes adágios querem sublinhar algo que nos interessa sobejamente – a constatação de que o mundo é

---

<sup>126</sup> Vd. Burkhard Schnepel and Eyal Bem-Ari, “*When darkness comes...: steps toward an anthropology of the night*” in *Paideuma*, n.º51, 2005, pp. 153-163. “All this means, undoubtedly, that the night is an anthropological topic of the utmost relevance. Indeed, anthropologists have everywhere, at all times, also investigated phenomena associated with the night (...) Although half of our lives, if not more, take place in the dark, there are hardly any distinctive anthropologies of the night.” (p.154)

diferente à noite, há uma outra vivência, diferente da que testemunhamos durante o dia. As pessoas, a coberto da escuridão, revelam-se nos seus intentos, sejam eles mais ou menos bons: seja para roubar, seja para transgredir as regras de uma forma que o dia não permite. Se, durante o dia, para conviver no “quotidiano tributável” é usada a “cara de anjo”, à noite já é possível usar a “cara de ladrão” e ousar um comportamento transgressor. No exemplo seguinte, “Palavras de noite não são para manhã” constatamos que “Palavras de noite” é uma expressão que transmite ainda que não um vocabulário próprio da ambiência nocturna, pelo menos um contexto em que as palavras ganham outros sentidos e se multiplicam semanticamente.

Aludimos a discursos como as confissões dos amantes segredadas, depois de um encontro de amor, que a noite libertou e que a luz do dia envergonha; a gíria dos noctívagos que se cruzam nas ruas e nos bares; os ditames dos rituais nocturnos das sociedades secretas; todo um mundo que não é “para manhã”, que não funciona durante o dia, pois o dia tem um preceito comunicacional diferente. Quanto ao terceiro exemplo, “Quem de noite quer andar, o caminho quer errar”, assistimos a um conselho e, ao mesmo tempo, a um juízo de valor. Não deverá andar de noite aquele que se quer manter no bom caminho, logo, se andar de noite é manifesta a vontade de errar. Este é um provérbio em concertada intenção com a ideia de “antinoctivagismo”<sup>127</sup>, que durante séculos policiou quem tinha gosto pelos ares nocturnos. Só no final do século XIX os passeios nocturnos passaram a ser considerados higiénicos, em oposição ao perigo para a saúde e para a alma que antes representavam, como veremos *infra*.

Outro dos provérbios associados à noite, e talvez um dos mais populares, é “a noite é boa conselheira”. A informação denotada neste adágio tem que ver, por um lado, com o facto de o sono proporcionar uma interrupção da consciência que, por sua vez, cria uma distância que confere uma outra perspectiva aos acontecimentos passados, geralmente com renovada sensatez. Por outro lado, a noite pode ser “boa conselheira” no sentido em que se define também como período de reflexão, longe do bulício diurno, tendencialmente o tempo de pensar sobre os actos, sobre as decisões, sobre os sentimentos. Não é por acaso que a noite é normalmente o tempo dos poetas, da criatividade, como escreve Antero de Quental – um dos mais nocturnos poetas

---

<sup>127</sup> Rosa Maria Fina, “Antinoctivagismo” in José Eduardo Franco *et al.* (Coord.), *Dicionário dos Antis*, Lisboa, IN-CM, [no prelo].

portugueses: “E tu entendes o meu mal sem nome,/ A febre de Ideal, que me consome,/ Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!”<sup>128</sup>. A solidão nocturna pode proporcionar ao poeta ou ao pensador as condições que ele considera ideais para cumprir os seus propósitos. Neste sentido, também a lua está tantas vezes presente em composições poéticas, pois a sua presença funciona muitas vezes como interlocutor do poeta, ouvinte incansável e eterno de todas as melancolias. Alexandre Herculano corrobora esta ideia, defendendo que o sol pode ser inimigo das reflexões mais profundas.

Porque te haveria eu de amar, ó sol, se tu és o inimigo dos sonhos do imaginar, se tu nos chamas à realidade, e a realidade é tão triste?  
Pela escuridão da noite, nos lugares ermos e às horas mortas do grande silêncio, a fantasia do homem é mais ardente e robusta.<sup>129</sup>

Noutra perspectiva, Camilo Castelo Branco na sua obra *Mistérios de Lisboa*, reserva à noite um tempo especial para as “almas fracas”: “A noite, o silêncio, o céu e a solidão davam as formas ao que a filosofia desprevenida chama abusões de almas fracas, fantasmas do espírito desenfadado e outras injúrias com que a matéria se vinga de tudo que é superior, até no sofrimento!...”<sup>130</sup>. A noite ganha, nas palavras camilianas, um cariz quase caricato, reduzindo o mundo nocturno a um rol de credices populares que afectava apenas algumas almas fracas. Atribuimos, no entanto, estas observações à ironia que habitualmente temperava as suas palavras.

## 4.2. As Lendas e Tradições populares nocturnas em Portugal

As lendas e tradições populares, transmitidas entre gerações através da tradição oral, alimentam e constroem o imaginário de cada região ou povoação. Referimos mais uma vez a recolha imensa de tradições feita por José Leite de Vasconcellos ao longo do seu extenso labor etnográfico. Além dele, outros seguiram o

---

<sup>128</sup> Poema “Nocturno” in *Sonetos*, Col. Clássicos da Literatura Portuguesa, n.º1, Lisboa, Editora Ulmeiro, 1980, p. 58.

<sup>129</sup> Alexandre Herculano, *Eurico o Presbítero*, Prefácio de Vitorino Nemésio, Colecção Obras Completas de Alexandre Herculano, Amadora, Bertrand, 1979, p. 36

<sup>130</sup> Camilo Castelo Branco, *Mistérios de Lisboa II* (terceiro volume), Sel. e notas de Alexandre Cabral, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, p. 141.

mesmo caminho de investigação <sup>131</sup> contribuindo para que hoje em dia seja relativamente fácil aceder a bases de dados *online* muito completas como o *Lendarium*, do Centro de Estudos Ataíde de Oliveira <sup>132</sup>. Assim, com todo o trabalho de recolha já realizado sobre as lendas e tradições populares nacionais, é hoje possível averiguar e constatar mais facilmente que a noite constituía um dos medos mais proeminentes e presentes no lendário nacional. Com efeito, criaturas como as bruxas e os lobisomens são sempre conotados com o nocturno, pois as suas aparições (ou os “testemunhos” das suas aparições) tinham sempre lugar à noite. É curioso notar que apesar de em Portugal não existir caça às bruxas <sup>133</sup>, como existiu em Inglaterra ou na Alemanha, existem várias referências à existência destes seres femininos, que se juntavam em assembleia <sup>134</sup> assumindo, alegadamente, formas de animais. É também com base numa zoantropia que surge a lenda do lobisomem, referida em vários pontos do país, principalmente na zona Norte, Beiras e Algarve, ou seja, na província, sendo que os meios urbanos são menos permeáveis às lendas mais tétricas, por uma questão de cultura, informação e progresso essencialmente. Na cidade, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, os mitos (muitas vezes baseados em factos reais) estavam mais associados à violência perpetrada por humanos na forma de assaltos, ataques, violações ou mesmo assassinatos. O imaginário urbano e tecnológico assim o dita: a maior ameaça deixa de ser tanto o animal e passa a ser o criminoso, o delinquente, enfim, o homem. Na verdade, essa transposição das narrativas mitológicas para o quotidiano é uma característica do século XVIII, da mesma forma que a Igreja e a Inquisição vão paulatinamente perdendo a força e a influência no decorrer do século, culminando na expulsão dos jesuítas em 1759, na extinção do Tribunal do Ofício em 1821 e das ordens

---

<sup>131</sup> Vd. também sobre as tradições populares (mais recentemente) o trabalho realizado por João David Pinto Correia, *Romanceiro Oral da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Edições Duarte Reis, 2003 e Maria de Lourdes Cidraes, *As lendas portuguesas: temas; motivos; categorias*, Lisboa, Apenas Livros, 2014.

<sup>132</sup> Sítio oficial: [www.ceao.info](http://www.ceao.info) – sendo o *Lendarium* ([www.lendarium.org](http://www.lendarium.org)) um dos vários projectos deste centro de investigação da Universidade do Algarve (UA) em parceria com a Universidade Nova de Lisboa (UNL). Existem outras instituições igualmente importantes na recolha das tradições orais, por exemplo: Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT) da UNL e o Centro de Tradições Populares Portuguesas (CTPP), recentemente transformado num pólo do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da UL.

<sup>133</sup> Excepto no caso da Inquisição, em que várias mulheres foram acusadas de bruxaria.

<sup>134</sup> A expressão “Sabat” não era usada em Portugal, mas sim “assembleias”, “ajuntamentos”, “conventículos” ou “reuniões” in José Pedro Paiva, “O medo das bruxas na época moderna” separata de *Anunçe. Revista de Divulgação Cultural*, n.º16, 2001, p. 100.

regulares masculinas em 1834<sup>135</sup>, assim também a razão e a tecnologia vão triunfando e destruindo os mitos de outrora. A transformação do espaço urbano provoca também a transformação dos ideários e dos medos a eles associados: desaparece o lobisomem, aparece o criminoso, desaparece a bruxa, (re)aparece a prostituta<sup>136</sup>.

#### 4.2.1. Lobisomens e mulheres lobisomens

Conforme o estudo sobre as superstições e lendas populares de Consiglieri Pedroso podemos afirmar que a crença em lobisomens e em mulheres lobisomens (ou *peeiras*<sup>137</sup>) é mormente presente na província e menos na cidade – “A crença dos lobisomens é geral em todo o país, principalmente entre os habitantes dos campos e das aldeias, encontrando-se também entre as classes menos ilustradas da capital com bastante vitalidade ainda.”<sup>138</sup>.

Começamos pela forma feminina do lobisomem, bastante menos comum na cultura popular, mas ainda assim presente. Os etnógrafos recolhem testemunhos

---

<sup>135</sup> O decreto que delibera a extinção das ordens regulares femininas só sairá em 1862. Cf. José Eduardo Franco (dir.), *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2009.

<sup>136</sup> A prostituição, obviamente, já existia, mas a partir do fim do século XVIII e principalmente durante o século XIX em Portugal há como que um fascínio sobre esta personagem que passa a ocupar um lugar quase central nos assuntos da sociedade urbana. Sobre este assunto, no mundo anglo-saxónico, Bryan D. Palmer recupera a ideia de Lawrence Stone e escreve: “O polemista historiador Lawrence Stone uma vez perguntou maliciosamente: ‘Será apenas coincidência que as bruxas tivessem desaparecido na mesma altura em que aparece Fanny Hill?’ Na origem desta pergunta espirituosa está a possível associação da sexualidade e da sua representação com climas culturais específicos. Os ventos da mudança, na economia política, sopraram através de paisagens de definição e de desejo em brisas impelidas por forças materiais e pelos desafios de diversas vozes dissidentes. Como Stone sugere, se existe uma ligação entre a morte da bruxa sexualizada e um género de imaginário erótico – captado essencialmente no texto licencioso de setecentos da autoria de John Cleland, *Memoires of Fanny Hill* (1748), uma espécie de memórias e fantasias ficcionalizadas de uma cortesã que conseguia, ao mesmo tempo, disfrutar da sua vida sexual e escapar mais tarde para uma vida de privilégios – então essa ligação terá surgido de ‘diferentes estádios de desenvolvimento das expectativas femininas, geradas em torno do crescimento da literacia e do crescimento de um individualismo, produções simultaneamente colaterais e acidentais da Reforma.’ “ Bryan D. Palmer, *Cultures of Darkness. Night Travels in the Histories of Transgression [from Medieval to Modern]*, New York, Monthly Review Press, 2000, p. 71 (tradução nossa).

<sup>137</sup> Segundo pudemos averiguar, as *Peeiras* (ou *Fadas dos Lobos*) são mulheres que caminham e comunicam com os lobos, sendo suas protegidas. Na cultura popular portuguesa são raras, embora se encontrem referências em Camilo Castelo Branco, *Mistérios de Lisboa* (quatro volumes), Sel. e notas de Alexandre Cabral, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, e principalmente em John Latouche, *Travels in Portugal*, 3rd edition, London, Ward Lock & Co., Warwick House, 1878. Neste último caso, não se trata apenas de uma fada dos lobos, mas sim de uma mulher que se transformava ela própria num *lubis-homem*.

<sup>138</sup> Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, Prefácio, organização e notas de João Leal, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 186.

semelhantes acerca da origem desta criatura – “havendo sete irmãs numa casa a sétima vai para peira dos lobos. Vai viver sete anos com os lobos; dorme com eles e é alimentada por eles.”<sup>139</sup>. [...], trata-se pois de uma espécie de anomalia genética que a sétima filha consecutiva de um casal pode sofrer, caso nada se faça para evitar<sup>140</sup>. Ainda assim, é manifesto que “O lobisomem fêmea é muito raro na tradição do nosso povo.”<sup>141</sup>, já que surge em muito poucas das lendas difundidas pelo país. No entanto, curiosamente está presente em pelo menos duas obras oitocentistas, a saber, *Mistérios de Lisboa*, de Camilo Castelo Branco e *Travels in Portugal* do inglês John Latouche. Camilo refere-se apenas pontualmente a esta criatura notívaga:

A porta em que bateu o padre Diniz comunicava para a sala em que estavam duas criadas da duquesa, cabeceando com sono, depois que se fartaram de anotar as excentricidades de sua ama, que, a acreditá-las, há cinco anos que cumpria fado, espécie de Loba-mulher, ou Lobis-homem fêmea, se os há, como nós sinceramente acreditamos.<sup>142</sup>

Uma das personagens das suas mais famosas histórias olisiponenses, “a duquesa” estaria amaldiçoada com o chamado “fado” e teria de o cumprir, vagueando pela noite na sua forma licantrópica, ou não. Muitas vezes, principalmente na vertente portuguesa desta tradição popular, o lobisomem não se transformava em lobo mas sim em burro ou outro animal semelhante, conforme nota Consiglieri Pedroso.

Uma circunstância curiosa é que sendo o lobo o animal característico da lenda indo-europeia, para a transformação, raras vezes ele aparece na superstição portuguesa, apesar de este animal ser comum no nosso país, aparecendo-nos regularmente substituído pelo burro.<sup>143</sup>

Já o testemunho memorialístico de John Latouche oferece-nos a transcrição completa de uma lenda ouvida na zona Norte de Portugal, sobre uma verdadeira mulher *lubis-homem* que, sendo acolhida por uma família rural para trabalhar, acaba por assassinar o bebé recém-nascido da família numa noite de lua-cheia em que se

---

<sup>139</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 197.

<sup>140</sup> Segundo a tradição popular, quase todas as maldições têm uma cura milagrosa correspondente, normalmente complexa ou de difícil acesso. Neste caso, uma das soluções é a criança ser amadrinhada por uma das irmãs em determinadas circunstâncias (lua, dias do mês, etc.).

<sup>141</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 200.

<sup>142</sup> Camilo Castelo Branco, *op. cit.*, Livro I (segundo volume), p. 227.

<sup>143</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 187.



metamorfoseou em lobo: “At this very instant the moon rose, and we saw a huge brown wolf standing over the body of the child, his fangs bloody, and his eyes looking like fire.”<sup>144</sup>. Segundo os estudos etnográficos que consultámos, existem dois elementos raros nesta lenda: o facto de ser uma mulher a metamorfosear-se e não só “andar com os lobos” e também o facto de o animal em que resulta a transformação ser o lobo e não um burro. Por outro lado, o final da lenda coincide com outras semelhantes: se o *lupis-homem* provasse do sangue de um recém-nascido o seu “fado” terminava. A lenda termina com a morte da mulher, a tiro, ainda na sua forma animal.

They burried her where she lay, and the 'wise woman', who came to look at her, said she had the mark of the *lupis-homem* on her breast quite plain, and was evidently a servant of the Evil One. The woman said that if she had seen the girl's eyes she could have told at once what she was, for the *lupis-homems* all get to have the long, narrow eyes and savage look of the wolf.<sup>145</sup>

No que diz respeito às lendas sobre o lobisomem (a versão masculina, chamemos-lhe assim), existem variantes por todo o país, mas uma surpreendente coerência em termos de ritual metamórfico e hábitos inerentes ao “fadário”. Normalmente era “corrido” entre as onze e a meia-noite ou pelas horas da madrugada, embora também se haja “avistado” “às horas do crepúsculo nos lugares sombrios; atravessam as povoações fugindo e fazendo grande barulho nas ruas, sendo este barulho especialmente ouvido pelas pessoas, sobre que querem influir.”<sup>146</sup>. Na maior parte das descrições é chamada a atenção para o ruído que fazem, não só vozeando gritos, como destruindo coisas à sua passagem. Estas descrições muito possivelmente serviam para explicar os barulhos que a noite escura repercutia nos corações amedrontados dos habitantes da província. Em limite, como se ouvissem barulhos estranhos, surgiam espontaneamente estas histórias de lobisomens a correr fado servindo simultaneamente para explicar e amedrontar os mais incautos dos perigos e horrores que habitavam a noite. Com efeito, as lendas com criaturas sobrenaturais vão sendo tecidas em volta das evidências científicas, contornando-as de modo a que seja possível continuar a alimentá-las apesar da passagem do tempo. Neste sentido, encontramos alguns testemunhos que garantem que o lobisomem tem uma espécie de reacção negativa (possivelmente

---

<sup>144</sup> John Latouche, *op. cit.*, p.32.

<sup>145</sup> John Latouche, *op. cit.*, p.33.

<sup>146</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 189.

alérgica) à luz artificial, já que a luz da lua é-lhes nutriz. A impossibilidade de submeter o lobisomem à proximidade de humanos ou de uma luz artificial é especialmente favorável à não verificação da sua veracidade (ou, pelo menos, verosimilhança), já que só a luz difusa e enganadora da lua o pode iluminar.

A vista de uma luz produz no lobisomem efeitos extraordinários, provavelmente sofrimentos. Assim, quando fogem na carreira vão apagando as luzes, que encontram pelo caminho com um assopro [...] Quando passam por uma casa onde esteja luz acesa, começam aos couces à porta e só se retiram apagando-se a luz.<sup>147</sup>

O ritual, como referimos, era sempre muito semelhante independentemente da zona do país onde era contado. Seria normalmente de noite e a transformação dava-se mormente depois do contacto com o local onde se havia “espojado” um animal. Já metamorfoseado, o lobisomem correria pela cidade/aldeia/lugar de forma ruidosa, muitas vezes amaldiçoando pessoas ou simplesmente clamando para que o salvem do “fadário”. Refiramos, a título de exemplo, a descrição de um fadário na cidade de Lisboa.

Quando dava meia-noite, mal caía a última badalada, ainda que estivesse a dormir levantava-se e ia espojar-se no Beco do Mirante, no sítio onde se costumava espolinar o burro de um dos vizinhos. Imediatamente se transformava num jumento e ia correr o fado, gritando para as pessoas por quem passava: *toca-me, que me quebras o fado*.<sup>148</sup>

No que diz respeito à presença na literatura, encontramos algumas (poucas) referências. Segundo o trabalho de investigação de Leite de Vasconcellos, “A mais antiga notícia [...] dos lobisomens é a seguinte, do séc. XV ou XVI, do *Cancioneiro* de Garcia de Resende, - ed. 1516 (*Rifão*, fl.28): Sois danado lobisomem,/ Primo d’Isac nafu.’”<sup>149</sup>; ou ainda Sá de Miranda diz “Que ha cem mil lobishomens/ Cuidava eu que eram patranhas”<sup>150</sup>. Novamente Camilo Castelo Branco escreveu o que alguns chamaram de “episódio dramático” chamado *Lubis-homem*<sup>151</sup>, em que conta as

---

<sup>147</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 189.

<sup>148</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 187.

<sup>149</sup> J. Leite de Vasconcellos, *op. cit.*, p. 289.

<sup>150</sup> Sá de Miranda *apud* Alfredo Pimentel, Prefácio de *Lubis-Homem*, Camilo Castelo Branco, Lisboa, Livraria Editora Guimarães Libânio & C.ia, 1900, p. VIII.

<sup>151</sup> Camilo Castelo Branco, *Lubis-Homem*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães Libânio & C.ia, 1900.

aventuras de um jovem estudante que à noite tem de correr o seu malogrado fado. Não obstante, em quase todas as lendas e referências o lobisomem é um ente sobrenatural, assustador, associado ao Diabo, mas inofensivo. Alexandre Herculano, não desvirtuando o seu interesse pelo lendário português, também discorre sobre o tema na revista *Panorama*.

Os lubis-homens são aquelles que têm fado ou sina de se despirem de noute no meio de qualquer caminho, principalmente encruzilhada, darem cinco voltas espojando-se no chão em lugar onde se espojasse algum animal, e em virtude d'isso transformarem-se na figura do animal ali pré-espojado. Esta pobre gente não faz mal a ninguém, e só anda cumprindo a sua sina, no que tem uma cenreira mui galante, por que não passam por caminho ou rua, onde haja luzes, dando grandes assopros e assobios para que lh'as apaguem.<sup>152</sup>

De certa forma, parece-nos, Alexandre Herculano tenta desmitificar a ameaça que o lobisomem poderia representar, sublinhando que “não faz mal a ninguém” e que terá até uma “cenreira mui galante”.

Teófilo Braga surge, por sua vez, com a que consideramos a mais ousada e interessante teoria acerca da lenda dos lobisomens, apontado o seu carácter mágico e a sua ligação a um antigo mito solar.

O mito solar do deus que adoece e sucumbe para tornar a ressuscitar, repelindo as trevas que o assaltaram e envolveram, apresenta esta dupla acção diurna [...].

É ao pino do meio-dia que o sol declina e começa a descer para o horizonte, a perder o seu esplendor, até que a sua luz arrefece, e as trevas da noite o envolvem enchendo o espaço; é portanto esse o momento crítico em que as trevas manifestam o seu poder, e daí o carácter maléfico dessa hora, cujo influxo crescente se interrompe ao dar da meia-noite, em que o sol avança para o nosso horizonte. [...]

A superstição do lobisomem, que termina as suas vocações ao dar a meia-noite, é a principal das entidades do solstício nocturno, comum a toda a Europa.<sup>153</sup>

Assim verificamos uma diferente interpretação da lenda do lobisomem, ligada aqui a um mito solar indo-europeu que descreve a tarde – o período entre o meio-dia e a meia-noite – como o período das trevas, com o enfraquecimento do sol e o consequente fortalecimento das forças malignas e nocturnas. Como vemos numa outra obra do autor

---

<sup>152</sup> Alexandre Herculano, *Panorama*, volume IV, p. 164

<sup>153</sup> Teófilo Braga, *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. II, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, p. 110 e 113.

“o Sol no Ocaso é o Cavaleiro que morre prematuramente”<sup>154</sup>, como se fosse a última defesa a cair contra o domínio das trevas. Deste modo, o lobisomem cumpre o seu fado nesta fase propícia do dia, até à meia-noite, hora do “solstício nocturno”, a partir de quando o sol reinicia a sua viagem em direcção ao nosso horizonte oriental e se restabelece o equilíbrio entre o bem e o mal.

#### 4.2.2. Bruxas e feiticeiras

Antes de mais há que fazer a distinção entre “bruxa” e “feiticeira”, já que no lendário português constituem duas entidades diferentes, ainda que a primeira possa ser uma espécie de evolução maligna da segunda. Assim, a diferença essencial é que “A feiticeira é uma mulher, de ordinário velha e hedionda, que tem comunicação e pacto com o Diabo, sem perder contudo a forma humana e sem possuir poderes ilimitados ou extra-humanos”<sup>155</sup>. Já a bruxa pertence a um estágio de desenvolvimento ulterior, em que o contacto com o Diabo é (ainda) mais próximo: “Segundo a tradição, as bruxas começaram por ser feiticeiras, e depois de terem comunicação com o Diabo, este as induz com falsas promessas a serem bruxas”<sup>156</sup>, adoptando comportamentos mais violentos, colocando em risco a vida dos que as rodeiam, principalmente as crianças. Por outro lado, as feiticeiras são ligadas à medicina natural e às curandices através das plantas e de dizeres ou feitiços.

De qualquer forma, analisando os contos e lendas tradicionais em Portugal cujas protagonistas são as chamadas bruxas ou feiticeiras, a verdade é que a nenhuma delas é atribuído, na prática, feitos horrendos. A maior parte das histórias explora a vertente misteriosa dos poderes mágicos que lhes são atribuídos, as reuniões nocturnas com o Diabo, a transfiguração em pequenas luzes que se agitam em grupos na noite, chegando mesmo a ser protectoras dos mais fracos em alguns episódios. Um dos pontos em comum entre vários relatos recolhidos na tradição oral era a forma como se

---

<sup>154</sup> Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. II, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987, p. 29.

<sup>155</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 100.

<sup>156</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 100.

deslocavam para as reuniões com o Diabo – “voa, voa, por cima de toda a folha” – terminamos com a transcrição de um deles.

Os dias em que se juntam com o diabo são às quartas-feiras (ou terças noutros locais) [...] Em o relógio dando dez horas da noite, ou antes, untam-se com certos unguentos e põem-se à janela, dizendo: voa, voa,/ por cima de toda a folha!... [...] Apenas pronunciam estas palavras, o Diabo leva-as pelas janelas, chaminés ou qualquer buraco e num momento e voando pelos ares, vai depô-las em certos campos aos quais elas não sabem o nome.<sup>157</sup>

José Pedro Paiva, autor de vários estudos<sup>158</sup> sobre a bruxaria e superstição em Portugal, sublinha como no nosso país nunca houve efectivamente uma “caça às bruxas” como noutros países europeus como o Reino Unido ou a Alemanha onde existiam movimentos civis e religiosos unicamente consagrados a esse fito. A figura da bruxa existia, principalmente nos meios rurais, muito por influência da demonização da mulher levada a cabo pela Igreja desde a Idade Média. De qualquer forma, o facto de a escola eclesiástica portuguesa ser essencialmente tomista, como defende Paiva, terá contribuído amplamente para uma difusão mais tímida desta forma de misoginia, já que o postulado de São Tomás de Aquino não aludia a “*sabats* ou mortes provocadas pelas bruxas” nem tão pouco “cerimónias de adoração do Diabo”<sup>159</sup>.

Assim, as lendas de bruxas e feiticeiras do nosso país eram principalmente alimentadas pelo povo e pelas suas superstições, tendo muitas vezes o propósito de as usar para ostracizar da comunidade esta ou aquela pessoa. Muitos dos documentos relativos às lendas que tivemos oportunidade de consultar não contêm mais do que indícios de um sobrenatural mais forçado que autêntico. Tratava-se, além da tradição popular, de um instrumento muito útil para incutir medo e respeito por tudo aquilo que não é abençoado por Deus – o mundo nocturno, por exemplo. É sabido que o Tribunal da Inquisição numerosas vezes prendeu e condenou mulheres acusadas de bruxaria ou artes semelhantes, existindo ainda alguma literatura, mormente de autoria eclesiástica, sobre como reconhecer este tipo de mulheres, como é exemplo a obra *Arte de conhecer e confessar feiticeiras* (1745), do Padre Domingos Barroso Pereira. Ainda assim nada

---

<sup>157</sup> Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, pp. 101-102.

<sup>158</sup> Seguimos principalmente as conclusões do seguinte estudo: José Pedro Paiva, *Bruxaria e Superstição num país sem caça às bruxas (1600-1774)*, Lisboa, Editorial Notícias, 1997.

<sup>159</sup> José Pedro Paiva, *op. cit.*, p. 339.

que possa ser comparável à perseguição feita noutros países europeus, inclusive países que entretanto adoptaram a Reforma<sup>160</sup>.

### 4.2.3. Noite de São João & Moiras encantadas

A Noite de São João é, na tradição popular portuguesa, além da festa cristã também a celebração da noite do solstício de verão em que tudo é simultaneamente sagrado e permitido. As fogueiras anunciam o calor do verão, as ervas aromáticas que são queimadas purificam e inebriam, levando as pessoas a fazerem coisas de que não se lembram mais tarde. O solstício é “um momento de ruptura com o tempo, uma ‘noite aberta’, como se diz, na qual a ordem das coisas pode ser alterada”<sup>161</sup>. A celebração reveste-se de características quase libertinas que permitem experimentar-se uma liberdade diferente dos outros dias e uma espécie de simbiose entre homem e natureza – “a distância entre as coisas e os seres humanos desaparece e a comunicação é total.”<sup>162</sup>

Por toda a Europa existia a antiquíssima celebração do solstício que, depois da cristianização, foram perfilhadas e adaptadas pela religião e associadas às festas de São João Baptista. Uma das marcas desta celebração são as fogueiras “a simbolizar a grande fonte de luz e calor – o Sol –, actuando na noite de São João como purificadoras, ou seja, anulando, segundo a crença popular, os factores nocivos, materiais ou espirituais, ligados ao mal”<sup>163</sup>.

Nesta noite, excepcionalmente, as moiras encantadas<sup>164</sup> podem ser vistas sem a pessoa ser amaldiçoada, por este motivo há a tradição, em algumas partes do país,

---

<sup>160</sup> Uma das obras mais exemplares da perseguição às bruxas que grassou a Europa é o famigerado *Malleus Maleficarum* (1486) do monge alemão Heinrich Kramer. O livro é uma espécie de argumento legal contra as bruxas, explicando como identificá-las e como conduzir um processo de condenação por bruxaria. Cf. José Pedro Paiva, *op. cit.* e também Francisco Bethencourt, *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

<sup>161</sup> Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio&Alvim, 1990, p. 57.

<sup>162</sup> Moisés Espírito Santo, *op. cit.*, p. 57.

<sup>163</sup> Soledade Martinho Costa, *Festas e Tradições Portuguesas – Junho*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, p. 106.

<sup>164</sup> As Moiras Encantadas são seres sobrenaturais, vestígio da presença moura em Portugal. Segundo os testemunhos lendários, quando os mouros partiram do território português, ficaram algumas moiras presas por encantamento em alguns locais do sul de Portugal, normalmente devido a promessas de amor ou de

de fazer passeios nocturnos pelos campos nessa noite.<sup>165</sup> De Norte a Sul do país é possível encontrar lendas que juntam o aparecimento das moiras encantadas na noite de São João. Algumas lendas são mais complexas – longas narrativas cheias de personagens e vicissitudes – outras simples apontamentos de aparições ou superstições, mas quase todas contêm uma componente invariável de magia.

Também no Cabeço do Penedo (Batalha) existe um túnel (nunca encontrado) que vai até ao castelo das Moiras (castelo de Porto de Mós), onde se encontram potes enterrados que as moiras dão a escolher a quem por ali passar na madrugada de São João: uns contendo ouro, outros veneno – podendo a pessoa ficar rica ou morrer envenenada.

Em Sesimbra (Estremadura) um grupo de moiras canta e dança no castelo antes do nascer do Sol, desaparecendo quando ele nasce.<sup>166</sup>

Em várias localidades, um pouco por todo o país surgem lendas acerca de moiras encantadas que despertam ou prolongam o seu encantamento na noite de 23 para 24 de Junho, a Noite de São João. Os episódios têm quase todos a ver com tesouros, moedas de ouro, figos e serpentes que se transformam em pedras preciosas. Alguns narram a história de donzelas, abandonadas pelos seus amantes, que nessa noite deambulam pela terra a alimentar a esperança de os reaver. Leite de Vasconcellos relaciona esta proficuidade de lendas à volta das moiras encantadas com o facto de a cultura árabe ter sido a última a ocupar a Península Ibérica antes dos cristãos, uma cultura muito presente na arquitectura, na etnografia, na língua. Assim sendo, a memória colectiva tem vindo a alimentar estes mitos, mantendo-os vivos maioritariamente na *vox populi*, devido ao fascínio que ainda provocam.

A Noite de São João pertence ainda ao grupo das noites sagradas<sup>167</sup>, conhecidas como “noite dos Prodígios”, que engloba a noite de Natal, de Ano Novo, de Reis, de São Martinho, entre outras. São noites em que existiu alguma espécie de

---

guerra de guerreiros árabes expulsos pelos portugueses. Poços, rochas, ou mesmo encostas de algumas fortalezas são alguns dos locais em que o forasteiro que passa pode acordar o encantamento e ser abordado e amaldiçoado por uma moira encantada. Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 130 e ss.

<sup>165</sup> Cf. Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p. 109 e ss.

<sup>166</sup> Soledade Martinho Costa, *op. cit.*, p. 114.

<sup>167</sup> A temática das noites sagradas será um tópico a desenvolver futuramente e que resolvemos apenas fazer aqui uma breve referência. Não queremos no entanto deixar de sublinhar que estamos cientes do muito que existe por dizer sobre os rituais nocturnos associados a cerimónias religiosas como a ceia de Natal ou a vigília pascal (principalmente no que diz respeito ao texto litúrgico do Precónio Pascal).

manifestação divina ou superior (mesmo que seja apenas a renovação do ano) e que devem ser celebradas de forma especial. Segundo Maria de Lourdes Cidraes, “tal como se verifica nas lendas de bruxas e lobisomens, a noite de São João é a hora mágica destes encantados”<sup>168</sup>. Não obstante, esta parece ser uma noite, ao contrário das outras, sem grandes preceitos rituais ou comportamentais, o importante parece ser a celebração em si, do São João e do Sol: “A Noite de São João é considerada uma das noites em que tudo pode acontecer – até a aparição de moiras encantadas”<sup>169</sup>.

---

<sup>168</sup> Maria de Lourdes Cidraes, *op. cit.*, p. 55.

<sup>169</sup> Soledade Martinho Costa, *op. cit.*, p. 113.



## II CAPÍTULO

### O lado nocturno do século das Luzes portuguêsês.

*Não tema por ser noite algum perigo;  
Saiba que está Lisboa  
Livre de gente má, já he toda boa*  
Apollonio Monteiro

*Na escrita da História trepam erros, verdades que envelhecem,  
ordenam-se ou amontoam-se desirmanados os documentos, os  
valores, os símbolos, as ferramentas conceptuais, o  
conhecimento alargado, as explicações teóricas, as utopias, os  
mitos. Uns de corpo inteiro, outros esfacelados ou sem  
membros: uns horrendos, outros de olhos angélicos.*  
António Borges Coelho

O nosso estudo incide essencialmente sobre a segunda metade do século XVIII, período que consideramos ser particularmente fecundo no que diz respeito a mudanças sociais e culturais no mundo nocturno<sup>170</sup>. Além disso, o terramoto tem sido considerado por muitos autores como sendo a charneira ideal para estabelecer o início de um tempo novo, uma espécie de madrugada da contemporaneidade portuguesa, ainda que a era proto-contemporânea se tenha simbolicamente iniciado com a Revolução Francesa, em 1789.

Esta será uma época de mudanças significativas: os salões literários e culturais começam a vulgarizar-se, surgem os ritmos inspirados nas danças trazidas do Brasil, de África, tenta-se a imitação da corte de Viena, de Paris, a ida aos teatros, a vida social e cultural começa finalmente a florescer fora das cortes palacianas. A florescer lentamente, é certo, encontrando obstáculos como a Inquisição, a vigilância da renovada

---

<sup>170</sup> Para uma visão de todo acerca do século XVIII e dos seus aspectos mais marcantes, como o pombalismo ou o Terramoto de 1755, veja-se: João Medina (dir.), *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, Volume VII: Portugal Absolutista, Amadora, Ediclube, 1993. Em relação a estudos mais específicos sobre Pombal e os efeitos do pombalismo a bibliografia é numerosa, contudo salientamos os seguintes: *Como interpretar Pombal?*, (Organizado por Manuel Antunes enquanto diretor da Revista Brotéria), Lisboa-Braga, Edições Brotéria/Livraria A. I., 1983; José Sebastião da Silva Dias, *Pombalismo e projecto político*, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1984; José-Augusto França, *Lisboa pombalina e o Iluminismo*, 3ª ed., [Lisboa], Bertrand, 1983; José Eduardo Franco e Annabela Rita, *O mito do Marquês de Pombal: A mitificação do Primeiro-Ministro de D. José I pela Maçonaria*, Prefácios de Zília Osório de Castro e de José António Ferrer Benimeli, Lisboa, Prefácio Editora, 2004.

polícia, a cidade ainda com pouco para oferecer em comparação a outras capitais europeias. Com efeito a responsabilidade desta lentidão dividia-se então equitativamente entre a demorada reconstrução urbana e, mais importante, a cultural.<sup>171</sup>

Contudo, o século XVIII português, na cidade de Lisboa, foi na sua maior parte passado na escuridão, com um curto interregno de 12 anos entre 1780 e 1792, o tempo que Pina Manique conquistou na batalha para iluminar a cidade. Depois disso, deposta a rainha por insanidade, dada a revolta popular contra o elevado preço do imposto sobre o azeite que tinham de pagar para ver as suas ruas iluminadas e a desresponsabilização do governo acabou por não viabilizar a continuidade dos lampiões e Lisboa volta às ruas escuras.

Assim, no último quartel do século XVIII a noite era, apesar dos esforços do Intendente, um território desconhecido e que favorecia a marginalidade e a insegurança dos poucos transeuntes, que, segundo relatos da altura<sup>172</sup>, estavam tanto sob suspeita como sob vigilância. Uma vez que ainda não existia polícia, apenas o serviço civil dos Quadrilheiros, os registos da criminalidade são esparsos e pouco rigorosos<sup>173</sup>. Além da criminalidade, o que mantinha as portas fechadas era acima de tudo o desconhecido. Os medos eram incutidos tanto por uma longa tradição pagã de atividades paranormais nocturnas<sup>174</sup>, como pela própria Igreja, em particular pela Inquisição, que no séc. XVIII ainda pontificava na influência popular, a par de outras instituições como a Intendência Geral da Polícia que fechava Portugal à influência estrangeira. Hernâni Cidade

---

<sup>171</sup> Iris Kantor, *Esquecidos & Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*, São Paulo, HUCITEC/Centro Estudos Baianos, 2004.

<sup>172</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *Os Livros de viagens em Portugal do séc. XVIII e a sua projecção europeia*, Biblioteca Breve, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

<sup>173</sup> Não existem estatísticas rigorosas de criminalidade antes do final do século XIX, antes disso as únicas fontes são a informação sobre os prisioneiros nos registos prisionais, ainda assim parca. (Cf. José Subtil, *O Vintismo e a Criminalidade 1820-1823*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1986).

<sup>174</sup> Ainda que não existisse tradição de Sabat ou de “caça às bruxas” em Portugal, como noutros países europeus, existiam medos e superstições igualmente consequentes no que diz respeito aos receios noturnos, principalmente no interior do país. Eram conhecidos relatos de bruxas noturnas que se reuniam em “assembleias”, “ajuntamentos”, “convêntulos” ou “reuniões” onde eram praticados rituais pagãos de orgias com outros humanos ou animais, cânticos ou metamorfoses estranhas. Cf. José Pedro Paiva, *Bruxaria e Superstição num país sem ‘caça às bruxas’ 1600-1774*, Lisboa, Editorial Notícias, 1997. Ou, numa perspectiva europeia mais abrangente, em que não é contemplado o caso português: Carlo Ginzburg, *História nocturna. Decifrando o Sabá*, 2.ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2007. *Vd.* também acerca do assunto o capítulo anterior deste estudo.

metamorfoza a reconstrução de Lisboa como uma reconstrução de Portugal, num ensaio de tom encomiástico a Pombal.

Um terramoto, seguido duma reedificação – a reedificação da cidade ideal da inteligência; e analogamente à de Lisboa, feita com moderna e arejada largueza, embora a compasso e régua, na uniforme subordinação a um rígido plano político-pedagógico.<sup>175</sup>

## **1. A cidade ruiu: o terramoto, a segurança e as mudanças na vida urbana.**

Ao longo de toda a história de Portugal a segurança foi iterativamente uma preocupação e um problema. No século XII, D. Afonso Henriques e o seu o país em devir já manifestava nas suas acções legislativas um cuidado com a paz urbana.

Várias tentativas foram feitas desde a primeira formação do reino de Portugal para afirmar a segurança pública das povoações, desde a instauração de funções como o Meirinho, passando pelas milícias concelhias, ao Alcaide-Mor e respectivo alcaide pequeno, contemplando também os Quadrilheiros e a Intendência Geral da Polícia já no séc. XVIII<sup>176</sup>. Esta inquietação com as estruturas de segurança pública existia em consequência de grande actividade criminal e violência na cidade, principalmente à noite. A verdade é que Lisboa, como a maior parte dos grandes aglomerados populacionais europeus, principalmente os portuários, teve sempre muitos problemas de criminalidade registados sobretudo nos documentos municipais e ordenamento do território e segurança.

Mas Lisboa era grande, animadíssima, com uma percentagem considerável de gentes ligadas ao mar e ao rio, de população flutuante, de estrangeiros; com a Corte, os seus fidalgos – e os criados desses fidalgos. Isto é, com um potencial de criminalidade muito mais elevado do que qualquer outra cidade

---

<sup>175</sup> Hernâni Cidade, *Ensaio sobre a Crise Cultural do século XVIII*, Lisboa, Editorial Presença, 2005, p.53.

<sup>176</sup> Cf. João Cosme, *História da Polícia de Segurança Pública. Das Origens à Actualidade*, Lisboa, Edições Sílabo, 2006 (cap. 1: “Os Primórdios da Polícia”). E também integrado numa obra mais generalista, mas muito bem documentada *vd.: Elementos para a História do Município de Lisboa*, 17 vols., Typographia Universal, Lisboa, 1882-1911.

ou vila, e com dificuldades acrescidas de controle. Havia o alcaide-mor, o alcaide-pequeno e os seus homens, o corregedor da cidade; um sistema de quadrilheiros ajudava a manter a segurança.<sup>177</sup>

Lisboa e o país conheceram um antes e um depois do terramoto, não só geográfica mas ideologicamente (Fig. 5). Até 1750 encontramos uma Inquisição fortificada ainda na sua posição Contra-Reforma, coroada pelas excentricidades e excessos do longo reinado de D. João V<sup>178</sup>. Alimentado pelo ouro vindo do Brasil, o monarca não olha a gastos para que a sua vontade seja cumprida. Assim empreende uma das maiores obras da monástica portuguesa: o Convento de Mafra. Segundo documentos da época<sup>179</sup>, há uma preocupação dos poderes centrais e locais em fazer alguns melhoramentos na cidade de Lisboa, particularmente no que diz respeito à segurança e iluminação públicas. Contudo, principalmente na primeira metade do seu reinado, o rei acaba por negar todos os pedidos (ou mesmo ignorar) uma vez que a construção do convento canaliza a maior parte do orçamento e é sem qualquer dúvida a sua prioridade. Não obstante, D. João V acaba por mostrar preocupação sobre a segurança e a iluminação na cidade de Lisboa e noutros pontos do reino, mas o seu reinado tão conturbado (a crescer ao seu estado de saúde que se foi deteriorando) impediu que passasse alguma medida à prática. Outrossim houve várias medidas, nas mais diversas áreas (nomeadamente reformas judiciais e ministeriais) que pelas mesmas razões ficaram por cumprir, sendo posteriormente levadas a cabo durante o reinado josefino.

É de assinalar, ainda assim, algumas das personagens mais importantes do século e que tiveram muito que ver (activa ou passivamente) com o que se realizou depois do terramoto. Um dos mais importantes será D. Luís da Cunha, cujo *Testamento Político* nos oferece uma leitura simultaneamente panorâmica e singular sobre a sua época – que veio mesmo a inspirar os liberais em 1820. Foi nessa obra que apresenta ao futuro rei a preocupação da escuridão e criminalidade da cidade bem como a solução que lhe parece mais acertada:

---

<sup>177</sup> Luís Miguel Duarte, *Justiça e Criminalidade no Portugal Medieval (1459-1548)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 374.

<sup>178</sup> Cf. João Medina, *op. cit.*

<sup>179</sup> Levantamento efectuado em: Francisco Ignacio dos Santos Cruz, *Notícia histórica da Iluminação da Cidade de Lisboa*, 1849, pp.22-121.

O 1.º [remédio] que me ocorre é o de se mandarem alumiar com lanternas todas as ruas de Lisboa, porque a obscuridade da noute facilita os roubos, as mortes e outros crimes [...] Assim se pratica em todas as grandes cidades de França e Inglaterra, Holanda, etc. E para esta despesa devem concorrer os moradores por ser para comodidade e sossego da sociedade comum;<sup>180</sup>

Como veremos adiante, esta será precisamente a solução que irá ser adoptada por Pina Manique, em 1780, pouco depois de chegar a Intendente, porém não livre de contendas. Entre as personalidades setecentistas mais marcantes, cumpre-nos também referir Luís António Verney, que, mais tarde sob a égide josefina e pombalina, e a par de outros pensadores como António Pereira de Figueiredo, Ribeiro Sanches ou Frei Manuel do Cenáculo irão contribuir ricamente para a reforma da educação<sup>181</sup>. Noutra vereda, o famigerado Cavaleiro de Oliveira que, entre os seus escritos deixou registo da sua opinião – partilhada de certa forma pelo P.º Malagrida<sup>182</sup> – acerca do terramoto: um castigo de Deus pelos excessos do poder e da Inquisição. Aliás o século XVIII foi o tempo de Portugal reflectir e avaliar a influência que a Igreja teve na sua história. Há mesmo quem, nesta altura, assinie polémicos textos que culpam a instituição pela longa *noite portuguesa*, onde se aglomera uma tapeçaria de acontecimentos desastrosos para o país: o tribunal inquisitorial, a expulsão dos judeus, a perda da independência, o terramoto, todos estes eventos constituíram absolutas catástrofes (económicas, morais, políticas) para o país, afundando-o paulatinamente abaixo da linha d'água europeia.

---

<sup>180</sup> *Testamento Político de D. Luís da Cunha*, prefácio e notas de Manuel Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1943, p. 49.

<sup>181</sup> Salientamos algumas das obras mais importantes dos autores referidos: Luís António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar: cartas sobre a retórica e poética*, Introdução e Notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Presença, 1991. Além de uma importante tradução dos livros da Bíblia, uma das mais importantes obras de António Pereira de Figueiredo é o *Novo Methodo da Grammatica Latina, para uso das eschololas da Congregação do Oratorio, ordenado e composto pela mesma congregação*, Lisboa, Offi. de Miguel Rodrigues, 1752. De Ribeiro Sanches, nomeamos, na área da educação, *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1922.

<sup>182</sup> O sacerdote jesuíta elaborou uma obra sobre a responsabilização da Corte e do pensamento pombalino pelo terramoto de Lisboa. Gabriel Malagrida, *Juizo da Verdadeira Causa do Terremoto que Padeceo a Corte de Lisboa no Primeiro de Novembro de 1755*, Lisboa, Officina de Manoel Soares, 1756.

## 1.1. 1 de Novembro de 1755: o regresso à noite medieval

O terramoto e consequente maremoto do dia 1 de Novembro de 1755<sup>183</sup> marcaram indelevelmente a cidade de Lisboa em diversos planos (Fig. 6). Obviamente na questão arquitetónica e urbanística, destruindo grande parte da cidade como ela existia até então, não tão obviamente no plano ideológico. Sebastião de Carvalho e Mello, então Ministro de D. José, viu neste infeliz acontecimento a oportunidade de reconstruir a cidade e as mentalidades de acordo com os ventos iluministas que sopravam da Europa. Involuntariamente, a reconstrução da cidade em particular e a acção pombalina em geral constituíram alguns dos passos mais importantes para a queda de um absolutismo que ainda se demorou no poder sensivelmente mais 65 anos<sup>184</sup>.

De certa forma pode dizer-se que o Marquês de Pombal trouxe algumas reformas à realidade portuguesa de então, reformas que se reflectiam em algum do pensamento setecentista – embora Pombal não fosse considerado um intelectual mas sim um político<sup>185</sup> – essas mesmas reformas não se reflectiram tão rapidamente nas ruas de Lisboa. Na segunda metade do século XVIII, a capital era um local com muitas ruínas e numa constante tentativa de reconstrução dos escombros deixados pelo terramoto. A vida nocturna era reservada apenas aos mais aventureiros, apetrechados com tocha e, principalmente, com espada. Segundo vários relatos de estrangeiros curiosos que visitavam a Lisboa pós-terramoto, descreviam a cidade como suja,

---

<sup>183</sup> Da bibliografia mais recente sobre o Terramoto de 1755 salientamos, a título de exemplo: Joaquim Boição e M.<sup>a</sup> de Fátima Barros (comp. e sel.), *1755 a memória das palavras*, Oeiras, CM de Oeiras, 2005; M.<sup>a</sup> João Pardal, *O Terramoto de 1755: a urbanização da nova Lisboa*, Lisboa, Sete Caminhos, 2005.

<sup>184</sup> Marquês de Pombal era um representante do chamado despotismo iluminado, um regime que apesar de autoritário e monopolizador, foi profícuo em medidas ousadas e progressistas. O regime absolutista em Portugal, ou Antigo Regime, foi oficialmente terminado com a Revolução Liberal de 1820, ainda que durante a primeira metade do século XIX tenham existido algumas revivências absolutistas. Cf. Kenneth Maxwell, *O Marquês de Pombal*, trad. De Saul Barata, Barcarena, Presença, 2004. Obra original: *Pombal. Paradox of Enlightenment*, Cambridge University Press, 1995. Jorge Borges de Macedo, *O Marquês de Pombal (1699-1782)*, Lisboa, BNP, 1982.

<sup>185</sup> Segundo Silva Dias, “Carvalho e Melo não tinha as preocupações nem as aspirações de um intelectual. O fulcro da sua sensibilidade era a política. Não se identificava com o cultural, o económico, o diplomático, o ideológico, o eclesiástico, enquanto valores em si mesmos, mas enquanto instrumentos de uma política nacional e global, vocacionada para o engrandecimento do País no concerto europeu e para o progresso da sociedade, à escala do interno português. A saída para um Portugal Maior pouco tinha a ver, na sua mente, com a revivescência do Passado. Consistia fundamentalmente, no repensar da nossa identidade e na operacionalização deste, impelindo-nos a um aproveitamento esclarecido das fontes e forças produtivas de que dispúnhamos e à portugalização possível dos novos horizontes intelectuais, sociais e estaduais da Europa.” José Sebastião da Silva Dias, *op. cit.*, p. 213.

perigosa e pobre<sup>186</sup>, à exceção das cortes e da nobreza evidentemente, que, apesar de não lhes ser apreciado grande luxo, viviam em muito superior qualidade de vida que o resto do povo<sup>187</sup>.

Se até meados do século XVIII foi possível efectuar alguns avanços na segurança para os habitantes da cidade, ainda que a criminalidade continuasse alta, com a fatalidade do terramoto de 1755, também a estrutura de segurança municipal se desmoronou precipitando a cidade num autêntico desastre social. A maior parte da cidade foi destruída e sob as ruínas, além dos cadáveres, estavam riquezas que os criminosos não tinham pejo em desenterrar ou simplesmente arrancar dos corpos entre outras desumanidades. Existem vários testemunhos oculares (escritos ou ilustrados) que chegaram até nós, descrevendo todo o cenário de terror que se vivenciou durante e após o terramoto. Citamos aqui um dos que nos parece mais pertinente, de um comerciante inglês, que chama atenção para o caos que se vivia e, ao mesmo tempo a urgência que as autoridades tinham em castigar na hora os criminosos: “Devo informar-vos de que alguns malfeitores, desde então executados por pilharem ruínas, confessaram ter deitado fogo a alguns locais da cidade de forma que facilitasse o seu plano de pilhagem.”<sup>188</sup> Erguiam-se patíbulo entre as ruínas para enforcar os criminosos enquanto ao mesmo tempo se tentavam ajudar os sobreviventes (Fig. 6).

A articulação entre os poderes central e local era difícil e a desordem pública tornou-se uma preocupação tão premente quanto a reconstrução da cidade. É neste contexto, pois, que é fundada a Intendência Geral da Polícia, com os alvarás de 25 de Junho e de 13 de Agosto de 1760<sup>189</sup>. Debalde as intenções pacificadoras, esta

---

<sup>186</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *Os Livros de viagens em Portugal do séc. XVIII e a sua projecção europeia*, Biblioteca Breve, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. Estes testemunhos de estrangeiros têm de ser considerados com o cuidado do contexto: eram na sua maioria aventureiros endinheirados que viam Lisboa como uma cidade exótica, a mistura por excelência entre a Europa e os outros mundos (África, Brasil, Oriente). Contudo, existem igualmente testemunhos de locais a atestar o estado lastimoso em que a cidade se demorou na segunda metade do séc. XVIII.

<sup>187</sup> Os mesmos viajantes estrangeiros que visitaram Lisboa criticavam, praticamente em unísono, a ostentação bacoca característica dos nobres portugueses. Cf. Castelo Branco Chaves, *op. cit.*, 1977.

<sup>188</sup> AAVV, O terramoto de 1755. *Testemunhos britânicos/ The Lisbon Earthquake of 1755. British Accounts*, Edição Bilingue, Lisboa, Lisóptimo Edições, 1990, p. 49. Salientamos também uma obra muito importante na percepção dos acontecimentos de 1755: AAVV, *Portugal Aflito e Conturbado pello Terramoto do anno de 1755*, Dir. Municipal da Cultura, Divisão de Gestão de Arquivos, Lisboa, CML, s.d.

<sup>189</sup> AN/TT, *Colecção de Leys, Decretos e Alvarás (...)*, tomo I, 1790. Documento transcrito em anexo.

instituição era sobretudo uma instituição do despotismo pombalino e a sua acção focou-se muito mais em perseguições políticas e controlo de entrada de estrangeiros do que propriamente na segurança pública. Segundo a documentação consultada das duas primeiras décadas de existência da Intendência Geral da Polícia, verificamos facilmente que os Editais e outros documentos oficiais ocupavam-se mormente da vigilância das movimentações de estrangeiros na corte, dos licenciamentos e, até, especificamente, de jesuítas<sup>190</sup>.

## 1.2. A segurança nas ruas: Quadrilheiros e outros vigilantes

Ao que foi possível apurar, a estrutura de segurança civil denominada Quadrilheiros, criada ainda no século XIV, teve várias oscilações ao longo do tempo e fraca adesão voluntária dos habitantes da “quadrilha” (bairro) por razões diversas: fraca remuneração, o perigo que representava e a falta de regalias oferecidas. Assim, depois de uma primeira *Lei de Criação dos Quadrilheiros (...)*<sup>191</sup> em 1383, foram feitas várias adaptações no sentido de conferir novas feições à actividade e efectivamente aumentar a segurança dos habitantes de Lisboa e das outras cidades. É também nesta mesma Carta de Lei que D. Fernando exprime pela primeira vez a preocupação com a iluminação das ruas, pedindo que sejam “alomeadas”, estabelecendo assim a relação contígua que existia obrigatoriamente entre segurança e iluminação e que durante os séculos seguintes foi desconsiderada: “teer candeas acesas toda a noyte, em g[u]isa que as ruas fossem alomeadas, por que por este os que mal fazem de noyte se cabidariam de andar

---

<sup>190</sup> A relação da administração pombalina com os jesuítas foi desde cedo polémica, tendo subido de tom depois do terramoto e, particularmente, depois do documento publicado pelo Padre Gabriel Malagrida, *Juízo da verdadeira causa do Terramoto que padeceu a corte de Lisboa no primeiro de Novembro de 1755* no ano seguinte ao desastre, em que o sacerdote jesuíta culpava os excessos e desmandos da administração e dos nobres por aquele que era nada mais que um castigo de Deus. Este confronto resultou na extradição do sacerdote para a cidade de Setúbal. José Eduardo Franco, *O mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (sécs. XVI a XX), vol. 1: das origens ao Marquês de Pombal*, Lisboa, Gradiva, 2006, pp. 415-420.

<sup>191</sup> *Lei de Criação dos Quadrilheiros para a Cidade de Lisboa* (12 de Setembro de 1383) inteiramente transcrita in *Elementos para a História do Município de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 1.ª parte, tomo V, Lisboa, 1891, pp. 407-409.



por a cydade”<sup>192</sup>. Lisboa esperaria debalde mais quatrocentos anos pela iluminação pública.

Uma das últimas reformulações do Regimento dos Quadrilheiros e a que julgamos ser a aplicada no século XVIII (por não haver informação em contrário) data a sua criação de 1603, baseada ainda nas Ordenações Manuelinas de 1521<sup>193</sup> e com posteriores reedições aumentadas de 1689 e de 1696.

Assim, sabemos que no final do século XVII e início do século XVIII os Quadrilheiros eram homens comuns, seleccionados pela sua idoneidade, para dar conta de ocorrências e prisões nas diferentes zonas da cidade. Eduardo Noronha, no seu estudo sobre o Intendente Pina Manique, descreve os Quadrilheiros da seguinte forma: “vinte freguezes em cada parochia devem acudir quando bradarem por eles [...] commette a estes a obrigação de rondar o seu bairro, pelo menos duas vezes por semana, e os alcaides todas as noites”<sup>194</sup>. Contudo, no Regimento dos Quadrilheiros, redigido já no domínio filipino (no dealbar do século XVII e depois reescrito no final do mesmo século, como referimos acima), percebemos uma maior complexidade na organização desta força de segurança urbana. O autor não deixa porém de sublinhar a relação complementar que existia nesta altura entre os Quadrilheiros e os Alcaides, que serviam não só para supervisionar aqueles como também para os substituir quando necessário. Posto isto, transcrevemos abaixo as partes do documento que consideramos mais pertinentes à compreensão desta função.

Dom Joam por graça de Deos Rey de Portugal, [...] Faço saber, que por justos respeitos, que a isso me movem, hey por bem, & mando, que nesta Cidade de Lisboa haja tambem Quadrilheiros, como ha nas mais Cidades, & Villas do Reyno [...]

Ey por bẽ, que o Presidente, Vereadores, & os mais Officiaes da Camera desta Cidade, que hoje são, & ao diante forem, fação, & ordenem os Quadrilheiros cada tres annos na maneyra seguinte. Dos Juises, que nella

---

<sup>192</sup> Documento transcrito nos Anexos a esta Dissertação (Anexo IV – Documentos). Mais informamos que mantivemos a grafia original na forma em que foram originalmente escritos.

<sup>193</sup> Instituição dos Quadrilheiros Municipais (15 de Março de 1521), Ordenações Manuelinas, Livro I, Título LIV, AN/TT. *Vd. Anexo IV – Documentos. Ver também Leys a que se refere a Policia*, súmula de vária legislação sobre os organismos da segurança desde o século XIV a XVIII, disponível em cópia pública, em linha ([www.bnp.pt](http://www.bnp.pt)).

<sup>194</sup> Eduardo de Noronha, *O Intendente antes de quebrar...: costumes, banditismo e policia*, Porto, Civilização, 1923, p. 44.

ouver da jurisdição da Cidade, escolherão em Camara os q mais desocupados forem, & melhor o puderem fazer, & lhe ordenarao, q todos em hũ tempo cõ hũ Escrivao dos que cõ elles servẽ, corrao as freguesias, que lhes forem assinadas, & em cada uma delaas escolherao homẽs, a que se tenha respeito, & os que mais continuos, & residẽtes forem em suas casas, por razao de seus officios, a que forao Quadrilheiros, para servirem por tempo de tres annos, & a cada hũ delles entregarao hũa vara pintada de verde com as Armas Reaes, & assi o Regimento do dito cargo, & lhe darao juramento sobre os Santos Evangelhos, para que bem, & verdadeiramẽte com toda a diligẽcia possivel cumpraõ, & guardem o que no dito Regimento lhe está encarregado [...] & lhes nomearao logo vinte vizinhos, que para isso forem mais suficientes, aos quaes notificaraõ, que em qualquer hora de dia, ou de noite, que forem requeridos pelos ditos Quadrilheiros, lhe acudao com suas armas, & acompanhem, & ajudem a prender os malfeytores;<sup>195</sup>

Assim, por meio deste documento oficial, compreendemos que os Quadrilheiros em setecentos eram civis arregimentados em ciclos de três anos, sob juramento, que prestavam serviços de vigilância na sua “quadrilha” ou bairro, podendo mesmo efectuar prisões. A estes “oficiais” eram dadas como arma uma “vara pintada de verde com as Armas Reaes” (Fig. 7) e também a função de nomear “vinte vizinhos” da mesma “quadrilha” que impreterivelmente lhes servirão de auxílio quando chamados. Deste modo, verificamos que os “vinte freguezes em cada parochia” que encontramos no texto oitocentista de Eduardo Noronha<sup>196</sup> referem-se aos adidos civis dos Quadrilheiros e não à força arregimentada em si.

Outra das funções desta força de segurança, além da intervenção quando algum incidente ocorria, era outrossim a da prevenção. A descrição no Regimento é muito clara em relação a este aspecto, os Quadrilheiros devem estar atentos a todas as irregularidades presentes no seu bairro e, se julgarem pertinente, reportá-las.

E assi terao muito cuidado de saber se em suas quadrilhas ha algũs barregueiros casados, ou casas de alcouce, ou alcoviteyras, ou feiticeyras, ou casas de tabulagem de jogo, ou em q se recolhao furtos, ou se agasalhem ladrões & homẽs de má fama, ou vadios, para o q visitaraõ as estalagẽs, & tavernas de suas quadrilhas, & se vivem em suas quadrilhas mulheres, que para fazer mal de si recolhem publicamẽte homẽs por dinheiro, ou que estao

---

<sup>195</sup> *Regimento dos Quadrilheiros*, 12 de Março de 1603, Officina de Miguel Menescal, 1696. Documento transcrito no Anexo IV - Documentos.

<sup>196</sup> Eduardo de Noronha, *op. cit.*, p. 44.

infamadas de fazer mover outras mulheres com beberagões, ou por qualquer outra via;<sup>197</sup>

Era portanto feito uso da sua familiaridade no bairro, de que eram habitantes comuns, para detectar actividades subversivas, qualquer que fosse a sua natureza, sendo dadas claras instruções no sentido de denunciá-las ao respectivo Juiz Corregedor.

Uma vez que as “quadrilhas” realizavam as suas vigias essencialmente à noite, eram também apelidados de “nocturnos”, “sisudos” ou “morcegos”<sup>198</sup>. Estas denominações populares são essencialmente do século XVII e XVIII já que nos séculos anteriores os Quadrilheiros muitas vezes solicitaram não prestar o serviço nocturno precisamente pelo perigo que representava (sendo sempre que necessário substituídos pelos alcaides-menores nesse serviço).

A insegurança, de qualquer modo, sentia-se e ficou registada em muitos dos testemunhos da altura, portugueses ou estrangeiros. Giuseppe Gorani, um então jovem diplomata e aventureiro italiano, descreve um episódio que nos parece digno de registo: passeava ao entardecer no Rossio quando é atraído por uma alcoviteira para um bairro pobre nas imediações, onde, depois de ter passado a noite com uma prostituta, sofre uma tentativa de assalto e é obrigado a fugir pelas ruas de Lisboa apenas com a casaca vestida<sup>199</sup>. Trata-se de um episódio caricato, mas ao que parece bastante comum na época. Existiam mulheres especialmente encarregadas de ir, principalmente à noite, às zonas mais nobres da cidade atrair homens endinheirados para os alcouces situados nos bairros mais escusos da capital, estratégia que tinha como objectivo final, além do comércio sexual, um assalto que poderia terminar tragicamente.

Outro dos rituais nocturnos tipicamente setecentista, acirrado pelas superstições trazidas pelo terramoto, seria uma espécie de oração comunitária, em alguns bairros de Lisboa, ao início da noite, em que as pessoas se colocavam no solar da sua porta, com uma candeia acesa, rezando um terço durante aproximadamente uma hora. Era uma das poucas horas nocturnas em que havia luz para iluminar o caminho

---

<sup>197</sup> *Regimento dos Quadrilheiros*, 12 de Março de 1603, Lisboa, Officina de Miguel Menescal, 1696.

<sup>198</sup> A. de Oliveira, “Quadrilheiro” (Verbete) in João Bigotte Chorão (dir.) *Verbo Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Lisboa, Verbo, Ed. Séc. XXI, vol. 24, p.458.

<sup>199</sup> Giuseppe Gorani, *Portugal – a corte e o país nos anos 1765 a 1767*, Tradução e notas de Castelo Branco Chaves, Lisboa, Lisóptima, 1989, pp. 69-73.

nas ruas da cidade. Charles Dumouriez, outro dos visitantes estrangeiros da Lisboa pós-catástrofe, descreve este ritual, que parecia ser uma espécie de tréguas entre o povo e os criminosos, já que logo em seguida a cidade mergulhava na bizzarria habitual.

As ruas de todas as cidades estão repletas de imundíces, havendo apenas algumas luzes nas casas de algumas madonas [ou seja, prostitutas]. São ruas pouco seguras de noite e infectadas por todos os cães que dormem fora e que passam as noites a ladrar; [...] Cerca das oito horas da noite, no Inverno, todos os burgueses e o povo permanecem no limiar das suas portas a recitar o rosário numa espécie de pleno canto; este alarido dura uma hora, após a qual as ruas são inundadas de ladrões, de penicos, de cães e de pessoas de justiça.<sup>200</sup>

Este militar francês, no seu diário do ano de 1766 que passou em Portugal, descreve um pouco de todos os aspectos da sociedade portuguesa e despande alguma prosa sobre a segurança e o policiamento na cidade. A sua opinião geral é a de que estamos em larga escala atrasados comparativamente a França, por exemplo, e critica, já no campo político, a forma como nos deixamos manipular pela Inglaterra a quem há muito de certa forma entregámos a soberania. Valerá a pena transcrever a passagem dedicada aos quadrilheiros, apesar de não ser esse o nome usado.

Os polícias, que são numerosos, andam em grupos de quinze ou vinte, armados com as suas longas espadas, que apresentam nua na frente dos transeuntes, interrogando-os de maneira a assustá-los. Este grupo de polícias não é temido pelos malfeitores e é pouco estimado pelo ministro, que coloca em Lisboa patrulhas em todos os bairros com a sua guarnição, que é sempre de quatro ou cinco mil homens. Uma parte das desordens é causada pela quantidade de negros e mestiços, que andam em Lisboa em cerca de 150 mil, pela miséria do povo e pela facilidade de se esconderem nas ruínas ainda subsistentes e impenetráveis desta infeliz cidade.<sup>201</sup>

Nesta passagem ele chama a atenção para vários factores que impossibilitam a manutenção da tão cobiçada “paz urbana”. Em primeiro lugar, os Quadrilheiros, apesar de serem muitos e armados com intimidantes “longas espadas” parecem apenas atemorizar os transeuntes inofensivos e não os malfeitores; a quantidade excessiva de “negros e mestiços” – naturalmente, sendo Lisboa cidade portuária e de comunicação entre África e Brasil – é também apontada por Dumouriez como uma ameaça à segurança, já que várias vezes ao longo do seu diário ele os caracteriza como não sendo

---

<sup>200</sup> Charles François Dumouriez, *O Reino de Portugal em 1766*, Introdução de António Ventura, 1.<sup>a</sup> edição, Col. Memórias de Viagem, Lisboa, Caleidoscópico, 2007, p. 123-24.

<sup>201</sup> Charles François Dumouriez, *op. cit.*, p. 123-24.

de confiança; a miséria do povo é igualmente ameaçadora, pois estes, vendo-se sem recursos, muitas vezes acabam por roubar; e, por último, o estado de sítio em que a “infeliz cidade” ainda se encontrava, um década depois do terramoto.

De forma mais indirecta, mas igualmente preponderante, contribuía a justiça para o sentido agudo de insegurança que grassava a cidade. Dumouriez critica toda a organização de juízes a nível nacional, multiplicados *ad nauseam* em tribunais que condenavam praticamente sem provas e quase por encomenda. A manutenção dos condenados na prisão era sem qualquer participação do governo (passavam fome e perdiam quaisquer direitos) e de certa forma aleatória, já que muitas vezes se perdiam os registos das penas.

As prisões são o alojamento da barbárie e do desespero; é-se muito arruinado se se é inocente; arruinado e absolvido se se é culpado. A impunidade do crime alenta. Vi, em Lisboa, um empregado assassinar o seu camarada em pleno dia, no meio da rua, retirar-se friamente com a sua faca na mão, ser conduzido para a prisão rindo e sair alguns meses depois para exercer o ofício de carrasco.<sup>202</sup>

Acima de tudo viviam-se tempos de transição. O reinado de D. José e o despotismo esclarecido de Pombal estavam a tentar reformular Portugal em praticamente todas as áreas, a Justiça, a Educação, o Urbanismo, a Igreja, entre outros campos igualmente fulcrais. No entanto, o sistema vigente era o Antigo que resistia teimosamente – com as suas rijas arestas pétreas ainda por limar – ao encaixe das reformas das Luzes<sup>203</sup>.

---

<sup>202</sup> Charles François Dumouriez, *op. cit.*, p. 125.

<sup>203</sup> Sobre este assunto, vale a pena relembrar as palavras de António Rosa Mendes: “Os Pirinéus não passam de uma fronteira física, mas podem também figurar, no contexto que referimos, uma fronteira cultural entre dois mundos distintos. Transpô-los para norte era como entrar num outro continente. A mutação de inteligência aí ocorrida no século anterior, sob o impacte da revolução científica, não tivera correspondência na Península Ibérica. Aqui – e particularmente em Portugal, o país mais ocidental e, logo, mais periférico – dominavam, no campo do saber, o discurso, os conteúdos e os métodos da escolástica legada pela Idade Média.” António Rosa Mendes, “Estrangeirados e Exilados do Iluminismo português” in João Medina (dir.), *op. cit.*, p. 423.

### **1.3. A Intendência Geral da Polícia e a luta de Pina Manique contra a noite.**

De modo geral, toda a questão legal sofreu grandes alterações durante o reinado josefino, afirmando simultaneamente o despotismo iluminado de Pombal e permeabilizando-se às influências iluministas europeias. Dentro deste programa, prioriza-se o carácter pedagógico que a lei deveria fazer substituir ao exclusivamente punitivo. Assim, eram publicados autos explicativos de todas as leis, informando sobre os benefícios que a sua aplicação poderia ter. Há pois uma preocupação com a compreensão que o povo tem ou não da lei e dos meandros da sua aplicação na sociedade. Daqui advém a multiplicação de editais, os prólogos às leis, a conteúdos paralelos aos textos legais que servem apenas para a edificação do cidadão. Nas palavras de António Hespanha, “A própria lei se torna agora, também ela, num instrumento de propaganda” apostando muito mais, pelo menos em teoria, na prevenção do crime do que na ameaça da punição, através da publicitação da “bondade do governo, o melhoramento dos costumes, a reforma da educação, o cultivo das artes e das ciências, a extirpação da mendicidade, a polícia da sociedade”<sup>204</sup>, *et coetera*. Acresce a vontade e a oportunidade de reerguer e reestruturar a sociedade lisboeta e, contiguamente, a portuguesa depois da catástrofe do terramoto de 1755.

Como referimos anteriormente, os objectivos iniciais da instituição da Intendência Geral da Polícia prendiam-se mais com um controlo político do que propriamente com a segurança pública, conforme se comprova no seu edital de formação (Fig. 9).<sup>205</sup>

O programa original da instituição foi cumprido por Pina Manique, quando tomou posse como Intendente Geral em 1780, não obstante, tentou também levar a cabo, além das anteriores, novas medidas de segurança, como o aumento do policiamento (que demorou vinte anos) ou a iluminação da cidade e a reforma da higiene pública.

---

<sup>204</sup> António Manuel Hespanha, “A Punição e a Graça” in José Mattoso (dir.) *História de Portugal. Vol. 4: O Antigo Regime* (coord. António Manuel Hespanha), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, p. 254.

<sup>205</sup> *Alvará com força de lei que estabelece a polícia e a paz pública da Corte e do Reino, criando o cargo de Intendente Geral com ampla jurisdição privativa*. 1760-06-25. ANTT - Cota: Portugal, Torre do Tombo, Leis e Ordenações, Colecção de Leis, mç. 6 n.º 25. *Vd. Anexo IV – Documentos*.

Assim, é no seguimento do contexto deixado pelo governo pombalino, já no reinado de D. Maria I<sup>206</sup>, que surge a figura de Diogo Inácio Pina Manique<sup>207</sup>, o homem que trouxe a iluminação pública às ruas de Lisboa. Nomeado Intendente-Geral da Polícia<sup>208</sup> em 1780, depois de uma carreira administrativa assinalável, ocupando no seu percurso vários postos de chefia. Embora tenha sido nomeado para este cargo já no reinado de D. Maria I, ou seja, depois da era pombalina, Pina Manique havia colaborado com o estadista e era um admirador e seguidor de muitos dos seus ideais, principalmente na sua vertente mais conservadora. Ainda hoje é relembrado, a par da sua obra pela sociedade lisboeta, o seu carácter intransigente, repressivo e disciplinado<sup>209</sup>, que levou ao calabouço vários intelectuais e obrigou ao exílio outros tantos, na maior parte das vezes por o Intendente se escusar a aceitar as florescentes ideias liberais, as formações maçónicas ou os importados jacobinos<sup>210</sup>. A título de

---

<sup>206</sup> Depois da morte de D. José em 1777, Pombal é demitido de funções e refugia-se na sua quinta de Pombal, não interferindo mais na vida pública portuguesa. Segue-se o reinado de D. Maria I, que despede a maior parte dos ministros josefinos, reestabelece e pacifica as relações da coroa com a Igreja e a Inquisição e liberta alguns presos políticos de Pombal (os sobreviventes da família dos Távoras entre eles). A este período se chama a *Viradeira*, uma espécie de regresso a uma linha conservadora contrariada por Pombal. Sobre este assunto, entre outras obras, vide: Hernâni Cidade, *Cultura Portuguesa: Reinado de D. Maria I, Invasões Francesas e retirada da Corte para o Brasil, A acção reformadora de D. Maria I, Novas academias, As Artes Plásticas e a Música*, S. l., Empresa Nacional de Publicidade, 1974.

<sup>207</sup> Diogo Inácio de Pina Manique (3.10.1733 – 30.06.1805). Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra iniciou a sua carreira como juiz do crime do Bairro do Castelo. Foi depois Superintendente-Geral dos Contrabandos e Descaminhos dos Reais Direitos, provedor das Alfândegas e feitor-mor das do Reino. Em 1776 mandou realizar o primeiro censo à população portuguesa. Nomeado em 1780 Intendente-geral da Polícia da Corte e do Reino, com poderes excepcionais, devotou-se ao engrandecimento de Lisboa, com a construção do Teatro de São Carlos, a instalação da iluminação pública e de um corpo de polícia, extinguindo a aviltante mendigagem que em chusma perseguia os caminheiros. Levou a rainha D. Maria I a fundar a Casa Pia e a Casa da Força no Castelo de São Jorge. Cf. Joel Serrão (coord.) *Dicionário da História de Portugal*, Volume IV, Porto, Figueirinhas, s.d., p. 153-4; F. A. d'Oliveira Martins, "Pina Manique" in Bigotte Chorão (coord.), *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Edição séc. XXI, p.1107. Sobre Pina Manique, vide: Adérito Tavares e José dos Santos Pinto, *Pina Manique: um homem entre duas épocas*, Lisboa, Casa Pia de Lisboa, 1995. E também: Maria Margarida Correia Biléu, *Diogo Inácio de Pina Manique, Intendente Geral da Polícia: inovações e persistências*, Tese de Mestrado em História Cultural e Política apresentada à Universidade Nova Lisboa, 1995.

<sup>208</sup> Sobre os aspectos mais preponderantes da história da Intendência-Geral da Polícia ver o artigo de Maria Alexandre Lousada, "A new grammar for urban space: the police and the city – Lisbon 1760-1833" (disponível em linha em [www.academia.edu](http://www.academia.edu) em Dezembro de 2015).

<sup>209</sup> Existem vários documentos de autores portugueses que dão conta do carácter obstinado de Pina Manique, no entanto vale a pena apontar o testemunho do alemão Heinrich Friederich Link, por volta de 1800: "Não seria de admirar se eu dissesse muito mal de Dom Diogo, das suas prisões injustas, da forma horrenda como os presos são tratados, mas quero apenas adiantar isto, para mostrar que Diogo não é popular." In Heinrich Friederich Link, *Notas de uma viagem a Portugal através de França e Espanha (1800)*, Lisboa, BN, 2005, p. 123.

curiosidade, o escritor José Rodrigues Miguéis fez mais tarde uma apreciação deveras sucinta (e por isso incompleta) do percurso do Intendente: “Quem foi, que fez Pina Manique? O Intendente Pina Manique acendeu a luz das ruas e apagou as dos espíritos”<sup>211</sup>. Esta frase aforística surge na intenção de uma clara referência e crítica ao autoritarismo que imprimiu nas suas actuações públicas e políticas e, simultaneamente, ao tom do reinado de D. Maria I, que “apagou as Luzes” supostamente acesas pelo reinado josefino.

De entre as funções que a Intendência Geral da Polícia chamava a si, a segurança e a iluminação eram as que Diogo Pina Manique julgava intensamente relacionadas e igualmente necessárias à prossecução das melhorias que desejava ver surgir na cidade. “Nas noites em que a lua levemente doirada não espargia sobre a capital [...] Lisboa convertia-se no tablado de crimes sanguinários, de assaltos, de assassinos, de roubos, de violações, de ferimentos.”<sup>212</sup>, lemos num testemunho mais tardio sobre o final do século XVIII. Desde que ocupou o cargo de Intendente Geral que reclamou a necessidade de iluminar Lisboa à noite, e desde os primeiros tempos encontrou resistência às suas ideias. As razões para resistir eram variadas, a principal era o custo elevadíssimo do azeite que serviria de combustível aos candeeiros. Como se o erário público não permitisse tal despesa, a solução foi cobrar o valor à população sob a forma de imposto que podia ser pago ora em numerário ora em quartilhos de azeite. Assim se iniciou pela primeira vez a iluminação pública em Lisboa, simbolicamente no dia 17 de Dezembro de 1780, aniversário de D. Maria I, com 774 candeeiros de azeite acesos pela cidade em honra da rainha. A notícia é anunciada na *Gazeta de Lisboa* dois dias antes do acontecimento:

Por hum Edital do Intendente Geral da Policia, que se acha fixado nos lugares públicos desta capital, se faz saber, que as principaes ruas della serao illuminadas desde o dia 17 deste mez. S. M. houve por bem fazer a despeza

---

<sup>210</sup> Por exemplo, D. Leonor de Almeida (Marquesa de Alorna), libertada por D. Maria I do cativoiro a que Pombal remeteu toda a sua família, foi mais tarde impedida de entrar em Lisboa por Pina Manique, devido às ligações do seu irmão, Pedro de Almeida, com os franceses. Cf. Vanda Anastácio, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio, 2009.

<sup>211</sup> José Rodrigues Miguéis, *Aforismos&Desaforismos de Aparício*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p.35.

<sup>212</sup> Eduardo de Noronha, *O Intendente antes de quebrar...: costumes, banditismo e policia*, Porto, Civilização, 1923, p. 45.



dos lampiões e cada morador das ruas, em que elles serão postos, deverá contribuir com hum quartilho d'azeite em cada espaço de 27 dias.<sup>213</sup>

Conforme a notícia, foram colocados os lampiões às expensas do erário público, no entanto o combustível terá de ser pago pelos moradores das ruas iluminadas, a cada 27 dias. Esta medida agradou menos do que enfureceu a maior parte dos moradores: o número de candeeiros era insuficiente, a luz era fraca e o azeite era bastante caro, daí existirem desde logo vários aparelhos vandalizados, acabando assim de vez com a indesejada despesa.

De qualquer forma, a cidade de Lisboa, apesar da iluminação a azeite continuava a conter grande criminalidade, não faltando testemunhos sobre a insegurança das ruas, como sublinha a seguinte passagem.

Em 25 de janeiro de 1783 trava-se uma batalha campal entre a ladroagem e os officiaes da justiça. Um pobre homem é assassinado junto à Boa Hora, na rua nova do Almada. Trocam-se tiros. A quadrilha, desaforada, apavora os habitantes, todas as noites. (...)

O desassocego atinge taes proporções que maldizendo as auctoridades, os ministros, a soberana, os habitantes só sahem para a rua armados até aos dentes, acompanhados de creados a pé e a cavallo.<sup>214</sup>

Todavia, a solução para a criminalidade não passaria apenas pela iluminação. Ainda antes de conseguir que a iluminação pública fosse instalada, o Intendente Geral debatia-se concomitantemente com o ordenamento do território, pois mesmo em 1780, subsistiam na cidade várias consequências do terramoto. As ruínas e escombros que foram sendo empurrados para fora do centro da cidade, para dar lugar às obras e reconstruções, formaram uma espécie de subúrbios indesejados onde vários marginais encontraram abrigo. Tratava-se de abrigos licenciados, mas que rapidamente entraram em descontrolo. Sobre essa questão versa o seguinte excerto de uma carta do próprio Intendente.

Vejo-me na indispensável obrigação de expor a V/ Excelência que há três anos a esta parte se tem concedido licenças para se erigirem Barracas nos entulhos, e sítios mais desertos desta corte, que só servem de acomodação a mulheres prostitutas, vagabundos e ladroes, que alugao aos meses, semanas,

---

<sup>213</sup> *Suplemento a Gazeta de Lisboa*, número L, Com Privilegio de Sua Magestade. Sesta feira 15 de Dezembro de 1780. (disponível em linha em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>).

<sup>214</sup> Eduardo de Noronha, *O Intendente antes de quebrar...: costumes, banditismo e policia*, Porto, Civilização, 1923, p. 103.

causando gravíssimo escandollo, e temor aos habitantes das vizinhanças em que as mesmas barracas estão erectas e ocupadas por aquella qualidade de gentes [...] <sup>215</sup>

Posteriormente pede licença para a intervenção da Intendência para a expulsão das gentes e conseqüente demolição das ditas barracas. As razões apresentadas são tanto a moralidade daquela zona da cidade, como o facto de tais construções prejudicarem os construtores ou os donos de propriedades em Lisboa. Além das preocupações urbanísticas e de propriedade que preocupavam o Intendente, há também a questão da moralidade, preocupação tão ou mais frequente na vasta documentação que deixou. Uma vez que controlava também os trânsitos portuários, particularmente a importação de produtos vários estrangeiros, não é raro depararmo-nos com advertências ou pedidos de proibição real à circulação de determinados objectos ou publicações, sobretudo se atentassem contra a moral e os bons costumes.

Tendo chegado ao Real Conhecimento da Rainha Minha Senhora com toda a positiva certeza, que nesta cidade de Lisbôa e fora della se chegam a expor à venda publica caixas e outros trastes, com pinturas licenciozas, e até obscenas, que, passando da offensa dos costumes chegam a vulnerar a Religião, não podem tolerar-se nem permittir-se de maneira alguma [...] <sup>216</sup>

Tudo, n'essa epocha, se tornava suspeito; os livros, as palestras, os laços os penteados, os desenhos das caixas do rapé, os botequins, as reuniões musicaes, qualquer d'essas coisas, enfim, bastava para acirrar a actividade das *Moscas*, como se designavam então os espiões do Intendente. <sup>217</sup>

Os chamados “Moscas” eram cidadãos civis recrutados por Pina Manique para estarem presentes (à paisana) em locais mais propensos a imoralidades ou

---

<sup>215</sup> AN/TT, Intendência Geral da Polícia, Maço 1, Caixa 1, Doc. N.º41 – 31 de Maio de 1780.

<sup>216</sup> AN/TT, Intendência Geral da Polícia, Maço 1, Caixa 1, Doc. N.º201 – 27 de Janeiro de 1795.

<sup>217</sup> Olga Moraes Sarmiento da Silveira, *A Marqueza de Alorna (Sua influência na sociedade portuguesa) 1750-1839*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1907, p. 80. Sobre a preocupação de Pina Manique com a moralidade e bons costumes há diversos testemunhos, históricos e literários. A correspondência de Leonor de Almeida ou de Bocage, dois perseguidos pelo Intendente, são reconhecidos activos históricos, mas como testemunho literário sugerimos o conto “O Passeio Público” inserido no livro *O amor em Portugal no século XVIII*, de Júlio Dantas, de que transcrevemos uma parte: “Nuas como a senhora Vénus - explicava o Corregedor com uma fraldinha de entre-nalgas, transparente como um roquete de Bispo, um chapéu de plumas na cabeça à moda da Zamperini, e um par de anéis nos dedos dos pés, maiores do que todos os que os Doutores de Coimbra traziam nos dedos das mãos! E enquanto as figuras passavam, folheadas pelo fúnebre ministro do bairro, uma a uma, - Pina Manique, apoplético, rubro, esbugalhando os olhos, fungando indignação e rapé, atirava murros á mesa, arrepelava o rabicho da cabeleira, empunhava, a tremer de furor católico, o seu óculo, enorme de punho de oiro.” Júlio Dantas, *O amor em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Livraria Chardon de Lello e Irmãos Editores, 1916. Este livro foi primeiramente publicado em fascículos, em 1915, no jornal *A Capital*.

ambientes de discussão política de oposição à família real. Pelo que pudemos apurar em alguns testemunhos diarísticos da altura, estes agentes não coincidiam com os Quadrilheiros, já que esses circulavam identificados. Um dos locais vigiados era o Botequim das Parras, ao Rossio, local de romaria nocturna frequentado por poetas e outra intelectualidade lisboeta, onde Bocage era um dos maiores suspeitos dadas as traduções que fazia da perniciosa língua francesa. Além disso, cirandavam estes agentes por Lisboa, junto às residências das pessoas já identificadas, averiguando as suas rotinas, registando as reuniões e assembleias.

Neste controlo da moralidade social da cidade contava Pina Manique com a ajuda do Tribunal da Inquisição, que além da perseguição de judeus ou de heréticos elementos da Igreja, assumiam também o papel de policiar as publicações com o seu *Imprimatur*. O poeta sadino Bocage, por exemplo, foi uma vítima da associação destes dois poderes, afrontando um e outro com as suas ideias libertinas e libertárias, demasiadas para o seu tempo.

A 22 de Março de 1798, Bocage deu entrada no Hospício das Necessidades, em regime de vigilância apertada, sem poder, segundo ofício de Pina Manique, "sair fora sem nova ordem, nem comunicar com pessoa alguma de fora, à excepção dos Religiosos Conventuais [...], andando em liberdade no mesmo Hospício, sem que venha abaixo às Portarias e à mesma Igreja, e nas horas de recreação poderá ir à Cerca na companhia dos Religiosos e Conventuais e assistir no Coro a todos os ofícios".

"[...] O Príncipe nosso Senhor espera que com estas correcções que tem sofrido tornará em si e aos seus deveres, aproveitando os seus distintos talentos com os quais sirva a Deus nosso Senhor, a S. Majestade e ao Estado, e útil a si, dando consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, que o vejam entrar em si verdadeiramente, abandonando todos os vícios e prostituições em que vivia escandalosamente."<sup>218</sup>

Além de Bocage, outros poetas foram alvo de vigilância e mesmo de efectiva prisão, tanto por parte da IGP como por parte da Inquisição, forças que trabalhavam muitas vezes em conjunto na perseguição da imoralidade. São exemplos dessas perseguições Filinto Elísio e José Anastácio da Cunha.

Encarcerado em 1778, foi obrigado a participar, descalço e de sambenito vestido, numa procissão de penitência. A grave acusação feita a José Anastácio da Cunha incidia sobre as suas afirmações heréticas contra a fé

---

<sup>218</sup> Daniel Pires, *Exposição biobibliográfica comemorativa dos 230 e dos 190 anos do nascimento e da morte de Bocage*, Setúbal, C.M.S., 1995.

católica. Foi muito lido e comentado no tempo um texto cuja autoria se lhe atribui, embora com reservas, intitulado *A Voz da Razão* (...) em que o poeta põe em causa a certeza das convicções religiosas.<sup>219</sup>

Na viragem do século, o poder de Pina Manique é reforçado com a criação da Guarda Real da Polícia em 1802 e com o regresso da iluminação pública. Morre em 1805, o que, para o seu génio antigalicista, de certa forma o favoreceu pois foi antes de testemunhar as invasões lideradas por Napoleão.

Já mais tarde, no início do séc. XIX com as Invasões Napoleónicas e o apoio dos ingleses, a cidade (e o país) enche-se de militares, e o que começa por ser uma medida de segurança contra a ofensiva francesa, acaba por contribuir para a instabilidade da capital: “No plano interno, muitos soldados, vadios e milicianos deslocaram-se para Lisboa, agravando ainda mais a conflitualidade existente. Os soldados tornaram-se, grande parte das vezes, factor de aumento da criminalidade, agentes de contrabando e cúmplices de ladroagem.”<sup>220</sup>.

Em suma, a Intendência Geral da Polícia ficou indelevelmente ligada ao nome de Diogo Inácio Pina Manique e à sua obra em Lisboa, tanto negativa como positivamente. A criação da Casa Pia<sup>221</sup> e a iluminação são louvores irrefutáveis, já as prisões políticas, os exílios, os editais proibitivos a tentar estabelecer uma nova ordem pública eram criticados pelos coros populares e não só. Todavia, a fama prevaleceu e cresceu, como comprova o seguinte excerto de uma obra já aqui referida de Júlio Dantas:

Esse milagre, que ninguém fizera, fê-lo em 1780 um homem gordo, plácido, metódico, que apareceu um dia na corte com o hábito de Cristo ao pescoço e o Tratado de Polícia de Willebrand debaixo do braço: o Intendente Diogo Inácio de Pina Manique. Como? Levantando forcas? Derramando sangue? Não. Muito simplesmente: iluminando a cidade.

---

<sup>219</sup> Rómulo de Carvalho, *O texto poético como documento social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 275.

<sup>220</sup> Luz Soriano, *História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal compreendendo a história diplomática militar e política d'este reino desde 1777 até 1834*, 19 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1866-1890, tomo II, 1867, pp. 339-340.

<sup>221</sup> Sobre a fundação e objectivos da Casa Pia de Lisboa, veja-se: Margiochi, Francisco Simões, *A Real Casa Pia de Lisboa: 1780-1895. Notícia da Sua Fundação, História, Fins e Organização Actual*, Lisboa, Typ. Portuense, 1895.

Nesse dia, o terror da rua-suja acabou.<sup>222</sup>

Descrito o quotidiano selvático da Alfama setecentista, pleno de gumes afiados, homens embuçados e emboscadas em becos escuros, eis que surge o salvador para terminar com o terror da escuridão. Assim descreve Júlio Dantas, mas a verdade é que a criminalidade decresceu muito subtilmente nos primeiros vinte anos de exercício do Intendente Pina Manique, tendo mesmo chegado a aumentar no período em que foram apagados os lampiões de azeite. O impacto de todas as suas medidas só se fez sentir com maior agudeza já no séc. XIX, em 1802, com o regresso da iluminação e com a criação da Guarda Real da Polícia. Como provam as parcas estatísticas existentes e alguns testemunhos da altura dá-se uma mudança visível na segurança da cidade.

## **2. As mudanças na sociabilidade urbana durante o séc. XVIII.**

Durante o século XVIII, no caso português principalmente na segunda metade, operaram-se grandes mudanças a nível de instituições, de costumes, e até no próprio homem e na sua relação com a sociedade. Contudo, foi essencialmente na rua e na organização urbana e social que se espelharam as maiores ambições. A verdade é que Lisboa vivia ainda num fechamento quase monástico em relação às influências estrangeiras, sendo estas encaradas como diabólicas por uns e libertadoras por outros. Todavia, Lisboa era, acima de qualquer edital ou despacho, uma cidade portuária e, logo, permeável ao contacto com o mundo. As influências vão chegando discretamente, seja na forma de vestir, nas danças, nos livros ou na música. Em vários documentos encontramos as novidades a dar cor ao habitual cinzento ditado pela Inquisição e pelos conservadores do Antigo Regime<sup>223</sup>.

Com o terramoto de 1755 surgiu a necessidade da reconstrução da cidade e com a mudança urbana deu-se a transformação social. Os espaços reorganizaram-se, o

---

<sup>222</sup> Júlio Dantas, *O amor em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Livraria Chardon de Lello e Irmãos Editores, 1916.

<sup>223</sup> Sobre o Antigo Regime em Portugal, nomeadamente as transformações ocorridas na transição para o século XIX, vide: Albert Sibert, *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977; ou ainda, de uma perspectiva mais social: Nuno Gonçalo Monteiro, *Elites Locais e Mobilidade Social em Portugal nos Finais do Antigo Regime*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1997. Jorge Borges de Macedo, *Dialéctica da Sociedade Portuguesa no Tempo de Pombal*, Separata da *Revista Brotéria*, n.º115, 1982. Além dos estudos mais específicos, há que referir indispensavelmente as obras mais exaustivas, como por exemplo, João Medina (dir.), *op.cit.* ou José Mattoso (dir.), *op. cit.*

país cedeu ao despotismo iluminado de Pombal, que apesar de abrir janelas e arejar o país com ideias novas, europeias, fechava também algumas portas; ainda assim as mutações foram surgindo. Uma das que mais saltou à vista foi o convívio social mais descontraído entre homens e mulheres, precisamente em serões literários.

Na segunda metade do séc. XVIII, assistiu-se nesta cidade, à difusão de uma forma de sociabilidade de um novo tipo, que diferia dos hábitos vigentes até então pelo facto de permitir o convívio entre homens e mulheres, uma prática quase inexistente nos anos anteriores ao terramoto de 1755. Os contemporâneos chamaram “assembleias” a esta nova forma de reunião, que tornou possível que um número significativo de mulheres instruídas difundisse os seus escritos e as suas ideias de modo *discreto* entre os intelectuais seus contemporâneos.<sup>224</sup>

Um pequeno mas muito importante passo para as mulheres setecentistas, tornaram-se anfitriãs destes eventos sociais – “as assembleias” – onde elas próprias poderiam partilhar as suas obras com amigos e discutir as suas leituras. Algumas vezes, porém, poderiam também assumir a tarefa de mediadoras entre os frequentadores das reuniões e o marido, quando este ocupava algum cargo importante. Seguiu-se a moda de Paris, em que os salões acolhiam as ideias, o nascimento da ciência e do dealbar da cultura da igualdade, “ahi a mulher era o fôcco luminoso que projectava sobre os espíritos a graça, a audácia mental, a livre critica, que iria atear a faísca da Revolução.”<sup>225</sup> De qualquer forma, a maior parte das distrações eram feitas dentro de casa, ainda não havia a rotina dos passeios ou da ida frequente aos teatros, o tempo passava-se em casa, ou na taberna, entre o convívio e o jogo.

E na rua, nas classes mais baixas, como se vivenciava a cidade? Decerto não em serões literários ou dentro de casa, que eram pequenas e abafadiças, o que tornava a rua simultaneamente o local para estar e para fazer o dia-a-dia. Facilmente encontramos testemunhos de convívios na rua, bailes, refeições, jogos, cantorias, celebrações de todo o tipo onde até poderia haver fogo-de artifício<sup>226</sup>. Não existindo condições para reuniões destas dentro de portas, naturalmente o povo trazia o convívio para a rua. Toda esta actividade fora de portas originava bastante barulho, e também música, nas ruas de

---

<sup>224</sup> Vanda Anastácio, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio, 2009, 176-177.

<sup>225</sup> Olga Moraes Sarmiento da Silveira, *A Marqueza de Alorna (Sua influência na sociedade portuguesa) 1750-1839*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1907, p. 52.

<sup>226</sup> Cf. José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*, Lisboa, Temas&Debates/Círculo de Leitores, 2011.

Lisboa havia sempre música no ar, em ocasiões tão diferentes como celebrações religiosas, cantigas ao desafio, danças de terreiro ou cortejos fúnebres<sup>227</sup>.

Já na segunda metade do século, dá-se a necessidade de regulamentar as actividades na rua. Assim limitaram-se os vendedores ambulantes, instituíram-se licenças, estabeleceram-se horários depois dos quais não poderia haver barulho, proibiram-se os cozinhados na rua, que além de contribuírem para o lixo e os cheiros, podiam ser um foco de insalubridade dada a falta de limpeza das ruas.

Por outro lado, existiam os cafés e as tabernas. Uns e outros surgiram como abrigos e alternativas à permanência na rua, ambos funcionaram como espaços de discussão e de formação de opinião pública<sup>228</sup>, daí serem também bastante vigiados. Quanto aos cafés são estabelecimentos mais elegantes, frequentados por poetas, advogados, professores – lembremos por exemplo o Parra e o Nicola, lado a lado no Rossio. Noutra vereda, as tabernas são espaços menos cuidados, mais ruidosos e populares, um sítio onde se vai beber, jogar, descansar do dia de trabalho ou conversar com os amigos.

## **2.1. Noites aristocratas: os salões, os jogos e a aventura.**

As classes mais altas durante o século XVIII passavam os seus serões em três actividades distintas: os salões literários, principalmente na segunda metade do século, em que encontrávamos homens e mulheres; os jogos de apostas, tipicamente masculinos, em casa ou nos cafés; e a aventura nocturna dos fidalgos, fosse ela inspirada por Vénus ou Marte.

A escuridão profunda das ruas de Lisboa nos anos de setecentos, até 1780 pelo menos, exercia nos jovens nobres uma atracção irresistível, fosse para visitar as casas de alcouce espalhada pelos bairros mais típicos, fosse para simplesmente desafiar pela espada qualquer “embuçado” que se cruzasse no seu caminho. Nesses grupos de jovens aventureiros da primeira metade do século, encontramos algumas personagens

---

<sup>227</sup> Rui Vieira Nery, “Vozes na Cidade: música no espaço público de Lisboa no final do Antigo Regime” in Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças Reais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2010, pp. 23-44.

<sup>228</sup> Maria Alexandre Lousada, “A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime” in M.<sup>a</sup> da Graça Mateus Ventura (coord.) *Os espaços de sociabilidade na Ibero-América (sécs. XVI-XIX)*, Lisboa, Ed. Colibri, 2004, pp. 95-120.

inusitadas, como relata Francisco Câncio: “Um dos grupos rivais do Infante D. Francisco, o dos Capotes Brancos, era capitaneado por Sebastião José de Carvalho e Melo, que mais tarde viria a ser o notável e discutido ministro de D. José”<sup>229</sup>. Aparentemente estes confrontos nocturnos serviam como uma espécie de treino para os jovens, de onde não raras vezes resultavam ferimentos graves e mortes. Todavia, a insegurança e violência eram de tal forma comuns que assassinatos e roubos pertenciam mais ao trivial do que ao excepcional. Também o viajante inglês Costigan relata o hábito dos jovens nobres de, à noite, disfarçados com capotes, vaguearem pelas ruas exercendo violência gratuita sobre quem aí encontram e de recorrer – sempre que lhes é oferecida resistência – ao auxílio de sicários<sup>230</sup>.

Outra das formas de sociabilidade nocturna, também tipicamente masculina, verificada ao longo de todo o século, era a frequência de cafés ou botequins, onde se encontravam para discutir ideias e para jogar. Conforme os registos comerciais da altura, existiam dezenas de estabelecimentos deste tipo espalhados pela cidade, alguns mais frequentados do que outros. O Parras, que recebeu esta alcunha pelas parras de uva esculpidas no tecto, era um dos mais conhecidos e frequentado, por exemplo por Bocage, já no final do século. Como nota José Augusto França, quando ainda não se passeava à noite nem estava ainda enraizado o ritual da ida ao teatro, restavam os cafés e as suas distrações (Fig. 10).

Os intelectuais não passeavam nem iam ainda à ópera e antes arrastavam misérias pelos cafés e botequins do Rossio, que vinham de trás, o Parras, O Nicola e pelas boticas (102, em 1805), onde uns jogavam o gamão assoando

---

<sup>229</sup> Francisco Câncio, *Lisboa – Tempos Idos, Volume I*, Lisboa, Ed. de Autor, 1957. Não é de todo comprovado a presença do futuro Marquês nestas aventuras de juventude, contudo, Camilo Castelo Branco também o afirma na sua obra *Perfil do Marquês de Pombal*. Apesar de não constituir uma fonte, esta obra de Francisco Câncio enquadra-se no movimento da olisipografia, que nasceu na segunda metade do séc. XIX e estendeu-se pelo século XX. Houve várias obras que se dedicaram ao estudo da Lisboa antiga, recorrendo a documentos da altura (muitos já perdidos) e fazendo um trabalho muito interessante de reconstituição do quotidiano da cidade. Este movimento teve em Matos Sequeira, Norberto de Araújo e Júlio Castilho os seus máximos expoentes, mas muitos outros se dedicaram a este estudo de forma pertinente.

<sup>230</sup> Arthur Costigan, *Sketches of Society and manners in Portugal : in a series of letters*, London, printed for T. Vernor, Birchin-Lane, Cornhill, 1787, 2 vol., Carta XXXIII. Este costume também é comentado no trabalho de análise à obra de Costigan: Catarina de Castro, *Sketches of Society and manners in Portugal: um livro negro acerca do Portugal setecentista*, Tese de Mestrado, Lisboa, FCSH, 2004.



o rapé em grandes lenços vermelhos, os “alcobaças”, e outros discutiam política sob a escuta dos “moscas” de Pina Manique.<sup>231</sup>

Finalmente, abordamos os salões literários ou “assembleias”, essa criação deveras interessante da segunda metade do século, onde homens e mulheres conviviam e partilhavam os seus interesses, as suas leituras e os seus escritos. Terá sido, sem dúvida, um dos grandes avanços sociais da altura, eivado do espírito das luzes directamente emanado de França e de outros países europeus, onde a mulher ganhou importância social.

Um dos salões mais conhecidos era o de Leonor de Almeida – mais tarde Marquesa de Alorna – que a partir do momento em que foi libertada da sua clausura conventual<sup>232</sup> dedicou-se à organização destes eventos sociais, com alguns interregnos devido às temporadas em que viveu no estrangeiro. Essas mesmas vivências, no entanto, enriqueceram-na culturalmente e granjearam-lhe a admiração de grande parte dos intelectuais do final do séc. XVIII bem como do início do séc. XIX. Não lhe eram poupados elogios e consideravam-na mesmo a mãe do pré-romantismo português, com as suas influências inglesas e alemãs. Segue-se a transcrição de um desses encómios, um pouco mais tardios, da década de 1820.

Bom piano, bons livros, muita vez boa música; um teatrinho muito completo, onde muitas récitas agradáveis se deram; e sobretudo optima e escolhida sociedade, presidida pelos mais hospitaleiros dos amphytriões; eis o que attraía n’aquella casa, e o que fez d’ella por seguidos anos o rendez-vous de toda a Lisboa intelligente e litteraria.

[...]

Ali vivia-se; sentia-se correr deliciosamente a vida entre mil occupações inteligentes. Aquella casa, com os seus salões tão hospedeiros, as suas duas renques de altas sacadas, tanta vez iluminadas com os clarões das festas intimas, aquella casa d’onde ressumbrava calor litterario e artistico, tinha-se tornado como um templosinho da arte.<sup>233</sup>

---

<sup>231</sup> José Augusto França, “Lisboa, 1800”, Separata de Anais – Série História – Actas do Colóquio “A casa Literária do Arco do Cego”, vol. VII/VIII, Lisboa, 2000-2001, p. 15.

<sup>232</sup> Leonor de Almeida, bem como os seus pais, foram enclausurados por Marquês de Pombal em consequência da questão dos Távoras, pois pertenciam à mesma família. Só foram libertados em 1777 depois da morte de D. José e do “despedimento” de funções do Marquês. Apesar de estar fechada no convento, Leonor de Almeida já era conhecida de alguns poetas e literatos, como Filinto Elísio, que além de a visitarem com frequência no convento mantinham correspondência. Cf. Vanda Anastácio, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio, 2009.

<sup>233</sup> Julio de Castilho, *Memórias de Castilho*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, Janeiro de 1881, p. 210-211 e 214.

Conforme dados de vária diarística da altura, existiam outros encontros semelhantes, noutras casas com anfitriões igualmente competentes e interessantes. Tratava-se de verdadeiros eventos sociais onde se falava de todos os temas, não só literatura, mas também política, muitas vezes através da literatura. Lembremos, a título de exemplo, algumas composições poéticas mais satíricas que afrontavam figuras proeminentes da sociedade. Alguns poetas e literatos, não tendo uma posição social de destaque, usavam estes encontros muitas vezes para conseguirem aceder a figuras de poder, sensibilizando-as para as suas causas. Como seria o caso das assembleias organizadas por Catarina de Lencastre na década de 1770 e 1780: muitos poetas as frequentam devido à influência que seu marido, nomeado em 1778 Ministro do Reino, poderia ter na solução de vários assuntos, apelando à sensibilidade e talento que eram reconhecidos à Viscondessa<sup>234</sup>. Parece-nos claro que a poesia pode muito bem ter sido usada “como forma de relacionamento social”<sup>235</sup> nesta altura, como se pode verificar também nas dedicatórias e composições encomendadas a esta ou aquela figura social proeminente.

## **2.2. Tentativas de reestruturação do espaço público: o controlo da rua.**

Segundo um panfleto lisboeta publicado periodicamente cerca de vinte anos antes do terramoto, o *Folheto de Ambas as Lisboas*<sup>236</sup>, os divertimentos nocturnos do povo dos bairros de Alfama, Bairro Alto e Graça, durante os períodos do verão, eram realizados essencialmente na rua. Variavam entre assistir a fogos-de-artifício promovidos pelos populares – “Neste lugar se fez esta noite hum notável fogo: abalou-se muita gente a vello.”<sup>237</sup> –, representações de teatro por companhias bairristas feitas em plena rua (por exemplo, no Arco da Graça), “matinadas de instrumentos de entrudo [apesar de a notícia ser de Agosto] e trombetas no ar”<sup>238</sup>. Mesmo durante o Inverno, a descrição de actividades nocturnas continuava – “à noite houve Musica com rabição de

---

<sup>234</sup> Vanda Anastácio, *op. cit.*, p.179.

<sup>235</sup> Vanda Anastácio, *op. cit.*, 183. Neste estudo Vanda Anastácio sublinha que estes encontros sociais poderiam ter bastante preponderância política, a avaliar pelo conteúdo da correspondência trocada entre os intervenientes.

<sup>236</sup> Jerónimo de Távora, *Folheto de Ambas as Lisboas* (1730-31), Notícia do Assumpto (vários números).

<sup>237</sup> *Ibidem*, n.º3.

<sup>238</sup> *Ibidem*, n.º3.

seis tocado às escuras”<sup>239</sup> – e havia também grupos habituais de populares “de boa feição a fazer a sua palestra quotidiana do jogo, conversação e musica [...] hão-de passar boas noites no seu divertimento”<sup>240</sup>. Outros exemplos existem de como praticamente toda a actividade popular de lazer nocturno era feita na rua, em ajuntamentos mais ou menos espontâneos (alguns alvo de aturada planificação) onde se tocava, dançava, representava, jogava e até lutava. O mesmo *Folheto* dá-nos conta outrossim das rivalidades entre os bairros (entre a Cotovia e o Bairro Alto, por exemplo) e de várias lutas colectivas ou duelos para vingar alguma quezília. E assim, apesar de todos os esforços legislativos e executivos, parece que se estendeu esta vida social passada nos palcos da rua até às primeiras décadas do séc. XIX<sup>241</sup>, como se os hábitos antigos fossem difíceis de contrariar.

Um outro retrato da rua da Lisboa setecentista surge nas palavras de José Augusto-França, inspirado em alguns textos da época, descrevendo o seguinte quadro.

Cães, burros, mulas e bois para transporte, vacas e cabras para o leite, porcos para a matança à porta de casa, onde também se tiravam dentes, se escanhoavam faces ou se abriam sangrias, amamentavam filhos que depois se espiolhavam. Vendedeiras e lavradeiras, alcoviteiras e inculcadeiras, rascoas e mulheres de virtude para bruxedos, padeiras e leiteiras, varinas de peixe e calandreas dos despejos, outras na venda de mexilhão, fava-rica, castanhas e tremoços, galegos e mariolas, pedintes e aleijados, a rua era de todos, e dos burgueses também, de tricórnio ou bicórnio, e seus amplos capotes, e elas de lenços de cambraia e “josezinhos curtos, enquanto tafuis de popa e rabicho passavam, em pezinhos de nojo, pelas pedras e charcos da calçada”.<sup>242</sup>

Tanto este pequeno excerto como a figura de *Sketches of Portuguese Life* [...] (Fig.11) ilustram exemplarmente como seria a rua lisboeta setecentista. Acima de toda a confusão que a descrição e o quadro possam transmitir, ressalta a ideia inequívoca: tudo

---

<sup>239</sup> *Ibidem*, n.º5.

<sup>240</sup> *Ibidem*, n.º8.

<sup>241</sup> Maria Alexandre Lousada, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1995, p. 119 – “Nas primeiras décadas do século XIX, para a maioria da população lisboeta, a rua, unidade urbana de base, é o palco onde se desenrolam quase todas as manifestações da vida quotidiana: a discussão familiar, o passar do tempo entre o trabalho e o recolhimento, as actividades lúdicas, o próprio trabalho, etc. Para tal contribui a própria exiguidade e promiscuidade do espaço habitacional, que obriga à permanência no exterior.”

<sup>242</sup> José Augusto França, “Lisboa, 1800”, Separata de Anais – Série História – Actas do Colóquio “A casa Literária do Arco do Cego”, vol. VII/VIII, Lisboa, 2000-2001, p. 11.

o que era popular passava-se na rua. O espaço público era claramente o espaço de todos, o espaço do povo, e as fronteiras entre a casa e a rua eram ignoradas. Foi face a estas evidências que começaram a surgir as novas ideias, de cariz iluminista, que pretendiam organizar o espaço urbano, tornando-o mais aprazível e capaz de receber todos e não só os que faziam dela uma extensão da sua casa. A Intendência Geral da Polícia era o organismo que ditava as novas regras, através de editais proibindo algumas vendas ambulantes, estabelecendo horários para o ritual “água-vai”, proibindo cozinhados e matança de animais na via pública, entre outras medidas.

As preocupações policiais eram também estéticas. Como membros da elite burocrático-intelectual, influenciados pelas ideias iluministas, valorizavam esteticamente a regularidade, a acessibilidade e a limpeza. A rua não devia pertencer apenas aos que nela viviam ou trabalhavam, mas a todos os habitantes da cidade. [...] Daqui nasceu a multiplicidade de regulamentações camarárias e policiais: as vendas ambulantes, os mercados, os despejos...<sup>243</sup>

Não obstante as intenções, o processo de reestruturação do espaço público foi demorado e tortuoso e alongou-se até bem dentro do século XIX : “A rua manteve-se como espaço urbano multi-funcional, pejada de povo a vender, a comprar, a jogar, a passear, a ver”<sup>244</sup>.

A regulamentação dos horários de funcionamento dos estabelecimentos de bebidas visava também o controlo-duplo da rua. Ao prolongar a hora de fecho, a IGP não estava apenas a aumentar as suas receitas, através da concessão de licenças; estava ao mesmo tempo a canalizar os indivíduos para espaços fechados e a retirá-los da rua, deixando-a livre de potenciais perturbadores e livre para o trânsito. Da taberna, devia seguir-se para casa e não vagar pela cidade;<sup>245</sup>

As horas anunciadas pelo relógio público destinavam-se a regular a vida material colectiva: o momento de levantar e de dormir, de comer e de trabalhar.<sup>246</sup>

O alvo das forças de segurança à noite era essencialmente o povo, que enfrentava a vigilância e as leis mais rigorosas, pela falta de força para as combater. Como nota M.<sup>a</sup> Alexandre Lousada, “A Lisboa nocturna era a Lisboa de elite e dos

---

<sup>243</sup> Maria Alexandre Lousada, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1995, p. 120.

<sup>244</sup> Maria Alexandre Lousada, *op. cit.*, p. 123.

<sup>245</sup> Maria Alexandre Lousada, *op. cit.*, p. 121.

<sup>246</sup> Maria Alexandre Lousada, *op. cit.*, p. 135.

boémios – nas palavras da polícia, a Lisboa dos aristocratas, dos libertinos e dos vadios”, sendo que os vadios podiam ser presos, enquanto os outros na maior parte dos casos eram poupados. Ao povo só era permitido a permanência na cidade até horas tardias por ocasião das festividades religiosas, que muitas vezes se estendiam madrugada fora. Consequentemente, como notam alguns viajantes estrangeiros, as ocasiões religiosas pareciam pretexto para uma série de extravagâncias que de outra forma não teriam oportunidade de realizar<sup>247</sup>.

Com o fim do séc. XVIII vem uma nítida metamorfose social<sup>248</sup>, principalmente no que à noite diz respeito. Como verificámos, os intensos esforços da IGP para controlar a noite (com o policiamento e a iluminação) acabam por ter um “resultado perverso” – “Alguns lisboetas podiam partir candeeiros, a maioria podia rebelar-se contra a intromissão e as arbitrariedades dos ‘morcegos’, mas a cidade estava mais segura, tanto para o povo como para as elites”<sup>249</sup>. Esta constatação trouxe mais pessoas para a rua, não ainda para os passeios higiênicos nocturnos (essa tendência, apesar de medidas como a construção do Passeio Público, só se verificou na segunda metade do séc. XIX) mas para frequentar os lugares públicos da noite como as tabernas, os teatros, os bailes, as tertúlias, dividindo-se as classes conforme a admissão em cada um destes lugares.

Na segunda metade do século XVIII existiam quatro teatros públicos de maior frequência<sup>250</sup>: o do Bairro Alto (no pátio dos Condes de Soure), o teatro da rua dos Condes (sensivelmente onde está hoje o edifício Condes no cruzamento com a Av. da Liberdade), também num pátio, desta feita dos Condes da Ericeira, o teatro da rua do Salitre e ainda um no bairro da Graça, bastante famoso<sup>251</sup>. Para além dos teatros, “à

---

<sup>247</sup> Por exemplo, Carl Israel Ruders ou Frederich Link, nas obras citadas.

<sup>248</sup> Cf. Nuno Gonçalo Monteiro, *Elites Locais e Mobilidade Social em Portugal nos Finais do Antigo Regime*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade, 1997.

<sup>249</sup> Maria Alexandre Lousada, *op. cit.*, p. 140.

<sup>250</sup> Existiam muitos mais, alguns públicos outros privados, alguns não foram preponderantes porque permaneceram abertos durante pouco tempo, mas a verdade é que Lisboa durante o século XVIII viu inaugurar pelo menos onze teatros. Entre eles o famigerado “Theatro Ópera do Tejo” ou “Real Casa da Ópera”, obra emblemática do reinado josefino, inaugurado em 31 de Março de 1755 e destruído oito meses depois com o Terramoto.

<sup>251</sup> Cf. Caetano Beirão, *D. Maria I - 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado*, 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1944, p. 269. Caetano Beirão, neste trabalho, coloca em dúvida a existência do teatro da Graça pois não existia praticamente informação sobre ele. No entanto,

noite, havia bailes, em casas particulares e nas assembleias estrangeiras, jogos de prendas, concertos ou saraus literários.”<sup>252</sup> Caetano Beirão descreve desta forma a vida social nocturna durante o reinado de D. Maria. Na década anterior – a década de 1760 – a vida social lisboeta ainda estava a recompor-se da tragédia do terramoto e de toda a instabilidade política advinda das polémicas reformas da administração pombalina, nomeadamente o polémico atentado ao rei em 1758.

De resto, os portugueses são pouco comunicativos e existe entre eles pouca sociabilidade, particularmente em Lisboa. O governo, desconfiado desde a terrível conspiração contra o rei, interditou qualquer assembleia, o que está em sintonia com a extrema inveja da nação; assim, a cidade de Lisboa está sem divertimentos. Existem alguns bailes, que são mais para o divertimento dos estrangeiros do que para os nacionais.<sup>253</sup>

Nos referidos bailes dança-se, segundo Dumouriez, a chamada “fofa” que ele promove mesmo a “dança nacional”.

Dança-se dois a dois [...] ao som de uma imperfeita guitarra; os movimentos são extremamente indecentes, imitando perfeitamente o momento do gozo; o dançarino acompanha geralmente a sua gesticulação obscena com palavras impúdicas, que divertem a companhia.”<sup>254</sup>

Apesar da descrição do militar francês, esta dança seria praticada essencialmente pelas classes mais baixas, como aparece descrito em alguns documentos setecentistas<sup>255</sup>. Contudo, era habitual os salões serem de alguma forma contaminados pelos costumes mais populares, embora a fofa fosse talvez demasiado ousada para chegar à aristocracia. Não obstante, no livro *Sketches of Portuguese life, manners (...)* o autor divide muito

---

mais de sessenta anos depois da sua investigação, é natural que tenham surgido inovações. Assim, encontramos já informação precisa sobre este teatro, inclusive um estudo específico: “O Teatro da Calçada da Graça destacou-se no panorama teatral da época mormente devido ao seu repertório heterogéneo, apresentando, entre outros, comédias, presépios, tragédias e entremezes. Esta diversidade deu à Graça um carácter singular relativamente aos restantes teatros lisboetas.” [do resumo] Francisco Ferreira Gomes, *O teatro da Graça na segunda metade do séc. XVIII*, Lisboa, FLUL (Tese de Mestrado), 2012.

<sup>252</sup> Caetano Beirão, *D. Maria I - 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado*, 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1944, p. 282-283.

<sup>253</sup> Charles François Dumouriez, *O Reino de Portugal em 1766*, Introdução de António Ventura, 1.<sup>a</sup> edição, Col. Memórias de Viagem, Lisboa, Caleidoscópio, 2007, p. 121.

<sup>254</sup> Charles François Dumouriez, *op. cit.* 121.

<sup>255</sup> Lucas de Santa Catarina o.p., *Anatómico Jocosos*, 3 volumes, Lisboa, Oficina Doutor Manoel Alvarez Solano, 1755-1758. Disponível em linha como cópia pública da Biblioteca Nacional de Portugal em [www.bnpt.pt](http://www.bnpt.pt).

laconicamente os divertimentos nocturnos dos mais ricos e dos mais pobres. Sendo que aqueles gostavam de passar os serões a jogar, enquanto estes se divertiam a dançar, usualmente na rua ou em algum baile organizado, valsas, lunduns e modinhas.<sup>256</sup>

### 2.3. *E agora a noite: a batalha da luz contra a escuridão e o medo.*

Como testemunho da Lisboa setecentista, pós-terramoto, ainda sem iluminação pública destaca-se pela sua riqueza o curioso texto do poeta Apollonio Monteiro: *Recreação de Apollo nas Quatro Noites de Luminarias* (...). Trata-se de uma narração lírica que nos dá conta da cidade de Lisboa em 1761 profusamente iluminada a partir das casas particulares, com luminárias, por ocasião do nascimento do Príncipe D. José. Transcrevemos abaixo alguns trechos onde apontamos a ironia com que fala de uma Lisboa “livre de gente má”, descrevendo os habituais tumultos nas ruas escuras da Lisboa de setecentos, que apenas por causa destas luminárias inabituais deixam de existir como por magia, depois descrevendo o espetáculo da luz através de toda a Lisboa, ao longo das quatro noites (Fig.8).

Não tema por ser noite algum perigo;  
Saiba que está Lisboa  
Livre de gente má, já toda he boa:  
Olhe aquella patrulha  
Como vay quieta, sem meter a bulha:  
Veja esses casquilhotes  
Como vão sérios, sem dizer dichotes  
[...]  
Nem se quer os tratantes  
Vão fazendo motim, como hiaõ d’antes  
[...]  
Pois he a vez primeira,  
Em que há barulho sem haver asneira,  
Que os ânímos dispostos,  
Não para inquietaçoens, mas para os gostos,  
Se elevaõ na alegria  
De ver a luz da noite igual ao dia.  
Mas que luzes taõ varias  
Fazem vistosas tantas luminárias  
Na calçada da Ajuda!  
He tanta a luz, que julgo que se muda  
O claro Firmamento  
Para o novo magnifico aposento!  
[...]  
Só para ver bastantes luminárias,

---

<sup>256</sup> *Sketches of Portuguese life, manners* (...) p. 219-220.

Pois são as mais luzidas  
Piras ao novo Príncipe incendidas.<sup>257</sup>

Através da leitura deste poema, do qual apenas transcrevemos um excerto, verificamos como Lisboa estava mudada naquela noite em que havia luminárias por toda a parte: “Pois he vez primeira,/ em que há barulho sem haver asneira”. Ao que parece, o usual na cidade era, ouvido barulho, decerto corresponderia confusão: roubos, assaltos, ataques na escuridão, mas graças às luminárias está Lisboa “Livre de gente má, já toda he boa”. Não deixa de ser curioso a premissa que aqui está presente, a de que a partir do momento que houvesse iluminação, deixaria de haver criminalidade, ou pelo menos diminuiria bastante. Foi precisamente com base nessa ideia que Pina Manique tanto insistiu em iluminar as ruas de Lisboa, pois esse seria o seu maior instrumento de controlo da cidade. E a verdade é que, a partir de 17 de Dezembro de 1780 Lisboa foi iluminada a candeeiros de azeite e a criminalidade, mais pela novidade inicial do que pela eficácia dos lampiões, decresceu muito ligeiramente<sup>258</sup>.

Curioso notar como naquele tempo a iluminação trabalhava em prol da ordem e da obediência como poucas coisas. Como faz notar Maria João Pinto-Coelho, no seu estudo sobre a iluminação nas cidades, em muitas das capitais europeias com regimes absolutistas “a luz passa a simbolizar domínio e ordem, o que leva a que, em atos de rebelião, os candeeiros sejam despedaçados pelas populações”<sup>259</sup>. Com efeito, existem variados relatos da destruição dos candeeiros em Lisboa, não só pelos que preferiam a escuridão à luz, mas também como forma de protesto pelos elevados impostos que tinham de pagar.

O período seguinte foi, pois, de alguma inconstância. O preço demasiado alto do azeite, a revolta da população por mais aquele imposto, a indignação dos governantes por mais aquele encargo levou a que, no ano de 1792, Lisboa regressasse à

---

<sup>257</sup> Apollonio Monteiro (Cortezam), *Recreação de Apollo nas Quatro Noites de Luminarias em que andou de passeio com as Musas pelas ruas de Lisboa*, Lisboa, Oficina de Manoel Coelho Amado, MDCCLXI, 2-10 pp. O Príncipe de que aqui se fala é D. José (1761-1788), Príncipe da Beira e do Brasil, filho primogénito de D. Maria Francisca, mais tarde D. Maria I. Pombal procurou que não lhe fosse dada a sucessão direta de seu avô, o rei D. José, projeto que teria sido viável pela adoção da Lei Sálica, que impede às mulheres o acesso ao trono. In Joel Serrão (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. 3, Porto, Figueirinhas, 1992, p. 406. Sublinhado nosso.

<sup>258</sup> Segundo os registos da Intendência Geral da Polícia entre 1780 e 1790 (AN/TT).

<sup>259</sup> Maria João Pinto-Coelho, *A importância da iluminação na imagem da cidade: opções axiais e configuração urbana*, Tese de Doutoramento, FAUL, 1995, p.27.



escuridão. Assim refere Eduardo de Noronha, “Em 1792 Lisboa mergulhava de novo em opacas sombras, as artérias da capital ficaram ainda mais escuras que no reinado de D. Fernando I”<sup>260</sup>, igualmente testemunha Heinrich Friedrich Link:

E agora a noite. Antigamente a cidade era iluminada, agora já não e como as lojas fecham cedo nada alumia a escuridão das vielas estreitas e mal pavimentadas. Uma horda de cães sem dono que se alimentam à custa do público erra pela cidade como lobos esfaimados e, pior ainda do que estes, é a horda de bandidos. Muitos se admiraram como nós tínhamos ousado, nestes tempos de guerra, viajar para Portugal por terra, e a garantia que esta não é de longe uma empresa tão audaz como ir de belém a Marvila, no extremo oriental da cidade, por volta da meia-noite. Como pode um povo, entre o qual se encontram afinal homens esclarecidos, aguentar horrores deste género, que põe Lisboa ainda abaixo de Constantinopla?<sup>261</sup>

Como já foi referido anteriormente, as impressões dos estrangeiros que visitavam Lisboa apontavam geralmente as principais fragilidades de Portugal em relação aos outros países europeus: a segurança, a iluminação e a higiene (pública e individual). Praticamente comum a todas as descrições é a repugnância com que descrevem o ritual “água-vai”<sup>262</sup> bastante comum em setecentos e ainda na primeira metade de oitocentos<sup>263</sup> e pela falta de limpeza nas ruas em geral.

Foi precisamente entre os anos 1797 e 1801 – período em que a cidade de Lisboa estava mais uma vez praticamente mergulhada na escuridão – que houve uma subida do número de assaltos e assassinatos<sup>264</sup>, constatação que instou D. Maria I a decretar a necessidade da formação de uma Guarda Real bem como a resolução da questão da iluminação.

---

<sup>260</sup> Eduardo de Noronha, *Op. Cit.*, p. 48. D. Fernando (não é necessário o I, pois foi o único) reinou no século XIV, entre 1345-1383, e foi o último rei da primeira dinastia. Curiosamente foi neste reinado onde se registou a primeira preocupação com a iluminação pública, como se referiu *supra*.

<sup>261</sup> Heinrich Friederich Link, *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*, trad., introd. e notas Fernando Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005, p. 121. Refere-se ao ano de 1800.

<sup>262</sup> Uma vez que ainda não existiam esgotos na cidade, os dejetos de cada casa eram colocados numa bacia com água e atirados pela janela ao fim do dia antecedidos pelo grito “Água -vai”. A canalização na cidade de Lisboa só foi efetivamente instalada na segunda metade do século XIX. Cf., por exemplo, José-Augusto França, *Lisboa – História física e moral*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

<sup>263</sup> Cf. Piedade Braga Santos *et alii*, *Lisboa Setecentista vista por Estrangeiros*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1996.

<sup>264</sup> Não existem estatísticas de criminalidade antes do fim do século XIX, as únicas fontes são mesmo os registos dos prisioneiros, ainda assim bastante incompletos. Cf. José Subtil, *O Vintismo e a Criminalidade 1820/1823*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1986.

Sendo bem constantes os roubos, e assassinos que frequentemente se tem cometido há tempos para cá [...] hey por bem determinar que o Senado da Camara de acordo com o Intendente Geral da Policia da Corte e Reino faça imediatamente subir à minha Real Presença [...] para o fim de se manter huma Guarda a Cavallo para a publica segurança, não só na Capital, mas nos seus subúrbios, e se poder proceder á iluminação da mesma Cidade; o que deverá imediatamente executar.<sup>265</sup>

Neste decreto, D. Maria I refere-se à urgência da criação da Guarda Real da Polícia, um organismo que há muito Pina Manique solicitava para o ajudar a combater a criminalidade, a par da iluminação pública. Como na altura por toda a Europa se tornou mote da segurança possível pela iluminação artificial: cada candeeiro é menos um polícia.

A mentalidade do século XVIII português será ainda fortemente marcada pelas superstições e medos relacionados com a noite. Apesar de aos poucos irem desaparecendo ou pelo menos atenuando, as crenças populares ainda os mantinham vivos. A noite era sempre um lugar de medo e do demónio, daí por exemplo o ritual das avé-marias, que se manteve por séculos à boca da noite, para afugentar os maus espíritos: “Pelo cair da noite [...] os nichos dos santos iluminavam e as velas nos interiores bruxuleavam nos candelabros, passavam o defumador, com as brasas vivas onde as folhas de alecrim se queimavam.”<sup>266</sup> A oração durava cerca de uma hora e, antes da iluminação pública, esta era a única altura da noite em que a cidade tinha alguma luz de orientação para os caminhantes.

Outras provas existiam de que, ainda que a ciência e a razão ganhassem terreno nesta altura, em Portugal ainda havia muito espaço vetado ao mistério e à superstição. O Cavaleiro de Oliveira<sup>267</sup>, por exemplo, tem vários escritos que deixa entrever essa presença cultural de antanho, como por exemplo descrições de caça aos lobisomens e de exorcismos ou mesmo a teoria muito sua de que D. Luís da Cunha era afinal um lobisomem<sup>268</sup>. Transcrevemos abaixo um trecho referente à tentativa de caçar

---

<sup>265</sup> Apud José Alves da Costa, *Gás de Lisboa: da iluminação a gás na Lisboa romântica ao gás natural*, Lello Editores, 1996, p.15.

<sup>266</sup> Francisco Câncio, *Lisboa – Tempos Idos, volume I*, Lisboa, Ed. de Autor, 1957, p.174.

<sup>267</sup> Sobre aspectos biográficos desta personalidade setecentista *vide*: Gonçalves, A. Rodrigues, *O Protestante Lusitano: estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira*, Ed. Coimbra, 1950.

<sup>268</sup> Francisco Xavier de Oliveira, *O Galante século XVIII. Textos do Cavaleiro de Oliveira*, compilados e vertidos por Aquilino Ribeiro, Lisboa, Livraria Bertrand, 1966, p. 261 – “Quando vi também D. Luís da

um lobisomem por ter a ver com as ruas de Lisboa e com as matilhas de cães que as povoavam.

Mais de uma vez me aconteceu encontrar trinta a quarenta cães engalfinhados uns nos outros sem haver modo de os apartar por muito que sem dó nem piedade desse neles à espadeirada. Devido à presunção que nutria, o facto de entre os pobres animais descobrir um mais taludo e extraordinário, ao qual as dentadas ferravam em especial, mais me animava a bater. Feri muitos, mas nunca tive o prazer de presenciar a transformação maravilhosa. Ficaram o que dantes eram, bichos e demónios; de lobisomem nem sombra.<sup>269</sup>

Além disso, lembremos a profusão de astrólogos e de bruxas ou feiticeiras que existiam e eram consultados pela futurologia e pela superstição, para afugentar mau-olhado ou trazer protecção. Mesmo os padres usavam a oração e a sua relação próxima com Deus para afugentar demónios, como demonstra este documento da década de trinta, cujo longo título é suficiente para adivinhar todo o conteúdo: *Escudo Santíssimo e armas da igreja contra a malícia diabólica com que os espíritos imundos, juntando-se torpemente com as bruxas ou feiticeiras as tomam por instrumentos para infestar os caminhos, inquietar as casas, aterrar os moradores com fantasmas nocturnos, e matar os meninos inocentes antes do baptismo, tiradas da Escritura Sagrada e das orações da igreja.*<sup>270</sup>

Por outro lado, mesmo aqueles que se dedicavam ao estudo da ciência do corpo humano e das doenças, como os médicos ou físicos descreviam nos seus escritos mesinhas com sangue de animais recolhido em noite de lua cheia para afugentar feitiços e outras maleitas semelhantes<sup>271</sup>.

---

Cunha, embaixador de Portugal em Haia, em 1734, disse comigo: - Aqui está, decerto, um grande senhor; um grande ministro por sua muita sabedoria; mas lá pela cara é um dos perfeitos lobisomens de Lisboa.”

<sup>269</sup> Francisco Xavier de Oliveira, *O Galante século XVIII. Textos do Cavaleiro de Oliveira*, compilados e vertidos por Aquilino Ribeiro, Lisboa, Livraria Bertrand, 1966, p. 260

<sup>270</sup> Padre Nicolau Carlos Vejéce (pseud. de Frei João de Vasconcelos), 1737.

<sup>271</sup> Bernardo Pereira e Francisco Oliveira, *Anacephaleosis medico-theologica magica, juridica, moral, e politica na qual em recopiladas dissertações : divições se mostra a infalivel certeza de haver qualidades maleficas, se apontão os sinais por onde possão conhecerse*, Coimbra, Oficina de Francisco de Oliveyra Impressor da Universidade, 1734. Esta obra escrita por médicos contém exemplos concretos dessas mesinhas.

## 2.4. O fogo-de-artifício e o domínio da luz.

Uma das formas mais populares de controlo da luz e do seu uso pelo poder durante o séc. XVIII em Portugal foi o fogo-de artifício. O fogo constituiu desde sempre razão de fascínio e temor, tanto quanto a sua natureza simultaneamente criadora e destruidora inspirava. O acontecimento do domínio da chama pelo homem foi dos maiores marcos da história humana e inspirador de diversas histórias e mitos, como é exemplo o incontornável mito de Prometeu<sup>272</sup>. Na verdade o fogo sempre foi considerado algo sagrado, fora da esfera das coisas mundanas, raiando uma natureza mágica, que desde sempre foi associada aos deuses. Neste sentido, poderá mesmo afirmar-se que “a luz do fogo constituía a própria mediação entre os homens e o Sol”<sup>273</sup>. Às serventias primordiais do fogo natural (aquecer, iluminar protegendo contra os perigos da noite, até mesmo cozinhar) acrescem posteriormente as funções decorativas e de entretenimento. Crê-se que desde o mundo antigo se usa o fogo em celebrações e decorações festivas, no entanto a capacidade de fabricar fogo-de-artifício terá sido descoberta na Idade Média a Oriente, presumivelmente na China embora a Índia também seja uma possibilidade. De qualquer forma, chegou à Europa (e a Portugal) como processo já desenvolvido por volta do século XV, marcando presença assídua nos eventos mais importantes. Como se tornasse um acessório essencial nos festejos reais, o fogo-de-artifício foi estudado e desenvolvido por pirotécnicos encontrando no século XVIII o seu auge enquanto verdadeira arte que a breve trecho se tornou. Alguns estudiosos consideram mesmo esta nova forma de arte como uma metáfora do carácter brilhante mas efémero do Iluminismo europeu do séc. XVIII.

It could even be said that the career of a fire rocket, from its technical production through its ignition and ascent, and finally to its illumination and explosion recapitulates the story of the Enlightenment itself, expiring, as the Encyclopaedia Britannica puts it, “as the victim of its own excesses.”<sup>274</sup>

---

<sup>272</sup> Prometeu “roubou algumas sementes de fogo ‘à roda do Sol’ e levou-as para a Terra, escondidas num caule de férula. Outra tradição conta que ele tirou o fogo da forja de Hefesto. Zeus puniu os mortais e o seu benfeitor. Aos primeiros, enviou-lhes uma criatura por ele expressamente forjada para o efeito – Pandora. Quanto a Prometeu, prendeu-o com grilhões de aço no cimo do Cáucaso e determinou que uma águia [...], lhe fosse comendo o fígado, que se ia renovando incessantemente.” Pierre Grimal, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, 4.ª edição, Tradução de Victor Jabouille, Lisboa, Difel, 2004, p. 396-97.

<sup>273</sup> *Fogo de Artifício. Festa e Celebração 1709-1880*, Colecção de Estampas da BNP, Lisboa, BN, 2002, p. 11.

<sup>274</sup> Bärbel Czennia, “Night Skies Enlightened: fireworks as art, science, recreation, and collective symbol” in Serge Soupel, Kevin L. Cope and Alexander Pettit, *The Enlightenment by night. Essays on After-Dark Culture in the Long Eighteenth Century*, New York, AMS Press, Inc., 2010, p. 61.

No contexto europeu do séc. XVIII em que assistimos a alguma discussão sobre qual a nação mais aliada ao progresso<sup>275</sup>, há mesmo disputas sobre quem terá o mais artístico fogo-de-artifício, principalmente entre a França e a Inglaterra, dois dos maiores adeptos e também maiores rivais (culturais e políticos) na Europa de então<sup>276</sup>. Com efeito, os pirotécnicos eram tratados como verdadeiros artistas, sendo anunciados pelo nome próprio na notícia do seu espectáculo de fogo, como constatamos que sucedia também em Portugal (Fig. 11, 12 e 13).

No caso dos exemplos franceses e ingleses, uma das mais óbvias metáforas que pode ser associada ao fogo-de-artifício (a de que é brilhante, espectacular, mas efémero) aplica-se outrossim às monarquias absolutas destes dois países, como nota Bärbel Czennia.

Fireworks as metaphors, by their very nature, invite Janus-faced associations like “art” and “artifice”, “rising star” and “falling stars”, “energetic potential”, and “dangerous heat”, “extended day-light” and “transitory illumination”. Considering the sudden and lamentable end of some French and English monarchs, the latter resemble those proverbial engineers who got “hoisted by their own petards”<sup>277</sup>.

Neste sentido reiteramos como a iluminação não era só usada como meio de segurança, mas também como espetáculo e mesmo ostentação do poder, particularmente no caso do fogo-de-artifício e da decoração, simbolizando o domínio do fogo e conquistando assim a admiração dos súbditos.

Portugal não era excepção na exploração desta ferramenta de deslumbre. O fogo-de-artifício começou a ser mais usado em Lisboa ainda no século XVI, normalmente para assinalar efemérides como o nascimento ou casamento de algum membro da realeza bem como a chegada de algum notável a Lisboa. Encontramos uma das mais antigas descrições de um fogo-de-artifício aquando da chegada da armada de Vasco da Gama, n’*Os Lusíadas*: “Não faltam ali os raios de artificio,/ Os trémulos cometas imitando:/ Fazem os bombardeiros seu offício,/ O ceo, a terra, e as ondas

---

<sup>275</sup> Cf. J. S. da Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*, Coimbra Editora, 1953.

<sup>276</sup> Cf. Bärbel Czennia, *op. cit.*, p. 40.

<sup>277</sup> Bärbel Czennia, *op. cit.* p. 51. Termina com uma citação de Shakespeare, *Hamlet*, Acto III. Cena Iv, estrofe 11. Versos 208-11.

atroando.”<sup>278</sup>. Ao que foi possível averiguar, parece que esta forma de celebração se tornou tão comum, principalmente nas festas dos santos populares, que, no século XVII, foi necessário recorrer a instrumentação legal para proibir o uso de “fogos de pólvora”<sup>279</sup> pelo cidadão comum, alertando tanto para o perigo de incêndio como para os elevados desperdícios de pólvora.

Desde cedo se começaram a fazer reproduções impressas desses festejos com a arte do domínio do fogo, a qual se foi aprimorando e tornando-se uma autêntica forma de arte com esculturas artísticas espectaculares associadas (Fig. 14). Segundo um levantamento efectuado na Biblioteca Nacional<sup>280</sup>, algumas das datas mais importantes assinaladas durante o séc. XVIII foram, a título de exemplo: 27 de Outubro de 1708, chegada de D. Maria Ana de Áustria para o casamento com D. João V<sup>281</sup>; 10 de Setembro de 1727, por honra do nascimento do Infante D. Luís António, filho de Filipe V; 1728, as festas dos casamentos de D. José e D. Maria Bárbara de Bragança com D. Mariana Vitória e D. Fernando de Barbosa, respectivamente.

Durante o século XVIII são numerosas as ilustrações detalhadas de várias “máquinas de fogo”, entre elas destacamos a que foi construída por ocasião do aniversário da Infanta Maria Thereza, Princesa da Beira, em 1793, em que Pina Manique mandou iluminar o Castelo de São Jorge e depois o Rossio, em Abril e Agosto desse ano respetivamente (Cf. Fig. 12 e 13). Outros palácios e casas ricas da cidade também usaram o poder da iluminação para prestar a sua homenagem pessoal à rainha, ostentando de certa forma a sua posição social: “estas iluminações são geraes, e variadas

---

<sup>278</sup> Luís de Camões, *Os Lusíadas*, canto II, Est. 90. E também em Júlio Duarte, *Antologia do Fogo de Artifício*, Vila Nova de Gaia, Afons’eiro Edições, 1996, p. 37. Trata-se de um curioso documento, uma antologia amadora, elaborada por um pirotécnico de profissão e tradição (já o seu pai e o seu avô o foram), com vários textos da literatura portuguesa que de uma forma ou de outra referem o fogo-de-artifício.

<sup>279</sup> Portugal. Leis, decretos, etc. [Lei que determina que não se lancem foguetes nem fogo de artifício nas festas]. Lisboa [s.n.], 29 de Julho de 1695. – [4] p. ; 2.º (27 cm). – Título factício. Borges Carneiro – Mapa Cronol. Leis, p. 309 (BN RES 849 A). *Vd. Anexo IV – Documentos.*

<sup>280</sup> *Fogo de Artifício. Festa e Celebração 1709-1880*, Coleção de Estampas da BNP, Lisboa, BN, 2002, p. 11.

<sup>281</sup> Desta ocasião, temos a descrição de Soares da Silva: “da matéria ser tam clara, e refulgente, que mais que chuveiros de fogo pareciam dilúvios de estrelas: e tam brando que poucas pessoas offendeo a sua actividade, tendo tanta extensão” *apud* Francisco Câncio, *op. cit.* p. 123.

em toda a extensão da Capital”<sup>282</sup>. Este documento, que se ocupa exclusivamente da descrição em pormenor da cidade iluminada, dá-nos conta de quem se esmerou mais ou menos na colocação de luminárias e, claro, das mais impressionantes.

Todos os retratos, tanto dos nossos Augustos Príncipes, como os outros estão também cada hum entre duas pyramides illuminadas. [...] Toda a extensão exterior dos muros da Fortaleza, e de todas as Torres que a guarnecem estão cubertas de luzes, dispostas com proporção, e symmetria, e que produzem uma vista admirável, assim como toda a iluminação da Real Casa Pia no mesmo Castello.<sup>283</sup>

### **3. Pombal, a Inquisição e os jesuítas: as Luzes que dissipam as trevas.**

Ao longo da história, todas as civilizações constróiem os seus mitos, trata-se de um processo que faz parte da construção da própria identidade cultural e serve usualmente um plano de legitimação e originalidade de um país<sup>284</sup>. A maior parte das narrativas míticas são de pendor positivo e até encomiástico, todavia também existem mitos de cariz mais negativo. No pólo contrário, estes servem para denegrir determinado período ou episódio de forma a afirmar novas políticas reformistas.

Assim sucedeu com o século XVII em Portugal, houve uma mitificação negativa fundamentalmente levada a cabo pelos intelectuais de setecentos, que tinham como projecto afirmar o Iluminismo em contraponto com o que chamaram o Seiscentismo – “O século de seiscentos passou a ser mais do que uma designação de uma unidade de tempo. Acima de tudo passou a designar um estado de espírito coletivo e uma ideologia negativa.”<sup>285</sup>. Segundo as suas obras – principalmente com o seu Verdadeiro Método de Estudar – verificamos facilmente que Luís António Verney foi um dos grandes

---

<sup>282</sup> Anónimo, *Descrição das Iluminações de Lisboa pelo feliz nascimento da Augusta Princesa da Beira*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Ferreira, 1793, p. 5 e ss. Documento transcrito em Anexo.

<sup>283</sup> Anónimo, *Descrição das Iluminações de Lisboa pelo feliz nascimento da Augusta Princesa da Beira*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Ferreira, 1793, p. 7-8.

<sup>284</sup> Cf. Jacques Le Goff, “Idades Míticas”, in *Einaudi*, Vol. I, Lisboa, IN-CM, 1997.

<sup>285</sup> José Eduardo Franco, “O mito negro do século XVII: A idade de ferro portuguesa e a problemática da mitificação das idades”, in Miguel Sanches de Baêna e Paulo Alexandre Loução (Coords.), *Grandes enigmas da História de Portugal*, Lisboa, Ésquilo, 2011, pp. 256.

impulsionadores desta campanha negativa contra o século do barroco, tendo como alvo algumas das figuras mais representativas da cultura de então, como por exemplo o Padre António Vieira e a Companhia de Jesus. Na verdade, este projecto iluminista de pensamento anti-jesuítico acabava por atribuir à Companhia a culpa de vários aspectos negativos da história de Portugal, muito além das balizas temporais de seiscentos, como sublinha José Eduardo Franco.

Os limites deste século mitificado extravasam, enquanto recorte temporal e histórico objeto de combate ideológico, os limites da centúria, cronologicamente entendida. Abrangem balizas mais largas, nas quais se englobam os antecedentes que remontam à consolidação da rede da Inquisição e da Censura de Livros, a perda da Independência portuguesa em favor da coroa espanhola até ao tempo longo do barroco e da neoescolástica que extravasa as fronteiras de seiscentos e estendem-se pela primeira metade de Setecentos adentro. Trata-se, pois, de um século alongado no plano do mito, englobando simbolicamente tudo aquilo que pretende ser objeto de execução e de negação.<sup>286</sup>

Na verdade, é sobre este cenário (construído) de decadência e degeneração<sup>287</sup> que o projecto iluminista se quer afirmar, declarando-se embuído do espírito das Luzes, com tudo o que de positivo daí pode advir: sabedoria, conhecimento, progresso e racionalidade. Todas as características que poderiam salvar o povo português do caminho que trilhavam até ao século anterior, claramente condenado ao fracasso. Assim, é imbuído do espírito de reforma que acreditava ser necessária para Portugal, que Pombal se tornou o ministro mais importante de D. José I, tendo levado a cabo várias reestruturações políticas, burocráticas e até religiosas se tivermos em conta a sua intervenção com o Tribunal da Inquisição.

Até sensivelmente à segunda metade do século XVIII, muitos dos condenados nos autos de fé pelo Santo Tribunal da Inquisição eram acusados de actividades

---

<sup>286</sup> José Eduardo Franco, *op. cit.*, p. 258.

<sup>287</sup> No decurso dos séculos XV e XVI a história era instrumentalizada no sentido de operar uma hermenêutica moral e moralizante dos acontecimentos do passado, consignando-os por escrito em ordem a mostrar aos homens o modo como Deus pretendia que eles se comportassem no mundo. Com o processo de centralização e fortalecimento do poder real, os historiadores reorientaram o seu labor historiográfico para o serviço do poder monárquico e para sustentar o seu processo de absolutização. Assim, a moral historiográfica de pendor religioso transformou-se numa moral política. Cf. Georges Duby, “O historiador hoje”, in Philippe Ariès et alii, *História e Nova História*, Lisboa, Teorema, 1994, pp. 16-17.



subversivas feitas durante a noite. Servem de exemplo os judeus<sup>288</sup> (e os seus rituais de criptojudáismo) e as mulheres acusadas de bruxaria, que, entre outras práticas condenáveis, eram acusadas de atacar os lares durante a noite<sup>289</sup>.

Alain Cabantous<sup>290</sup> refere, a propósito dos casos francês e inglês, como a Igreja e as instituições estatais trabalharam em conjunto para afastar as pessoas da noite, criando e alimentando receios de possessões demoníacas ou viagens ao inferno. Na verdade, quem saía à noite colocava-se não só em perigo como também sob suspeita, pelo que a opção mais sensata seria ficar em casa, tal como era aconselhado pelas autoridades de segurança. Contavam-se várias histórias dos aventureiros nocturnos, sempre associados à imoralidade, à criminalidade ou ao simples afronto à ordem, em contraste com o quotidiano daqueles que recolhiam a casa cedo, para o conforto e a segurança dos seus lares<sup>291</sup>.

Todavia, é importante notar como toda esta forma de pensar foi mudando à medida que se aproximava o final do século.

Na segunda metade do séc. XVIII começa a aparecer um número significativo de títulos [...] onde se afirma a impossibilidade da bruxaria e se postula que as histórias de bruxas eram parte de um mundo popular ignorante e atrasado.<sup>292</sup>

Como já referimos *supra*, em Portugal deu-se uma espécie de auto-mitificação das Luzes, um discurso legitimador dos iluministas e das suas reformas associando a sua acção à metáfora da luz (Fig. 6a). Consequentemente, também em relação às crenças no sobrenatural a razão foi triunfando paulatinamente perante as trevas, “a partir de 1774 [...] a descrença no Sabat e nos pactos diabólicos se enraizou

---

<sup>288</sup> O último registo de um auto de fé em que uma pessoa foi queimada na fogueira foi precisamente um judeu, António José da Silva, um conhecido dramaturgo setecentista. Este curioso facto é referido no final do romance *Memorial do Convento* de José Saramago, onde uma das personagens principais é condenada no mesmo auto de fé. Cf. Giuseppe Macocci e José Pedro Paiva, *op. cit.*

<sup>289</sup> “Acreditava-se que certas criaturas, a coberto da noite (tal como acontecia com determinadas aves nocturnas) se introduziriam ocultamente nas casas e sem que ninguém as notasse sugavam o sangue das crianças pelo umbigo, matando-as” in José Pedro Paiva, “O medo das bruxas na época moderna” Separata de *Anunçe Revista de Divulgação Cultural*, n.º16, 2001, p. 99.

<sup>290</sup> Alain Cabantous, *Histoire de La Nuit XVIIe-XVIIIe siècle*, Paris, Fayard, 2009, pp 131-158.

<sup>291</sup> Cf. Joaquim Schlör, *Nights in the big city*, Reaktion Books, 1998, pp.35 e 36.

<sup>292</sup> José Pedro Paiva, *Bruxaria e Superstições num país sem “caça às bruxas” 1600-1774*, Lisboa Ed. Notícias, 1997, p. 87

no seio das elites religiosas e laicas de Portugal”<sup>293</sup> e isso começou a notar-se nos registos das sentenças do Tribunal da Inquisição.

Na segunda metade do séc. XVIII, depois de o Marquês de Pombal assumir as rédeas do poder no estado e no Santo Ofício<sup>294</sup>, a Inquisição abrandou as suas sentenças mais agudas, praticamente terminou a prática de tortura para obter confissões e desacreditou a bruxaria e os pactos com o Diabo. A partir desta altura a Inquisição passa a condenar os indivíduos acusados destas práticas não como agentes de um pacto diabólico, mas por acreditarem em superstições, incitando-os a declarar porque ‘inventaram e maquinaram os fingimentos e imposturas’ de que se diziam capazes.<sup>295</sup>

Por outro lado, um dos factores que mais marcou o governo pombalino foi o combate que o Marquês encetou com uma das ordens cujos sacerdotes serviam também a Inquisição: os jesuítas<sup>296</sup>, e essa acção teve várias motivações, a principal, além da tendência europeia, era a monopolização do poder.

O antijesuitismo da época pombalina foi um antijesuitismo de Estado, aliás, como aconteceu com o antijesuitismo que conduziu à expulsão dos Religiosos da Companhia nas diversas monarquias europeias, em que os diferentes Estados assumiram programaticamente esse projecto. O Estado, neste esforço de propaganda contra o poder dos Jesuítas, visava acima de tudo ocupar o espaço mitificado por esse mesmo poder, de modo a completar o seu ideário de total supremacia.<sup>297</sup>

Na prática, Carvalho e Melo desejava o enfraquecimento da ordem para, entre outros objectivos, reaver o controlo das políticas de educação no país e nas colónias – área praticamente dominada pela Companhia de Jesus em exclusividade. Existia também demasiada influência moral especialmente exercida pelos jesuítas em alguns elementos da corte. O Padre Gabriel Malagrida, que granjeava a admiração especial por parte da

---

<sup>293</sup> José Pedro Paiva, “O medo das bruxas na época moderna” Separata de *Anunçe Revista de Divulgação Cultural*, n.º16, 2001, p. 100.

<sup>294</sup> Cf. J. Sebastião da Silva Dias, *Correntes do Sentimento Religioso*, 2 vols., Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.

<sup>295</sup> José Pedro Paiva, *Bruxaria e Superstição num país sem ‘caça às bruxas’ 1600-1774*, Lisboa, Editorial Notícias, 1997, p. 88.

<sup>296</sup> Sobre a temática do mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente, e em particular sobre as várias campanhas antijesuíticas ao longo da história, veja-se José Eduardo Franco, *O mito dos jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX)*, 2 vols., Lisboa, Gradiva, 2006.

<sup>297</sup> José Eduardo Franco, *op. cit.*, pp. 610-611.

rainha viúva, D. Mariana Vitória, escreveu em 1756 um folheto intitulado *Juízo da verdadeira causa do terramoto que padeceu a corte de Lisboa, no primeiro de Novembro de 1755*, cujo conteúdo indirectamente colocava Pombal como principal instigador da catástrofe devido às suas políticas de entretenimento popular como óperas, touradas e teatros, que estariam a desviar o povo de caminho para Deus.

Depois do atentado contra a vida de D. José I, em 1758, o seu ministro prende e manda assassinar os seus opositores Duque de Aveiro, conde de Autogúia e os famigerados Távoras, culpando-os do crime de conspiração contra o rei. O Padre Malagrida, próximo destes, é implicado também na conspiração e condenado como autor moral do atentado. Enquanto os Távoras foram executados de forma violenta em praça pública, como foi largamente difundido na altura<sup>298</sup>, o jesuíta foi primeiro preso e depois condenado à morte pelo Tribunal da Inquisição, a instituição adequada para julgar os elementos do clero. Em 3 de Setembro de 1759 – exactamente um ano depois do atentado – um Decreto real impôs a expulsão dos jesuítas do território português. Após esse conturbado período de atentado ao rei, que se demorou e pesou no ambiente da cidade nos anos seguintes, o Tribunal da Inquisição iniciou finalmente o seu processo de abrandamento.

Após a execução de Malagrida (1761), terminou a intensa repressão que caracterizava a Inquisição portuguesa quase desde a fundação. Atenuaram-se, de igual modo, as penas aplicadas [...]. Na década de 80, surgiu em força a prática de apenas repreender verbalmente os culpados, admoestando-os de que, não se emendando, seriam severamente punidos. Em simultâneo, aumentava o número de absolvições, situação invulgaríssima até então.<sup>299</sup>

Chegaram mesmo a libertar alguns condenados por ocasião da coroação de D. Maria I (1777), facto até lá inédito. Efectivamente, a Inquisição havia perdido os seus maiores inimigos, os judeus, durante a década de 60 a instituição perde o interesse na perseguição e em 1773 surge a promulgação oficial da medida<sup>300</sup>.

Assim, expulsos os jesuítas, atenuadas as divergências com judeus e cristãos-novos, e com o Marquês de Pombal cada vez mais imiscuído no aparelho

---

<sup>298</sup> Imagens, livros, folhetins, tudo serviu para documentar o terror da perseguição de Pombal aos Távoras. Cf. Conselhos de Ministros do Governo de D. José I, *O processo dos Távoras – a expulsão dos jesuítas*, Coord. de Manuel João Gomes, Lisboa, Edições Afrodite/ Fernando Ribeiro de Mello, 1974.

<sup>299</sup> Giuseppe Macocci e José Pedro Paiva, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2013, p. 361.

<sup>300</sup> Cf. Giuseppe Macocci e José Pedro Paiva, *op. cit.*, p. 362-63.

Inquisitorial, esta instituição tornou-se menos o instrumento de preservação da fé e cada vez mais um dos braços do despotismo pombalino<sup>301</sup>. Daí até à sua extinção passarão sessenta anos.

Em que medida todos estes acontecimentos estão relacionados com a noite no séc. XVIII? Vejamos alguns aspectos. Em primeiro lugar, a Inquisição era uma instituição que fomentava um ambiente de controlo e de contenção por parte do povo, que, durante este período, veio a enfraquecer. De tal forma que mesmo durante os cerca de vinte anos que subsistiu no século XIX a sua presença praticamente não é notada, nem tão pouco a sua intervenção junto do povo. Por outro lado, este enfraquecimento da Inquisição bem como a expulsão dos jesuítas serviram para reforçar o poder pombalino e abrir espaço para a aplicação das suas medidas na cidade de Lisboa, que, entre várias, incluía proporcionar condições para o divertimento (também nocturno) dos lisboetas. Veja-se a esse propósito a construção do Passeio Público, os teatros, toda a revitalização e nova regulamentação do espaço público. Além disso, estes eventos ajudaram no processo de desmistificação de uma série de superstições e tradições antigas relacionadas com a noite que proliferavam ainda décadas antes, como as bruxas, os demónios e os pactos com o Diabo. De certa forma, e bastante lentamente, assistimos à vitória de um pensamento europeu iluminista sobre os medos antigos tão enraizados em Portugal.

Todos estes dissídios se reduzem a dois: a controvérsia dos jesuítas com os oratorianos e o choque dos modernos com os antigos. Mas, bem vistas as coisas, mesmo esses dois se reduzem a um só: a guerra das novas gerações contra o seiscentismo, em qualquer das suas modalidades, desde a simplesmente literária à filosófica e administrativa. É que em Portugal, analogamente ao que se passou no resto da Europa, o século XVIII também surgiu e avançou em luta com o precedente.<sup>302</sup>

---

<sup>301</sup> Cf. José Eduardo Franco e Paulo Assunção, *As metamorfoses de um polvo, Religião e política nos Regimentos da Inquisição (sécs. XVI-XIX)*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Theya, 2015.

<sup>302</sup> J. S. da Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*, Coimbra Editora, 1953, p. 224.

### III CAPÍTULO

#### Século XIX – O advento da luz, da liberdade e do progresso

– *Donde vens?* – “venho das trevas”  
– *Onde vais?* – “vou para a luz”  
Guilherme Braga

*No seio da aceleração da história, na área cultural ocidental, simultaneamente por arrastamento e reacção, aparece um novo conceito se impõe no campo da criação estética, da mentalidade e dos costumes: a modernidade.*

Jacques Le Goff

A passagem do século XVIII para o século XIX é uma das mais complexas e mais ricas em todas as áreas. Entramos na era contemporânea e, passando esse portal (cada nação ao seu ritmo), trocamos o absolutismo pelo liberalismo, a religião pela razão, a manufactura pela tecnologia, a intuição pela ciência, a treva pela luz. A era contemporânea, impulsionada pelas Revoluções Francesa e Industrial<sup>303</sup>, trouxe-nos para um mundo diferente, um mundo centrado no Homem, no cidadão, no indivíduo como ser pensante, como detentor da Razão. Por outro lado, o homem, como centro do mundo e capaz de dominar (mais) a natureza que o rodeia, muito devido aos avanços tecnológicos entretanto conseguidos, muda também a sua relação com o mundo e a forma como o vê e como o quer ver.

O sentido da visão é efectivamente um sentido privilegiado na era contemporânea. Desejamos ver acima de tudo: ver ao perto, microscopicamente, ver ao longe, telescopicamente, ver à noite, iluminando artificialmente<sup>304</sup>. Neste sentido, a noite representa um dos últimos redutos do mundo que o homem ainda não domina completamente, o único que ainda tolda de algum modo o sentido privilegiado da visão. Contudo a noite começa aos poucos a ser invadida, principalmente nas geografias

---

<sup>303</sup> E, em certa medida, a Revolução Americana, em 1776, todas contribuíram para o ebulir de uma nova era, a contemporânea. Cf. Eric Hobsbawm, *A Era das Revoluções. 1789-1848*, Presença, 1978.

<sup>304</sup> A esta articulação das várias visões que a tecnologia permite se chama o “sublime tecnológico”, o termo é retirado de Leo Marx, *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*, Oxford, Oxford University Press, 1964.

urbanas. Com efeito, “a cidade e a noite afiguram-se duas ameaças simultâneas ao tradicional equilíbrio pastoril do ser humano, surgindo igualmente como espaços privilegiados de manifestação do sublime tecnológico”<sup>305</sup>.

A iluminação traz conhecimento e alguma segurança, mas concomitantemente é criada uma nova mitologia do medo, acentuando a diferença entre uma rua bem ou mal iluminada, dando novas possibilidades e nova vida aos noctívagos. Se anteriormente (e no caso de Lisboa antes de 1780) as ruas eram de uma escuridão absoluta, funcionando o escuro como resguardo a quem se quisesse esconder, com a iluminação pública passam a existir zonas menos iluminadas relativamente a outras, logo, mais perigosas. Em verdade este é “um processo [tecnológico] grandioso para o espaço público e ameaçador para o indivíduo, atualizando os medos da alienação noturna”<sup>306</sup>.

Todavia, as sociabilidades noturnas também encontram novos espaços e novas condições de desenvolvimento. Em todos os sectores da sociedade, a noite, além de oferecer refúgio às habituais marginalidades, oferece também a sombra do anonimato que muitos desejam para experimentar vida alternativa sem pertencer concretamente ao mundo marginal, que é ao mesmo tempo “espaço aterrador que corporiza uma alteridade radicalmente negativa, mas igualmente excitante”<sup>307</sup> pela miríade de novas possibilidades que oferece.

Enquanto cidades como Paris, Londres ou Amesterdão instalam a iluminação pública durante o século XVIII (principalmente a partir de 1765), como uma medida essencial ao desenvolvimento urbano, em Portugal nesta data ainda nada de semelhante se fazia sentir. Estrangeiros visitavam Lisboa e testemunhavam o estranhamento de uma cidade que simplesmente “não é alumada de noite” que impede qualquer um de “acertar com o seu caminho”<sup>308</sup> e de andar na rua com segurança. Durante o reinado de D. João V e muito devido a todas as restrições financeiras causadas pela construção do Convento de Mafra, a sugestão do então seu conselheiro,

---

<sup>305</sup> Isabel Capelo Gil, “Terroros Nocturnos. A noite e a estética noir em Edgar Allan Poe” in *Comunicação & Cultura*, n.º 4, 2007, p. 44.

<sup>306</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>307</sup> Isabel Capelo Gil, *Op. Cit.*, p. 45.

<sup>308</sup> Camilo Castelo Branco, *Noites de Insomnia oferecidas a quem não pode dormir*, Publicação mensal, Volumes Primeiro e Segundo, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão Lda., 1929 (referência a “Description de la ville de Lisbonne”, 1730), p.204 e 205.

D. Luís da Cunha, de “alumiar com lanternas todas as ruas de Lisboa, porque a obscuridade da noute facilita os roubos, as mortes e outros crimes” fica sem efeito. Como já fizemos alusão anteriormente, só em 1780, depois de muita insistência do Intendente Pina Manique, Lisboa é iluminada com parca profusão por lamparinas de azeite e, ainda assim, não de maneira definitiva.

Na verdade, Portugal experimentou no século XIX um diversificado rol de mudanças políticas, económicas e sociais. Vários acontecimentos ditaram todas essas mudanças. Entre os mais importantes, podemos salientar, na primeira metade do século: as três invasões napoleónicas e a consequente Guerra Peninsular; a investida espanhola em Olivença e o Tratado de Badajoz; a fuga do rei para o Brasil e a manutenção da corte no Rio de Janeiro; a revolução liberal e todos os conflitos associados; a separação política do império do Brasil em 1822. Na segunda metade de oitocentos, apesar de tudo ter sido um pouco mais calmo, principalmente a partir do reinado de D. Pedro V e da Regeneração, também houve bastantes vicissitudes: as duas epidemias no reinado de D. Pedro V; as diversas crises monetárias, financeiras, económicas e sucessivos movimentos militares; o *Ultimatum* inglês; a revolução Republicana no Porto, entre outros. Tudo isto contribuiu para que este fosse um dos maiores séculos da História de Portugal, ultrapassando em muito, metaforicamente pela sua intensidade, os cem anos que lhe são normalmente atribuídos.

Neste sentido, o século XIX em Portugal é o século de múltiplas transformações, tanto ideológicas, como tecnológicas. Efectivamente notamos que a revolução tecnológica (tardia) bem como o racionalismo científico afastaram muitos dos medos do sobrenatural que proliferavam no século anterior, como refere oportunamente James Sharpe: “We experience everyday, that as science and learning increases, the vulgar notions of spirits, apparitions, witches and demons, decrease and die of themselves”<sup>309</sup>. Assim, se o homem se torna o centro de tudo, também o medo é deslocado para o homem, tal como tudo o resto<sup>310</sup>. Veja-se a este respeito as histórias de Edgar Allan Poe ou exemplos da literatura portuguesa “negra” ou de terror<sup>311</sup>

---

<sup>309</sup> James Sharpe *apud* Roger Ekirch, *At days close: Night in times past*, New York, Norton and Company, 2005, pp. 325. Ainda que James Sharpe fale da Inglaterra do século XVIII, há que considerar a nossa revolução industrial e iluminismo tardios em comparação com outros países europeus.

<sup>310</sup> Sobre a questão dos medos nocturnos e não só, *vide* I Capítulo desta dissertação.

<sup>311</sup> Consideramos principalmente o levantamento e estudo feito em Maria Leonor Machado de Sousa, *A literatura “Negra” ou de Terror em Portugal (séculos XVIII e XIX)*, Lisboa, Editorial Novaera, 1978.

oitocentista, em que a ameaça por detrás do terror que parece sobrenatural é na maior parte das vezes o homem. Igualmente ilustrativa desta ideia é a seguinte notícia de um jornal diário lisboeta de 1871:

No tempo em que o povo supersticioso acreditava nos lobisomens, alguns gatunos, aproveitando-se da simplicidade das saloias, tomavam lugar na cabeçada dos burros que ellas levavam pela arreata, e deixando-os para trás, faziam crer a estas desgraçadas que eles pertenciam à espécie quadrúpede, e que voltavam á [*sic*] forma humana por se lhes ter acabado o fadário.<sup>312</sup>

Em síntese, todas as transformações a que assistimos durante o século XIX<sup>313</sup> acabam por, de alguma forma, se reflectir também na noite tanto social como cultural. Há medos que se perdem, embora rapidamente sejam substituídos por outros. Até que ponto a cidade se torna mais segura à medida que vai sendo iluminada? Efectivamente os novos hábitos sociais trazem mais pessoas para a rua, convidando para a noite social em todo o seu esplendor de luz, palcos e também, sempre, escuridão. Assim como o desenvolvimento tecnológico e económico de Lisboa traz migrantes à procura de trabalho e sobrevivência. A cidade enche-se de gente, principalmente na segunda parte do século e com estas movimentações ganha uma vida, tanto diurna como nocturna, que nunca antes tinha tido.

---

<sup>312</sup> *Jornal da Noite*, V. Paiva Manso e A. A. Teixeira de Vasconcelos (dir.), Quinta-feira, 5 de Janeiro de 1871.

<sup>313</sup> No que diz respeito a estudos específicos sobre mudanças no século XIX, veja-se, por exemplo: Fernando Catroga, *Os inícios do positivismo em Portugal: o seu significado político-social*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1977; Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX)*, 2 vols., Lisboa, Temas e Debates, 1998.



## 1. A primeira metade do século XIX: a adaptação ao liberalismo e à cidade ordenada.

Ao contrário de outras capitais europeias, Lisboa conheceu um fenómeno migratório de saída entre o final do século XVIII e o início do século XIX devido a variados factores, a saber, o terramoto, as invasões francesas e as lutas políticas da primeira metade de oitocentos, só se verificando uma inversão dessa tendência na segunda metade do século XIX<sup>314</sup>.

Carlos Malheiro Dias, num romance escrito no início do séc. XX mas cuja acção se reporta a um século atrás, descreve assim a cidade de Lisboa à mercê das invasões francesas:

toda a cidade às presas com o cio e com a fome; uma era de abundância para as meretrizes, de extermínio para os mendigos; os algozes e ‘moscas’ de Manique ao serviço de Junot; a licença por uma parte e a pressão em todas as consciências: era Lisboa. Só um sentimento proibido: o patriotismo; só uma classe perseguida: os patriotas (...). Conspirava-se, assassinavam-se soldados nos becos da mouraria, saqueavam-se igrejas para a contribuição de Milão. Fazia-se exasperada caça à mulher e ao patriota. Exhibiam-se seios nus no Rossio e canhões na Praça do Comércio. Ao ruído festivo das salvas respondia o estalejar lúgubre dos fuzilamentos. A condessa da Ega dava bailes na Junqueira; Junot oferecia orgias soldadescas no Ramalhão. (...) Vista de longe, a vida de Lisboa era uma saturnal; vista de perto, uma agonia. Depois de Manique, o tigre, Lagarde, a víbora.<sup>315</sup>

Há que ter em conta, na leitura do excerto, as profundas convicções monárquicas do autor, que era, inclusive, um dos amigos próximos do rei D. Carlos. Assim, este seu romance, bem como o anterior<sup>316</sup>, estão eivados de um fulgor anti-republicano e anti-jacobino que faz repercutir um tom hiperbólico na descrição de uma Lisboa *quasi* apocalíptica deixada à mercê dos franceses. A crítica ao caos liberal/republicano no trecho “Exibiam-se seios nus no Rossio e canhões na Praça do Comércio”, inevitavelmente traz à memória o quadro de Delacroix “La Liberté guidant le peuple” (1830), com os seios praticamente desnudos e todo o cenário marcial que a

---

<sup>314</sup> Cf. Teresa Rodrigues, *Nascer e morrer na Lisboa oitocentista. Migrações, mortalidade e desenvolvimento*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.

<sup>315</sup> Carlos Malheiro Dias, *Paixão de Maria do Céu*, Lisboa, Bertrand, 1982, p. 157.

<sup>316</sup> *Os Teles da Albergaria* (1901). Edição consultada: Carlos Malheiro Dias, *Os Teles da Albergaria*, Ed. e Prefácio de Maria de Fátima Marinho, Porto, Campo das Letras, 1999.

rodeia. Será usada outrossim pelas mesmas razões a metáfora animal para se referir a um e outro Intendentes Gerais da Polícia. O primeiro, Pina Manique, “o tigre” animal nobre e forte, o maior felino conhecido, o segundo, Lagarde “a víbora”, animal rasteiro e traiçoeiro, que sucedeu aquele no cargo e ousou mesmo substituir as armas lusas pela águia imperial francesa no cabeçalho da Gazeta de Lisboa quando assumiu também a direcção do periódico<sup>317</sup>. Actos como este seriam considerados verdadeiros atentados à coroa e bandeira portuguesas, com maior intensidade tendo em conta o tempo de crise vivido.

De qualquer forma, esta Lisboa disfórica caracterizada por Malheiro Dias acaba por ser muito semelhante à descrita pelos viajantes europeus tanto no século XVIII, principalmente a seguir ao terramoto, como no início do século XIX, sendo estes principalmente não de viajantes curiosos, mas principalmente de militares franceses e ingleses destacados para os confrontos militares na Península Ibérica. Será possível, não obstante, trazer todas as suas observações sobre Lisboa a um denominador comum: bela situação geográfica, clima ameno, ruas sujas (principalmente graças ao objecto ritual “água-vai”), matilhas de cães vadios, descrição dos principais edifícios públicos, etc.. Todas estas características (e respectivos adjectivos) constam de uma maneira ou de outra nos testemunhos da passagem de estrangeiros pela capital.

### **1.1. As crescentes preocupações com o policiamento.**

A criação em 1760 da Intendência Geral da Polícia (IGP) e o alargamento do seu poder em 1801 com a criação da Guarda Real da Polícia comprovam a mudança e a crescente preocupação com o policiamento público<sup>318</sup>, como vimos anteriormente. A Guarda Real da Polícia era uma espécie de corpo policial, a pé e a cavalo, necessário para um maior controlo nas ruas e que, na prática, vieram substituir os antigos Quadrilheiros civis, que depressa se revelaram incapazes nessa missão, muito pelo seu

---

<sup>317</sup> Cf. António Martins Gomes, “Monarquia e Jacobinismo em *Paixão de Maria de Céu*, de Carlos Malheiro Dias” in *A Guerra Peninsular. Perspectivas Multidisciplinares. XVII Colóquio de História Militar nos 200 anos das invasões napoleónicas em Portugal*, Vol. I, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2007 pp. 565-571.

<sup>318</sup> Cf. Teresa Rodrigues, *op. cit.*

amadorismo e falta de formação.<sup>319</sup> Esta era uma batalha quase pessoal de Pina Manique, a par da iluminação, elementos essenciais para o controlo das ruas, que de uma forma ou de outra lhe havia fugido até aí. Como refere Joachim Schlör, “Control of the city is in particular control of the street”<sup>320</sup>, e esta era obviamente uma das prioridades para o Intendente Geral e para os seus sucessores.

Conhecer Lisboa significava para os governantes da primeira metade do século XIX identificar as suas ruas, os locais de encontro e de trabalho, bem como os seus habitantes: saber quantos eram e onde se localizavam era considerado o primeiro passo para um exercício mais eficaz da vigilância e da manutenção da ordem.<sup>321</sup>

A Guarda Real da Polícia, criada por Decreto pelo ministro e conselheiro Rodrigo de Sousa Coutinho teve, de facto, um impacto na vida lisboeta em geral e na segurança pública em particular. O primeiro capitão foi o Conde de Novion, um militar francês emigrado em Portugal, e comandava “uma força de 600 homens de infantaria e 200 de cavalaria, que todas as noites, e mesmo em menores secções durante o dia, percorrem em patrulhas todos os bairros da cidade.”<sup>322</sup>. O seu rigor e controlo da cidade concedeu-lhe em igual medida fama e temor, chegando a ser considerado exagerado nos seus métodos. Com as invasões francesas o capitão francês passou a integrar o exército invasor, seu compatriota. Ainda assim, com a formação da Guarda Real e com as novas medidas de segurança, a criminalidade continuava a assediá-los os moradores e os visitantes da cidade. Como nota Teresa Rodrigues, “Existiam também os guardas-nocturnos, mas a regularidade com que passavam em cada sítio permitia aos larápios experimentados coordenarem as suas acções contra os incautos”.

Por outro lado, no decorrer do regime liberal, a IGP começa a ser associada a um governo tirânico ou até mesmo à Inquisição. Em 1822 já se pondera a sua

---

<sup>319</sup> Cf. Maria Alexandre Lousada, “A cidade vigiada: a polícia e a cidade de Lisboa no início do séc. XIX” in *Cadernos de Geografia*, n.º17, 1998, Coimbra, FLUC, pp 227-232. (p.228)

<sup>320</sup> Joachim Schlör, *Nights in the big city*, London, Reaktion Books, 1998, p.33.

<sup>321</sup> Maria Alexandre Lousada, *op. cit.*, p.227.

<sup>322</sup> Carl Israel Ruders, *Viagem em Portugal (1798-1802)*, Tradução de António Feijó, Prefácio e Notas de Castelo Branco Chaves, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1981, p.252.

extinção.<sup>323</sup> “Em 6 de Março de 1822 o deputado Soares Franco proclamou a inconstitucionalidade da IGP, por ser ‘um monstro que foi criado no tempo do Marquês de Pombal para incutir aos povos um grande terror’”. Apesar da impopularidade junto da classe política e também do povo, a instituição ainda resistiu aproximadamente mais dez anos, tendo sido decretada a sua extinção apenas em Novembro de 1833.<sup>324</sup>

De qualquer forma, não se tratava apenas de controlo, de “vigilância e de repressão”, pois a criminalidade no início do século XIX era uma preocupação contumaz. Segundo as estatísticas do ano de 1809, que tomamos aqui como exemplo, os crimes mais frequentes eram as desordens públicas e as agressões, logo seguidas dos roubos.

Era nas áreas onde dominavam os armazéns de vinhos e as tabernas, era nos bairros mais antigos que a polícia registava mais desordens. Os responsáveis pela sua ocorrência eram invariavelmente soldados, criados, prostitutas e os ligados às lojas de comes e bebes quer às actividades fluviais. Os distúrbios ocorriam com maior incidência aos domingos, aos dias de festa e à noite.<sup>325</sup>

Segundo os dados estatísticos da Guarda Real da Polícia<sup>326</sup>, os crimes mais frequentes ocorrem em maior número nos meses de Julho e Agosto. Destes dados podemos aferir que no Verão a violência aumenta na cidade de Lisboa muito provavelmente devido à maior quantidade de gente na rua durante o dia e muito frequentemente à noite. O encerramento das tabernas também ultrapassou os duzentos durante o ano de 1809, o que mostra que a GRP andava atenta à actividade dos taberneiros e às liberdades que estes muitas vezes permitiam nos seus estabelecimentos. As ordens de fecho estavam mormente associadas à falta de licenças e principalmente à falta de pagamento de taxas.

---

<sup>323</sup> Maria Alexandre Lousada, “A cidade vigiada: a polícia e a cidade de Lisboa no início do séc. XIX” in *Cadernos de Geografia*, n.º17, 1998, Coimbra, FLUC, pp 227-232. (p.230)

<sup>324</sup> Segundo os Arquivos da Intendência Geral da Polícia disponíveis no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sabemos que, por Decretos de 8 de Novembro de 1833, publicados em 11 de Novembro, foi exonerado António Maria de Sousa e Azevedo, último intendente geral da Polícia (que tinha sido nomeado interinamente em 24 de Julho do mesmo ano), passando a exercer integralmente as funções de "Polícia Geral" na província da Estremadura o respectivo prefeito, que exerceria, também, a "suprema Autoridade de Polícia em todo o Reino para as províncias cujas Prefeituras se encontrassem vagas". (disponível em linha em Dezembro de 2015: <http://www.aatt.org/>)

<sup>325</sup> Maria Alexandre Lousada, “*op. cit.*”, p.232.

<sup>326</sup> AN/TT, Guarda Real da Polícia, verbetes de 1809.

Ainda sobre a criminalidade e o policiamento nesta primeira metade de oitocentos, será interessante considerar um curioso texto de ficção pelo que ele nos pode fornecer sobre a mentalidade da época. Trata-se de um diálogo entre candeeiros sobre a criminalidade na cidade, desde ladrões de relógios, a grandes donos de armazéns de produtos roubados, até escroques e vigaristas que enganam senhorios. Os candeeiros acabam por condenar todos aqueles criminosos, cujas conversas eles têm o privilégio de ouvir, e elogiar a honestidade do “alimpador” que apenas realiza o seu ofício. Serve também este diálogo fictício como crítica social ao facto de a iluminação nocturna não ter servido de muito no combate à criminalidade, que continua a existir, só que agora “alumiada”: “Sabes tu, ó meu colega, que a luz que espalhamos não tem servido para se acalmarem os acontecimentos desastrosos, que até agora se commettião nas trevas”<sup>327</sup> (Fig.15).

Se no início do século a cidade de Lisboa estava numa espécie de estado de sítio, ainda com resquícios das mazelas causadas pelo terramoto, depois com as invasões e a fuga do rei, a verdade é que, paulatinamente a cidade recomeçou a funcionar, principalmente até a meio do século. Antes disso, a iluminação era parca e a segurança começava a espalhar-se mais eficientemente pela cidade. A partir daí, o seu crescimento teria sido vertiginoso, não fosse o espírito português tão contido – questionando todos os avanços tecnológicos. Todavia a cidade cresceu, desenvolveu-se, a população aumentou. Só entre 1864 e 1880 o número de habitantes aumentou cerca de 15%, o que fez aumentar proporcionalmente a criminalidade.

Conforme conferimos em vários romances ou mesmo diarística da época, a cidade terá sempre algo de Babilónia, inspirará ao visitante de fora um ambiente de moralidade decadente, principalmente à noite. Muitos dos migrantes que vieram até Lisboa procurar uma vida melhor, olhavam para a cidade com um receio quase tão grande quanto o desejo de voltar “à terra” o mais rápido possível<sup>328</sup>.

---

<sup>327</sup> Anónimo, *O Alimpador de Candeeiros ou A Conversa que estes tiverao em huma das noites das emana passada*, Porto, Typ. á Praça de S. Tereza, 1825, p.10. Documento transcrito em Anexo.

<sup>328</sup> Há vários romances oitocentistas que retratam indivíduos que vêm da província para a cidade em busca de uma vida melhor e que rapidamente são corrompidos, pois a cidade continua a ser vista como um lugar de perdição. Por exemplo, *A Queda de um Anjo* de Camilo Castelo Branco, *A Capital!* de Eça de Queirós ou, já no século XX, a personagem Severino, de *Milagre Segundo Salomé* (José Rodrigues Miguéis), que apesar de ter enriquecido na cidade, rapidamente percebe como ela o devora e como seria tão mais feliz na pureza da província.

Por outro lado, há que sublinhar algum carácter conservador pós-revolucionário que inspirou a Carta de 1826 e que visava, entre outros fitos, manter a ordem e a segurança na cidade depois dos tempos conturbados pré e pós revolução de 1820. Uma das medidas mais relacionadas com o controlo e a manutenção da ordem foi a criação dos “secretas” (semelhança inevitável com os “moscas” de Pina Manique). Estes eram uma espécie de polícia secreta instituída em 1826 principalmente para detectar instabilidades populares relacionadas com a política ou para delatar actividades subversivas.

Na mesma linha conservadora, a Constituição Portuguesa de 1822 manteve a religião católica como religião do estado, o que acabava por discriminar até outros cristãos, como os protestantes. Estes – que não poderiam ter nacionalidade portuguesa – eram obrigados a exercer o culto exclusivamente na esfera privada, uma vez que “O culto público e, por conseguinte, a exteriorização social da religiosidade era prerrogativa exclusiva da religião do Estado: a Católica Apostólica Romana.”<sup>329</sup>

No que diz respeito às reformas do espaço público – já iniciadas no final do séc. XVIII – e à sua separação da esfera privada, ainda em 1827 se discutia até que ponto o domicílio era ou não inviolável e a partir de que limites essa violação constituiria crime. Na sessão de 22 de Fevereiro desse ano argumentava-se na Câmara dos deputados que a inviolabilidade do domicílio “só o deveria ser, em termos absolutos, durante a noite”<sup>330</sup>. Medidas como esta denunciavam ainda a dificuldade existente na delimitação dos espaços público e privado e de que forma a questão, para nós hoje tão simples, adquiria uma grande complexidade precisamente porque as barreiras ainda eram demasiado recentes.

---

<sup>329</sup> Rita Mendonça Leite, *Representações do Protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea. Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*, Lisboa, CEHR, UCP, 2009.

<sup>330</sup> Rui Cascão, “Modos de habitar: A casa - simbologia e funções” in José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*, Lisboa, Temas&Debates/Círculo de Leitores, 2011, p. 22.

## 1.2. *Academia da noite: um exemplo do espírito liberal na educação.*

*ACADEMIA DA NOITE no Collegio da Rua dos Ourives do Ouro, n.º253. Abre-se a 6 de Outubro próximo. Para pessoas de dia ocupadas aprenderem a escrever o Character da língua Ingleza, língua Franceza, Arithmética, Cambios, &c. para o uso do Commercio por Mestres Nacionais e Estrangeiros do mesmo Collegio. Na classe do Francez haverão effectivamente duas horas de lição, durante as quaes não deixará de haver lição de Grammatica e leitura, traducção do Francez em Portuguez, e do Portuguez em Francez, licção de escrever Cartas na dita língua, e de falar, a fim de que em breve tempo se possa aprender com perfeição o dito Idioma, não só a traduzir, mas também a escrever e a fallar.*<sup>331</sup> (Fig.14)

Acima encontramos a transcrição de um cartaz de cerca de 1820, impresso pela oficina de Simão Thaddeu Ferreira, em Lisboa, a publicitar os serviços de uma instituição de ensino privado. Existem dois factores inusitados neste cartaz, o primeiro será o facto de esta “Academia” oferecer um curso nocturno no início do século XIX, o segundo, de certa forma complementar, é o facto de ser ensino de adultos.

O ensino a adultos, de certa forma, começa antes desta data, Rogério Fernandes, a este propósito, refere o seguinte:

Embora não identificada como tal, a educação de adultos emerge nos séculos XVII e XVIII em consequência das necessidades de aculturação tecnológica e de conversão da mão-de-obra, impostas pelas transformações científico-técnicas que se observam em sectores bem determinados.<sup>332</sup>

Ora, esta educação de adultos tão antiga referida por Rogério Fernandes refere-se principalmente ao Exército que oferecia formação teórica na área das ciências exactas e da técnica a alguns artesãos para os auxiliar na construção de instrumentos vários, o que não era o caso desta instituição, que era de carácter privado e o seu ensino generalista (línguas, filosofia, história). Além disso, aquela instrução dada pelo exército não tinha como característica especial ser nocturno, tinha a ver sim com a

<sup>331</sup> “Academia de noite no Collegio da Rua dos Ourives do Ouro, n.o 253 [ Visual gráfico] : abre-se a 6 de Outubro proximo, para as pessoas de dia ocupadas aprenderem a escrever...” (cota BNP: C.T. 1665 V.)

<sup>332</sup> Rogério Fernandes, “Nascimento da educação de adultos em Portugal séc. XVII e XVIII” in *O Instituto. Revista Científica e Literária*, vol. CXL-CXLI – 1980/81, p. 46.

disponibilidade dos operários. Luís Grosso Correia salienta que logo no início do século XIX, em 1815, intenção eivada do espírito liberal, houve “uma reivindicação das associações dos Ofícios de Lisboa (...) para que os poderes municipais providenciassem os meios necessários para as primeiras letras a todas as classes sociais” ao que o poder municipal respondeu negativamente alegando que a instrução do povo não devia contemplar as ciências elevadas “porque isso seria uma arma perigosa nas mãos do povo”<sup>333</sup>. Se a intenção das associações adivinhava já o espírito liberal, como referimos, a resposta do poder municipal denunciou uma raiz ainda demasiado funda no espírito absolutista. No caso desta instituição em particular, a intenção era clara: “Para pessoas de dia ocupadas aprenderem a escrever o Character da língua Ingleza, língua Franceza”; isto é, o objectivo era criar uma oferta e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para aqueles que tinham de trabalhar poderem ainda assim cultivar-se.

Outra das modalidades de educação de adultos, na altura referida, seriam as chamadas Conferências<sup>334</sup>, que eram protagonizadas por sábios das várias áreas e tinham o nobre objectivo da divulgação da ciência e dos avanços da tecnologia junto de quem se interessava por tais assuntos. Estas Conferências eram bastante democráticas uma vez que eram frequentadas por diversas pessoas, independentemente da origem social, embora fossem apresentadas sessões para fidalgos e outras para homens comuns, em horários diferentes. Como continua Rogério Fernandes,

A Conferência não seria a única modalidade de acção pedagógica que a extraordinária criatividade setecentista viria inaugurar no âmbito da educação de adultos. Embora sem conhecer uma difusão apreciável, também o curso nocturno fez a sua aparição entre nós nesse período.<sup>335</sup>

Agora sim falamos especificamente de cursos nocturnos e não apenas de educação para adultos. Para ilustrar esta ideia, o historiador apresenta o exemplo de um curso nocturno

---

<sup>333</sup> Luís Grosso Correia, “A escola nocturna da Cedofeita (1888-1890)” in Justino Magalhães (org.) *Fazer e ensinar História da Educação. Actas do 2.º Encontro de História da Educação*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação/ Secção História da Educação, Braga, 8/9 Novembro, 1996, pp 229 e 230.

<sup>334</sup> Sobre as várias modalidades de instrução pública no início do século XIX, veja-se: Luís Reis Torgal e Isabel Nobre Vargues, *Vintismo e Instrução Pública*, Coimbra, s.ed., 1984. A temática das academias oitocentistas também é abordada na recente história do Montepio Geral, vale a pena referir: Renato Pistola e Ana Catarina Rocha, *Sob o Signo do Pelicano. História do Montepio Geral (1840-2015)*, Coordenação de José Eduardo Franco e António Castro Henriques, Lisboa, IN-CM, 2015.

<sup>335</sup> Rogério Fernandes, “Nascimento da educação de adultos em Portugal séc. XVII e XVIII” in *O Instituto. Revista Científica e Literária*, vol. CXL-CXLI – 1980/81, p.53.



de medicina que funcionava entre as 18h e as 2h da madrugada, três vezes por semana. Um curso privado e, portanto, um serviço apenas acessível a quem o pode pagar.

Com efeito, existiam imensos colégios particulares em Lisboa cujo surgimento pretendia suprir as necessidades que as escolas régias deixavam insatisfeitas. O mercado imobiliário ebulliu durante o final do século XVIII e início do XIX com a procura de locais adequados para abrir colégios privados. Vários palacetes de Lisboa foram procurados tanto pela sua localização, normalmente no centro da cidade, como pelo grande número de divisões e também pelo espaço exterior que normalmente ofereciam e que se adequava à necessidade de um pátio para as crianças realizarem as suas actividades físicas. Muitos destes colégios funcionavam com regime diurno e complementavam com o regime nocturno e até aceitavam *collegiaes externos*, como era o caso desta *Academia*.

#### ADVERTENCIA

*Na dita casa de educação se continua a aceitar meninos Pensionistas em Casa, e dão-se-lhes além dos Mestres já indicados para de nóite, os de Inglez, Latim, Rhetorica, Filosofia, e Mathematica. Também se anuncia, que na mesma Casa se acceitão COLLEGIAES EXTERNOS, e se poderão estes aplicar a qualquer dos Ramos aqui demonstrados, ou somente à Escrita, e Arithmética.*

*Os preços das pensões se farão ver em huma lista no mesmo Collegio áquellas pessoas, que delle se quiserem aproveitar.*<sup>336</sup>

Já Daniel Rosa, no seu estudo sobre o ensino nocturno, aponta a esporadicidade deste tipo de ensino durante o século XIX, concluindo mesmo que algum tipo de oficialização do ensino nocturno só surgiu depois de 1836, ou seja, já posteriormente ao exemplo que trazemos a lume. De qualquer forma, esta referência, pensamos, contempla essencialmente o ensino público e não o privado. Além disso, apesar dessa suposta oficialização de alguns cursos nocturnos, o mesmo autor refere que “em 1847 foi criado um curso nocturno de Geografia e Mecânica, no Liceu de Lisboa, o

---

<sup>336</sup> “Academia de noite no Collegio da Rua dos Ourives do Ouro, n.o 253 [ Visual gráfico] : abre-se a 6 de Outubro proximo, para as pessoas de dia occupadas aprenderem a escrever...” (cota BNP: C.T. 1665 V.)

qual foi extinto, em Maio de 1855, por fraca afluência de alunos.”<sup>337</sup> De facto, durante o século XIX, acompanhando a ênfase da reforma da educação, apesar do “arranque fulgurante” reflectido num grande número de matrículas, houve “um decréscimo da actividade que conduziu muitos ao encerramento”. Segundo o mesmo autor, os principais motivos para o seu fecho foram a falta de alunos e o não pagamento das gratificações devidas aos professores<sup>338</sup>.

Em suma, consideramos importante este exemplo de um dos primeiros estabelecimentos a oferecer o ensino nocturno para adultos<sup>339</sup>, de forma a ilustrar como o mundo da noite poderia compensar aquilo que havia falhado durante o dia. Assistimos assim ao *kayros* a prevalecer perante o *chronos*, ou seja, se um indivíduo que durante toda a sua vida teve de trabalhar para ganhar o seu sustento, sem nunca ter tido tempo para se cultivar, a Academia da Noite, e outros estabelecimentos semelhantes, ofereciam uma nova oportunidade de estudar. Com o avançar do século XIX, como veremos *infra*, a noite é cada vez mais um tempo/espço da individualidade e do lazer, enquanto o dia é o tempo/espço da vida em sociedade e das obrigações. Exemplos como o desta Academia possibilitam a visão de uma noite como um tempo útil em que se pode dar continuidade àquilo que normalmente é feito durante o dia. Do ponto de vista da mentalidade social é importante esta mudança de premissa em que a noite passa a oferecer também actividades legítimas e não só a habitual boémia.

---

<sup>337</sup> Daniel Augusto Melo Rosa, *Ensino Secundário Nocturno (1972-1997)*..., Lisboa, Universidade Lusófona, 2001, p. 52 e ss.

<sup>338</sup> José Carlos de Magalhães, *A Construção do Tempo Escolar na Modernidade Portuguesa. Modelos, processos e instrumentos de uma arquitectura social e cultural*, Universidade do Porto (FP.CE), 2011, p. 181. O autor refere, sobre este assunto, o trabalho de Luís Pereira Dias: *As outras escolas. O ensino particular das Primeiras Letras entre 1859 e 1881*, Lisboa, Educa, 2000. (p.93)

<sup>339</sup> Como obra de referência sobre a história da educação em Portugal, indicamos: Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

## 2. Um novo mundo conhecido: as mudanças trazidas pela iluminação pública – do azeite ao gás.

No início da segunda metade do século XIX Lisboa é uma cidade que ainda se debate bastante com a questão da iluminação nocturna. Ainda em 1842, há um testemunho de um alemão chegado à cidade que a descreve como uma cidade escura, ainda só iluminada pela mercê da Lua:

A Lua, claríssima, e as estrelas, que no céu meridional cintilam tão puro e ardentemente, iluminavam aquela vasta superfície [o Tejo] resplandecente com fulgor argentino. Semelhante a um negro fantasma se apresentavam os contornos da Torre de Belém;<sup>340</sup>

Esta passagem remete não só para a pouca iluminação que existia na cidade, mas principalmente para o hábito, que acompanhou a transição da iluminação a azeite para a do gás e se demorou por todo o século, de desligar a iluminação noturna em noites de lua cheia<sup>341</sup>. Este hábito deve-se particularmente à contenção de custos que sempre preocupou as entidades camarárias. De qualquer forma, a inauguração da iluminação a gás no verão de 1848 constitui um grande acontecimento e um passo importante no que diz respeito à modernização da cidade. A inauguração da iluminação no Chiado e das áreas circundantes foi um acontecimento registado por vários periódicos, em que o assombro pela diferença entre a intensidade de uma e outra luz era deveras sublinhada. Chega mesmo a afirmar-se que “é muito natural que as ruas, principalmente de Verão, sejam tanto ou mais frequentadas de noite do que de dia”<sup>342</sup>. Com efeito, esta foi uma época de mudanças assinaláveis em vários aspectos, como veremos adiante. Júlio César Machado, prolífico cronista da altura, descreve desta forma o acontecimento:

Era a innocencia de uma povoação pacata... Á noitinha fechavam-se as lojas... Toda a gente se recolhia cedo... Vivia-se contente assim... N’isto apareceu a POLKA e iluminou-se a cidade a GAZ.

---

<sup>340</sup> Felix Lichnowsky, *Portugal, Recordação do Ano de 1842*, col. “Portugal visto pelos Estrangeiros”, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p. 44.

<sup>341</sup> A iluminação noturna em Lisboa só deixou de obedecer ao ciclo lunar no ano de 1924. Cf. Bruno Cordovil da Silva Cordeiro, *A iluminação pública em Lisboa e a problemática da história das técnicas*, Tese de Mestrado, ICS, Documento Policopiado, 2006.

<sup>342</sup> *Diário do Governo*, 3 de Agosto de 1848.

A impressão que estes dois factores produziram em Lisboa, foi de tal ordem, e mudou logo tudo, tão de repente, que até do céu, limpo e transparente, que tínhamos, nunca mais foi como era!...<sup>343</sup>

A polca, ou “polka” como refere o cronista, foi também na sua opinião um acontecimento quase tão espectacular como a iluminação a gás, uma vez que foi das primeiras danças de salão que permitia, e estimulava até, o chamado “dançar agarrado”, num ritmo acelerado muito diferente do que até então era habitual. Assim, toda a vida social estava de certo modo a aumentar o ritmo, não só nos avanços tecnológicos, mas também na forma que se dançava.

## **2.1. A iluminação a gás: razões para a insistência e para a resistência.**

Como vimos anteriormente, Pina Manique lutou contra o poder e até contra o povo para conseguir instalar a iluminação pública a azeite.<sup>344</sup> Apesar de ter sido um processo que se afigurou mais fácil do que no século XVIII, a iluminação a gás em Lisboa foi desde o início alvo de inúmeras queixas e vicissitudes.

Nas Actas Municipais da Câmara Municipal de Lisboa dos anos seguintes ao início da iluminação a gás registam-se vários conflitos entre a Câmara e a Companhia Lisbonense de Iluminação<sup>345</sup> sendo os motivos diversificados. Encontramos diversos relatos de reuniões da Câmara entre 1848 e 1852 em que vários problemas com a Companhia são enunciados: falta de qualidade da iluminação, problemas com o orçamento dado pela empresa, perigo para a saúde pública, entre outras questões. Todas estas queixas contribuiriam para um ambiente de instabilidade face a esta nova forma de iluminar a noite. A verdade é que em 1850 os dispositivos usados são ainda na sua maioria alimentados a azeite e de distribuição insuficiente, principalmente nas zonas mais pobres. No entanto, já existem algumas artérias com iluminação a gás<sup>346</sup>, não

---

<sup>343</sup> Júlio César Machado, *Lisboa de Ontem*, Lisboa, Empreza Literária de Lisboa, s.d., p. 266.

<sup>344</sup> Sobre este assunto vd. capítulo II desta dissertação.

<sup>345</sup> Vd. *Synopse das Actas Municipais da Câmara Municipal de Lisboa (1848-1852)*. Disponível para consulta em linha na Hemeroteca Digital.

<sup>346</sup> Nesta data existem cerca de 402 candeeiros a gás, contra o ainda elevado número de candeeiros a azeite, que ainda perfazia 2168. Cf. Documento estatístico anexo à *Synopse das Actas Municipais de Lisboa* de 1950.

deixando de existir a discussão sobre alguns dos principais problemas com este método de iluminação artificial: a questão de o gás e os aparelhos serem ou não produzidos em Portugal (é importante que sejam para não prejudicar a economia nacional) e igualmente a questão da salubridade e da segurança dos viandantes em relação ao gás<sup>347</sup>. Enquanto a primeira questão facilmente foi dirimida, surgindo quase imediatamente empresas nacionais que produziam e técnicos<sup>348</sup> que supervisionavam os dispositivos, a segunda questão levantou sempre algum acinte entre os políticos e as pessoas em geral<sup>349</sup>. Com efeito, segundo as Actas Municipais da cidade de Lisboa de 1846, é aberto nesta altura um “programma de contracto para a iluminação da Cidade por meio de gaz e igualmente o poder verificar qualquer contracto a este respeito com as vantagens que poder obter para o Municipio.” Pouco tempo depois sucede oficialmente “Abertura de concurso publico para a iluminação a gás da cidade”<sup>350</sup> ao qual concorrem diversas empresas, nomeadamente estrangeiras, acabando por fim o contrato nas mãos da lusa Companhia de Iluminação Lisbonense.

Ainda em 1877 há uma disputa entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Companhia Lisbonense de Iluminação a Gaz<sup>351</sup> onde esta última se queixa de ter sido alvo de 424 multas apenas entre Agosto e Novembro do ano em questão. A quezília não se resolve senão em tribunal, uma vez que a Companhia se recusou a liquidar as multas, por as achar injustas. Segundo estes, a Câmara estaria alegadamente a tentar ir buscar

---

<sup>347</sup> Em relação a esta questão, será bastante ilustrativo verificar as *Actas Municipais de Lisboa (Synopsis)*, entre os anos 1840 e 1852, onde se debate várias vezes este assunto. Em Outubro de 1846 é feita uma experiência no Largo de São Paulo, ao Cais do Sodré, com alguns dispositivos a gás, no entanto a empresa que levou a cabo a experiência quis continuar a instalar candeeiros para lá do perímetro estipulado pela CML e logo a instituição embargou a obra. Em 1850 já existem candeeiros em algumas artérias, mas surge a preocupação sobre o que fazer com o “resfolgo do gás”, que entretanto era deitado ao rio.

<sup>348</sup> Veja-se nas *Actas Municipais de Lisboa (Synopsis)*, em Julho de 1846, a abertura de um concurso público supervisionado pelo “lente de Química” Julio Máximo d’Oliveira.

<sup>349</sup> Note-se que esta preocupação existia em todos os países no início da adesão à luz do gás devido ao eminente perigo de explosão e à inalação excessiva do gás. Cf. Wolfgang Schivelbusch, *Disenchanted Night: the industrialization of light in the nineteenth century*, The University of California Press, 1997, pp. 33 e ss. Por outro lado, há que salientar também a importância da epidemia de febre-amarela de 1857 que grassou Lisboa com cerca de 5600 mortes e 18000 infectados. Na verdade, ninguém sabia ao certo a forma como se propagava e o gás chegou a ser considerado uma hipótese. Cf. João Pedro Marques, *Os trópicos em Lisboa: a epidemia de febre-amarela de 1857*, Lisboa, Apenas Livros, 2011.

<sup>350</sup> *Synopse das Actas Municipais da Câmara Municipal de Lisboa*, registos de Julho de 1846.

<sup>351</sup> *Exposição e Documentos Relativos ao Processo das Multas impostas pela Ex.ma Camara Municipal de Lisboa á Companhia Lisbonense de Iluminação a Gaz*. Publicação Ordenada pela Direcção da mesma Companhia. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1877.

dinheiro indevidamente ao abrigo do contrato celebrado entre as duas instituições. Observando a documentação, é possível ponderar a hipótese de as multas constituírem uma espécie de *vendetta* pelo facto de a Companhia de Iluminação não estar a prestar um serviço tão rigoroso quanto o que terá sido contratualizado, por exemplo transpondo o limite razoável no que diz respeito a avarias técnicas.

Na altura da passagem da iluminação a azeite para a iluminação a gás, no verão de 1848, é publicado um curioso documento que espelha a preocupação existente: “Conversação Nocturna que tiveram dois candieiros da iluminação da Cidade, sendo um de Gaz e o outro dos antigos, de azeite.” (Fig.19). Este caricato diálogo fez parte de uma peça de teatro de autoria colectiva e cariz satírico representada em 1851, no Teatro do Ginásio, intitulada *Lisboa em 1850*.

De acordo com o cariz da peça, o diálogo procura apontar satiricamente os defeitos e qualidades de um e outro tipo de iluminação, sendo que o gás, novo a estrear, é o que tem mais a dizer em sua defesa e mais a apontar ao candeeiro antigo. Este retrato espelha a questão que existia na altura, as dúvidas que pairavam sobre toda a Lisboa: o que era melhor, o gás ou o azeite? O gás era mais luminoso, mais duradouro, mais barato, mas o azeite era mais fiável e, acima de tudo, representava o conhecido, o antigo, que só por si já é conforto para a maioria. Além disso, por altura da passagem de um tipo de iluminação para outra e nos anos seguintes muitas vezes se levantaram contra estes novos dispositivos de gás, julgando-os nocivos para a saúde pública e dando um “ar doentio” à cidade.

Como ilustração do efeito “doentio” que muitas vezes o gás espargia pela cidade, existem vários segmentos na literatura da altura. Cesário Verde, Eça de Queirós ou Fialho de Almeida, por exemplo, registaram não raras vezes essa preocupação com a neblina causada pelo gás, a título exemplificativo, transcrevemos alguns versos de Cesário Verde, talvez o autor que mais enfoque tenha dado ao gás na sua obra.

O céu parece baixo e de neblina,/ O gás extravasado, enjoa-nos, perturba.<sup>352</sup>

Nas ruas em que o gás dá noites de balada; [Noites Gélidas];

---

<sup>352</sup> Poema “Aves-Marias” e todos os outros excertos constam no livro *Livro de Cesário Verde*, Porto, Caixotim, 2004.

Lembras-te tu do sábado passado,/Do passeio que demos, devagar,/ Entre um saudoso gás amarelado/ E as carícias leitosas do luar? [Noite Fechada];

O céu parece baixo e de neblina, O gás extravasado enjoa-me, perturba; [Sentimento de um Ocidental, I];

E eu desconfio, até, de um aneurisma/ Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes; [Sentimento de um Ocidental, II];

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos/ Passeios de lajedo arrastam-se as impuras./ Ó moles hospitais! Sai das embocaduras/ Um sopro que arpeia os ombros quase nus. [Sentimento de um Ocidental, III].

Estabelecida a iluminação, não será surpreendente que as zonas que sofriam com um reduzido número de candeeiros e, logo, se tornassem mais escuras, fossem as zonas mais pobres. Caso houvesse um reforço da iluminação, seria por questões de segurança ou necessidade da acção da lei, medida que já era habitual, como podemos registar nos registos da Câmara quando “Mandou colocar três novos candeeiros na margem direita do Rio de Alcantara, para que as Auctoridades melhor podessem dar caça a outro bando de malfeitores, que também infestava este distrito.”<sup>353</sup>

Até meados do século e em alturas de contenção económica, como já referimos, a iluminação era desligada a partir da meia-noite, o que muito contribuía para a insegurança dos transeuntes e constituía muitas vezes motivo para ficarem em casa. No entanto, os Guardas que cumpriam o seu dever tinham de manter as suas rondas por turnos durante a noite, incidindo nas zonas mais afectadas pela criminalidade. Naquela altura, porém, não existiam benefícios ou privilégios para aqueles que cumpriam o seu dever nas madrugadas. Sabemos que em 1883 deliberava-se no Parlamento sobre a necessidade de oficializar a profissão de guarda-nocturno (Fig. 26) e de lhe dar os benefícios necessários. Apesar de existirem registos que falam da necessidade e da contratação de guardas para trabalhar exclusivamente à noite desde meados do século XVII, como era o caso dos Quadrilheiros, a verdade é que no final do século XIX ainda se discutia a oficialização da profissão. Mas, se existia a Guarda e a Polícia Civil (resultado da reformulação da GRP), por que eram necessários os guardas-nocturnos? Segundo a Carta de Lei de 1867, “quando os habitantes de uma qualquer circunscricção pretendessem que a mesma fosse vigiada mais constantemente, atendendo à

---

<sup>353</sup> *Synopse das Actas Municipais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1835.

insuficiência de policiamento disponibilizado, ser-lhe-ia concedida a afectação directa de um ‘empregado de polícia’.”<sup>354</sup> Ou seja, o guarda-nocturno acaba por ser uma medida para compensar a falta de policiamento que se faz sentir ao longo de todo o século XIX, até porque no mesmo documento régio é dito que esta função não precisa de ser exercida obrigatoriamente por um elemento da polícia, mas também por um “indivíduo ou indivíduos que os mesmos propusessem”. Tratava-se, portanto, desde o início, não de um serviço público, mas de um serviço complementar que se poderia reconhecer como necessário precisamente pela falta de policiamento. Todavia, Carl Ruders, um diplomata sueco que viveu em Lisboa entre 1798 e 1802, dá o seu testemunho de que “É certo que em alguns sítios, à esquina de certas ruas, estão postados guardas-nocturnos; mas a sua função principal é anunciar quem passa, em altos brados, quando eles próprios *nota bene* não estão a dormir.”<sup>355</sup> Deste modo, e no decorrer da leitura deste testemunho, notamos como a insegurança em Lisboa, era notada no dealbar do século, em que as poucas medidas de segurança que existiam eram insuficientes e facilmente contornadas pelos criminosos. Não obstante, Carl Ruders admite também que a partir de 1802<sup>356</sup>, houve novas medidas de segurança que se fizeram notar nas ruas da cidade.

Fialho de Almeida, no último quartel oitocentista, escreve duas narrativas interessantes sobre a Lisboa nocturna de então: “De noite” e “Madrugada de Inverno”, onde descreve com um cuidado de sociólogo tudo o que vê, como vê, e que considerações lhe inspiram. Na primeira dessas narrativas confirma também a ausência de iluminação nos bairros pobres, enquanto descreve a vista de Lisboa de cima do “adro da Graça”: “[...] chega a uma massa de sombra caliginosa, a Mouraria. Hesita um pouco; ali os prédios são velhos, as ruas estreitas, nenhuma reverberação de gás lambe as paredes...”<sup>357</sup>. Já na sua outra narrativa, “Madrugada de Inverno”, descreve-nos a madrugada em Lisboa, por volta da década de 80 do século XIX.

Entre as duas e as quatro horas e meia da manhã, Lisboa é cruel para o noctâmbulo. Não há onde comprar cigarro, onde engolir dois dedos de

---

<sup>354</sup> *Carta de Lei de 1867*, disponível em linha em <http://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/1839.pdf>

<sup>355</sup> Carl Israel Ruders, *op. cit.* p.39.

<sup>356</sup> As mudanças referidas são as executadas com a criação da Guarda Real da Polícia, em Dezembro de 1801, entrando em vigor no início de 1802.

<sup>357</sup> Fialho de Almeida, *Lisboa Galante*, Lisboa, Vega, 1994, p. 124.



genebra, onde ler um jornal ao abrigo do frio. Fecharam já os cafés todos da cidade, os mais bem frequentados e os mais reles, desde o Tavares ao Refilão [...].<sup>358</sup>

É uma narrativa que no seu desenvolvimento nos mostra os mendigos que andam sem parar a noite inteira para fugirem à recolha da polícia ou da Santa Casa da Misericórdia, do velho que vende “café quente e aguardente” aos raros noctâmbulos, dos sinais dos quartéis ou dos barcos que aportam no Tejo, uma cidade desertificada “amortalhada de sombra” que espera silenciosamente o bulício das varinas: algumas das primeiras criaturas a dar vida à cidade. Não podemos deixar de comparar esta descrição a Londres ou a Paris que desde o século XVIII são verdadeiras capitais europeias com iluminação e comércio activo durante toda a noite<sup>359</sup>. Estas agudas divergências terão constituído um ponto que possibilitou que alguns estrangeiros caracterizassem até muito tarde (até hoje?) a capital portuguesa de provinciana, em relação às suas congêneres europeias.

De qualquer modo, apesar dos quase permanentes conflitos entre a CML e a CIL, e de todos os receios inerentes a qualquer acto de progresso, o que é evidente é a mudança social proporcionada pela iluminação noturna. Se antes os ares noturnos eram desaconselhados por provocar maleitas<sup>360</sup> agora passam a ser aconselhados os “passeios higiénicos” à luz do gás ou do luar. Existem percursos aconselhados que normalmente serpenteiam à beira rio ou até à Senhora do Monte, evitando as ruelas escuras que não são “lambidas pelo gás”, não fosse estar à espreita a ameaça da marginalidade característica dos bairros próximos como a Madragoa, a Mouraria, Alfama ou mesmo o Bairro Alto.

O mapa de iluminação da cidade de Lisboa era igualmente um mapa social. Além da distribuição social que se foi construindo a par da reconstrução da cidade, remetendo os mais pobres para os bairros antigos, a iluminação acompanhou essa tendência, pois os candeeiros demoraram a chegar às ruelas mais estreitas, às travessas onde eram mais precisos, como é possível comprovar em alguns textos da altura:

---

<sup>358</sup> Fialho de Almeida, “Madrugada de Inverno” in *Lisboa Galante*, Lisboa, Vega, 1994, p. 185.

<sup>359</sup> Cf. Joachim Schlör, *Nights in the Big City. Paris, Berlin, London 1840-1930*, London, Reaktion Books, 1998.

<sup>360</sup> Vd., por exemplo, Bernardo Pereyra, *Anacephaleosis Médico-Theologica, Mágica, Jurídica, Moral e Política* (...), Coimbra, Officina de Francisco de Oliveira, Impressor da Universidade, Ano de MDCCXXXIV.

Methodicamente, Lisboa separou a ventura da desventura, a opulência da mingua, o riso da lágrima, a sede do farrapo, a indigestão da fome. [...] Cada dia é preciso ser mais rico para livrar os filhos da tuberculose, da escarlatina, da varíola e da febre typhoide. O pobre foi escorraçado de todos os locais saudáveis e arejados, tangido para Xabregas, para Alcantara, para a Mouraria, para Alfama. E a Lisboa dos ricos desenvolve-se, próspera, aformoseia-se.<sup>361</sup>

Pois como na Madragôa não costumam habitar os ministros d'estado, os duques, marquezes, condes, viscondes, barões ou camaristas, costumam por isso aquelles sítios ser abandonados ás trevas, ao desleixo, e á imundice [...] as luzes ali são escassas.<sup>362</sup>

A motivação para instalar a iluminação na cidade também não é tanto no âmbito do progresso e da tecnologia, de tornar a cidade mais cosmopolita como Paris ou Londres<sup>363</sup>, mas mais como um meio de controlo e afirmação por parte da autoridade, como já pudemos constatar. Contudo, uma das consequências do desenvolvimento da iluminação pública já durante o século XIX é precisamente a experimentação de uma nova liberdade individual (permitida por uma vivência mais intensa da noite) em vez da segurança comunitária para a qual nasceu, uma realidade paralela e marginal ao dia. A iluminação permitiu alargar as horas de ócio e de cultura, por exemplo. Permitiu que o dia de trabalho e a noite de descanso conhecessem um prolongamento extraordinário: a *soirée*, o convívio em sítios públicos ou mesmo na rua, transversal a todas as classes, na democracia das ruas<sup>364</sup>.

---

<sup>361</sup> Carlos Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 1.<sup>a</sup> série (1904), Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1905, p. 275.

<sup>362</sup> João Carvalho, *Eduardo ou Os mistérios do Limoeiro*, Lisboa, Typ. Da Revolução de Setembro, 1849, p.2.

<sup>363</sup> Cidades que no século XIX já têm, por exemplo, lojas abertas durante a noite.

<sup>364</sup> Embora houvesse ruas mais “democráticas” que outras, como vimos *supra*, os bairros mais pobres demoraram muito tempo até ter todas as suas ruas iluminadas.

### 3. Sociabilidades nocturnas: da família à boémia

Em volta d'aquella meza de trabalho, que uma grande lâmpada de azeite alumia em cheio, n'uma paz sensata e sã de interior flamengo, se reúne essa boa família que raras vezes avistaríamos, se a procurássemos bem, nos camarotes de São Carlos, da Trindade, ou Gymnasio<sup>365</sup>.

Nesta passagem da revista familiar oportunamente chamada *Serões e Sestas* vemos a crítica à emergência de uma nova vida social, mais viva e mais boémia. Há sem dúvida uma preocupação com a perda de valores familiares e tradicionais (Fig. 17), como os serões em família paulatinamente a ser substituídos pela frequência de teatros e de outros locais semelhantes. A tendência conservadora tentava controlar a folia nocturna que teimou em efervescer durante todo o século XIX. Na mesma publicação, numa abordagem mais científica, mas na verdade com o mesmo fim, lê-se: “A noite não é pois outra coisa senão o estado da parte [da Terra] não illuminada.”<sup>366</sup>. Trata-se de uma desvalorização da noite, a evidência de que nada há de extraordinário com a noite a não ser o facto de estar escuro e, por isso (só por isso), é diferente do dia. Gervásio Lobato, no seu romance (cómico-satírico) *A Comédia de Lisboa* refere outrossim a importância e a perda lenta dos serões na Lisboa de oitocentos:

Em Lisboa, o único tempo em que se faz serão é nestes dois meses [Abril e Maio]. Entre a época dos teatros e a época do campo há este pequeno intervalo a que se pode chamar propriamente época de leitura. Ontem dançava-se e ia-se ao teatro, amanhã passeia-se e toma-se banho; hoje lê-se, lê-se e conversa-se. Quando numa coisa, se podem reunir as duas é o ideal.<sup>367</sup>

---

<sup>365</sup> *Serões e Sestas. Revista das Famílias*, Lisboa, Empreza Serões e Sestas, Ed., 1895, p.60.

<sup>366</sup> *Serões e Sestas. Revista das Famílias*, Lisboa, Empreza Serões e Sestas, Ed., 1895, p.286.

<sup>367</sup> Gervásio Lobato, *A Comédia de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> edição, Prólogo de Pinheiro Chagas, Porto Lello&Irmãos, 1911, p. 94.

### 3.1. Os cafés, os saraus e a actividade nocturna da *intelligentsia* portuguesa oitocentista.

Segundo um levantamento feito em 1838, existiam 44 periódicos em circulação somente na cidade de Lisboa<sup>368</sup>. Dentre estes apenas dois ou três seriam anais económicos ou publicações municipais, todos os outros são jornais e revistas que se dedicam à actualidade e à cultura em geral. A classe intelectual, que dirigia os periódicos, eivada dos “modelos pedagógicos de perfectibilidade humana advindos das Luzes”<sup>369</sup> tinha o intento de usá-los para dar uma visão geral da cultura ao cidadão comum; para isso todos eles tinham excertos de romances (os chamados folhetins), poesia, crítica de teatro, alguma pintura reproduzida, biografias de figuras importantes, acreditando que assim facultavam os “conhecimentos úteis” que a massa anónima endinheirada e letrada precisava para se ilustrar e, deste modo, contribuir para formar uma sociedade culta e inteligente. Note-se que um dos periódicos de bastante alcance, publicado entre 1837 e 1868, o *Panorama*, tinha o subtítulo de “jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis”, promovido por esta mesma Sociedade e dirigido, durante vários anos, por Alexandre Herculano, que subscrevia “um conceito de cultura utilitário que deslocava o saber das regiões elevadas de uma ciência inacessível para os baixios do conhecimento tecnológico”<sup>370</sup>.

Contudo, um dos grandes atractivos dos jornais eram as informações sociais sobre a alta sociedade e os seus eventos sociais: os saraus, os passeios públicos, as chegadas, as partidas, as presenças no teatro. A ostentação da *high life* envolta em froufrous de sedas e menear de casacas e claques era um fascínio para quem não conseguia ainda ascender a esse patamar social e, sobretudo, económico, já que aqui falamos de uma burguesia bastante endinheirada que se vem formando desde o século XVIII e alcançou no século XIX o estatuto que lhe aprouve.

---

<sup>368</sup> Para um trabalho exaustivo de levantamento dos periódicos existentes no século XIX veja-se: Gina Guedes Rafael e Manuela Santos (coord. e org.), *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*. Vol. I e II, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 1998 e 2002.

<sup>369</sup> Maria de Fátima Nunes, “O publicismo e a difusão dos conhecimentos úteis” in António Reis (dir.), *Portugal Contemporâneo, vol. 2 (1851-1910)*, Lisboa, Alfa, 1990, p. 324.

<sup>370</sup> Maria de Fátima Nunes, *op. cit.*, p. 328.

Em algumas obras de autores oitocentistas lemos aspectos do quotidiano desta classe alta da sociedade lisboeta. Os romances de Eça de Queirós, com o seu cunho realista, documentaram de forma única a sociedade lisboeta da sua época. Muitos outros o fizeram, não obstante, e alguns desligados da ficção, em apontamentos cronísticos, com a intenção de documentar essa mesma sociedade. Foi o caso de Pinto de Carvalho na sua obra *Lisboa d'outros Tempos*, onde descreve várias personas que de uma forma ou de outra marcaram a vida em Lisboa, de várias classes e de várias origens. Aqui são retratados condes, barões, cocotes, fadistas, marquesas, todos inspiram um episódio ou outro para contar, quase sempre relacionados com a vida boémia de Lisboa. A uma figura bastante singular dedica o autor a XIV parte do seu livro, com o título “As Festas do Farrobo”, referindo-se às festas dadas pelo Conde de Farrobo num dos maiores palácios de Lisboa, o Palácio das Laranjeiras<sup>371</sup>. Uma das festas mais memoráveis, segundo Pinto de Carvalho, foi na noite de 26 de Fevereiro de 1843, dada em honra de D. Maria II, para a qual foram feitas obras de restauração no teatro. As narrativas que se encontram dessas festas são unânimes na sumptuosidade e no carácter elitista e até de ostentação que se celebrava no Palácio.

Mas entre nós [...] é ao 2.º barão de Quintella que cabe a honra d'inaugurar essas espiritualizantes festas, onde confluíam todos aqueles que tinham esse *quid* de superioridade chamado *chic*, a sociedade de fina raça ahi arvorada em definitório musical, em concílio artístico.<sup>372</sup>

O autor sublinha também que nestas festas das Laranjeiras apenas lidava a mais fina aristocracia, ou seja, autênticas remanescências da classe do antigo regime, comparando não por acaso com as festas na corte de Luís XIV, e, ao mesmo tempo, distinguindo e distanciando inequivocamente da “moderna geração” urbana e letrada de Lisboa “civilisada pelo Turf e pelo Grémio diplomada pela Havaneza e pelo Martinho...”<sup>373</sup>. Com efeito, estas eram festas verdadeiramente elitistas e dadas por e para a nobreza e para a realeza, sem lhes faltar os excessos típicos da classe, como, por exemplo, o facto

---

<sup>371</sup> Parte da propriedade que pertencia ao Palácio das Laranjeiras, que se subdividiu em quintas, é hoje ocupada pelo Jardim Zoológico de Lisboa, depois de doação para esse fim no início do século XX. A parte do Palácio propriamente dita teve vários fins, inclusive como Museu da Marinha, mas alberga hoje o Ministério da Ciência e do Ensino Superior. A entrada original para os jardins foi conservada e é hoje usada para entrar no Jardim, com os seus pilares, assim como muitas das esculturas, escadarias e azulejos do interior.

<sup>372</sup> Pinto de Carvalho (Tinop), *Lisboa d'Outros Tempos. Figuras e Scenas Antigas*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1898, pp. 91 e 92.

<sup>373</sup> Pinto de Carvalho (Tinop), *op. cit.*, p. 92.

de o Palácio (e o seu respectivo teatro) ter recebido a iluminação a gás vinte anos antes de qualquer parte da cidade de Lisboa.

Será em casas de Lisboa, não tão luxuosas como o Palácio do Conde de Farrobo, mas da burguesia endinheirada que proliferava na capital, que se realizavam os saraus, em que se juntavam vários quadrantes da sociedade, políticos, artistas, jornalistas, poetas e escritores, isto é muita da “geração moderna” que Pinto de Carvalho diz estar longe das “Festas do Farrobo”. Os saraus, algumas vezes exclusivamente masculinos – como por exemplo o sarau organizado por Rebelo da Silva às quartas-feiras, na altura da Regeneração – eram noutros contextos organizados por mulheres, como viriam a ficar conhecidos os de Francisca Possolo ou de Marta Krus<sup>374</sup>. Seria essencialmente neste evento social que se discutiam os temas da actualidade, que algum novo poeta se tornava conhecido e validado perante os seus pares, que se travavam conhecimentos importantes e se discutiam interesses. Se Eça de Queirós descreveu como ninguém os hábitos desta classe alta de Lisboa, Columbano Bordalo Pinheiro pintou-a, como podemos constatar no quadro *Sarau Literário* (Fig. 18).

No quadro de 1880, vemos um típico sarau com alguém a recitar poesia ou a cantar acompanhado ao piano. As restantes pessoas retratadas no quadro ouvem, atentas, deleitadas, com excepção para dois conjuntos de figuras: as duas jovens por detrás do piano, que segredam qualquer coisa ao ouvido e os três homens no lado esquerdo da tela, que parecem menos deleitados que críticos. Repare-se como as jovens representam algo que seria comum nestas reuniões sociais, a chamada “coscuvilhice” ou intriga, o segredar a vida dos outros, todos se actualizavam nestas ocasiões em relação aos últimos acontecimentos. Os três homens, dois sentados e um em pé debruçado sobre os outros dois, desenham com esta esquadria uma ideia de conluio, enquanto um segura algo que parece um jornal ou um livro, indicando a sua intelectualidade, o outro ao lado ouve com a mão apoiada na face, em postura pensativa, o terceiro, de pé, parece manter a proximidade para possibilitar troca privada de opiniões sobre o que assistem. Enquanto o declamador ocupa a parte central do quadro, do lado direito encontramos os

---

<sup>374</sup> Cf. Maria de Lourdes Lima dos Santos, “Sociabilidade, comunicação e aprendizagem” in António Reis (dir.), *Portugal Contemporâneo, vol. 1 (1820-1851)*, Lisboa, Alfa, 1990.

ouvintes deleitados, de todas as idades, sendo de sublinhar a solenidade do gesto da mulher de vestido verde-escuro e do homem que estão de pé.

Dois anos mais tarde, em 1882, Columbano pinta *Soirée chez Lui* (Fig. 19), exposto em Paris durante uma curta estadia de estudo, mas recebido com alguma estranheza em Lisboa: “pintura sombria, com súbitos lampejos de luz, algo sarcástica e algo goyesca”<sup>375</sup>. Columbano pinta aqui e no quadro anterior, apesar de “composições de género”, obras de cunho naturalista, de hábil reproduzidor das realidades que melhor conhece, como refere José-Augusto França “filhas de observação directa do meio pequeno-burguês de Lisboa que era o seu”<sup>376</sup>.

Além dos saraus em casas conhecidas destacavam-se também as reuniões em cafés, usualmente frequentadas somente por homens. Em Lisboa, existia o Marrare no Chiado, o Martinho da Arcada, um outro Martinho, aos Restauradores, a Havaneza, o Leão (Fig. 20) e a Brasileira, apenas para nomear alguns dos mais conhecidos. Na mesma altura surgiam também os Hotéis como escolhas habituais para se juntarem para ceiar e tertuliar, normalmente sobre política e sobre as artes. Na que é hoje a rua Ivens, e era no século XIX a Rua de São Francisco, situa-se o Grémio Literário, clube de elite literária e artística fundado pela geração de Almeida Garrett e aberto até aos dias de hoje.

O Passeio Público, por sua vez, conheceu uma frequência que fazia jus à sua dimensão e gastos apenas no último quartel do séc. XIX, quando toda a burguesia o frequentava e o usava para se mostrar, como se ao espelho, revendo-se uns nos outros e comentado o que havia de novo. Também era habitual visitarem as esplanadas, nas noites mais quentes de verão, onde se faziam planos para o futuro, se discutiam ideias e se tomavam decisões – “Há catorze anos, numa noite de verão no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café [...], deliberámos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, businado à Baixa das alturas do Diário de Notícias.”<sup>377</sup> (Figs. 20a e 20b)

---

<sup>375</sup> José-Augusto França, *A arte portuguesa de oitocentos*, Col. Biblioteca Breve n.º 28, Ed. ICALP, 1992, p. 89.

<sup>376</sup> José-Augusto França, *op. cit.*, p. 88.

<sup>377</sup> Eça de Queirós, Prefácio a *O Mistério da Estrada de Sintra*, 2.ª ed., 1885.

Fechados ou abandonados os cafés, já noite alta, usualmente apreciavam-se as passeatas nocturnas pela cidade, como nos conta Eugénio de Castro sobre a sua rotina com Fialho de Almeida.

Ao entardecer era certo o nosso encontro no Martinho, onde tínhamos mesa certa, em tórno da qual se acardumavam numerosos admiradores de Fialho (...) Mas breve se enfadava êle da conversa, daquela atmosfera e daquela gente, e então, fazendo-me um sinal, saía comigo para começarmos as nossas longas passeatas nocturnas, as nossas ascensões do Monte à Graça, as nossas caminhadas à beira do rio e as nossas explorações pelos velhos bairros à cata de aspectos estranhos e pitorescos.<sup>378</sup>

Alguns dos locais mais ilustres, frequentados pela *intelligentsia* lisboeta, era o cenáculo de Maria Amália Vaz de Carvalho (1880), um dos últimos salões literários de Lisboa; o Clube Lisbonense ou Clube do Carmo, aberto desde 1835, um clube aristocrático e que já admitia senhoras – até D. Maria II o frequentou; a Assembleia Lisbonense – ou Assembleia da Horta Seca – aberta desde 1837 no palácio de Manuel Caetano Sousa; e finalmente o Grémio Literário, como já foi referido, fundado em 1846 por oitenta e cinco figuras da cultura e do liberalismo constitucional, cujo sócio n.º 1 era Alexandre Herculano.

Existia outrossim o mundo dos teatros em Lisboa que era vasto e com muitas diferenças entre eles. Começando pelo número, durante o século XIX abriram vinte e seis teatros na cidade – entre públicos e privados –, alguns mais populares outros mais requintados. De entre estes o Theatro Real de S. Carlos seria o mais luxuoso e de frequência mais aristocrática, a começar pelo programa artístico: apenas ópera italiana. Fundado ainda pela mão de Pina Manique<sup>379</sup>, o teatro veio trazer as melhores óperas europeias à capital. Enquanto os outros teatros lisboetas, menos exigentes, mais populares entretinham as maiorias, S. Carlos aprimorava a frequência.

Quem nunca viu S. Carlos, dificilmente poderá visionar a majestade e o esplendor da grande sala, com a tribuna real illuminada, os camarotes a resplandecer de jóias, sorrisos e colos nus, o desafio das luzes e pedrarias,

---

<sup>378</sup> Eugénio de Castro, sobre Fialho de Almeida, publicado no volume de homenagem: António Barradas e Alberto Saavedra (org.), *Fialho de Almeida: In Memoriam*, Edição Comemorativa do sexto aniversário da morte de Fialho de Almeida, Porto, Tipografia da Renascença Portuguesa, 1917, pp. 120-121.

<sup>379</sup> *O Real Theatro de São Carlos*, disponível em cópia pública pela Biblioteca Nacional, em linha ([www.bnpt.pt](http://www.bnpt.pt)).



aquele imenso concerto de luxo e de beleza ascendendo em tiara até à cúpula.<sup>380</sup>

São esclarecedores a este respeito os romances queirosianos e outros contemporâneos, mostrando a vida noturna dos teatros, das soirées nos Hotéis assim como toda uma nova vida social que despontou na segunda metade do século XIX. Todavia, há que sublinhar que antes existia também vida social noturna, lembremos os salões ou tertúlias em casa de ilustres que se celebram desde o século XVII, ou a frequência dos teatros<sup>381</sup> pelos diversos estratos sociais. Contudo, na segunda metade do século XIX três razões fomentam o aumento de frequentadores de teatros, de soirées, de passeios nocturnos, enfim de uma nova multidão que insufla a noite lisboeta com uma vida mais buliçosa, antes apenas própria do dia. Em primeiro lugar, o fim dos conflitos entre liberais e absolutistas, com o período da Regeneração; igualmente a estabilização da economia e o conseqüente fortalecimento da burguesia; mas também e, provavelmente, a mais importante das três, a iluminação a gás na cidade. Esta última, apesar de todas as críticas e conflitos gerados, acaba por dar à cidade uma nova geografia e possibilidade social à noite lisboeta.

### **3.2. As noites de Carnaval – a liberdade por detrás das máscaras.**

Alegadamente herdada das romanas Saturnais, o Carnaval é uma celebração pagã dedicada ao deus Saturno na antiga Roma. Em Portugal, há registo de celebrações de Entrudo desde o século XIII, primeiro apenas associadas à preparação para a Quaresma, depois já como período de liberdade e folia antes das restrições da Páscoa.

É possível encontrar registos de que na corte portuguesa, como nas ruas, reis e nobres disfarçavam-se também nesta altura. Foram as rainhas D. Francisca de Sabóia, D. Sofia de Neubourg e D. Mariana de Áustria que introduziram na corte os bailes de máscaras. Enquanto nas classes mais altas eram introduzidas estas novas formas de festejar o Carnaval, o povo continuava a festejar na rua. Só mais tarde, em 1823, teve

---

<sup>380</sup> Carlos Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 1.ª série (1904), Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1905, p. 49.

<sup>381</sup> Entre 1835 e 1846, por exemplo, os dois teatros mais frequentados pelo habitante comum de Lisboa eram o Teatro dos Condes e o Teatro do Salitre. O São Carlos e depois o Teatro Nacional D. Maria II eram reservados aos estratos sociais mais altos. Cf. Ana Clara Santos e Ana Isabel Vasconcelos, *Repertório teatral na Lisboa Oitocentista (1835-1846)*, Lisboa, IN-CM, 2007, p. 14.

lugar, no Teatro do Bairro Alto, o primeiro baile de máscaras público, acessível a toda a gente.

A celebração do Carnaval na Lisboa de oitocentos tinha um cariz único em relação a outras celebrações: era uma altura em que tudo era possível. A partir do momento em que se vestia o “dominó” ou outro disfarce popular, deixava de existir as regras e os preceitos sociais que a sociedade burguesa tanto ditava. O período do Carnaval, que antecede as restrições da Quaresma, é, pois, o

Tempo do burlesco, das graças, do riso, da linguagem solta na forma e no conteúdo, na gestualidade exuberante e libertina, do ‘mundo do avesso’, nele se escudam os povos [...] para incorrer na inversão da conduta do seu próprio quotidiano.<sup>382</sup>

Assim, encontramos vários testemunhos, tanto nos géneros da ficção como na crónica, das vivências tão peculiares deste período. Na imprensa, é frequente o anúncio de bailes de máscaras no Casino Lisbonense, nos teatros e até em casas particulares. É o caso também, por exemplo, do romance *A Capital!* de Eça de Queirós, onde observamos como a personagem principal, Artur, vivencia esta experiência num dos bailes públicos organizados para celebrar o Entrudo.

Artur errava por entre a gente: havia uma poeirada suspensa no ar: um cheiro de suor errava, com um cheiro de paninho tingido: dominós entreabertos deixavam ver calças ignóbeis; toda a prostituição barata mostrava as formas, duma gordura balofa, ou de uma magreza esfomeada; havia *vivandeiras*, *noites* com véus de crepes, *pajens*, outros cobertos de vestuários confusos, duma pelintrice triste: nos ombros decotados viam-se mordeduras de pulgas: os braços tinham os cotovelos coçados, calejados da posição habitual debruçada na varanda; falava-se com uma excitação ansiosa, estonteada, bestial; bêbados provocavam; e nos pares unidos sentiam-se as paixões mórbidas do bordel.<sup>383</sup>

E arremessavam-se: caudas descosiam-se: as tranças postiças caíam sobre as costas, penduradas por um gancho: vozes agudas gritavam na exaltação impetuosa; e turcos, Aquiles, dominós, pastorinhos, fadistas, prostitutas, bêbados cambaleantes, iam num tropel de troça esbandalhado, com um desengonçamento demente, num turbilhão circular, — enquanto o ponteiro

---

<sup>382</sup> Soledade Martinho Costa e Jorge Barros, *Festas e Tradições Populares. Fevereiro*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, p. 63.

<sup>383</sup> Eça de Queirós, *A Capital!*, (Conforme o texto da edição crítica preparada por Luiz Fagundes Duarte; Nota Prefacial, introdução e notas ao texto por Carlos Reis) Lisboa, Presença, 2003, p. 287.

negro já marcava, gravemente, a primeira hora triste de quarta-feira de cinzas.<sup>384</sup>

Nestes excertos vemos como a loucura era permitida e fomentada nestes bailes organizados de máscaras, em que cada pessoa, exultante, busca a alegria que teimosamente escapa nos dias normais. Reparamos também que as mulheres presentes nestes bailes (pelo menos neste descrito por Eça) são prostitutas (“tinham os cotovelos coçados, calejados da posição habitual debruçada na varanda”) ou *Lorettes*.

Nesta época, a lorette<sup>385</sup>, frequentadora cogenita do Baile Nacional e seus satellites, perdem-se no seio daquele tropel e ondulações de indivíduos de ambos os sexos, que por mil circunstâncias não ousam ou não podem penetrar naquele templo de folia, fóra desta estação, e que debaixo da égide comum do Carnaval – um dominó – saltam as falsas barreiras dos preconceitos e correm a tomar o seu quinhão naquela estância da folgança popular.<sup>386</sup>

Também este texto de José Maria de Andrade ilustra a forma como o Carnaval proporciona um reduto de liberdade, um “templo de folia” em que só é permitido entrar durante este período. Os foliões aproveitam os três dias de bailes, de comida e bebida em fartura, até à madrugada da quarta-feira de cinzas, em que as ruas de Lisboa são abandonadas aos resquícios da festa e prepara-se para o período de jejum da Quaresma. Em muitas localidades urbanas e rurais este final é assinalado com um ritual, o enterro/queima do João, o enterro do Carnaval, o enterro do Diabo, etc., em Lisboa (e também em outros locais, inclusive o Brasil) a tradição foi durante vários séculos a Serração da Velha.

A celebração da Serração da Velha<sup>387</sup> (Fig. 21) normalmente ocorria entre o fim do Entrudo e o período da Quaresma e consistia no julgamento e punição com a morte, serrando ao meio, uma velha, neste caso representada por um fantoche. Este

---

<sup>384</sup> Eça de Queirós, *op. cit.*, p. 292.

<sup>385</sup> Lorette é um dos termos oitocentistas para mulher fácil ou da vida. Existem vários tipos de Lorettes, José Maria de Andrade classifica-as hierarquicamente desta forma: a Lorette romântica (que se subdivide em aristocrata, sentimental e atriz) e a Lorette filha de mármore (que se subdivide em fadista e alfamista, a mais desgraçada de todas). Cf. José Maria de Andrade, *O Baile Nacional e seus mysterios. Physiologia das Lorettes de Lisboa e dos seus amantes*, Lisboa, Typographia Universal, 1860, p. 15.

<sup>386</sup> José Maria de Andrade, *O Baile Nacional e seus mysterios. Physiologia das Lorettes de Lisboa e dos seus amantes*, Lisboa, Typographia Universal, 1860, p. 15.

<sup>387</sup> *Serração da Velha*, Lisboa, Imprensa de Alcobia, 1826. Este é apenas um documento exemplificativo, entre outros, do que era costume versejar por ocasião deste ritual.

ritual era acompanhado de gritos de misericórdia da “velha” que um dos intervenientes vociferava, bem como de vívidos encorajamentos pelo povo que seguia o cortejo: “Serra a velha! Serra a velha!”. Tudo isto simbolizava o fim de alguma coisa e, ao mesmo tempo, a expurgação de todos os pecados cometidos durante o Carnaval. Segundo Francisco Cântio, esta “era uma das festas mais ruidosas e populares que os moradores de Lisboa assistiam.”<sup>388</sup>. Carl Ruders, diplomata sueco que visitou Lisboa, também comenta este ritual que compreende ser o culminar do Carnaval, depois de descrever todas as partidas que sofreu, pois “todas as pessoas bem vestidas são tratadas da mesma maneira... pelas damas”<sup>389</sup> durante este período, eram alvo de água, lixo e outras coisas arremessadas das janelas.

Em suma, o Carnaval esteve de certa forma relacionado com uma vivência mais libertina da noite, uma espécie de hipérbole de actos e atitudes do que normalmente já era concedido ao boémio lisboeta.

---

<sup>388</sup> Francisco Cântio, *Aspectos de Lisboa no séc. XIX*, s/ ed., Lisboa, 1939, p. XXIII.

<sup>389</sup> Carl Israel Ruders, *op. cit.*, p.44.

## 4. Criminalidade e transgressão: misteres da noite.

Recolhidas as famílias ao recato das suas casas, crescia um bulício nocturno nos bairros ziguezagueantes de Lisboa antiga e boémia: “Alfama, Mouraria, Madragoa, o fado, as tabernas, os ‘marialvas’, as prostitutas [...] assim se identificam um tempo, um espaço e os protagonistas de um mundo de transgressão”<sup>390</sup>. A fronteira para este mundo era ténue e não estava apenas no nome das ruas por onde se passavam, estava essencialmente nos comportamentos daqueles que renunciavam à ordem e aos bons costumes, que procuravam as liberdades e mesmo os medos que só a noite poderia oferecer. A fronteira estava também, não obstante, no burguês que olhava de lado o pobre<sup>391</sup>, que melhor não se vestia ou não tinha a barba feita porque não podia. Muitos dos marginais que assustavam as damas e os cavalheiros nas ruas iluminadas palidamente pelo gás eram homens trabalhadores, pertencente à imensa massa anónima das classes mais baixas, que não raras vezes roubavam, mas apenas por necessidade. Era impossível fugir à pobreza quando pai, mulher e filhos trabalhavam por salários baixíssimos, sendo que mulheres e crianças recebiam cerca de metade do que ganhava o homem.

### 4.1. Prostituição e a Lisboa bairrista.

*Lisboa é feminina. Lisboa cheira um pouco a alcouce e a pós-de-arroz. Na rua, os homens fazem olho a qualquer mulher que passa, e em quase todos os andares das ruas mais escusas da Baixa há apartamentos à plaisir.*<sup>392</sup>

A sociedade burguesa oitocentista moldou-se por uma rígida conduta moralista que convencionou comportamentos e fixou fronteiras sociais dificilmente ultrapassáveis. Tudo isto baseado na utopia de um mundo ideal, com contornos pouco próximos da realidade quotidiana das ruas lisboetas. Assim, facilmente encontrávamos figuras na sociedade que, na impossibilidade de se enquadrarem na utopia burguesa, facilmente eram “associados a um universo comum de transgressão e marginalidade

---

<sup>390</sup> Paulo Guinote e Rosa Bela Oliveira, “Prostituição, boémia e galanteria no quotidiano da cidade” in António Reis (dir.), *Portugal Contemporâneo, vol. 2 (1851-1910)*, Lisboa, Alfa, 1990, p. 342.

<sup>391</sup> Cf. Paulo Guinote, “The Old Bohemian Lisbon (c. 1870- c. 1920): Prostitutes, Criminals and Bohemians” in *Portuguese Studies*, vol. 18, 2002, p. 75.

<sup>392</sup> Raúl Brandão, *Memórias*, vol. II, Lisboa, Relógio d’Água, 2001, p. 107

(...), uma amálgama comum de comportamentos associados a uma ‘patologia social’  
„<sup>393</sup>.

Com efeito, formou-se, fora da fronteira moral burguesa, um grupo heterogéneo mas partilhando o desprezo comum que nutriam pelas regras estruturantes da sociedade burguesa oitocentista, composto principalmente por prostitutas, jovens burgueses que frequentavam casas de prazer e de jogo, marialvas, fadistas, operários à procura de um conforto depois do dia de trabalho. Inevitavelmente toda esta divisão acabou por criar uma “mitologia da criminalidade”<sup>394</sup> que alimentou opulentamente o paradoxo entre a respeitável família burguesa e os lares desfeitos dos bairros pobres, entre os senhores e senhoras que se cumprimentavam nos passeios em família e os actores da noite, prostitutas, boémios e outros marginais. Ainda assim, as narrativas desta mitologia da criminalidade eram mormente alimentadas não pelos seus agentes, mas pelos detractores, que exageravam todos os perigos, adornavam as histórias de brigas com mais sangue e impropérios, contribuindo assim para amedrontar os mais incautos e tentar que se mantivessem afastados deste mundo de perdição, sendo que os jornais<sup>395</sup> eram muitas vezes os responsáveis por esta manipulação de uma verdade que na maior parte das vezes já não era agradável só por si. Contudo, o oposto também poderia acontecer: ao invés de medo, a emoção provocada era fascínio e, conseqüentemente, atracção.

Como já se referiu acima, a democracia das ruas fazia com que a formalidade da sociedade burguesa se cruzasse não raras vezes com a franja transgressora que vivia nos bairros mais pobres, mas igualmente centrais, da cidade de Lisboa.

Nelas [as ruas paralelas ao Rossio] se encontram as mais reles e torpes tabernas, casas para pernoitar e de passe, e um aluvião de prostíbulos da mais baixa qualidade, que são as colmeias imundas e infames donde ao cair da noite sai esse vergonhoso enxame de prostitutas, que mal trajadas, e de modos grosseiros e desavergonhados, cruzam constantemente as ruas principais, desafiando os transeuntes e parando nas embocaduras, em

---

<sup>393</sup> Paulo Guinote, “Criminosos, boémios, prostitutas e outros marginais: o mundo da transgressão social” disponível em linha (<https://educar.files.wordpress.com/2007/07/boemia.pdf>), p. 1.

<sup>394</sup> Cf. Paulo Guinote, *op. cit.*, p. 3.

<sup>395</sup> Cf. José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989.

concílio indecente umas com as outras, usando da mais torpe e devassa fraseologia.<sup>396</sup>

Encontramos aqui um tipo de prostitutas, já que existiam muitas e variadas manifestações da chamada “vida de alterne”. Como refere o excerto acima, estas casas eram os “prostíbulos da mais baixa qualidade”, frequentados por mulheres que enveredavam pela prostituição muitas vezes por já não terem outra alternativa de ganhar a vida. Como nos diz Bugalho Gomes “vagueiam pelos *trottoirs* provocando os homens, muitas vezes com lágrimas assomando os olhos, esfomeadas, éticas, rindo quando choram, chorando quando riem”<sup>397</sup>. Neste estudo, que arvora uma espécie de resumo de todos os estudos sobre a prostituição feitos durante o século XIX e início do século XX<sup>398</sup>, constatamos a já referida diversidade do tipo de prostitutas que poderia existir, desde as mais pobres até as de “casa posta” sustentadas por um senhor abastado e que chegavam a blasonar jóias e roupas mais ricas do que as das próprias esposas.

Estes seres da transgressão, avessos ao ideal burguês – avessas ao ideal sim, mas não à sociedade/realidade burguesa – apesar de muitas vezes se mostrarem durante o dia, em zonas onde era permitido, caso contrário corriam risco de prisão<sup>399</sup>, era a noite o seu abrigo mais comum, tanto das mulheres que se prostituíam quanto de todos os outros que, ao cair da noite, resolvem passar para o lado de fora da sociedade.

Outro dos habitantes deste mundo de transgressão, embora na sua vertente mais boémia, era o fadista, que, longe do epíteto honrado que hoje se considera, significava um complexo tipo de marginal cheio de trejeitos:

O fadista [...] minado de taras, avariado pelas bebidas fortes e pelas moléstias secretas, com o estômago dispéptico, o sangue descrasado e os

---

<sup>396</sup> Alfredo Gallis, *Mulheres Perdidas*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Livraria Central, 1931, p. 94.

<sup>397</sup> Bugalho Gomes, *História Completa da Prostituição*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, A. B. Gomes, 1913, p. 87.

<sup>398</sup> E são, de facto, muitos. Segundo Paulo Guinote, “As décadas imediatas não apresentam produção particularmente relevante sobre o tema, mas na segunda metade do século surge uma sucessão de estudos de contornos sociológicos ou estatísticos, de profundidade e rigor variável, que vão contribuir decisivamente para a criação de uma mitologia específica em torno da figura da meretriz, vítima ou agente da perdição preferencial na mente e no verbo dos moralistas ou cronistas da época.” Paulo Guinote, *op. cit.*, p. 11. O autor, no seguimento da citação acima, elenca pelo menos dezoito obras que se debruçam sobre o tema da prostituição entre 1864 e 1913.

<sup>399</sup> Existia vasta legislação, desde 1864, sobre o comportamento aceitável das prostitutas. Cf. Bugalho Gomes, *História Completa da Prostituição*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, A. B. Gomes, 1913, p. 87.

ossos esponjados pelo mercúrio – é um produto heteromorfo de todos os vícios, atinge a perfeição ideal do ignóbil.<sup>400</sup>

Os primeiros protagonistas daquele que é hoje o contributo de Portugal para o Património Imaterial da Unesco eram indubitavelmente estroinas e as mulheres senão prostitutas, eram consideradas uma ramificação do género<sup>401</sup>. Descrito por muitos autores da época como seres de coração nas mãos, cheio de tragédias de amor e de navalhas, de intensidade ímpar, era por outros menosprezado, como foi o caso de Eça de Queirós<sup>402</sup>, que dizia não compreender como o fado poderia ser um símbolo português, tendo em conta que era cantado por marginais que muitas vezes acabavam assassinados numa ruela. Mas a verdade é que o culto fadista saiu das ruas labirínticas dos bairros antigos e invadiu Lisboa e agradou aos portugueses, chegando aos salões décadas mais tarde, conquistando também a arte e a literatura.

Se é dado adquirido que o pintor Columbano Bordalo Pinheiro deixou expresso nas suas telas a sua visão naturalista da sociedade burguesa de Lisboa do século XIX, José Malhoa terá feito o seu paralelo em relação às camadas mais baixas da sociedade. Pintor da ruralidade, de onde veio, e também da história, pintou de forma única Lisboa, pintou aliás aquele que veio a ser um dos mais icónicos quadros da cidade: *Fado*, em 1910 (Fig. 22). Apesar de este ser um pintor essencialmente do século XX, retrata inequivocamente neste seu quadro a realidade dos bairros lisboetas de oitocentos. Tanto o quadro foi mitificado e colado a essa realidade que a mulher retratada passou a ser a Severa, a mítica primeira reconhecida fadista portuguesa<sup>403</sup>, deleitada com o som da guitarra portuguesa: “Trabalhadores em descanso [referindo-se ao quadro “Os Bêbados” (1907)], Severa em deleite sentimental com o seu chulo, são

---

<sup>400</sup> Pinto de Carvalho, *História do Fado*, Coleção Portugal de Perto, Lisboa, D. Quixote, 1982, p. 49. A descrição que Pinto de Carvalho faz do típico fadista conhece bastante mais detalhes e mais desenvolvimentos, chegando a descrever a roupa e os hábitos rotineiros da figura.

<sup>401</sup> Pinto de Carvalho, *op. cit.*, p. 49 e ss.

<sup>402</sup> *Apud* Pinto de Carvalho, *op. cit.*, p. 53.

<sup>403</sup> A questão das origens do fado é campo de vasta discussão, no entanto, no final do séc. XIX e no princípio do séc. XX houve algum consenso no sentido de localizar as suas primeiras manifestações nos bairros pobres lisboetas, como a Madragoa, Alfama ou a Mouraria. Amaro d’Almeida, num folheto publicado nos anos 40 do século XX “Reflexões sobre a Origem do Fado”, depois de fazer uma breve síntese das várias hipóteses propostas para a origem do fado, acaba por admitir que a mais plausível é ele ter surgido em Lisboa, ainda que com algumas influências rítmicas trazidas do Brasil aquando do regresso da corte, em 1821. Não será também de desprezar, pensamos, a influência árabe presente precisamente nestes bairros (principalmente Alfama e Mouraria).



imagens de costumes vistos tal e qual, sem condenação nem crítica, aquém de qualquer preconceito realista”<sup>404</sup>.

Os tons escuros do quadro, bem como uma espécie de toucador e uma toalha pendurada em pano de fundo indicam a presença dos dois retratados num qualquer quarto de Lisboa com serventias. Sentados a uma mesa de madeira, onde há uma garrafa e pelo menos um copo, ela numa cadeira, ele num banco, ela de cigarro esquecido na ponta dos dedos e com a perna em descanso em cima do banco dele, ele a tocar uma guitarra portuguesa e a cantar. Toda a pose da mulher dá-lhe uma languidez erótica de entrega sem qualquer resistência. A blusa branca a deixar descobrir todo o colo porque desabotoada e desengonçada complementa a volúpia e o quadro que mitificou a Severa e aquele estatuto de mulher fadista “de faca na liga” nos bairros lisboetas oitocentistas.

A fadista tinha um código de valores que, por via de regra, a impedia de ir com qualquer desconhecido só por interesse pelo vil e loiro metal [...] No mundo do fado, a relação que se estabelece entre os parceiros não é impessoal: fortuitos, ocasionais ou mesmo fugazes, os amores do momento têm rosto; sendo mais um, são aquele – a paixão não é vendida, é vivida, não simulada, mas sentida.<sup>405</sup>

Paulo Guinote nos vários estudos que realizou sobre a vida boémia em Lisboa no final do século XIX e princípios do século XX, baseando-se bastante no trabalho de outros investigadores mais antigos como Machado Pais<sup>406</sup>, já problematiza a questão da *marginalidade* e da *legalidade* na altura: “[...] a dificuldade em definir, de forma precisa e clara, legalidade e marginalidade e em distinguir, no revoltar da amálgama do real, o que pertence apenas a um desses mundos”<sup>407</sup>. Com efeito, seria difícil definir a linha que separava uma coisa da outra, existiam inclusive algumas zonas onde se fundiam, como era o caso dos típicos bairros boémios lisboetas, como o Bairro Alto, a Madragoa, a Mouraria e Alfama, onde estava confinada a grande maioria da prostituição e de outras actividades marginais na cidade.

---

<sup>404</sup> José-Augusto França, *A arte portuguesa de oitocentos*, Col. Biblioteca Breve n.º 28, Ed. ICALP, 1992, p. 86.

<sup>405</sup> Paulo Guinote e Rosa Bela Oliveira, *op. cit.*, p. 346.

<sup>406</sup> José Machado Pais, *A Prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*, Lisboa, Querco, 1985.

<sup>407</sup> Paulo Guinote e Rosa Bela Oliveira, *op. cit.*, p. 340. Paulo Guinote retoma e aprofunda o assunto no seguinte artigo: “The Old Bohemian Lisbon (c. 1870- c. 1920): Prostitutes, Criminals and Bohemians” in *Portuguese Studies*, vol. 18, 2002.

Apesar de, na época, os bairros e as zonas de Lisboa estarem bastante demarcadas umas das outras, considerando as pessoas que lá viviam, a rua acabava por ser o local onde inevitavelmente todos se encontravam. O Bairro Alto estava demasiado perto do Chiado, a Madragoa demasiado perto do Aterro de Santos, para que os seus habitantes não se cruzassem na democracia habitual do quotidiano. Na verdade, essa convivência circunstancial, não raras vezes passava a incursões da chamada classe alta nesses bairros, as “casacas” da *high life* lisboeta que procuravam a *pândega* e o divertimento. Vários Condes e outros ilustres sociais conviviam com as fadistas e com as touradas que, no final do século XIX, estavam bastante interpostos culturalmente. A lenda diz que foi nas esperas de toiros do Campo Pequeno onde se “fadejava com facúndia”<sup>408</sup> que Severa, a cantar e a tocar a sua banza, seduziu o Conde de Vimioso.

Além destes, outros convívios tomavam lugar mais afastados de Lisboa, como em Belas ou no Dafundo, onde existia uma pensão bastante popular na segunda metade do século XIX, lugar de habitual frequência de fadistas, prostitutas, e outros lisboetas que desejassem um passeio diferente.

Um indivíduo gordo e calvo, de ar importante, procurava vedar o sangue: mas as toalhas enroladas ensopavam-se depressa: as carnes estavam dilaceradas por facadas transversais, e apenas lavado a grande água, o sangue recomeçava a correr, caindo em gotas pesadas: o rapaz, imóvel, mudo, corajoso, perdia a cor, os olhos embaciavam-se-lhe. [...] Melchior, muito branco, quis partir imediatamente [...] fechou rapidamente a portinhola, como para se refugiar na tipóia, trémulo, cheio do terror das desordens, dos fadistas, da polícia, e do sangue.<sup>409</sup>

Eça de Queirós descreve assim no romance *A Capital!* um encontro dramático entre Artur Corvelo, Melchior, as “damas” que os acompanhavam e uma tragédia que acabara de acontecer. No final do romance, quando o protagonista faz uma súmula da sua estadia em Lisboa ainda lembra o sangue que viu correr em “gotas pesadas”, sublinhando o contraste daquela cena com a vida a que estava habituado. Como refere oportunamente Paulo Guinote, os bairros lisboetas e os seus habitantes representavam o “domínio da devassidão, onde todas as indecências eram possíveis, os bairros pobres da Lisboa antiga simbolizavam, simultaneamente, o que de mais

---

<sup>408</sup> Pinto de Carvalho, *op. cit.*, p. 46.

<sup>409</sup> Eça de Queirós, *A Capital!*, Coleção Obras de Eça de Queirós, Lisboa, Presença, 2003, pp. 234 e 235.

cativante tinha a vida e de mais trágico a morte”<sup>410</sup>, como só quem não tem nada a perder pode simbolizar.

Os homens que visitavam habitualmente estes redutos de licenciosidade, como já referimos, provinham muitas vezes de altos níveis da sociedade, alguns por divertimento esporádico, outro por verdadeiro fascínio por este modo de vida tão radicalmente diferente do seu. Contudo, muitas vezes a incursão de jovens fidalgos nestes bairros e conseqüentemente a sua visita às prostitutas era tido como uma fase natural e até necessária na vida de um homem. Enquanto jovem adulto deveria dedicar-se aos prazeres boémios para que na sua vida de responsabilidade pudesse beneficiar da sabedoria e vivências que essa experiência lhe tinha oferecido<sup>411</sup>.

Tradição familiar ou fascínio pela devassidão, a verdade é que a recorrência às prostitutas, às fadistas, às cocotes, às coristas, ou qualquer outra sua semelhante é antiga e certa na cultura portuguesa, em todas as classes. Sobre essa questão delibera largamente Fernando Schwalbach na sua obra sobre a vida devassa em Lisboa assim como sobre as suas conseqüências, nem sempre agradáveis: “[o vício] afinal é todo igual, começa como acaba, quer seja no clássico bordel ou na alcova forrada a peludos tapetes, onde as pulgas, aos milhares, se aninham viciosas”<sup>412</sup>. Esta tendência para o adultério, que, de resto, era também cometido pelas suas esposas embora não em prostíbulos, muito deve à suposta santificação do matrimónio, mas apenas no que à esposa diz respeito, como manda o código “marialva”.

## **4.2. Libertinos, marialvas e a mulher oitocentista**

Enquanto em países como a França ou a Inglaterra, muito provavelmente em conseqüência da sedimentação da Reforma, se pressente uma mudança de mentalidade em relação à mulher sensual e ao erotismo em geral, que deixa de ser demonizado para ter um lugar na aristocracia, em Portugal e Espanha isso não acontece

---

<sup>410</sup> Paulo Guinote e Rosa Bela Oliveira, *op. cit.*, p. 347.

<sup>411</sup> Cf. Paulo Guinote, “The Old Bohemian Lisbon (c. 1870- c. 1920): Prostitutes, Criminals and Bohemians” in *Portuguese Studies*, vol. 18, 2002, p. 87.

<sup>412</sup> Fernando Schwalbach, *O Vício em Lisboa (Antigo e Moderno)*, Coleção Livros Licenciosos (Coord. António Ventura), Lisboa, Tinta-da-China, 2011, p.55.

senão bastante mais tarde (e de maneira diferente)<sup>413</sup>. Lembremo-nos que na altura daquele que é considerado o primeiro romance erótico-pornográfico em língua inglesa (*Fanny Hill*<sup>414</sup>), no ano de 1748, a Inquisição<sup>415</sup> e os seus fantasmas e demónios (entre eles a mulher sexual e erótica) era ainda uma realidade pungente em Portugal.

Em vez de anjos, o mundo representava-se ainda povoado de diabos do corpo, fervilhando sobre mil aparências. Em vez de alegorias de felicidade, o coro dos padres estendia sobre toda a Terra uma excomunhão tenebrosa: *Scrinia matrix, rufa matrix, pulposa matrix, alba matrix, capitanea matrix, sanguinária matrix, matrix, matrix, matrix. Demoniaca. A vida sob a maldição do útero, a humanidade alucinada, segundo Bosch.*<sup>416</sup>

As palavras de Cardoso Pires podem tornar-se radicais e até exageradas no que se refere à presença e influência da igreja nos comportamentos mais mundanos no século XVIII. Todavia, não será de ignorar que foi também esta imagem negativa que ajudou a conceber o anticlericalismo pulsante que existiu durante todo o século XIX e início do século XX que, em limite, levou à extinção do Tribunal da Inquisição, em 1821 e à expulsão das ordens religiosas, em 1834.

Embora tivéssemos entre nós Bocage, no século XVIII e início de XIX, escrevendo as suas poesias obscenas, que eram muito apreciadas na sua altura e até mesmo na alta sociedade oitocentista (“E olhe que na sociedade gosta-se! Gosta-se!”<sup>417</sup>), ou mesmo os amantes vorazes (camponeses) de Fialho de Almeida, respondendo à sua natureza mais primária, a verdade é que na sociedade do *high life*<sup>418</sup>

---

<sup>413</sup> Cf. George Duby e Michelle Perrot, *op. cit.*

<sup>414</sup> John Cleland, *Memoires of Fanny Hill* (1748), uma espécie de memórias e fantasias ficcionalizadas de uma cortesã que conseguia, ao mesmo tempo, disfrutar da sua vida sexual e escapar mais tarde para uma vida de privilégios. Exemplo de uma das primeiras edições portuguesas (hoje existem várias): John Cleland, *Fanny Hill*, Lisboa, Editora Arcádia, s/d (muito provavelmente da década de 1950).

<sup>415</sup> José Pedro Paiva e Giuseppe Marcocci, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2013. Nesta obra, que vem a ser a mais completa História da Inquisição em Portugal, os autores fazem também algumas reflexões sobre a influência que três séculos de tribunal eclesiástico teve no povo português, nomeadamente a tendência a obedecer cegamente a grandes poderes instituídos e também a lição da delação, que foi das mais bem aprendidas. Tanto um como outro factores conheceram novo vigor durante o período da ditadura, no século XX.

<sup>416</sup> José Cardoso Pires, *Cartilha do Marialva ou das Negações Libertinas*, Lisboa, Planeta De Agostini, 2001, p. 36.

<sup>417</sup> Eça de Queirós, *op. cit.*, p.173. Nesta passagem o personagem Meirinho exclama a Artur Corvelo (provinciano de visita prolongada a Lisboa, protagonista do romance) sobre a delícia que acha os “versinhos frescos” de Bocage.

<sup>418</sup> Expressão usada por Eça de Queirós (e por outros autores da altura) para denominar a alta sociedade oitocentista.

lisboeta, o gosto mais generalizado voltava-se preferencialmente para os saraus literários com valsas acompanhadas ao piano ou para recitais de poesia romântica. Com efeito, ainda antes de Eça de Queirós, Almeida Garrett resume a figura feminina romântica num binómio: mulher-anjo e mulher-demónio, julgando assim sintetizar toda a complexidade das suas afectações, sentimentos, fraquezas e maldades. Enquanto a mulher-anjo encarna a inocência, a virtude, a candura, a mulher-demónio tenta o homem com o seu corpo e com os seus enleios hipnóticos, levando-o à perdição.

Também Camilo Castelo Branco contribuiu para o desenho deste binómio, fornecendo personagens que ilustravam uma e outra valências. Júlio Dinis, autor contemporâneo dos anteriores, dedicou quase toda a sua escrita romanesca à descrição e análise da burguesia em ascensão que o Liberalismo possibilitou e acompanhou, também pintando a mulher na mesma duplicidade, mas sublinhando não raras vezes a sua fraqueza e a sua ignorância<sup>419</sup>. Na verdade, pelas personagens descritas por estes romancistas e até mesmo por Eça de Queirós, mais no final do século, vemos que a condição da mulher no século XIX era algo ainda muito frágil e desprezado, limitando-a quase exclusivamente a adornar os salões e os teatros com as suas sedas e leque.

Se tomarmos como exemplo da condição feminina Maria Eduarda, uma personagem d'*Os Maias* de Eça de Queirós, vemos que o romancista tenta torná-la um pouco mais interessante para Carlos da Maia, dando-lhe uma opinião e algum espírito crítico que não podemos deixar de reparar tal é a raridade de uma personagem feminina bem-falante em Eça, contudo concluímos, ao correr do texto, que ela se limita a desejar para a sua vida apenas a serena obediência ao seu marido. Vemos menos do que na literatura inglesa (de autoria feminina, curiosamente) por exemplo, uma personagem como a de Catherine Earnshaw<sup>420</sup>, que, apesar de índole romântica e melodramática, é uma personagem forte, que está perfeitamente a par, a todos os níveis, do seu co-protagonista masculino.

---

<sup>419</sup> Exemplarmente podemos nomear as protagonistas femininas de *A morgadinha dos canaviais* e *As Pupilas do Senhor Reitor* de Júlio Dinis ou, já da parte de Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição* e *A Queda de um Anjo*.

<sup>420</sup> Personagem principal, a par de Heathcliff, do romance icónico do romantismo inglês, escrito por Emile Brontë, *Wuthering Heights*. Exemplo de edição portuguesa: Emile Brontë, *O Alto dos Vendavais*, Lisboa, Relógio d'Água, 1999. Desejamos aqui igualmente salientar a coragem de Emily Brontë que se atreveu a escrever um romance tão polémico em 1846, em plena época victoriana, abordando assuntos *non grati* como a hipocrisia religiosa, a violência contra as mulheres ou as classes sociais.

As mulheres retratadas na literatura romântica portuguesa, de modo geral entenda-se, são virgens tísicas, monjas obedientes, prostitutas interesseiras ou baronesas ocas. Esta misoginia, ou melhor, este “marialvismo”<sup>421</sup> que José Cardoso Pires, no seu estudo sobre o tema, defende ser uma bem estudada herança de D. Francisco Manuel de Melo<sup>422</sup>, que custou, segundo ele, a descolar da escrita dos autores portugueses. Com efeito, este marialvismo toldou bastante o erotismo, e até mesmo a subcultura pornográfica em Portugal, tornando-o unilateral, sem nunca pensar no prazer feminino ou sequer explorar as suas fantasias. Por outro lado, os crucifixos por cima da cama de quase todos os casais portugueses, ou até a medida das camas ou quartos separados, transformavam as relações sexuais (sem o intuito da abençoada procriação) em pecados condenáveis, logo, o prazer sexual teria de ser procurado noutro lado. A única mulher capaz de satisfazer sexualmente um homem ou, em limite, de obter ela própria satisfação sexual, era a prostituta. Porém, nos salões setecentistas da Europa da Reforma, principalmente, surgiam figuras que o romance de John Cleland, *Fanny Hill*, já indiciava, e depois Charles Leclos e Marquês de Sade, entre outros, confirmavam: os libertinos<sup>423</sup> e as suas “damas da libertinagem”.

Longe das devoções amorosas das heroínas garrettianas, da paixão incendiada à Camilo, da pureza da mulher-criança de Júlio Dinis e dos folhetos do género *A Orfã do Conde Primo* ou *O Pecado das Mães*, longe da cegueira sensual dos amantes-novilho à Fialho, as damas da libertinagem e, dum modo geral, as damas do século XVIII, ‘quando se entregavam faziam-no de olhos abertos – e bem abertos para não perderem nada do espectáculo

---

<sup>421</sup> Nesta definição de uma figura mítica da cultura portuguesa, seguimos a dada por José Cardoso Pires no seu livro *Cartilha do Marialva ou das Neгаções Libertinas* (Planeta DeAgostini, 2001): “Marialva é o antilibertino português, privilegiado em nome da razão de Casa e de Sangue, cuja configuração social e intelectual se define, nas suas tonalidades mais vincadas, no decorrer do século XVIII. No convencionalismo popular (ou antes pequeno-burguês) marialva é o fidalgo (forma primitiva de ‘privilegiado’) boémio e estoura-vergas. Socialmente será outra coisa: um indivíduo interessado em certo tipo de economia e em certa fisionomia política assente no irracionalismo.” (p. 13)

<sup>422</sup> José Cardoso Pires defende, na obra acima referida, que o marialvismo teve a sua raiz sedimentada na obra do século XVII, *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel de Melo.

<sup>423</sup> “A partir do século XVIII, o termo ficou ligado sobretudo aos domínios do erotismo e da transgressão sexual, passando os libertinos eruditos a definir-se como “livre-pensadores”. O distanciamento dos dois sentidos percebe-se por exemplo na *Encyclopédie*, em que Diderot se refere à libertinagem como “l’habitude de céder à l’instinct qui nous porte aux plaisirs des sens, il ne respecte pas les moeurs, mais il n’affecte pas de les braver; il est sans délicatesse, & n’est justifié de ses choix que par son inconstance, il tient le milieu entre la volupté & la débauche (...)” (*Encyclopédie*, 1751, 476)”. Rui Sousa, “Antilibertinismo” in José Eduardo Franco (Coord.), *Dicionário dos Antis*, IN-CM, 2016 [no prelo]

– com essa obstinação que denuncia uma sociedade agonizante e perfeitamente requintada’.<sup>424</sup>

Notemos o adjectivo “agonizante” na citação anterior, que, seguindo de “perfeitamente requintada” vinca estas palavras com uma ironia adequada ao contexto. Ou seja, os libertinos emergiram no seio da aristocracia dos séculos XVII e XVIII, e surgiram muito provavelmente como sintomas de uma “sociedade agonizante” procurando outras formas de sociabilização, fomentando pontos de fuga de um sistema e de uma classe antigos e gastos (o Antigo Regime e a aristocracia respectivamente).

Não se quer com isto insinuar que não existisse literatura desta índole em Portugal. Pelo contrário, António Ventura coordenou recentemente uma colecção de Livros Licenciosos de temática erótico-satírica escritos precisamente durante o século XIX e princípios do século XX. Outros exemplos existirão certamente, contudo, salientamos uma diferença importante: a distinção entre libertino e marialva, sendo que, provavelmente por questões de educação e de cultura, em Portugal o marialvismo proliferou bastante mais do que a libertinagem.

Não obstante, a contenção dos ideais libertinos em Portugal muito deveu à actividade de instituições como a Inquisição e a Real Mesa Censória cuja principal missão era evitar a propagação dessas mensagens alegadamente transgressoras ou, pelo menos, pouco afectas à brandura costumeira. Atitudes semelhantes das instituições levaram a que ainda no século XIX os ideais libertinos se veiculassem em Portugal já com alguma deformidade operada pela extemporaneidade. A criatividade de Almeida Garrett, na sua juventude, também visitou este ideário com a obra *O Roubo das Sabinas. Poemas Libertinos*.

O moço poeta percorre todas as fases de labor ideológico a partir do padrão prestigioso do classicismo. Mas nesse trabalho conjugam-se o libertinismo-filosófico do século XVII e a sua superação iluminista. O fenómeno traduz, com clareza, o nosso atraso sócio-cultural. As ideias, à semelhança dos mais avançados instrumentos de produção, não se importam intemporalmente (não são indiferentes à categoria tempo). A sociedade a que se destinam tem de os necessitar; de outro modo estiolam-se ou enferrujam: e assim, ao seguir a via de um novo humanismo, Garrett palmilhará as suas primeiras expressões europeias dos tempos modernos: Renascimento e libertinismo (o francês e o nacional, ainda hoje quase por completo desconhecido!), o último

---

<sup>424</sup> José Cardoso Pires, *Cartilha do Marialva ou das Negações Libertinas*, Lisboa, Planeta De Agostini, 2001, p. 39.

dos quais vem entroncar na mais progressista ideologia do século XVIII. Garrett está, porém, no século XIX! – outro sinal de atraso que se acumula, provocando, como veremos, mutilações verdadeiramente dramáticas.<sup>425</sup>

No final do século XIX a libertinagem surge ligada à patologia social e mesmo mental, defendida por vários autores e até romancistas, como é exemplo Abel Botelho na sua obra *Patologia Social*, que pretende apontar e denunciar estes autómatos do vício. A visão de José Cardoso Pires, como vimos supra, é uma visão regenerada e recuperada nos anos sessenta do séc. XX, em que o libertino surge mais ligado à inteligência, à consciência política e à vivência mundana<sup>426</sup>.

### 4.3. Criminosos e marginais: as personagens da noite?

A sociedade burguesa oitocentista, com os seus parâmetros sociais muito bem estabelecidos, tinha verdadeira dificuldade em distinguir os criminosos dos populares, a seu ver uns e outros diluíam-se numa mesma multidão indiscriminada. Tendo em conta o aumento populacional (mormente pobre) que Lisboa sofreu, esse preconceito burguês acabaria por ter algum reflexo na realidade: “A partir de 1864 houve um fluxo de imigração muito forte devido ao crescimento da cidade. Esses imigrantes eram essencialmente mão-de-obra operária que se refugiava nos bairros pobres, principalmente Alfama e Mouraria.”<sup>427</sup> No início do século XIX, por exemplo, existiam 12.000 galegos em Lisboa. Em 1890 já existiam 19.000 espanhóis apenas em Lisboa, muitos deles ligados à criminalidade: Diogo Alves<sup>428</sup>, por exemplo, o assassino do Aqueduto, era galego.

---

<sup>425</sup> Augusto da Costa Dias, “Introdução”, *O Roubo das Sabinas. Poemas Libertinos*, reprodução facsimilada do manuscrito existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, espólio de Garrett, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Estampa, 1979.

<sup>426</sup> Rui Sousa, “Anti-libertinismo” in José Eduardo Franco (Coord.), *Dicionário dos Antis*, IN-CM, 2016 [no prelo].

<sup>427</sup> Teresa Rodrigues, “Ser imigrante na Lisboa Oitocentista” in Maria João Vaz, Eunice Relvas e Nuno Pinheiro, *Exclusão na história. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social*, Oeiras, Celta Editora, 2000, p. 25.

<sup>428</sup> Diogo Alves (1810-1841), nascido na Galiza, foi muito novo viver para Lisboa, onde serviu em algumas das casas mais abastadas daquela época. Ficou para a história como o assassino do Aqueduto das Águas Livres, pois foi nesse lugar que, durante cerca de 3 anos, cometeu os crimes que fizeram dele tanto um homem odiado como célebre. Mais dois factos inusitados contribuem para a sua fama: o facto de ser o último condenado à morte em Portugal e também pelo curioso facto de a sua cabeça estar exposta (e surpreendentemente conservada em formol) na Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa.



Muitas das pessoas que vinham para Lisboa procurar trabalho, portugueses ou espanhóis, acabavam por ceder à vadiagem, por falta de condições. “A vadiagem é o ‘paradigma negativo’ da pobreza errante, desvinculada da comunidade, não integrada nas redes de interconhecimento e sociabilidade tradicionais.”<sup>429</sup> Junto dos trabalhadores mais pobres verificava-se uma mendicidade envergonhada, que só se exprimia à noite, pois não ganhavam o suficiente para sobreviver e viam-se obrigados a recorrer à esmola. Os vadios, aqueles que não tinham onde dormir, ou pelo menos não tinham abrigo certo, andavam incessantemente pelas ruas durante a noite e a madrugada. Fialho de Almeida, no seu conto “De noite”<sup>430</sup> observa os andarilhos, sempre em movimento, pois se parassem muito tempo no mesmo sítio, poderia vir a Polícia ou alguém pela Santa Casa da Misericórdia, para recolhê-los e toldar-lhes a “liberdade” de simplesmente vadiar por Lisboa e não ter casa para onde ir.

Como medida social de resposta à pobreza extrema motivada pela migração massiva para a capital, é criada em 1881 a Associação dos Albergues Nocturnos, cuja missão

não era proteger nem auxiliar quem, por hábito ou indolência, se afasta do trabalho durante o dia e à noite quer encontrar um abrigo; que, pelo contrário, era tão somente para aqueles indivíduos que se conhecesse que realmente tinham absoluta necessidade dessa protecção, livrando assim dos rigores do tempo quem por força de circunstâncias estivesse no caso de as merecer.<sup>431</sup>

Paulo Guinote reflecte sobre o facto de muita da criminalidade ser cometida por trabalhadores que simplesmente não ganhavam para alimentar as famílias. Alguns roubavam, outros mendigavam, disfarçados, outros ainda afogavam as mágoas em álcool e frequentemente eram apanhados, já que todas estas actividades (furto, vadiagem e embriaguez) eram puníveis por lei.

In the late nineteenth century the social inequalities created by a modern industrial society were reaching a critical point and, if the opportunities for

---

<sup>429</sup> João Fatela, “ ‘Para se lhes dar destino...’ Modos de repressão dos vadios em Portugal na segunda metade do séc. XIX” in Maria João Vaz, Eunice Relvas e Nuno Pinheiro, *Exclusão na história. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social*, Oeiras, Celta Editora, 2000, p. 149.

<sup>430</sup> Fialho de Almeida, “De noite”, *Lisboa Galante*, Lisboa, Editora Vega, 1994, pp.121-129

<sup>431</sup> Associação dos Albergues Nocturnos de Lisboa, *Acta n.º1*, 1 de Maio de 1881, no Real Paço da Ajuda, às 3 ½ horas da tarde. Desde muito cedo que os mendigos seriam uma preocupação para o

rapid social advancement were available, there was always an even greater possibility of failure that could launch many to the edge of marginality.<sup>432</sup>

Obviamente toda esta dinâmica era nocturna, já que todo o dia estava dedicado a obrigações laborais que, na altura, obedeciam a uma média de 16h<sup>433</sup> diárias. Mais uma razão para a noite representar o último reduto de liberdade, de tempo livre e de lazer. Com efeito, como sublinha Mendes Corrêa, principalmente nas classes baixas, qualquer um pode cometer um crime.

Qualquer pessoa póde d'um momento para o outro praticar um delicto. Um ímpeto de paixão, uma decepção violenta, uma desforra fazem da melhor das criaturas um delinquente. O crime é muitas vezes um acidente, um epifenómeno na existência d'um individuo (Laurent).<sup>434</sup>

A cidade de Lisboa, para muitos dos operários que para lá migravam em busca de trabalho, representava tudo aquilo que na sua terra de origem não existia: a ocupação, mas também todo o género de tentações e, para mal dos seus pecados, o policiamento que na província era quase inexistente. “Além de potenciar os comportamentos delinquentes, em Lisboa seria mais difícil escapar impunemente às infracções e aos delitos cometidos devido a uma maior vigilância da polícia e repressão da justiça.”<sup>435</sup> A cidade está, pois, sobrepovoada devido aos fenómenos migratórios e a composição populacional desequilibra-se no final do século XIX com uma sobremasculinidade sobretudo nos grupos etários entre os 10 e os 44 anos.<sup>436</sup> Os efeitos destes dados estatísticos reflectem-se sobretudo no aparecimento de muitos vadios, que na impossibilidade de arranjar casa (ou esposa) e emprego acabam frequentemente por se entregar à criminalidade.

---

<sup>432</sup> Paulo Guinote, “The old bohemian Lisbon (c. 1870 – c. 1920): Prostitutes, Criminals and Bohemians” (pp.71-95) in *Portuguese Studies*, volume 18, 2002, The Department of Portuguese King’s College London, p. 74.

<sup>433</sup> Cf. Alain Corbin, *História dos Tempos Livres. O advento do Lazer*, Lisboa, Teorema, p.347.

<sup>434</sup> António Augusto Mendes Corrêa, *Os Criminosos Portugêses. Estudos de Anthropologia Criminal*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1913.

<sup>435</sup> Maria João Vaz, “Crimes e Cidades: Lisboa nos finais do séc. XIX” in Maria João Vaz, Eunice Relvas e Nuno Pinheiro, *Exclusão na história. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social*, Oeiras, Celta Editora, 2000, p. 141.

<sup>436</sup> Cf. Teresa Rodrigues, “Ser imigrante na Lisboa Oitocentista” in Maria João Vaz, Eunice Relvas e Nuno Pinheiro, *Exclusão na história. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social*, Oeiras, Celta Editora, 2000, p. 25.

Com efeito, no último quartel do séc. XIX há uma nova preocupação com a criminalidade em Lisboa em particular e em Portugal no geral. São elaboradas novas leis com fim a punir estes novos crimes que ameaçam o bem-estar social do lisboeta, como por exemplo a vadiagem, a mendicidade e a embriaguez. A “emergência dos problemas sociais, sobretudo nas cidades, centram-se em grande parte nas atitudes e hábitos de trabalho de uma parte significativa da população.”<sup>437</sup>

A criminalidade em Lisboa, na maior parte dos casos estava relacionada com a noite. A imprensa periódica dá conta de um sem número de assaltos, roubos e até homicídios que ocorriam nas ruas mais escuras da cidade. Não será por acaso que existia uma legislação especial para os crimes cometidos à noite, por se considerar que a vítima estava ainda mais desprotegida e desavisada.

Pedem-nos que mencionemos o facto de haver quase todas as noites rixas e desordens no primeiro quarteirão da Travessa da Palha, as quaes são promovidas pelos frequentadores de uma taberna, por vários tocadores de pandeiro e por mulheres da má vida.<sup>438</sup>

O Largo dos Canos é theatro habitual destas scenas; rouba-se, esfaqueia-se, canta-se a toda a hora, proferem-se obscenidades e consentem-se ajuntamentos!<sup>439</sup>

A noite tem os seus habitantes próprios, e estes não são as famílias ou mesmo os grupos de amigos que vão aos teatros ou que se encontram nos cafés para conversar antes de dormir. As verdadeiras personagens da noite, que muito provavelmente não se vêem noutra altura, são aqueles que Fialho de Almeida tão bem retrata – os *rodeurs*:

As igrejas dão gravemente a meia-noite: o céu é sempre negro, cessaram os pregões, os carros vão-se, e outra vez os *rodeurs* ficam no campo! [...] A polícia considera-os com suspeita e atentamente; os guardas-nocturnos não os deixam embuscar-se na sombra dos portais. Eles encontram-se consultam-se, saem por uma esquina, entram pela esquina oposta, fingem que se vão, e dali a nada surgem outra vez... E estralejando os dentes com frio, o passo cada vez mais trôpego, tanto circulam que acabam enfim por cair extenuados, de bebedeira, de fome, de fadiga, de doença e de deboche, ‘té

---

<sup>437</sup> Maria João Vaz, *op. cit.*, p. 147.

<sup>438</sup> *Jornal da Noite*, segunda-feira e terça-feira, 8 e 9 de Maio de 1871.

<sup>439</sup> *Jornal da Noite*, terça-feira e quarta-feira, 6 e 7 de Junho de 1871.

que a polícia os distribui pelas cadeias, os estatela nos albergues de noite, ou os manda de presente à Misericórdia ou aos hospitais.<sup>440</sup>

Nada é terrível como encarar na sombra uma dessas fisionomias de nocturnos, obrigados a andar constantemente para não despertarem suspeitas aos guardas, inquietos, palmilhando a lama com um *choc-choc* de botas descosidas.<sup>441</sup>

## 5. Os trabalhadores da noite.

A utilização da luz artificial tanto pública como privada possibilitou que novas profissões fossem surgindo. Se antes os tarefeiros nocturnos como os Quadrilheiros, os Guarda-Nocturnos (Fig. 23) e os cantoneiros de limpeza, ou “Almeidas”<sup>442</sup>, tinham de realizar o seu trabalho com tochas ou lamparinas de azeite e de forma limitada e mais perigosa, a partir de meados do séc. XIX com a iluminação a gás e principalmente mais no final do século com a luz eléctrica, um novo mundo de possibilidades económicas e sociais se abriu.

Antes de mais, não podemos negligenciar que todas as profissões que pressupõem um trabalho nocturno estão na verdade a interferir no ritmo natural do ser humano: a alternância entre a vigília e o sono. Desde sempre o homem orientou o seu quotidiano pelos ritmos naturais à sua volta e o organismo assim se formatou: “O ser humano provavelmente reconheceu a existência de ritmicidade quando começou a compreender os fenómenos rítmicos presentes no ambiente que o rodeava”<sup>443</sup>. Subverter estes ritmos, normalmente acarreta consequências menos positivas para a saúde dos trabalhadores.

Os sistemas de trabalho por turnos, particularmente aqueles que envolvem trabalho realizado à noite, exigem, de forma periódica ou permanente, que os trabalhadores estejam acordados num período que, em condições normais,

---

<sup>440</sup> Fialho de Almeida, *op. cit.*, p. 129.

<sup>441</sup> Fialho de Almeida, “Madrugada de Inverno” in *op. cit.*, p. 187.

<sup>442</sup> A.C.M., “Tipos Citadinos” (verbete) in Francisco Santana e Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, s. ed., 1994, p. 911. O “Almeida” era um nome dado aos cantoneiros de limpeza, uma vez que, de início, todos os que exerciam essa função eram originários da Vila de Almeida, segundo Calderon Dinis.

<sup>443</sup> Isabel Maria Soares da Silva, *Trabalho por turnos: efeitos nos estados de humor, ritmicidade biológica e social*, Universidade do Minho, TM, Braga, 1999, p.2.

estariam a dormir. Esta inversão no padrão do ciclo sono-vigília resulta habitualmente em perturbação dos ritmos biológicos, psicológicos e sociais dos trabalhadores por turnos, com implicações importantes para a sua saúde (psicológica e física).<sup>444</sup>

O avanço da tecnologia espoletado pela revolução industrial começou a desenhar a hipótese, suportada pela luz artificial, de os turnos laborais nas fábricas se estenderem para lá do fim do dia. O trabalho nocturno começou a ser possível principalmente pelo lucro que possibilitava. Se primeiro houve uma fase de teste a este tipo de trabalho, em que se tentou averiguar quem conseguia ou não trabalhar nestas condições, hoje em dia é um ritmo de trabalho considerado normal, embora ainda e sempre com condições especiais (compensações salariais, maior número de folgas, etc.). De qualquer forma, ao longo da história este tipo de trabalho, pelas suas especificidades e exigência, desde sempre suscitou um tratamento especial por parte dos legisladores, vedando-o, por exemplo, a menores e ao sexo feminino.

Para cumprimento do disposto na ‘Convenção internacional para a proibição do trabalho nocturno das mulheres empregadas na indústria’ assinada em Berna em 26 de Setembro de 1906 (...) havemos por bem decretar o seguinte: Artigo 1.º É proibido o trabalho nocturno a todas as mulheres de qualquer idade, nos estabelecimentos industriais onde laborem mais de dez operários e operárias.<sup>445</sup>

Era facto incontestável, pois, que a mulher, pela fragilidade da sua fisionomia, não teria resistência para conseguir cumprir os horários nocturnos. Mesmo os indivíduos do sexo masculino, sabemos hoje, têm de afigurar determinadas características para não sofrerem tanto com o desgaste do trabalho por turnos.

De qualquer forma, o crescimento económico e o desenvolvimento industrial que se deu principalmente na segunda metade do séc. XIX tornou imperativo que as fábricas trabalhassem durante mais horas e que a cidade não adormecesse completamente durante a noite.

Assim, aos poucos, a cidade começa a criar mecanismos de resposta não só para os frequentadores ociosos mas também para os trabalhadores da noite. Filho de Almeida fala-nos, nos seus contos, de uma curiosa personagem da noite, o vendedor de

---

<sup>444</sup> Isabel Maria Soares da Silva, *op. cit.*, p.5.

<sup>445</sup> Alterações e aditamentos aos decretos de 14 de Abril de 1891 a 16 de Março de 1893.

café e aguardente. Supostamente ele vagueava na madrugada de Lisboa, para acorrer aqueles que trabalham de noite e não têm com o que se aquecer. “a mistura fervida em álcool, é vendida depois às sentinelas, aos cocheiros da noite, e aos *decavés* que encontra pelas ruas”<sup>446</sup>. Há, principalmente no fim do século, o início de uma actividade contínua na cidade de Lisboa, sem que a noite quebre completamente o ritmo como antigamente: “E passam na rua, cosidos com as paredes, de golla erguida para as orelhas, os trabalhadores da noite, os tresnoitados, os noitibós – aqueles que ganham o seu pão sob a luz das estrelas”<sup>447</sup>. É acima de tudo uma altura indiferenciada em que “todos os gatos são pardos” e por isso ninguém se distingue, caminhando numa espécie de irmandade noctívaga. Outrossim como mostra um estudo sobre vendedores ambulantes de Lisboa, surge novamente estes vendedores de café e aguardente, exclusivos frequentadores da noite que cuidavam dos noctívagos como ninguém mais e por isso mesmo eram chamados de “pirilampos”.

Morreram os homens dos “pirilampos”, com as cafeteiras, vendendo um líquido a que chamavam café... as garrafas de aguardente, e ainda o cêsto com os copos e chávenas, aturando os ébrios e os tresnoitados, desde as primeiras horas da noite até alta madrugada nos bairros frequentados pela “fina flor” de Alfama, Mouraria, Bairro Alto, Trabuqueta, Baixa, etc.<sup>448</sup>

Eram na sua maior parte homens trabalhadores que assim ganhavam mais qualquer coisa (dormindo uma ou duas horas apenas entre tarefas) ou mesmo idosos já dispensados da fábrica. Há referências à natureza do “líquido a que chamavam café”, frequentemente feito com as sobras das borras dos cafés da cidade, mendigadas à porta dos estabelecimentos, misturadas com água e açúcar. A aguardente era comumente caseira. Serviam um e outro líquidos para manter acordados e aquecer os noctívagos – ainda que insalubres e amargos – encontrar um “pirilampo” no deambular de uma noite fria seria sempre um conforto.

---

<sup>446</sup> Fialho de Almeida, “Madrugada de Inverno” in *Lisboa Galante. Episódios e Aspectos da Cidade*, Lisboa, Vega, 1994, p. 189.

<sup>447</sup> Beldemonio (Ed. de Barros Lobo), *Do Chiado a São Bento. Apontamentos da jornada de um lisboeta através de Lisboa*, Porto, Livraria Portuense, 1890, p. 24-25.

<sup>448</sup> Alfredo Augusto Lopes, *Vendedores Ambulantes*, Conferência realizada em 15 de Junho de 1943 na sala do grupo “Amigos de Lisboa”. Separata de *Olisipo*, n.º 5 de Abril e Julho de 1943, p. 31.

Alberto Pimentel, por outro lado, descreve a vida dos pueris arduas, que ora anunciavam o matutino logo cedo, ora se arrastavam pela noite tentando vender as últimas cópias do dia que já acabou.

Depois, ao cair da noite, torna a revoltear nas ruas o enxame alípede dos rapazes que vendem jornaes, e algumas vezes, alta madrugada, um varino de dez anos oferece, tiritando de frio, muito engoiado, as Novidades, que já são velhas a essa hora, e o Correio da Noite, que já então se deveria chamar Correio da Madrugada.<sup>449</sup>

Também Cesário Verde, no seu *Livro* escreve sobre estes novos habitantes da noite, dos visíveis aos invisíveis. Desde os “marçanos,/ como ratos, nas gordas mercearias” – falando dos jovens, muitas vezes meninos, que trabalhavam e viviam nos armazéns, “encafurnados por imensos anos!”, aos “artistas do ofício” que deambulavam pela cidade “ralados do trabalho”. O poeta olha à sua volta e descreve a cidade à noite, somos assim transportados para este quotidiano, em que os carpinteiros e os calafates recolhem ao soar das badaladas, outros chegam ao seu ofício com a noite, como os padeiros ou os cutileiros, os guardas-nocturnos ou as prostitutas, todos figurinos neste cenário em que o poeta se passeia.

E os guardas, que revistam as escadas,  
Caminham de lanterna e servem de chaveiros,  
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,  
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.<sup>450</sup>

---

<sup>449</sup> Alberto Pimentel, *Vida de Lisboa*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira – Livraria editora, 1900, p. 54.

<sup>450</sup> Este como os anteriores excertos são dos poemas “Sentimento de um Ocidental” e “Noite Fechada”. Edição utilizada: Cesário Verde, *O Livro de Cesário Verde 1873-1886*, Edição Fac-Similada de 1887, Prefácio de Annabela Rita, Porto Caixotim, 2004.

## 6. O futuro da noite – século XX e depois?

Em Portugal ainda hoje é ideia dominante a de que a noite é reservada apenas aos marginais e aos noctívagos<sup>451</sup>, uma vez que, entre outras evidências, não existem grandes apostas nas infraestruturas nocturnas como transportes, iluminação, serviços, etc.. Ainda hoje, em 2016, não existe uma tradição de comércio e serviços abertos vinte e quatro horas por dia, sequer transportes públicos a funcionar durante toda a noite na capital. Estes horários limitados dificultam em muito a vida a quem trabalha por turnos (milhares de pessoas só na capital), aos trabalhadores exclusivamente nocturnos ou a quem saia à noite por lazer, obrigando a um maior gasto financeiro pois vê-se na necessidade de trazer viatura própria ou a apanhar um táxi. Noutras capitais europeias como Londres ou Estocolmo esse problema já está resolvido há, pelo menos, meio século. A razão deste atraso, no caso de Portugal, é provavelmente a mesma desde há séculos: a brandura dos nossos costumes contagia a acção e, conseqüentemente, demoramos sempre muito mais tempo a atingir determinadas metas, principalmente se falamos no campo da tecnologia e da inovação.

De um modo já praticamente universal – em Portugal e em quase o resto mundo – a vivência da noite também se está a alterar pela nossa relação com o mundo das tecnologias: hoje em dia é possível fazer compras *online* a qualquer hora. É habitual alguém comprar um livro comodamente em casa durante a madrugada e espoletar automaticamente o processo de pagamento e envio por correio na Índia, onde o dia já começou; dar uma vídeo-conferência a partir do quarto para uma audiência de trezentas pessoas a três mil quilómetros de distância. Como nota Teresa Alves, “à medida que as práticas sociais (...) através da intermediação electrónica se vão desligando dos conceitos espaciais tradicionais de distância e proximidade, o controlo político sobre os territórios com base na hora tende a atenuar-se.”<sup>452</sup>. Logo, há uma nova concepção do tempo/espço da noite hodierna que tem de ser pensado e que em Portugal ainda está a ser desenvolvido.

---

<sup>451</sup> Este tem sido o campo de estudo, por exemplo, do grupo de investigação “LxNights”, da FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Sobre este assunto, destacamos uma publicação do investigador principal do grupo, Jordi Nofre, “Vintage Nightlife: Gentrifying Lisbon downtown” in *Fennia: International Journal of Geography*, 191 (2): 106–121.

<sup>452</sup> Teresa Alves, *Geografia da Noite. Relatório para provas de Agregação*, FLUL, 2013, p. 40.



Se por um lado podemos contestar e considerar todas estas limitações de horários como um atraso, a verdade é que em países como os Estados Unidos, especialmente no que diz respeito a grandes cidades, como Nova York, Las Vegas ou São Francisco, já vem surgindo há algumas décadas um movimento de preservação da noite e, principalmente, do céu nocturno<sup>453</sup>. Estas cidades americanas vivem há várias décadas o verdadeiro ritmo *twenty-four/seven* – vinte e quatro horas por dia/ sete dias por semana – o que causa variados efeitos negativos, seja no ecossistema que rodeia as cidades seja mesmo no biossistema humano. O alerta atravessa o oceano e estende-se à Europa Ocidental senão a todo o hemisfério norte. Este movimento de preservação nocturna organizado e cientificamente documentado, que existe aproximadamente desde o final do século XX, alerta para os perigos e consequências desta nossa invasão da noite.

Podemos pensar em primeiro lugar na poluição luminosa: a maior parte da iluminação nocturna nas ruas (candeeiros, publicidade, montras) não pretende ser eficiente mas aparatosa e visível, o que origina um enorme gasto financeiro desnecessário bem como prejudica, entre outras coisas, a visão do condutor nocturno. Mesmo em nossas casas, a luz eléctrica, os monitores dos computadores, dos tablets, das televisões, dos telemóveis, configuram toda uma exposição nocturna a uma luz artificial que nunca nos será natural. Os danos colaterais deste uso abusivo da luz na noite, ainda que incalculáveis, já são de alguma forma previsíveis, pelo que existem estudos científicos actuais que relacionam doenças graves com o nosso vício na luz<sup>454</sup>. Estes estudos vão na linha de outros que pensam a profundidade do impacto humano no planeta em geral, evidenciando a sua dimensão cada vez mais catastrófica e irreversível. Esta consciência ecológica tão em voga nos últimos vinte anos, já existia em alguns pensadores ainda no século XIX, que assistiam à revolução industrial em tempo real e já

---

<sup>453</sup> Este movimento já produziu vários documentos culturais e científicos, entre eles salientamos: Paul Bogart (ed.), *Let there be night. Testimony on behalf of the dark*, Las Vegas, University of Nevada Press, 2008; todo o trabalho de informação e consciencialização da International Dark-Sky Association (IDA) – fundada em 1988 –, em particular a sua curta-metragem *Losing the Dark* que faz um resumo elucidativo do trabalho desta associação; ou o documentário *The City Dark* (2011) realizado por Ian Cheney.

<sup>454</sup> Gema Mesquita e Rubens Reimão, “Qualidade do sono entre universitários: os efeitos da utilização do computador e televisão no período da noite” in *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, Outubro de 2010, São Paulo, Academia Brasileira de Neurologia.

adivinham as consequências negativas que daí poderiam advir. Entre nós, um dos primeiros a registar uma preocupação com isso foi Jaime Magalhães Lima<sup>455</sup>:

Ao terminar do século XIX ao fim de tanta fadiga e esperança, duvidando perguntamos se porventura não seguimos caminho errado e se o que ganhamos em riqueza vale o que perdemos em paz de espírito. Qual valeria mais – uma melhor distribuição dos bens da terra ou todas as descobertas científicas? A reforma económica ou a reforma moral? Ensinar o coração ou amontoar milhões?<sup>456</sup>

A reflexão acima referida contém em si várias questões, nomeadamente do foro político, interessa porém sublinhar a questão da relação do homem com o meio-ambiente que ele também aqui antetempo levanta.

Por outro lado, podemos colocar esta questão da relação humana com a noite no campo da filosofia ontológica: se não olhamos para cima, para o cosmos, se não virmos nada lá em cima será que nos damos conta da nossa pequenez no universo como antigamente o fizemos? Sem ponto de comparação ou de fuga, sem firmamento a oferecer perguntas será que elas surgirão? Provavelmente não. Na mesma linha, se o ser humano for privado da escuridão absoluta, como é hoje, isso também não terá consequências por exemplo na nossa relação com o medo e com a coragem? A verdade é que hoje em dia há luz em todo o lado, a escuridão profunda é algo desconhecido para nós, mais ainda para as crianças – há sempre uma luz de presença no quarto, lá fora a rua está iluminada, a segurança é anunciada a luzes de néon. Não faz falta esse medo, precisamente para sabermos lidar com ele?

I wonder sometimes how modern children, constantly bathed in light, can ever learn courage. They seem to have very few opportunities to practice since they are surrounded at all times with painstaking precaution and have their way lit constantly, day and night. The few children that I know only seem fearful when confronted with a genuine challenge [...] but they seem unashamed of their fear. Instead of working to hide their fear and then to overcome it, I think they have been taught to exaggerate so someone will

---

<sup>455</sup> Para uma abordagem biográfica sobre esta personalidade, veja-se: António Ventura, *Magalhães Lima. Um idealista impenitente*, Lisboa, Assembleia da República/Centenário da República, 2011.

<sup>456</sup> Jaime Magalhães Lima, *As Doutrinas do Conde Leão Tolstoi...*, p. XXIX *Apud* Luís Machado de Abreu, *Estética e Ecologia no Portugal Finissecular – a proposta de Jaime de Magalhães Lima*, Braga, Universidade do Minho, 1991. Separata da Revista *Diacrítica*, n.º6, 1991.

come along to install a night-light, a streetlight, or otherwise remove the cause of the fear.<sup>457</sup>

Talvez esta hiperprotecção que hoje em dia está tão difundida seja na verdade contraprudente na formação do carácter e no crescimento do ser humano. Esta obsessão com a segurança e com a possibilidade de iluminar tudo, de esclarecer todas as dúvidas, de domar (ou ignorar) o desconhecido esteja na verdade a trabalhar contra nós, fazendo-nos regredir em aspectos que já tínhamos conquistado, como a capacidade de enfrentar e de lidar com o medo.

Como referimos anteriormente, não é possível calcular objectivamente as consequências da ausência de noite profunda – e de tudo o que daí advém –, mas vão surgindo mudanças subtis no comportamento humano que decerto nos levarão a um lugar estranho.

### **6.1. A invasão da noite – actos e consequências**

Se olharmos hoje para o planeta Terra do espaço (Fig. 24), do lado contrário ao Sol, vemos essencialmente aglomerados de pontos luminosos. Onde não existem pontos luminosos, provavelmente não existem humanos. Digamos que o tremeluzir das luzes artificiais nas cidades à noite tornou-se hoje em dia o símbolo da nossa espécie, o culminar do progresso científico humano, do qual a electricidade foi a última e mais consequente descoberta.

Aos poucos a nossa sociedade nos últimos duzentos anos foi ganhando terreno à natureza selvagem, avançando passo a passo, destruindo florestas, construindo barragens, secando lagos. Tem sido um avanço lento (para quem não está atento) mas fatal, e a verdade é que muito pouca gente considera esta invasão um verdadeiro problema. Uma das consequências bastante graves desse avanço é a poluição luminosa e estão bem expressas na frase que ouvimos um morador dizer no documentário *The City Dark*<sup>458</sup>: “It just doesn’t get dark anymore.” A verdade é que não é possível ainda avaliar o que poderá resultar deste estilo de vida do séc. XX e XXI, para a nossa saúde,

---

<sup>457</sup> James Bremner, “Fear of the Night” in Paul Bogard (ed.), *Let there be night. Testimony on behalf of the dark*, University of Nevada Press, 2007, p. 184.

<sup>458</sup> *The City Dark*, 2011.

para o ambiente, para nós como civilização. Começa a existir hoje uma premente preocupação com a falta de contacto que temos com o céu nocturno – poderá isso estar a operar mudanças tão subtis no ser humano que ainda não as notamos?

A poluição luminosa é um dos tipos de poluição mais invasivos e em maior crescimento hoje em dia e manifesta-se essencialmente de duas formas: *overillumination* e *skyglow*<sup>459</sup>. A *overillumination*, ou seja, o excesso de iluminação é a luz usada em quantidade muito superior às nossas verdadeiras necessidades. Os grandes agentes deste tipo de poluição são os estádios, os placards luminosos de publicidade, as lojas e os candeeiros que em vez de iluminarem para baixo – onde são necessários – desperdiçam grande parte da sua luz para cima. As consequências deste tipo de poluição são tão catastróficas a nível financeiro – regularizando este consumo energético seriam poupados milhões –, como para a nossa saúde ou para o ambiente em geral. Quanto ao *skyglow* é a espécie de brilho alaranjado que emana das zonas mais urbanizadas para o céu nocturno, ocultando praticamente todas as estrelas visíveis a olho nú. Se há cento e cinquenta anos era normal qualquer pessoa olhar para cima e ver o entrançado da Via Láctea, hoje em dia só em sítios muito afastados dos núcleos urbanos isso é possível.

O ser humano está efectivamente a ser muito prejudicado pelo uso excessivo da luz artificial. Existem vários estudos na área da saúde que ligam o aparecimento de doenças cardíacas ou mesmo alguns tipos de cancro à exposição nocturna exagerada a todo o tipo de monitores ou lâmpadas. A explicação para este fenómeno tem que ver com o facto de os níveis de melatonina – hormona responsável pela regulação do metabolismo e do sistema imunitário – serem perturbados e estimulados num período em que o corpo deveria estar em descanso. Com esta actividade e estímulos nocturnos fora do normal é desencadeada uma actividade irregular espoletando todo o tipo de anomalias no organismo, como a formação de células potencialmente cancerígenas. Com efeito, dados estatísticos atribuem uma incidência muito maior de diagnósticos cancerígenos em zonas urbanas de alta densidade populacional em detrimento de meios mais pequenos.

A vida selvagem está de forma semelhante a ser agudamente prejudicada por esta forma de poluição. Há casos específicos graves, como as aves migratórias que

---

<sup>459</sup> Os dados estatísticos aqui referidos, bem como outros dados concretos sobre a poluição luminosa, foram retirados do portal online da IDA – International Dark-sky Association (<http://darksky.org/>).

são atraídas pelas luzes e desviadas das suas rotas, acabando por morrer, ou as tartarugas marítimas que quando nascem na costa, em vez de se dirigirem à luz da lua reflectida no mar, orientam-se pelas luzes das cidades e acabam por morrer de fome ou mesmo atropeladas em estradas. Existem habitats destruídos ou perturbados de tal forma que se tornaram inóspitos para os animais, os exemplos são inúmeros e já levaram algumas espécies à extinção.

Contudo, paradoxalmente, a verdade é que a poluição luminosa é uma das mais fáceis de fazer recuar e cujo controlo seria menos dispendioso, bastando para isso a vontade em aplicar as medidas necessárias. Hoje em dia, como dissemos, já existem várias reservas “dark-sky”, um pouco por todo o mundo várias cidades já implantaram medidas de iluminação responsável diminuindo assim o seu impacto no meio ambiente. Em Portugal, na zona do Alentejo, a Dark Sky Alqueva<sup>460</sup> transformou-se num destino turístico de observação astronómica pelas condições ímpares de céu nocturno que apresenta. Hoje podemos dizer que a preocupação começa finalmente a dar frutos e a criar um movimento condigno de preservação da noite. Porém este é só o início.

---

<sup>460</sup> Dark Sky Alqueva ([www.darkskeyalqueva.com](http://www.darkskeyalqueva.com)), certificada pela Fundación Starlight, das Ilhas Canárias, Espanha. Sublinhamos que esta Reserva tem finalidades turísticas e não ecológicas, contudo a verdade é que Portugal ainda não tem níveis excessivos de poluição luminosa, excepto, claro está, nas grandes cidades.



## IV CAPÍTULO

### Estéticas da noite do *fin-de-siècle* e distopias nocturnas.

*O luar encharcava a noite, entrava em cascata pelas janelas, vinha ter connosco à cama. As luzes eram raras e mortíferas, de gás incandescente. Pairava no ar um resto de Cesário, e muito José Duro e amargo. Noite morta, pelas dez, passava o varino dos jornais, descalço, anelante da maratona em que vinha desde a Baixa, apregoando A Capital – e a voz dele tinha um tal desgarramento de mundo perdido, que eu, na minha cama fria e impúbere, a seguir-lhe em mente os paços, sentia um aperto na garganta e uma irresistível vontade de chorar.*

José Rodrigues Miguéis

*A modernidade adensou o signo dotando-o de opacidade e de transparência [...]. Assim, ele é, a um tempo, dramático, agónico e especular, retrospectivo e prospectivo: Narciso frente ao espelho, onde se reflecte, se deseja, se rejeita, se transmuta e se canoniza.*

Annabela Rita

Oscilando entre a representação da noite como período horário entre o pôr e o nascer do sol e a sua vertente mais simbólica, como um “fato interior”(como diz António Cândido<sup>461</sup>), a produção literária portuguesa oitocentista atravessada por esta presença é vasta, multiforme e rica. Desde o tempo em que “dia e noite, acordar e dormir eram mundos separados e o inconsciente um mistério que nem tinha nome”<sup>462</sup> até à época aqui tratada, que é precisamente um primeiro esboçar da explosão tecnológica que se fez sentir no início do século XX<sup>463</sup>, muita coisa se alterou na relação com a noite e na forma como essa transfiguração reverbera na arte e na cultura em geral. Joel Serrão, a esse respeito, pergunta: “Não será plausível que a experiência milenária do ritmo dia-noite, luz-treva, se foi associando, metaforicamente, ao ritmo não menos

---

<sup>461</sup> Antonio Cândido, *A Educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1989, p. 17.

<sup>462</sup> A. Alvarez, *Noite - A vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p.35.

<sup>463</sup> Cf. J. C. Seabra Pereira, *Do fim-de-século ao tempo de Orfeu*, Coimbra, Almedina, 1979; Fernando Guimarães, *Simbolismo, modernismo e vanguardas*, Porto, Lello&Irmãos, 1992.

real vida-morte, esperança-desespero?”<sup>464</sup>. Lembrando alguma da poesia aqui referida e outra sua contemporânea, parece legítimo responder à interrogação dizendo: sim, sem dúvida. A verdade é que a noite se foi paulatinamente associando à morte, ao desespero, à decadência e hoje dificilmente dissociamos estes conceitos. Aquele que vagueia na noite está muitas vezes mergulhado na escuridão também emocional. Contiguamente, quando dizemos “a noite” falamos de um período conturbado, ou desconhecido, como a noite dos tempos. Vale dizer que a presença da noite na literatura, e até de forma mais abrangente na cultura, é a presença de um carácter obscuro, de uma profundidade depressiva.

Urbano Tavares Rodrigues, abordando o nocturno na poesia portuguesa numa obra que desejou acima de tudo antológica, refere em palavras preludivas que “a noite aparece como tema multímido, rondando quase sempre a ideia do medo sem razão, do vago horror, amiúde do sonho também indefinível e insólito [...] e confere à escuridão a infinitude do nada absoluto”<sup>465</sup>.

Ao longo deste capítulo vamos assim abordar a literatura portuguesa do final do século XIX e início do século XX<sup>466</sup> no sentido de compreender como a noite perpassou por esta arte e que marcas deixou. Começando pela relação mais imediata do romantismo com a noite – a influência do movimento análogo alemão ajudou a desenvolver um pendor mais negro – até a outras manifestações estéticas que escolheram também a noite como *topos* literário, tema ou metáfora de sentidos diversos.

Aprofundando deste modo o significado metafórico da noite entramos no espírito finissecular português, no decadentismo que inevitavelmente se espraia ao longo do século XX com todos os acontecimentos históricos e sociais que lhe são inerentes. Desta forma, julgamos pertinente abordar também o pessimismo nocturno que se estabeleceu nos pensadores não só portugueses mas europeus em relação à função do homem no mundo, da busca da felicidade ao mergulho no absurdo, enfim na viagem ao fim da noite.

---

<sup>464</sup> Joel Serrão, *op. cit.*, p. 31

<sup>465</sup> Urbano Tavares Rodrigues, *op. cit.*, p. 5

<sup>466</sup> Como obras de referência, teremos em conta: Carlos Reis (dir.), *História da Literatura Portuguesa*, 6 vols., Lisboa, Publicações Alfa, 2001 e António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª edição, Lisboa, Porto Editora, 2000.



## 1. Alguns retratos da noite na literatura portuguesa: Romantismo, decadentismo e a noite cultural portuguesa de 1890-1920.

*São inesgotáveis e subtis os laços que prendem as produções literárias ao húmus cultural que as torna possíveis e as alimenta.*

Luís Machado de Abreu

A literatura oitocentista<sup>467</sup> espelha em grande parte as transformações sociais e culturais da sociedade. Se, num primeiro momento, há um desejo de regresso à natureza e à pacificação do eu (Romantismo), por outro lado há o desejo de retratar quase cientificamente tudo que acontece no momento histórico que se atravessa (Realismo/Naturalismo). O Romantismo português, ensaiando com os seus percussores do final de setecentos – Bocage, Filinto Elísio e Leonor de Almeida, como exemplos – surge eivado de uma originalidade quase provinciana em relação aos seus pares europeus. “A união dos temas Morte-Noite proliferou abundantemente na literatura portuguesa pré-romântica, como em todas as literaturas europeias”<sup>468</sup>, principalmente devido à influência dos ingleses Young e Harvey. Nesta altura fala-se, pois, de uma Escola Nocturna dos Cemitérios<sup>469</sup>, referindo-se a um grupo literário pré-romântico e romântico que alimentava a sua poesia e até mesmo prosa das temáticas presentes nestes locais lúgubres.

O homem deixara há muito de considerar-se o senhor do universo, um ser aparte; e principalmente depois das experiências de Lineu, de Buffon, de Adnson, a sua tendência era para integrar-se cada vez mais profundamente no Plano Geral da Criação. Em vez de antropomorfizar os fenómenos naturais, agora é o homem que se sente como parte da natureza e nela vê a manifestação do mesmo poder criador a que deve o ser, uma espécie de irmã, de complemento espiritual e sensível. E vai interrogá-la, confiante, na ânsia de se descobrir (...)<sup>470</sup>.

---

<sup>467</sup> Cf. Maria de Lurdes Ferraz, *Ensaaios Oitocentistas*, Lisboa, Caixotim, 2011.

<sup>468</sup> Maria Helena Seirós A. Esteves, *Poesia da noite no lirismo português II*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1955 (Separata do Boletim de Filologia, 54-55), p. 136.

<sup>469</sup> Em relação com este assunto ver também: Fernando Catroga, *O Céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal, 1756-1911*, Coimbra, Minerva, 1999.

<sup>470</sup> Maria Helena Seirós A. Esteves, *op. cit.*, p. 141

Vemos nos poetas românticos uma espécie de união panteística com a natureza cujo momento privilegiado acontecia nas horas silenciosas da noite. Como se referiu, a influência era principalmente britânica mas também alemã, de autores como Wagner (*Tristão e Isolda*) ou Novalis (*Hymnen an die Nacht*). Em Portugal, no pré-romantismo, encontramos alguma poesia da Marquesa de Alorna e de Bocage, e depois Herculano e Castilho, muito marcadas por estas influências.

Durante todo o Romantismo, as revistas incluem constantemente, na secção de Poesia, ao lado de odes anacreônticas, charadas, anagramas e acrósticos, que prolongam a tradição do séc. XVIII, composições a que se podem aplicar as designações de “poesia da noite”, “poesia tumular” ou “poesia da noite e dos túmulos”. Os grandes românticos cederam à moda soturna e melancólica, são frequentes em Herculano e Castilho, por exemplo, poesias deste carácter.<sup>471</sup>

A conjuntura política e social de praticamente toda a primeira metade do século XIX coloca Portugal numa posição de isolamento já sublinhada pela condição de península. Efectivamente com a Guerra Peninsular e toda a inconstância liberal acabámos por receber, na segunda metade do século, todos os movimentos e tendências europeias de uma só vez, executando simultaneamente uma espécie de simbiose e síntese entre elas.

A índole naturalmente melancólica dos portugueses era propícia a bem receber as novas tendências. “A poesia é tanto dos túmulos!” dizia Mendes Leal. Não podemos esquecer, também, que as primeiras três décadas do séc. XIX, em que o desenvolvimento literário, em Portugal, foi praticamente nulo, evitando amplo intercâmbio com a cultura de além-Pirinéus, foram causa de que recebêssemos simultaneamente Pré-Romantismo e Romantismo. O romântico português conheceu, sem transição, a literatura nocturna e sepulcral e a de evocações góticas<sup>472</sup>.

Na referida literatura gótica, encontrada principalmente em contos e curtas novelas publicados em folhetins, notamos a peculiaridade portuguesa: o facto de imprimir mais nestas narrativas as marcas das tradições e superstições da nossa cultura, do que a crueza do terror em si. Ou seja, não seria tão interessante para o leitor português ver as descrições mais pormenorizadas de cadáveres e putrefacções do que a melancolia nocturna do cemitério entregue a aparições fantasmáticas e misteriosas.

---

<sup>471</sup> Maria Leonor Machado de Sousa, *A Literatura “negra” ou de terror em Portugal (séculos XVIII e XIX)*, Lisboa, Editorial Nova Era, 1978, pp. 160-161.

<sup>472</sup> Maria Leonor Machado de Sousa, *op. cit.*, p. 168.

Efectivamente, “O temperamento português inclina-se mais à contemplação lírica do que à acção dramática ou mesmo romântica”<sup>473</sup>. Notamos por isso sem estranheza que o lirismo português manteve ao longo dos tempos uma identificação entre o sono e a morte, bem como entre a escuridão e o nada, encontrando assim os poetas um espaço simbólico e físico para verem reflectidas as suas angústias e eco para os seus solilóquios.

Ao abordar o último decénio do século XIX um acontecimento surge como absolutamente incontornável devido à forma como se vai reflectir em todas as manifestações culturais portuguesas da altura e até subsequentes – falamos do *Ultimatum* inglês. Antes disso, porém, há que considerar, vinte anos antes, a Geração de 70 com as celebradas Conferências do Casino<sup>474</sup>, esse despertar político e cultural de toda uma geração deveras marcante no panorama português – Eça de Queirós, Antero de Quental, Teófilo Braga, Pinheiro Chagas, entre outros – todos eles entusiasticamente abraçaram o projecto futuro de Portugal e escreveram várias obras sobre ele. O desencanto seria inevitável, tanta era a ambição destes jovens intelectuais. Chegou não só com o *Ultimatum* mas também com toda uma decepção face ao panorama político, ao falhanço da República (na revolução de 1891), à decadência da monarquia e à incapacidade de Portugal de se afirmar face aos congéneres europeus. Maria João Pinto Coelho fala mesmo de uma “Noite da Pátria”, quando analisa este período e o impacto que teve para a cultura portuguesa sob a perspectiva do arquétipo mítico do Apocalipse bíblico.

De acordo com o esquema apocalíptico, o Novo Mundo será inaugurado pelo Salvador, papel que, como vimos, é encarnado por personagens diferentes, das quais sobressai, sem dúvida, o Nuno Álvares Pereira da Pátria, o texto que mais se aproxima do modelo estabelecido pelo último livro do Novo Testamento. Através do combate apocalíptico, o Messias vencerá o Dragão com a sua espada rutilante e pura (Nuno Álvares, Gonçalo) e fará com que a Luz (a República, o progresso) triunfe das Trevas, derrotando a Noite da Pátria.<sup>475</sup>

---

<sup>473</sup> Maria Leonor Machado de Sousa, *op. cit.*, p. 280.

<sup>474</sup> Cf. João Medina, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, D. Quixote, 1984; Carlos Reis, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, 1991.

<sup>475</sup> Maria Teresa Pinto Coelho, *Apocalipse e regeneração: o Ultimatum e a mitologia da Pátria na literatura finissecular*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, p. 268. A referência às “personagens” feita neste excerto remete para o romance *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós que a autora analisa no seu estudo.

O ambiente finissecular em Portugal, em resumo, é marcado pelo “cansaço da civilização, a crise de confiança no progresso, o cepticismo, a incerteza do futuro, o regresso a um passado perdido, ideal e o apelo do nada.”<sup>476</sup>. Insere-se no movimento europeu de *fin-de-siècle*, cunhado em França, representando tanto a ânsia da modernidade como a insegurança de um tempo de decadência. Trata-se de um ambiente de crise e de julgamento dos movimentos da história e da sociedade até aí, efectivamente a crise desta altura nasce da evidência trágica dos contrastes: “O contraste entre o Portugal apolíneo, solar, expansivo de outrora e o Portugal decadente, crepuscular e solipsista de finais do séc. XIX”<sup>477</sup>. A juntar a essa premissa (que de alguma forma já se havia repetido um pouco em todos os fins de século)<sup>478</sup> todos os acontecimentos e conjuntura política e social contemporâneos contribuem para este sentimento nacional de fim. Porém, na nossa consciência e concepção cíclica do mundo – bem como do arquétipo declínio, fim, reinício – todos os fins pressupõem um início subsequente e aí reside a esperança e a ponte para o futuro.

No âmbito deste espírito finissecular e de pessimismo nacional, não poderíamos deixar de mencionar Guerra Junqueiro e duas das suas obras mais emblemáticas nesta temática, *Finis patriae* e *Pátria*. Na primeira simbolicamente publicada no final de 1890, conforme nota Campos Matos, “numa retórica nocturna, em que dominam ruínas, miséria e aviltamento, Junqueiro encenava a morte da pátria, da nação e do próprio monarca – D. Carlos.”<sup>479</sup>, fazendo jus ao espírito vigente entre a intelectualidade portuguesa. Outro dos mais importantes arautos foi o historiador Oliveira Martins que deixou impresso o seu entendimento da realidade nacional nas suas obras *História de Portugal* e *Portugal Contemporâneo*, anunciando que o país sofreria de uma doença prolongada já desde a perda da independência para a Espanha no fim do séc. XVI e que, o momento do Ultimatum teria sido uma espécie de “1580 sem D. Sebastião”<sup>480</sup>. O mesmo autor diz aliás que “considerava o pessimismo uma

---

<sup>476</sup> Sérgio Campos Matos “*Finis Patriae* e consciência de crise no Portugal contemporâneo” in *Estudos do Séc. XX*, número 10, 2010, p.378.

<sup>477</sup> Annabela Rita, “Prefácio” in Cesário Verde, *op. cit.*, Caixotim, 2004, p. 29.

<sup>478</sup> Sobre as várias interpretações dos mitos finisseculares *vd.* José Eduardo Franco et. al, *O Mito do Milénio*, Lisboa, Editora Paulinas, 1999.

<sup>479</sup> Sérgio Campos Matos, *op. cit.*, p. 371.

<sup>480</sup> J.P. de Oliveira Martins, “Carta a Eça de Queiroz” in *Correspondência de J.P. de Oliveira Martins*, Lisboa, P. A.M. Pereira, 1926, p. 137.

característica intrínseca do carácter nacional – teria a ver com a própria apatia do povo.”<sup>481</sup> Será, pois, neste quadro de inspirações apocalípticas que Portugal se desenha e espelha nas obras dos seus poetas, romancistas e ensaistas.

Posto isto, julgamos portanto adequado elencar alguns poetas que marcaram as suas composições com este pendor finissecular nocturno, sendo que cada um deles o fará de forma estilizada e autónoma. Parecem-nos particularmente pertinentes para o tema as obras de Antero de Quental, Gomes Leal, Camilo Pessanha, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa<sup>482</sup>.

### 1.1. Noctígero Antero – breve passeio pela poesia anteriana.

Um dos primeiros autores oitocentistas que deverá surgir quando se fala na temática literária da noite será sem dúvida Antero de Quental<sup>483</sup>. Visitando amiúde este *topos*, o poeta encontra muitas vezes o seu lugar na “faixa de obscuridade que separa todos os poentes de todas as auroras”<sup>484</sup>, embora no seu entendimento mais metafórico e metafísico. A sua poesia é verdadeiramente noctígera, pois onde ou quando quer que a leiamos, a noite decerto acontecerá à nossa volta. Vejamos, a título de exemplo, o seguinte soneto de Quental:

Como um vento de morte e de ruína,  
A dúvida soprou sobre o Universo.  
Fez-se noite de súbito, imerso  
O Mundo em densa e álgida neblina

---

<sup>481</sup> Sérgio Campos Matos, *op. cit.*, p. 369.

<sup>482</sup> Poderíamos perfeitamente aqui incluir Cesário Verde, mas deixamos esta abordagem para um estudo futuro, mais aprofundado. Pois, apesar de António Barahona afirmar que “n’*O Livro de Cesário Verde* não há um único verso obscuro: a luz, que não vem do Sol, nem de nada exterior, mas sim de tudo recôndito em nosso espírito, cintila nos seus versos todos.” (António Barahona, “Posfácio: A leitura original e exacta de *O Livro de Cesário Verde*” in *O Livro de Cesário Verde (1873-1886)*, Posfácio e fixação do texto por António Barahona, Lisboa, Assírio&Alvim, 2004, p. 178) julgamos que este é um dos poetas com uma visão mais particular e profunda da noite, único a esquisar uma Lisboa finissecular, nocturna, solitária e urbana, como só ele a soube retratar nos seus poemas, como já vimos em pontos anteriores. Cf. Annabela Rita, *op. cit.*

<sup>483</sup> Como exemplo de obra de referência sobre o autor, indicamos: Hernâni Cidade, *A obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1982.

<sup>484</sup> Michel Foucault, *As palavras e as coisas. Para uma arqueologia das ciências humanas*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa Edições 70, 2014, p.159.

Nem astro já reluz, nem ave trina,  
Nem flor sorri no seu aéreo berço.  
Um veneno sutil, vago, disperso,  
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,  
Do silêncio glacial, que paira e estende  
O seu sudário, donde a morte pende,

Só uma flor humilde, misteriosa.  
Como um vago protesto da existência,  
Desabrocha do fundo da Consciência.<sup>485</sup>

Como transparece numa primeira leitura deste poema ou mesmo de um conhecimento mínimo da poética anterioriana, sabemos que a sua é uma produção literária densamente filosófica pela sua instrumentação conceptual. Entramos numa “noite monstruosa” que simboliza o “Não-ser”, a morte, em rigor: a ausência de vida, representada apenas infimamente pela “flor humilde”, “vago protesto da existência”. Esta vacuidade é característica da poesia anterioriana e encontra quase sempre a sua expressão nos cenários nocturnos. Com efeito, há várias composições poéticas anteriorianas que exploram o noturno como tema, e poder-se-ia até afirmar, com parca margem de erro, que o vocábulo “noite” surge na maioria delas. Transcrevemos aqui apenas duas das mais ilustrativas.

#### LACRIMAE RERUM

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte,  
Quantas vezes tenho eu interrogado  
Teu verbo, teu oráculo sagrado,  
Confidente e intérprete da Sorte!

Aonde são teus sóis, como coorte  
De almas inquietas, que conduz o Fado?  
E o homem porque vaga desolado  
E em vão busca a certeza que o conforto?

Mas, na pompa de imenso funeral,  
Muda, a noite, sinistra e triunfal,  
Passa volvendo as horas vagarosas...

#### NOX

Noite, vão para ti meus pensamentos,  
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,  
Tanto estéril lutar, tanta agonia,  
E inúteis tantos ásperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,  
Que se exalam da trágica enxovia...  
O eterno Mal, que ruge e desvaria,  
Em ti descansa e esquece alguns momentos...

Oh! Antes tu também adormecesses  
Por uma vez, e eterna, inalterável,  
Caindo sobre o Mundo, te esquecesses,

---

<sup>485</sup> Antero de Quental, “Espiritualismo”, I

É tudo, em torno a mim, dúvida e luto;  
E, perdido num sonho imenso, escuto  
O suspiro das coisas tenebrosas...

E ele, o Mundo, sem mais lutar nem ver,  
Dormisse no teu seio inviolável,  
Noite sem termo, noite do Não-ser!

Tanto num como noutra soneto, encontramos o espírito noturno de Quental em todo o seu esplendor. O desejo da noite como cúmplice “sinistra e triunfal”, como congénere da Morte e da Razão legitimando o seu poder e a sua força, como alternativa ao “estéril lutar” e à “agonia” que a crua luz do dia expõe. É enfim a noite do não-ser, de uma nulidade que promete a paz que Antero sempre desejou para a sua alma atormentada, num misto de temor e obsessão.

O seu fascínio pela Noite não foi apenas herança romântica exacerbada, filha ambígua do titanismo e da sua decepção com Musset, e muito menos a porta iluminada para um mundo mágico, o único real, áquem e além da Morte, como em Novalis, mas consubstanciação, ao mesmo tempo intelectual e erótica, com a Morte. Ele a exprimiu no mais negro e inexpugnável verso da nossa língua: *Morte, irmã coeterna da minha alma.*<sup>486</sup>

Salvaguardando o parêntesis de uma incursão ao século XVIII, julgamos pertinente avocar neste momento Vitorino Nemésio quando refere que há uma linha de pensamento e de diálogo muito forte entre Antero e o seu predecessor Bocage, precisamente no que diz respeito a aspectos da sua relação com o nocturno. Um e outro figuras solitárias e negras, em diálogo extemporâneo, habitantes do seu próprio fim-de-século e depositários de todas as suas contradições e angústias.

Em Antero (*Lacrimae Rerum*) irmanam-se com a Noite a Morte e a Razão, que para Bocage é “sagrada” e amiga da Inocência. A um penedo “húmido” e “oco”, lugar de morte em Bocage, responde em Antero o “poço húmido e morno” a que se reduz o Nada. “O pranto, a queixa, a solidão e a morte”, com que Bocage fecha o seu *Desengano do Amor e da Fortuna*, dão, enfim, a chave da poesia nocturna e tenebrosa dos *Sonetos*, tanto na cor e padrão do vocabulário como no timbre de um íntimo e radical desconsolo.<sup>487</sup>

Será pois inevitável uma visão encadeada destes dois poetas com tanto em comum na sua afinidade com a noite e com as ideias que ilustravam este imaginário, por sua vez muito ligado à morte e ao desconhecido. Situados ambos respectivamente no dealbar e

---

<sup>486</sup> Eduardo Lourenço, *Antero ou a Noite Intacta*, Lisboa, Gradiva, 2007, p.10.

<sup>487</sup> Vitorino Nemésio, *Vultos e Perfis II. Quase que os vi viver*, Col. Obras Completas, IN-CM, 2004, p. 100.

no ocaso do movimento romântico em Portugal, explorando – cada um com a sua expressividade estética – o seu lado mais negro e sepulcral.

Julgamos igualmente necessário no âmbito do nosso estudo sublinhar não só o poeta, mas também o activista cívico, filósofo e ensaísta que Quental foi. Autor de um dos discursos mais marcantes das famigeradas Conferências do Casino – *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* – Antero marcou desde cedo uma posição crítica em relação ao panorama político e social da sua altura. No seu discurso de 1870, apontava como maiores responsáveis pela situação de crise de Portugal e Espanha a renovação religiosa operada pelo Concílio de Trento, a implementação do absolutismo com o seu carácter coercivo e inibidor das liberdades, assim como o desenvolvimento das conquistas longínquas e os consequentes malefícios. Em contrapartida, as nações mais ricas privilegiaram o desenvolvimento da liberdade moral, da classe média e do desenvolvimento industrial que constitui os seus mais basilares factores de progresso. Mais uma vez é usado o contraponto com a Europa para evidenciar as falhas mais profundas no exemplo português, sempre aquém do progresso político e económico desejados.

## **1.2. Gomes Leal e o fim de um mundo.**

Gomes Leal é um poeta singular que se ergue quase como único na corrente fantasista e mística que irradiava principalmente da Alemanha, embora com manifestações também em Inglaterra e França. A sua obra é vastíssima e multiforme, desde a variedade poética, ao teatro, da crónica ao panfleto. Uma linha de coerência cerze no entanto todos os fios: o facto de condensar em si tanto a herança do Romantismo como o germe da nova poesia moderna que se terá desenvolvido camaleonicamente ao longo de todo o séc. XX e até no início do séc. XXI.

Estas características tornam Gomes Leal um caso ímpar na poesia portuguesa, tornam-no o mais genuíno precursor de um espírito moderno, de um novo-romantismo que hoje se vai transmudando em formas não confessionais de expressão e contendo o relâmpago da inspiração numa



artificialmente disciplina que lhe marca o apogeu e, ao mesmo tempo, é já sinal de decadência.<sup>488</sup>

Será precisamente esta ideia de síntese e de decadência, aliada ao seu pendor nocturno, que nos faz olhar para a obra de Gomes Leal com mais atenção. O seu livro *O Fim de um Mundo* é efectivamente a constatação do fim de um mundo conhecido e a preparação para algo novo que aí vem, possivelmente um renascimento das cinzas, recuperando a analogia de Maria João Pinto Coelho<sup>489</sup>. O último texto do livro de Gomes Leal, que se intitula avisadamente “Autópsia Final”, é um exercício de investigação ao cadáver da nação, apontando e tentando explicar de que “doenças” terá morrido. Com efeito, neste texto ensaístico são pensadas as razões da decadência dos europeus (e não só dos povos peninsulares como pensou Antero). A conclusão do poeta é inequivocamente a de que o Egoísmo que inspirou praticamente todos os males da nossa civilização e das outras tendo transformado o Capital no maior e mais soberano dos interesses – “A causa da decadência contemporânea (...) é a ausência do *Sentimento*, que se chama o *egoísmo*. É ele que gera o Capitalismo, o Militarismo, a tísica, o imposto, (...)”<sup>490</sup>. Este *Sentimento* a que se refere Gomes Leal é aquele que acompanha o Homem desde a sua origem, anterior à Razão, à Ideia ou à Civilização, é a essência que une os homens entre eles e que cada vez mais esta sociedade – sim “esta”, porque a actualidade do texto é gritante – tenta aniquilar e substituir pelo individualismo que isola cada vez mais e invariavelmente levará à queda do Homem como espécie. O espírito liberal e republicano, que nos chegou ardente e auspicioso de França, quis acabar com a Igreja para que o Estado fosse a união entre os cidadãos, para que valores como a solidariedade e o altruísmo falassem mais alto do que a devoção e o terço. Contudo, a sociedade portuguesa reagiu mal a essa mudança e, aos altos e nobres voos da Igualdade, da Fraternidade e da Liberdade, sobrepôs-se o Egoísmo de que fala Gomes Leal, dissimulando o essencial e louvando o supérfluo. António Barahona também chama a atenção para este problema quando, ao comentar o tempo de Cesário Verde (que é também o de Gomes Leal), fala na extinção das ordens religiosas.

---

<sup>488</sup> Gomes Leal, *Antologia Poética*, Escolha e comentário por Francisco da Cunha Leão e Alexandre O’Neill, Lisboa, Guimarães Editores, 1999, p. 196-7.

<sup>489</sup> Maria João Pinto Coelho, *op. cit.*

<sup>490</sup> Gomes Leal, *Fim de um mundo. Sátiras Modernas*, Edição e Introdução de José Carlos Seabra Pereira, Lisboa Assírio e Alvim, 2000, p. 386.

Não havendo ordens religiosas não há planeamento de caridade: deixam de ser distribuídas toneladas de trigo, e afecto e sabedoria, à porta dos conventos. Deixa de haver comunidade de crentes: há uma sociedade de cidadãos. As pessoas baseiam as suas relações naquilo que desconhecem umas das outras. Nesse ontem, como hoje, não se está em comunidade: está-se hipotética e impessoalmente assistido por conveniência cívica.<sup>491</sup>

Terá sido nessa “conveniência cívica” que a sociedade falhou, deixando o indivíduo sem o amparo que encontrava antes na comunidade. Supostamente o sentimento cívico deveria ter substituído o religioso, mas ao que podemos efectivamente constatar mais nos dias de hoje, mas já no fim do século XIX e início do seguinte, essa substituição não aconteceu. Ao contrário, vivemos o tempo do indivíduo<sup>492</sup> e da sublimação do eu, sem pontes para os outros indivíduos, apenas degraus para subir cada vez mais na pirâmide e, de preferência, sem olhar para o que/quem vai ficando em baixo.

A presença do tema da noite é assídua em muitas outras composições poéticas de Gomes Leal, conferindo-lhe diferentes ópticas e sentidos. No poema “Misticismo Humano”<sup>493</sup> por exemplo, assistimos a uma elegia da noite campestre, em comunhão com a natureza, com a família, com o amor e com o trabalho. O luar, tantas vezes portador e causador da melancolia tem “doçura”, que, tal como o olhar da mulher amada, é aqui “tranquilo e consola” conferindo ao poema uma envolvência romântica inocente.

Por outro lado, temos *Nevrose Nocturna*<sup>494</sup> um longo poema negro dedicado a uma mulher “Bela! Como uma estátua e gélida como ela”<sup>495</sup>. Trata-se de uma composição a prenunciar as odes modernas, de ritmo acelerado, metamorfoseando ao longo do poema a sua musa maldita em serpente, em monstro, em feiticeira, perto da personificação satânica – tudo pela frieza e indiferença que ela ergue indelevelmente como defesa – levando à loucura esta obsessão até ao estertor do sono, que é uma quase morte por exaustão.

---

<sup>491</sup> António Barahona, *op. cit.*, p. 175.

<sup>492</sup> Cf. Zygmunt Bauman, *Confiança e medo na cidade*, Lisboa, Relógio d'Água, 2006.

<sup>493</sup> Gomes Leal, *Antologia Poética*, 2.ª edição, Escolha e Comentário de Francisco Cunha Leão e Alexandre O'Neill, Lisboa, Guimarães Editores, 1999, pp. 13-15.

<sup>494</sup> Gomes Leal, *Nevrose Nocturna*, Ilustrações de Orlando Paulo Gonçalves, Col. “Águas, Luas Doidas” Lisboa, Hiena Editora, 1988.

<sup>495</sup> Gomes Leal, *op. cit.*, (1.ª estrofe, a edição não está paginada).

Quero vê-la tremer, os lábios roxeados,  
Fazendo exclamações eufónicas na sala;  
E em várias gradações, seus olhos injectados  
Terem a fulva cor quimérica da opala.

Quero, sim! Quero ver!... Mas nisto, rudemente,  
Prostrou-me o plúmbeo sono, invicto, pesado,  
E a cabeça caiu-me, ah! Invencivelmente  
No seu negro cabelo esplêndido e azulado.<sup>496</sup>

### 1.3. Camilo Pessanha e a decadência humana

Camilo Pessanha, poeta de um só livro tal como Cesário Verde, surge no panorama da literatura portuguesa finissecular como um dos mais acabados exemplos do simbolismo e do decadentismo (alguns consideram-no mesmo um precursor do carácter fragmentário do modernismo), sendo igualmente considerado um perfeccionista da forma e do estilo, perseguindo sempre a versão definitiva e mais irrepreensível do poema.

Vem guiar-nos, Arcanjo, à nebulosa  
Que do além vapora, luminosa,  
E à noite lactescendo, onde, quietas

Fulgem as velhas almas namoradas...  
– Almas tristes, severas, resignadas,  
De guerreiros, de santos, poetas.<sup>497</sup>

A maior parte dos poemas da *Clepsidra* vão todavia muito além da preocupação do verso, alcançando uma amplitude de sentidos que traduz um espírito atormentado<sup>498</sup> com o fim e com a escuridão que futuro guarda – não apenas o seu mas do mundo, em unísono com o movimento decadentista do fim de oitocentos.

---

<sup>496</sup> Gomes Leal, *op. cit.*, (últimas duas estrofes).

<sup>497</sup> Camilo Pessanha, “San Gabriel - II” in *Clepsidra e outros poemas de Camilo Pessanha*, 5.ª edição, Introdução Crítico-bibliográfica por João de Castro Osório, Lisboa, Edições Ática, 1973, p. 143.

<sup>498</sup> Cf. Gustavo Rubim, *Experiência da Alucinação: Camilo Pessanha e a experiência da poesia*, Lisboa, Caminho, 1993.

A parte III de *Roteiro da Vida* forma uma espécie de desenho do percurso do homem nas diferentes fases da vida, em muito comparável à síntese do tríptico de António Carneiro – *A vida: Esperança, Amor e Saudade* (Fig. 24), trazendo ambos em si as grandes questões humanas, a Morte, a Beleza, a Eternidade, questionando-as e temendo-as ao mesmo tempo, tocando as temáticas da vida como uma viagem sem destino, com um desfecho mórbido, apontando para uma provável inutilidade da vida humana.

No mesmo tom surge o “Poema Final”, que decidimos transcrever na íntegra por nos parecer essencial ao desenvolvimento da nossa temática.

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,  
– Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,  
Represados clarões, cromáticas vesânias –,  
No limbo onde esperais a luz que vos baptize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as fronte cor de cidra,  
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,  
E escutando o correr da água na clepsidra,  
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gembundo arrulhar dos sonhos não sonhados,  
Que toda a noite errais, doces almas penando,  
E as asas lacerais na aresta dos telhados,  
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.<sup>499</sup>

Influenciado também pela cultura oriental, mais especificamente pela chinesa<sup>500</sup> – característica aliás comum entre os decadentistas<sup>501</sup> – surge esta espécie de pessimismo positivo. Uma desistência que é na verdade uma entrega, um passo para a comunhão com a natureza, um pouco como depois Pessoa fará escrever Alberto Caeiro – “cessai de cogitar” –, embora aqui essa comunhão pareça dar mais um passo em direcção à morte – “não respireis”. Sob esta suspeita termina também o poema “Branco

---

<sup>499</sup> Camilo Pessanha, “Poema Final”, *op. cit.*, p. 185.

<sup>500</sup> Camilo Pessanha viveu alguns anos em Macau e durante esse período estudou a cultura chinesa.

<sup>501</sup> Conforme refere Sérgio Campos Matos, “o vazio, a noção da relatividade de todas as coisas e da insignificância da vida individual levava alguns a motivarem-se pelas filosofias e religiões orientais – caso do budismo.” Sérgio Campos Matos, *op. cit.*, p.378.

e Vermelho”<sup>502</sup>, em que o poeta suplica a vinda da morte para acabar com o sofrimento – “Ó morte, vem depressa,/ (...) Vem-me enxugar o suor,/ Que o estertor começa.”

Da mesma forma que Gomes Leal escreve a “Autópsia Final” Pessanha escolhe terminar o seu livro com este “Poema Final”, em que realiza uma espécie de conclusão da sua poética – a morte como abandono do sofrimento, de um inútil destino que se desconhece e que sempre perseguimos. Resta-nos a beleza.

#### 1.4. *A Senhora da noite e Verbo escuro de Pascoaes*

Embora Pascoaes possa ter na sua prolífica obra diversas formas de abordagem da noite – podemos inclusive chamar à reflexão nocturna o poeta quando biógrafo de Santo Agostinho, discorrendo sobre o “anseio nocturno”: “Este anseio é noturno porque o homem é, de todos os animais, ‘o menos banhado em sol, o mais fantástico’.”<sup>503</sup> – consideramos ainda assim que Teixeira de Pascoaes<sup>504</sup> surge como uma voz incontornável na poetização da noite na literatura portuguesa do início do século XX sobretudo em duas produções suas: *Senhora da Noite e Verbo Escuro*.

O Poema [Senhora da Noite] segue o momento da chegada da noite e nela se adentra guiado pela mão de alguém que conduz o leitor ao termo de uma viagem, à ‘Noite de Deus, sombra minha’, sombra do Poeta, omnipresente no seu Canto. Esta viagem principia numa fase iniciática de gnose, em que tudo se desvenda, ‘no escuro da memória’, desde antes de ser e tempo, até ao sorriso da aurora iluminando um mundo novo, mundo da cotovia que canta o ‘sol anunciado’. Assim, a Noite é a grande hipóstase da vida, abarca a dimensão sideral do cosmos.<sup>505</sup>

Assim, em *Senhora da Noite* Pascoaes atribui à noite o valor de uma espécie de antecâmara da vida, um caminho necessário para chegar ao “sorriso da aurora”. Na tradição bíblica, numa acepção mais espiritual, a noite está conotada com a paixão de Cristo ou, numa vertente (ainda mais) mística, com uma provação pela qual o religioso

---

<sup>502</sup> Camilo Pessanha, “Branco e Vermelho”, *op. cit.*, p.184.

<sup>503</sup> António M. Feijó, *Admiração pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*, Col. Ensaio, Lisboa, IN-CM, 2015, p. 73.

<sup>504</sup> Sofia Carvalho, *O Crepúsculo e o desabitado na poética de Teixeira de Pascoaes e Almada Negreiros*, Tese de Mestrado, Departamento de Filosofia, FLUL, 2007.

<sup>505</sup> Mário Garcia, “Apresentação” in Teixeira de Pascoaes, *Senhora da Noite e Verbo Escuro*, Lisboa Assírio&Alvim, 1999, p. 9.

tem de passar para conhecer a Luz, como é defendido e descrito por São João da Cruz<sup>506</sup>. Segundo a teologia contemplativa, “a noite simboliza o desaparecimento de todo o conhecimento distinto, analítico, exprimível (...) a noite é própria para a purificação do intelecto”<sup>507</sup>. A obra de São João da Cruz “Noite escura da alma” descreve e reflecte sobre o percurso de ascensão ao conhecimento maior: o conhecimento de Deus. Contudo, esse objectivo só é possível atingir depois de passar todos os níveis profundamente obscuros da noite da alma, à semelhança do axioma délfico “conhece-te a ti mesmo” como fórmula do conhecimento universal. Para chegar a Deus há que conhecer o que de mais profundamente negro existe dentro de cada um e, nessa escuridão imensa, unir-se com o divino.

Em uma Noite escura,  
com ânsias em amores inflamada,  
ó ditosa ventura!  
saí sem ser notada,  
estando minha casa sossegada.

[...]

Ó Noite que guiaste!,  
ó Noite amável mais que a alvorada!,  
ó Noite que juntaste  
Amado com amada,  
amada nesse Amado transformada!

No meu peito florido,  
que inteiro para ele se guardava,  
quedou adormecido  
do prazer que eu lhe dava,  
e a brisa no alto cedro suspirava.

[...]

Quedei-me e me olvidei,  
e o rosto inclinei sobre o do Amado:  
tudo cessou, me dei,  
deixando meu cuidado  
por entre as açucenas olvidado.<sup>508</sup>

---

<sup>506</sup> São João da Cruz, “Noite escura”, tradução de Jorge de Sena, in *Poesia de 26 Séculos*, Fora do Texto, Coimbra, 1993. Poema de onde é retirado o verso que figura no título do ponto 2. Como edição comentada, seguimos a seguinte: São João da Cruz, *A noite obscura*, Col. Iluminações, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

<sup>507</sup> Jean Chevalier et Alain Gheerbrant, “Noite” in *Dicionário dos símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Teorema, 1994, p. 474.

<sup>508</sup> São João da Cruz, “Noite Escura”, Tradução de Jorge de Sena, *Poesia de 26 Séculos*, Fora do Texto, Coimbra, 1993.

No mesmo sentido, também Dante depois da sua viagem pelo Inferno, onde conheceu as maiores tormentas (e também os maiores heróis), todos os círculos da desvirtude e a que castigos ela pode submeter, emerge de novo à superfície e vê de novo a beleza do céu estrelado pela mão do cicerone Virgílio.

e sanza cura aver d'alcun riposo,  
salimmo sú, el primo e io secondo,  
tanto ch'i vidi de le cose belle  
che porta'l ciel, per un pertugio tondo.  
E quindi uscimmo a riveder le stelle.<sup>509</sup>

Por outro lado, em *Verbo Escuro*, Pascoaes não vê já a noite como caminho para a Manhã, mas sim como parte de si, a parte mais recôndita de si “onde é sempre noite”.

Agora, sim, no *Verbo Escuro*, de 1914, a palavra é nocturna. Se no poema anterior, a Noite era chamada ‘erma donzela’, ‘Senhora da Manhã vitoriosa’, ‘Senhora da Tarde’, ‘Dama do Crepúsculo’, aqui, na prosa aforística [...] Pascoaes escreve acerca de si próprio: ‘E sou erma praia, que misteriosas lágrimas banham... Vejo-as rolar dos longes do meu ser, lá onde é sempre noite’.<sup>510</sup>

Note-se nos dois poemas aqui transcritos um movimento de crescendo onde a noite deixa de ser mera interlocutora e passa a fazer parte do sujeito, dos “longes do meu ser”, mas ainda assim ligado de alguma forma a ela, num sítio recuado e paradoxal de si mesmo.

Apesar de a identificação entre Pessoa e Pascoaes poder parecer inusitada pois são poetas de natureza muito diversa – acresce a multiplicação interna pessoana à equação – ressaltam ainda assim alguns pontos de incomum aproximação e de diálogo entre os dois. São exemplos disso precisamente os poemas relacionados com a noite que aqui propomos<sup>511</sup>.

Fernando Pessoa não foi estranho à influência da *Senhora da Noite*, nos dois excertos de odes do seu Álvaro de Campos. Sofreu, pode dizer-se, uma dupla influência: o tom majestático, solene, e, por contraste, o acento, nele muito

---

<sup>509</sup> Dante Alighieri, *Divina Commedia. Inferno – Purgatorio – Paradiso*, Roma, Tascabili Economici Newton, 1993, p. 36.

<sup>510</sup> Mário Garcia, *op. cit.*, p. 10.

<sup>511</sup> Referência à aproximação interessantíssima feita por António M. Feijó na obra ensaística já aqui citada.

mais impressionante, da maternidade. Em Pascoaes, a Noite é recebida; em Pessoa, implorada, pelo anelo pungente da criança. Em Pascoaes, paradoxalmente, a Noite é sempre luminosa.<sup>512</sup>

Teixeira de Pascoaes é pois o poeta que recebe a noite na sua poesia, imbuído pelo saudosismo e pela ânsia da recuperação do sentimento nacional morituro por estes tempos.

### 1.5. Álvaro de Campos, o mais nocturno dos heterónimos pessoanos.

Entrados no século XX, cerca de 1914, Fernando Pessoa<sup>513</sup> usando a pena do seu heterónimo Álvaro de Campos escreve a que posteriormente ficou conhecida como “Ode à noite”<sup>514</sup>, composição assinalável de panegírico à “Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos”. Poema-tratado, estes versos resumem um pouco a história da noite – à semelhança de *La Historia de la noche* de Borges<sup>515</sup> – ao longo das eras, bem como a sua importância para os homens, tornando-se, por isso, um documento incontornável para este estudo. “Vem, Noite antiquíssima e idêntica” inicia o poema e o processo de invocação quase ritualístico, de transe, “vem, vagamente” [...] “vem sozinha, solene”; “vem/ e traz”, “funde”, “faze”, “apaga”, uma série de imperativos preparam a chegada da absoluta escuridão que funde todos os seres sob o seu manto, que obscurece e ao mesmo tempo unifica os seres e a paisagem. As duas primeiras estrofes trazem à lembrança os sonetos de Antero, a sua relação solene com a noite e com a pacificação que ela poderia trazer consigo. Embora interrompidos por “terraços de hotéis cosmopolitas” e do “som europeu das músicas e das vozes” que impõem o bulício noturno de uma cidade já mais novecentista, a noite técnica, depressa regressamos à noite natural e antiga: “Do antiquíssimo de nós/ Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha”.

---

<sup>512</sup> Mário Garcia, *op. cit.*, p. 10.

<sup>513</sup> A bibliografia de referência sobre Fernando Pessoa é inúmera, no entanto destacamos o exemplo dos estudos de João Gaspar Simões, Jorge de Sena, Teresa Rita Lopes e Jerónimo Pizarro.

<sup>514</sup> Segundo a edição crítica de Teresa Rita Lopes, do ano de 2002, pela Assírio e Alvim, esta composição, juntamente com uma outra “Ah o crepúsculo, o cair da noite [...]” não têm título dado pelo autor, são apenas “dois excertos de odes (fins de duas odes, naturalmente)” ambas com a hipótese de data de 30/06/1914.

<sup>515</sup> Jorge Luis Borges, “La Historia de la Noche (1977)” in *Obra poética, 1923-1977*, Ed. Alianza Tres/Emecé, 1990. Partilham aliás começos semelhantes.



Voltamos também a Antero, reiteradamente, na instrumentação conceptual, no cenário, no “malmequer esquecido” que invoca inequivocamente a “flor da Consciência” que lemos *supra* no soneto anterior “Espiritualismo”. Nesta ode de Álvaro de Campos deparamo-nos com uma noite “maternal”, a “enfermeira antiquíssima” que cuida da história, mais primordial do que qualquer religião, mais primordial do que o próprio homem: “Que viste nascer Jeová e Júpiter,/ E sorriste porque tudo te é fácil e inútil.” Quando o texto termina, com a chegada da noite “tranquilamente como um gesto materno afagando”, num misto de respeito e medo, vemos surgir pela primeira vez “a lua”, que “começa a ser real”. Nesta composição temos outrossim oportunidade de constatar a referência à relação da noite com os mitos cosmogónicos das culturas bíblicas e gregas, precisamente no verso “Que viste nascer Jeová e Júpiter”, como tivemos oportunidade de analisar no primeiro capítulo deste trabalho.

Contrariando a senda futurista em que se enquadrava Álvaro de Campos, principalmente no que diz respeito à produção da sua primeira fase<sup>516</sup>, a Lua e a noite estavam presentes na sua poesia de forma bastante transversal ainda com uma inspiração decadentista. Contrariando, como dissemos, a Marinettiana “Uccidiamo il chiaro de luna”<sup>517</sup> que visava romper com as marcas do romantismo e do decadentismo anteriores muito ligadas a estas temáticas. Álvaro de Campos, quiçá influenciado pela *Senhora da Noite* pascoalina, como sugere Mário Garcia acima, escreveu vários poemas em que nocturno marcava presença senão temática então cénica, que “Ode à noite” é exemplo irrepreensível, como vimos.

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,  
Noite Rainha nascida destronada,  
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite  
Com as estrelas lentejoulas rápidas  
No teu vestido franjado de Infinito.<sup>518</sup>

---

<sup>516</sup> O heterónimo Álvaro de Campos é o único do escol pessoano que apresenta três fases, a saber: 1.ª fase decadentista; 2.ª fase futurista/sensacionista; 3.ª fase pessimista.

<sup>517</sup> Marinetti, *Manifesto Futurista*, 1909: “Matemos o Luar!”. O luar era uma marca da estética finissecular e decadentista que ainda entrou no século XX, principalmente na primeira década, sendo transversal a todas as artes. Em termos musicais, por exemplo, lembremos “Clair de lune” (1905), de Claude Debussy, uma obra agudamente representativa do movimento e em confronto directo com a afirmação de Marinetti.

<sup>518</sup> Álvaro de Campos/Fernando Pessoa, “Dois Excertos de Odes” in *Poesia Completa*, Edição de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Assírio&Alvim, 2002, p. 91-96

Noutras composições poéticas do heterónimo pessoano a noite surge como um tema simbólico, aliado à reflexão ou à memória, a paz no meio do turbilhão como nesta passagem da Ode Marítima, “A lua sobe no horizonte/ E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim”<sup>519</sup>.

Mais obviamente ligado ao mundo nocturno veja-se “Opiário” “em meio a uma alucinação astral de drogado *fin-de-siècle*”<sup>520</sup>:

Ao toque adormecido da morfina  
Perco-me em transparências latejantes  
E numa noite cheia de brilhantes  
Ergue-se a lua como a minha Sina.<sup>521</sup>

Numa outra abordagem, sobrevém o poema de 1928, “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra”, assistimos a uma espécie de quadro nocturno que por si só representa a osmose entre o futurismo da máquina automóvel e o decadentismo da paisagem que Álvaro de Campos sintetiza tantas vezes nas suas composições.

Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,  
Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,  
Sozinho guio, guio quase devagar, e um pouco  
Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça,  
Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo,  
Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,  
Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir?<sup>522</sup>

Note-se aqui um uso da noite que procura criar a ilusão de um não-lugar, de “outro mundo” que ilustra a sensação tantas vezes repetida na lírica pessoana de não querer estar em lado nenhum. Vemos nestas composições reflectida a sua utopia da ausência presencial no mundo, existindo apenas como observador do mundo que o rodeia.

---

<sup>519</sup> Álvaro de Campos/Fernando Pessoa, “Ode Marítima” in *op. cit.*, p. 107-142.

<sup>520</sup> Joaquim-Francisco Coelho, *Microleituras de Álvaro de Campos*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987, p.36.

<sup>521</sup> Álvaro de Campos/Fernando Pessoa, “Opiário” in *op. cit.*, p. 59.

<sup>522</sup> Álvaro de Campos/Fernando Pessoa, “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra” in *op. cit.*, p. 348.

Será que podemos inferir nesta amostra da poesia pessoana – e até a seu modo dos outros poetas aqui referidos – uma saudade da “noite natural”? Pessoa viveu já no tempo pleno da electricidade – pelo menos no caso da cidade de Lisboa – da iluminação artificial por excelência, da boémia nocturna<sup>523</sup>. Será de algum modo extrapolar os sentidos dos poemas atribuir-lhes um reflexo dos tempos? Oportunamente, Eduardo Lourenço escreve: “A Noite moderna não surge como simples efusão ou reivindicação do primado do instintivo, do sentimental ou do provocantemente irracional ou místico no campo da experiência humana, mas como crítica do excesso de luz que o novo saber veicula.”<sup>524</sup>. Ou seja, toda a presença de uma noite profunda nestes poetas (mais exemplos existiriam) é de alguma forma uma reacção a tudo o que tanto primado se vem dando desde o século XVIII, às Luzes do saber e às luzes do progresso, ao saber e à tecnologia, ao homem pensado analisado e criticado por outro e por si. É a denúncia de um cansaço face ao mundo moderno e a noite, como sempre, é o abrigo do descanso e da auto-reflexão<sup>525</sup>. A literatura espelha efectivamente a realidade, os movimentos, as acções que rodeiam os autores e tudo isso é entretecido na rede hermenêutica do autor e através dela joeirado para a sua escrita. Como refere Octavio Paz “A literatura retrata as mudanças da sociedade. Também as prepara e as profetiza”<sup>526</sup>, acrescentando mais um vector à literatura, o do futuro. Se assim é, os poetas são arautos, sempre o foram, e trazem na sua palavra tanto de passado como de futuro.

Neste sentido, será lícito alargarmos o espectro da nossa análise e olharmos para o mundo ocidental europeu no século XX, considerando como a noite que vimos anteriormente inundou o espírito finissecular europeu e português, extravasando estes limites e assumindo várias formas e sentidos para o século XX.

---

<sup>523</sup> A boémia nocturna, como já vimos no capítulo anterior, existia já em grande medida em Lisboa no século anterior, contudo, durante e a seguir à Grande Guerra (a par portanto das euforias modernistas) houve um movimento muito forte de adesão aos chamados *nightclubs* em Lisboa, como por exemplo o Maxime, sediado durante anos no Palácio da Foz, aos Restauradores. Cf. Júlia Leitão de Barros, *Os night clubs de Lisboa nos anos 20*, Lisboa, Ed. Lúçifer, 1990.

<sup>524</sup> Eduardo Lourenço, *Antero ou a Noite Intacta*, Lisboa, Gradiva, 2007, p.11.

<sup>525</sup> Em contraponto há também que referir a nova aurora dos republicanos que, com um espírito positivo e de esperança, pontificou precisamente neste quadro temporal (1890-1920). *Nova Aurora* era também um periódico académico de cariz republicano que existiu na década de 1890. Cf. Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, *op. cit.*, p. 128.

<sup>526</sup> Octavio Paz, *A Chama Dupla. Amor e Erotismo*, Lisboa Assírio&Alvim, 1995, p. 99

O espírito nocturno que temos vindo a analisar transforma-se em pessimismo com as duas Grandes Guerras e com o fracasso e instabilidade dos regimes políticos um pouco por todo o mundo. Os pensadores novecentistas, dos filósofos aos romancistas, reflectiram sobre isso e deixaram impressa em várias obras essa constatação – a de que a noite<sup>527</sup> pairou sobre o mundo durante a primeira metade do século XX, deixando todos à espera de uma nova manhã para celebrar simultaneamente avisando para a ilusão de uma aurora, que se havia de revelar apenas de uma ilusória luz artificial. Abre-se assim o mundo à desilusão do progresso e às distopias.

---

<sup>527</sup> Uma das “noites” do século XX foi o regime nazi e todo o obscurantismo a ele associado. Mais exemplos existiram com os diferentes regimes ditatoriais anteriores (Mussolini, Franco) ou até resultantes da Segunda Guerra, como o estalinismo. Também Portugal teve a sua noite política com 48 anos de ditadura salazarista, fechando o país ao mundo e aos avanços tecnológicos e sociais. A título de exemplo, referimos o livro de Zara Steiner, *The Triumph of the Dark. European International History (1933-1939)*, (Oxford Press, 2013) em que a autora, entre outros assuntos, sublinha a importância da Guerra Civil Espanhola para o fortalecimento do regime nazi, as relações entre a Inglaterra e a França e como poderiam ter impedido o início da Guerra ou as tentativas de branqueamento de Mussolini.

## 2. Das distopias ao pessimismo nocturno do século XX.

*O que mais impressiona nas narrativas utópicas é a ausência de faro, de instinto psicológico. As personagens são autómatos, ficções ou símbolos: nenhuma é verdadeira, nenhuma ultrapassa a sua condição de fantoche, de ideia perdida no meio de um universo sem pontos de referência.*

E. M. Cioran

Como vimos em pontos anteriores do nosso estudo, o mundo da noite está desde tempos remotos intrinsecamente ligado ao desejo de controlo e poder. A invasão da noite pelo mundo quotidiano e diurno, iluminando-a, legislando-a, sectarizando-a, visa acima de tudo controlar a noite, o último reduto de liberdade do homem. A propósito desse mesmo poder, recuperamos o texto do século XVI do filósofo francês Étienne de La Boétie: o *Discurso sobre a Servidão Voluntária*<sup>528</sup> e relacionamo-lo com o poder mais preponderante nos séculos da contemporaneidade: o capital e o seu exercício de controlo na sociedade diurna e – com um pouco mais de atrito – nocturna. La Boétie no seu texto escrito no século XVI dá-nos vários exemplos de tiranos ao longo da história (com especial incidência no Mundo Antigo) contando e reflectindo sobre a forma como conseguiram subjugar o seu povo. Se, por um lado, compreendia como um povo era subjogado pela força de exércitos, a sua compreensão era surpreendida pela quantidade de exemplos em que o povo obedecia sem qualquer jugo se não o de um complexo controlo psicológico de que resultava a servidão voluntária. Acima de tudo, as diferenças partiam da história do povo (“Pois não era possível que o Persa lamentasse a liberdade, não a tendo tido nunca, nem que o Lacedemónio suportasse a sujeição, tendo provado a autonomia”<sup>529</sup>) e, nitidamente, dos seus líderes. Surge-nos então o exemplo de Ciro, que havia tomado a Lídia e ao saber de uma revolta na sua principal cidade, mais concretamente a cidade dos Sardos, resolveu tomar medidas:

como não queria saquear uma cidade tão bela nem inquietar-se sempre com o mantimento de um exército para guardá-la, descobriu um grande expediente para apoderar-se dela: ali estabeleceu bordéis, tavernas e jogos públicos, e proclamou uma ordenação que os habitantes tiveram de acatar.

---

<sup>528</sup> Étienne de la Boétie, *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Antígona, 1997.

<sup>529</sup> *Ibidem*, p.42.

Ficou tão satisfeito com tal guarnição que desde então nunca mais foi preciso puxar da espada contra os Lídios: essa gente pobre e miserável divertia-se inventando todo o tipo de jogo.<sup>530</sup>

Assim nos diz o pensador francês de quinhentos, assim nos prova a história que a servidão é, de facto, um jugo voluntário que os povos aceitam por julgarem necessária, ou mesmo vital, a autoridade do tirano sobre eles, conquanto lhes dêem o entretenimento de que precisam para esquecerem a sua liberdade: “Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, os gladiadores, os bichos estranhos, as medalhas, os quadros e outras drogas que tais eram para os povos antigos os iscos da servidão, o preço da sua liberdade, as ferramentas da tirania.”<sup>531</sup> La Boétie condena, pois, toda a tirania e todas as suas “ferramentas” de domínio sobre os povos, comparando-os, no final efabulado do discurso, ao leão que engana as presas para se aproximarem dele, acabando todas por ser devoradas.

A passagem dos séculos demonstrou-nos que a tirania, no mundo ocidental e no sentido em que La Boétie a determina, foi perdendo a sua importância, perecendo definitivamente com o fim das monarquias absolutistas, simbolicamente com a Revolução Francesa (ainda que a própria França tenha depois divergido para intuítos imperialistas com Napoleão) e efectivamente um pouco por toda a Europa ao longo do final do século XVIII e do século XIX. Porém, com o desenvolvimento da indústria e dos mercados, algo surgiu em semelhante nível tirânico: o capital. Vemos ainda hoje toda a civilização ocidental com uma tendência a obedecer a este valor que se vai tornando comum acima de todas as diferenças, a construir-se (e a destruir-se?) em prol do capitalismo. Não pretendemos desenvolver uma reflexão sobre esta temática, que seria decerto demasiado demorada, mas antes seguir a linha de raciocínio de Brian D. Palmer na sua obra *Night Travels in the History of Transgression*<sup>532</sup>. De uma perspectiva marxista, analisa-se a forma como a transgressão acaba por ser uma fuga à ordem imposta e à subsequente tirania do capitalismo.

Na verdade Palmer defende que é precisamente no mundo do entretenimento, o mundo nocturno, da diversão depois do trabalho, que se criam as

---

<sup>530</sup> *Ibidem*, p.55.

<sup>531</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>532</sup> Brian D. Palmer, *Night Travels in the Histories of transgression [from medieval to modern]*, New York, Monthly Review Press, 2000.

condições necessárias à abertura desse caminho da transgressão e, muitas vezes, da rebelião. Lidamos, portanto, com o paradoxo da liberdade. Se, por um lado, segundo o texto de La Boétie, Ciro ofereceu o entretenimento para toldar e controlar a liberdade do povo, hoje em dia o mesmo entretenimento, muitas vezes associado às artes e à cultura, serve como expressão de uma liberdade que o quotidiano do mundo capitalista não permite – ou pelo menos não estimula – exprimir. Uma liberdade transgressiva que procura fugir ao poder instituído e, assim, conceber um mundo alternativo, marginal ao sistema. Decerto a já antiga expressão latina *panis et circenses*<sup>533</sup>, que é acima de tudo uma crítica à política romana de dar “pão e circo” aos seus cidadãos, inspirou La Boétie na redacção do seu *Discurso*, mas acrescentando-lhe exemplos concretos e reflectindo sobre a necessidade da subserviência. Já Brian D. Palmer, focando também a problemática do poder e da liberdade, demonstra como o “circo”, ao contrário de simples entretenimento que adormece o pensamento se transformou nas artes e no consequente estímulo ao pensamento. Ou melhor, se as artes e o pensamento eram actividades nobres e limitadas a uma elite no mundo antigo, no mundo hodierno tiveram de encontrar o seu refúgio na noite, já que o dia é plenamente dedicado ao trabalho, à produção e, logo, ao sustento. Posto isto, transcrevemos as palavras de Palmer sobre o assunto.

Ao longo da história, a associação da noite com a escuridão tem caracterizado as horas ensombradas da noite e da madrugada como um ambiente propício à transgressão, um tempo e um lugar onde o jugo do poder pode ser aliviado e onde podem ser consideradas as aspirações contrárias ao poder instituído.

[...]Situat a transgressão na noite como um facto e uma representação oferece a oportunidade de explorar estas culturas, que dão expressão à discordância e à alternativa, bem como à desmoralização, à derrota e ao desapego, entre os quais o desejo e o perigo percorrem o seu caminho sempre sinuoso.<sup>534</sup>

---

<sup>533</sup> O grupo musical brasileiro “Mutantes” (integrado no movimento musical e cultural Tropicália), em 1968, compôs uma música chamada precisamente *panis et circenses*, inspirada na expressão latina de Juvenal, que criticava a sociedade já consumista e capitalista dos anos 60, completamente aut centrada, sem preocupações sociais ou culturais, como se poderá constatar em alguns versos da letra: “Mandei fazer/ De puro aço luminoso um punhal/ Para matar o meu amor e matei/ Às cinco horas na avenida central/ Mas as pessoas na sala de jantar/ Estão ocupadas em nascer e morrer.” (Mutantes, “*panis et circenses*” in AAVV, *Tropicalia ou panis et circenses*, LP, 1968). Esta música ficou muito associada ao movimento revolucionário Tropicália figurando como subtítulo do álbum homónimo do movimento.

<sup>534</sup> Brian D. Palmer, *op. cit.*, p. 6 e 7 (tradução nossa).

Todos os conceitos têm uma história em que se vão esculpindo à medida do seu tempo, a tirania que La Boétie despreza em quinhentos, mudou de rosto ao longo dos séculos e alargou o seu espectro, a liberdade que ela condena também se metamorfoseou. A verdade é que ambas sempre conviveram, como todos os opostos, como a noite não existe sem o dia. Contudo, há que notar que a maior parte do entretenimento ainda hoje serve para estimular não a liberdade, mas a servidão, o chamado entretenimento de massas, que assume todas as formas: cinema, literatura (*light*), música e, principalmente, a televisão. Será difícil estabelecer a fronteira entre o que é e não é entretenimento de massas – e é efectivamente uma questão deveras complexa – ainda assim aventamos a hipótese de defini-lo como aquele que pretende uniformizar e parametrizar o pensamento dos receptores. Aquele que não questiona de forma nenhuma a realidade vigente nem tão pouco a subverte, mas antes a enaltece.

O entretenimento que estimula a liberdade, na esteira do raciocínio de Palmer, é aquele que tem um comprometimento, uma mensagem, não obrigatoriamente política, mas artística e filosófica. Esse, sim, poderá levar a questionar o instituído e consequentemente à vontade da subversão, da transgressão, à rebelião e ao rompimento dos limites cada vez mais apertados da sociedade do século XXI.

Depois de estabelecer este quadro comparativo entre os dias do capitalismo e a filosofia quinhentista de La Boétie, pensamos ser pertinente referir duas das mais importantes distopias do século XX que enriquecem decerto esta discussão. Falamos das obras britânicas da primeira metade do século XX, *Brave New World* e *1984*, romances chamados distópicos porque apresentam uma projecção de um futuro fictício para a humanidade que é na realidade bastante negro e negativo.

A obra *Brave New World*<sup>535</sup>, de Aldous Huxley, escrita nos anos 30 do século XX acaba por, de certa forma, recuperar a teoria LaBoetiana de que o entretenimento é a melhor forma de obter a servidão de um povo. Huxley escreveu um romance distópico que tem lugar num futuro não muito longínquo, em que uma sociedade tecnológica, mecanizada e homogénea é constituída por pessoas a quem é dada diariamente uma espécie de estupefaciente (*somma*) e toda uma miríade de estímulos sensoriais, incluindo sexuais. Aparte isso, é-lhes somente exigido que

---

<sup>535</sup> Aldous Huxley, *Admirável mundo Novo*, Tradução de Mário Henrique Leiria, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.



realizem um trabalho monótono, de acordo com as suas capacidades físicas e intelectuais, e que não se pensem enquanto indivíduos. Sendo que esta é a exigência mais importante: a eliminação de toda a subjectividade (para o que contribui a prescrição diária de *somma*), a eliminação do eu e do ser pensante, do ser que sofre, a eliminação de todos os afectos. Retraindo assim todo o intuito de rebelião ou transgressão através da oferta de prazeres vários, dando o que mais precisam (de um ponto de vista fisiológico, como é conhecido, a satisfação dos desejos sensoriais provoca uma sensação incomparável de recompensa), as pessoas facilmente farão o que devem. Além do controlo total no trabalho durante o dia, é também exercido um total controlo nas horas de lazer durante a noite, que devem ser o mais preenchidas possível com toda uma panóplia de ofertas de satisfação sensorial.

Uma abordagem mais politizada é protagonizada pelo livro que George Orwell escreve em 1949, um romance distópico embora mais negro – *1984*<sup>536</sup> – muito inspirado na *aftermath* da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, em Hitler e Estaline, nas ditaduras europeias e no controlo que elas exerciam sobre as populações. Neste romance o enfoque surge sobre o poder, a verdade e a comunicação. Ou melhor, o poder como detentor absoluto da verdade indiscutível, mesmo que seja mudada frequentemente, conforme a necessidade de manipulação dos factos. No romance orwelliano é o Partido do poder, cujo líder é apenas uma imagem – a desumanização do líder é um dos pontos fulcrais da narrativa – que dita a Verdade, independentemente dos factos e dos acontecimentos. Acresce o facto de todos os cidadãos serem vigiados por uma câmara (*Big Brother is watching you*) vinte e quatro horas por dia, registando todos os comportamentos e penalizando todas as infracções. Impossível não relacionar todo este universo com a questão da vigilância panóptica, em que Foucault afirma que o poder será tanto mais absoluto quanto for “visível e inverificável”<sup>537</sup>, desenvolvendo a ideia no sentido de que a visibilidade e a inverificabilidade têm um efeito infalível de auto-sujeição. E deste modo voltamos à servidão voluntária que nada mais é do que uma prisão auto-inflingida.

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e disso tem consciência, assume as coerções do poder, fá-las agirem espontaneamente sobre si

---

<sup>536</sup> George Orwell, *1984*, Tradução de Paulo Santa-Rita, Prefácio de Álvaro Ribeiro, Lisboa, Odisseia, 1955.

<sup>537</sup> Michel Foucault, *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*, Lisboa, Edições 70, 2013, p. 231.

próprio; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio da sua própria sujeição.<sup>538</sup>

Ora, entre a futurologia de Huxley e a de Orwell, digamos que a sociedade de hoje nos aproxima a passos largos da primeira – somos afinal hoje a sociedade da busca do prazer imediato e ao mesmo tempo de uma individualidade ilusória que só nos encaminha para uma uniformização –, simultaneamente sem descartarmos a segunda, numa versão mais pessimista.

Delumeau atribui o nascimento do pessimismo que alimentou estas (e outras) distopias ao contributo de alguns autores europeus fundamentais da passagem do século XIX para o séc. XX, nomeadamente Schopenhauer, Freud, Nietzsche e Kafka. Com o autor da *Metamorfose* o autor diz que “a desesperança atingiu o seu ponto culminante” – “o herói de *Procès* e de *Château* encontra-se perdido num labirinto cuja origem ou saída ninguém conhece. (...) Logo à partida a vida é um combate perdido.”<sup>539</sup>

Já Robert Musil, apesar de se inscrever (principalmente com o seu romance *O homem sem qualidades*) no terreno do pessimismo, sublinha que todos estes fatalismos e pessimismos espelham a “incapacidade da nossa civilização para encontrar as soluções dos problemas”<sup>540</sup>. Enquanto no século das Luzes ainda acreditávamos “na trindade da natureza, da razão e da liberdade”, nas primeiras décadas do séc. XX perdeu-se tanto a expectativa científica como a esperança espiritual numa humanidade melhor.

Desta constatação de Musil ao conceito de absurdo de Camus<sup>541</sup> ainda distam alguns anos, mas o trilho é o mesmo. Em breve a humanidade se deparará com a

---

<sup>538</sup> Michel Foucault, *op. cit.*, p. 33.

<sup>539</sup> Jean Delumeau, *Mil anos de felicidade. Uma história do paraíso*, Lisboa, Terramar, 1997, p. 453.

<sup>540</sup> Jean Delumeau, *op. cit.*, p. 454.

<sup>541</sup> Albert Camus, *O Mito de Sísifo. Ensaio sobre o Absurdo* (com um estudo sobre Franz Kafka), tradução de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Livros do Brasil, s.d. Vale a pena transcrever a belíssima reflexão de Camus sobre este “intervalo” de Sísifo: “É durante este regresso, esta pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que sofre tão perto das pedras já é, ele próprio, pedra! Vejo esse homem descer outra vez, com um andar pesado mas igual, para o tormento cujo fim nunca conhecerá. Essa hora que é como uma respiração e que regressa com tanta certeza como a sua desgraça, essa hora é a da consciência. Em cada um desses instantes em que ele abandona os cumes e se enterra a pouco e pouco nos covis dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino. É mais forte do que o seu rochedo. (...) O operário de hoje trabalha todos os dias da sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que ele se torna consciente.” (p. 114)

metáfora de Sísifo a empurrar a pedra eternamente até ao cimo do monte e eternamente a vê-la cair. Todavia é no caminho entre o cimo do monte e o sopé da montanha que Sísifo toma consciência de si e do seu absoluto absurdo e, concomitantemente, da possibilidade da felicidade. Segundo Camus, o homem é capaz de encontrar-se a si próprio de forma mais completa no absurdo e só aí perceber “que tudo está bem”.

A felicidade e o absurdo são dois filhos da mesma terra. São inseparáveis. O erro seria dizer que a felicidade nasce forçosamente da descoberta absurda. Acontece também que o sentimento do absurdo nasce da felicidade. “Acho que tudo está bem”, diz Édipo e essa frase é sagrada. Ressoa no universo ativo e limitado do homem. Ensina que nem tudo está, que nem tudo foi esgotado.<sup>542</sup>

Por último, e para ilustrar este pessimismo e reflexão sobre a angústia humana que grassou a literatura do século XX e de que Céline foi um dos porta-vozes, recuperamos as suas palavras no romance obscuro *Voyage au bout de la nuit*, escrito em 1952, na tradução de Aníbal Fernandes.

À custa de ser empurrado assim pela noite dentro acabarei por ir dar a qualquer lado (...) à custa de seres posto no olho da rua em todo o lado, certamente acabarás por descobrir o truque que mete medo a todos, a todos, por mais sacanas que sejam, e que só no fim da noite deve existir. Por isso eles não vão lá, ao fim da noite!<sup>543</sup>

Ao longo de todo romance os protagonistas Bardamu e Robinson caminham cada vez mais na direcção deste “fim da noite”, que significa as vivências mais atrozes, o conhecimento da mais profunda maldade, do mais absoluto desapego do mundo. Essa viagem é o conhecimento e o conhecimento é sempre doloroso, mas é simultaneamente o que nos mantém de olhos e mente abertos. Como sublinha Jorge Luís Borges, na conclusão do seu poema sobre a história da noite: “Y pensar que no existiria/ sin esos tenues instrumentos, los ojos.”<sup>544</sup>

Também na literatura portuguesa da segunda metade do século XX – além de Pessoa – há autores que adoptam uma espécie de pessimismo nocturno nos seus

---

<sup>542</sup> Albert Camus, *op. cit.*, p.11

<sup>543</sup> Louis-Ferdinand Céline, *Viagem ao fim da noite*, Tradução de Aníbal Fernandes, Lisboa, Ulisseia, 2010, p. 211-212.

<sup>544</sup> Jorge Luís Borges, *op. cit.*

romances. Os nomes de José Saramago, António Lobo Antunes surgem quase espontaneamente quando se aborda esta questão.

Saramago foi muitas vezes a voz distópica que aponta os erros da comunidade humana e descreve a forma como ela acaba por cair nos seus próprios erros. A título de exemplo, referimos os romances *Ensaio sobre a cegueira* e *Intermitências da Morte*. Tanto um como outro apresentam uma espécie de quadro apocalíptico em que as (des)virtudes humanas são postas à prova em situações limite. Se, por um lado, vemos tudo desmoronar, por outro há sempre uma esperança que se ergue acima de todo o pessimismo. Pois apesar de muitas vezes ter profetizado um futuro negro para a humanidade, a verdade é que Saramago tem fé na bondade humana como poucos. Nas suas palavras: “Talvez o meu olhar sobre o mundo seja demasiado pessimista, mas, em consciência, não creio que o mundo, tal como é, dê a alguém o direito de ser optimista. Para mudar de vida é preciso mudar a vida.”<sup>545</sup>

Por outro lado, Lobo Antunes foca mais o seu pendor pessimista no indivíduo, numa voz interior que habita muitas das suas personagens e relata todo um rol de fragilidades e fraquezas da carne e do espírito. Muitos dos romances antunianos podem caracterizar-se de forma geral por uma ambiência nocturna de vozes murmuradas e solilóquios de personagens que constroem muros à sua volta, frequentemente em diálogo com o absurdo e as grandes questões existenciais. As suas crónicas, por sua vez, imprimem um registo confessional predominantemente negro e até depressivo. A título ilustrativo, transcrevemos um excerto da crónica “As veias dos búzios”, uma das que consideramos mais exemplificativas do tema nocturno.

Quando penso em ti, lembro-me da última carta do Nerval antes de se enforcar num candeeiro da rua: Ne m’attends pas ce soir car la nuit sera noir et blanche. E deixei de te esperar esta noite. Deixei de te esperar todas as noites. E o espelho é uma poça de água de chuva que não reflecte nada, nem rostos, nem gestos, nada a não ser o peso trémulo da tua ausência.<sup>546</sup>

Numa linha de aprofundamento do pessimismo pelos ambientes de guerra e conflito que grassaram o século XX surge-nos mais recentemente o livro *Nocturno Europeu*, de Rui

---

<sup>545</sup> José Saramago, "Pessimismo - Documentos avulsos", disponível em linha no sítio da Fundação José Saramago. (Dezembro de 2015).

<sup>546</sup> António Lobo Antunes, “As Veias dos búzios” in *Livro de Crónicas*, Lisboa, D. Quixote, 1998, p.179.

Nunes<sup>547</sup>. Este livro enquadra-se numa espécie de literatura de guerra, em que o escritor vive atormentado pelo fantasma do Holocausto, marcado pelas trevas e pelo horror, pela constatação da existência do mal puro que pode existir dentro de cada indivíduo. Consequentemente a morte contagia o imaginário literário, como se fosse banalizada.

Esta terra é uma esfera de mortos, pesada de mortos, é sobre eles que vivemos. Doenças, guerras, epidemias. Matança após matança, compactos, os cadáveres acumulam-se. Ruínas, ossos, excrementos. Respiramos mortos. Fogos, vulcões, cinzas. Pisamos mortos, o vento arrasta mortos, bate-nos na cara o grande esquecimento, tudo é a memória de um grande esquecimento<sup>548</sup>

Há efectivamente uma literatura de resposta à angústia não só das Grandes Guerras, mas dos outros conflitos posteriores, como a questão do médio-oriente e o terrorismo que nos chega aos dias de hoje. A violência cria um sentimento agónico da noite que é transposto pelos escritores para as suas obras.

Em suma, o pessimismo nocturno do século XX exprime-se de forma bastante contundente em algumas obras literárias ou ensaísticas, como vimos, reflectindo um estado de espírito obscurecido pelas consecutivas falhas humanas em atingir a utopia da felicidade ou de algo semelhante. Segundo Cioran<sup>549</sup>, o problema pode mesmo estar nessa procura, que será sempre vã, simplesmente porque a satisfação do homem é inatingível.

---

<sup>547</sup> Rui Nunes, *Nocturno Europeu*, Lisboa, Relógio d'Água, 2014.

<sup>548</sup> Rui Nunes, *op. cit.*, p. 106.

<sup>549</sup> E. M. Cioran, *op. cit.* p. 53.



## CONCLUSÃO

*Eu recusei-me a compor em História, uma vez mais. De ser completo. Completo, esta bonita palavra de criança, ou de velho sábio: é o mesmo. Eu não serei completo. Eu gostaria, uma vez mais, de compreender e fazer compreender. Compreender, coligir, retomar, reconstituir, comprehendere. E este livro vai juntar-se a outros, os quais também não são completos. Mas todos, eu espero, propõem qualquer enigma à nossa necessidade de descobrir.*

Lucien Febvre

Esta tese apresenta dois vectores fundamentais que a nosso ver são perfeitamente perpendiculares. Em primeiro lugar o estudo da noite como conceito cultural e filosófico na cultura portuguesa, desde as suas raízes mitológicas, populares e tradicionais até aos efeitos que o pensamento nocturno – chamemos-lhe assim – teve no século XIX e XX. Em segundo lugar, analisar a noite como espaço/tempo social e verificar como as mudanças efectuadas pela revolução industrial e pela tentativa de aplicação do modelo europeu ao longo dos séculos XVIII e XIX se reflectiram especificamente na sociedade lisboeta.

À partida seriam dois campos de estudo diferentes – história das ideias e história urbana – mas julgamos encontrar um ponto de contacto precisamente nos mecanismos binários de conceitos positivos e negativos<sup>550</sup>, dia/noite, alegria/tristeza, vida/morte, esperança/desespero. Assim, estando a noite no lado negativo<sup>551</sup> e sendo um conceito altamente multissignificativo e amplo, facilmente abarca outros conceitos como seja a morte, o desespero ou o pessimismo. Da mesma forma que grande parte das personagens da noite na Lisboa oitocentista são os criminosos, os transgressores, os vadios, os perdidos, também os conceitos associados à noite são o pessimismo, a decadência, a perda, ou a solidão. Outrossim a solidão do noctívago lisboeta que

---

<sup>550</sup> Cf. Lévi-Strauss, *op. cit.*

<sup>551</sup> Numa carta de Fernando Pessoa ao Conde de Keyserling – em que o poeta critica a obra que este havia escrito sobre Portugal – a Noite e o Caos são definidos como “les fondements négatifs du monde”. Fernando Pessoa, *Correspondência 1923-1935*, Lisboa, Assírio&Alvim, 1996, p. 200.

caminha “cosido com as paredes”<sup>552</sup> pode facilmente ser a personificação do caminho de Portugal (e de certa forma da Europa) no final do século XIX e início do século XX – um caminho para um abismo identitário, cultural e social, como sabemos que sucedeu. Alberto Oliveira, poeta finissecular, em 1894 diz-nos pertencer “à geração sonâmbula que faz alas para ver Portugal tombar na cova”<sup>553</sup> e esta imagem ilustra de forma sublime a simbiose entre os dois vectores que colmata a nossa conjectura.

Por outro lado, não poderíamos entrar na história da cultura portuguesa sem antes referir alguns dos antecedentes que consideramos mais marcantes no universo do nocturno. Optámos por uma via mitologizante, em que recuperámos um substrato de história sobrenatural marcada sobretudo por um diálogo entre a literatura e a história, as tradições e o imaginário popular.

Tentámos analisar esta acepção em primeiro lugar no I capítulo onde estudámos alguns mitos que consideramos influentes na cultura ocidental e portuguesa bem como as tradições populares portuguesas que muitas vezes vêm as suas raízes entranhadas mais nos rituais pagãos do que cristãos, realizando em muitos casos um trabalho de síntese entre as duas. Por exemplo, a noite de São João, que está originalmente ligada ao ritual pagão do solstício de verão, celebra conjuntamente a vida do santo, no entanto, os comportamentos e rituais associados (a vivência livre da noite, as fogueiras, os excessos sensoriais) estão muito mais colados à tradição pagã do que cristã, não deixando ao mesmo tempo de ser uma síntese.

Constatámos que a noite na tradição popular portuguesa é uma presença forte e, sobretudo, demonizada, associada aos medos mais inexplicáveis, portando em si as construções mais aterradoras que o imaginário humano consegue conceber. No entanto, é também tempo de celebração. Interessa-nos o ponto de contacto entre estas duas vivências da noite. Se, por um lado, as instituições sempre tentaram policiar e limitar de algum modo o acesso à noite, por outro, o homem sempre se sentiu atraído e aterrorizado por ela. O período nocturno será sempre, portanto, um tempo de emoções intensas e com um leve pendor de transgressão. A noite pertence ao desconhecido, não é

---

<sup>552</sup> Beldemonio (Ed. de Barros Lobo), *Do Chiado a São Bento. Apontamentos da jornada de um lisboeta através de Lisboa*, Porto, Livraria Portuense, 1890, p. 24.

<sup>553</sup> Alberto Oliveira, “Carta do Bairro Latino” in *Palavras Loucas*, Coimbra, F. França Amado Editor, 1894, p. 126.



o território do homem, sendo que quando é pisado é como se este se elevasse na sua categoria de comum mortal, desafiando os próprios medos e limites.

Efectivamente, a maior parte das associações com a noite, conforme verificámos ao longo deste trabalho, é de alguma forma negativa. Ainda que uma vivência mais libertina e prazerosa da noite não seja negativa para quem usufrui dela é o de alguma forma para o moralista que condena os desmandos a que este se entrega. Constatamos existir quase sempre algo de condenável na vivência nocturna. Porém, a noite nem sempre foi diabolizada, é sabido que no início da Idade Média<sup>554</sup> (apesar de as preocupações com a segurança existirem desde sempre) as personagens da noite nem sempre eram discípulas de (ou o próprio) Satanás – como vimos no caso da simbólica demonização da mulher. Era possível usufruir do luar de forma plena e sem a plêiade de medos que foram sendo incutidos ao longo dos tempos, principalmente a partir do séc. XVI. Depois disso, como vimos, há toda uma construção de um imaginário demonizado associado à noite e aos seres nocturnos.

Contudo, também existem construtos positivos da noite, principalmente através da literatura, pois verificamos que a percepção da noite na literatura é fundamentalmente positiva, ou seja um lugar/tempo de contemplação lenta que sugere e estimula a possibilidade de elaboração estética. Em particular durante o romantismo a noite foi de certa forma sublimada como o momento ideal de comunhão panteística entre o Eu bucólico (e melancólico) e a Natureza. Nessa senda surge no século XIX um conto de Maupassant – “Noite de Luar” – sobre o deslumbramento de um padre com a noite e tudo o que esta lhe revela.

Porque tinha Deus feito aquilo? Se a noite é destinada ao sono, à inconsciência, ao repouso, ao esquecimento de tudo, por que torná-la mais encantadora do que o dia, mais branda do que as auroras e as tardes, e porque viria aquele astro lento e sedutor, mais poético do que o Sol e que parece destinado, tão discreto é, a iluminar coisas delicadas e misteriosas de mais para a luz plena, tornar tão transparentes as trevas? (...) Porquê aqueles frêmitos do coração, aquela emoção da alma, aquele langor da carne?<sup>555</sup>

---

<sup>554</sup> Cf. Robert Muchembled. “La violence et la nuit sous l’Ancien Régime”, *Ethnologie française*, nouvelle serie, T. 21, No. 3, violence, brutalité, barbarie (Juillet-Septembre 1991), pp. 237-242

<sup>555</sup> Guy de Maupassant, “Noite de Luar” em *Noites de Luar e Miss Harriet*, Col. Novelas e Contos Completos de Maupassant, vol. III, Lisboa, Estúdios Cor, 1968, p. 14.

É a noite dos amantes, conclui o narrador e daí infere a impossibilidade de condenar o amor (e simultaneamente a noite), não só o espiritual mas igualmente os amores que provocam “o langor da carne”. Deus parece ter feito a noite para ele(s).

É conhecida também a obsessão que o pintor Van Gogh tinha com a noite, tendo pintado vários quadros sob esta inspiração<sup>556</sup>, especificamente retratando o céu estrelado. O pintor holandês confessou várias vezes ter-se sentido compelido a sair à noite e a pintar o céu estrelado, tanta era a sua beleza. As suas pinturas são pois eivadas deste fascínio pelo sublime nocturno, sempre retratado de forma espectacular e brilhante assumindo as estrelas o papel de autênticos faróis na escuridão. Essa é uma percepção que hoje é muito difícil para quem vive na cidade. A verdade é que o céu estrelado sempre conviveu com a espécie humana na sua grandeza e amplitude, servindo-nos de contraponto à nossa pequenez: “The darkness was a screen upon which they projected their hopes and fears and dreams. The dark night was the first book of poetry and the constellations were the poems”<sup>557</sup>. E assim Van Gogh o pintou e tantos poetas o disseram.

Por outro lado, colocando agora o nosso foco sobre a história urbana de Lisboa, desde o século XVIII ao século XIX constatamos várias mudanças, contudo constatamos também uma correspondente força de atrito a essas mudanças. Se, por um lado, as ideias iluministas e progressistas europeias invadem Portugal no séc. XVIII, por outro lado surgem os já costumeiros e tão portugueses “velhos do Restelo” que reavivam medos do desconhecido que em tempos ensombraram (mas não impediram) as mentes dos navegadores quatrocentistas. Trata-se de uma facção mais conservadora que sempre tentou manter a horizontalidade portuguesa, sem sobressaltos e de brandos costumes. A verdade é que Portugal ao longo da sua história tem vindo a percorrer um caminho a ritmo próprio, dessincronizado das grandes mudanças europeias, possivelmente demorando-se mais do que devia em cada uma das etapas<sup>558</sup>.

---

<sup>556</sup> Para nomear alguns, *À Noite*, 1888, *Noite estrelada sobre o Ródano*, 1888., *A noite estrelada*, 1889, *O caminho dos ciprestes*, 1890.

<sup>557</sup> Chet Raymo, “Why the night sky is dark” in Paul Bogard, *op. cit.*, p. 53.

<sup>558</sup> Por exemplo, a longa vida da Inquisição que só foi extinta em 1821 ou, já no século XX, o facto de termos vivido sob ditadura durante 48 anos, mais do que qualquer outro país europeu.

A iluminação pública, como mudança e progresso que representa, não escapa a esta tendência portuguesa de resistência ao novo. Durante o século XVIII, enquanto em outros países europeus a iluminação é um assunto prioritário, em Portugal, vemos sempre relegada para um plano secundário justificando com falta de verba para esse tipo de investimento ou com preocupações de ordem sanitária. Mesmo quando surge pela primeira vez, em 1780, a iluminação é paga não pelo estado, mas pelos contribuintes através de um imposto. Com efeito o que faz efectivamente avançar a instalação de lampiões nas ruas de Lisboa não é a preocupação com o bem-estar dos cidadãos, para estimular a vida nocturna ou pelo bem do progresso e dos avanços tecnológicos a par das outras capitais europeias, mas sim como afirmação da autoridade e auxílio no controlo da cidade. Debalde a expectativa de Pina Manique, a iluminação, principalmente ao longo do século XIX, estimulou a vida nocturna e levou as pessoas para a rua, para os teatros, para a taberna, para a beira-rio em passeios e conversas “higiénicas”, isto é, possibilitou um prolongamento ocioso (e muitas vezes criativo) do dia.

A Lisboa boémia, que bulia essencialmente à noite e nos bairros mais escusos, foi um dos espaços que efervesceu no século XIX e frequentado tão variamente que as desigualdades sociais se diluíam: “Fidalgos roçando por costureiras; um ministro a par e passo de um gatuno; um poeta ao lado de um barbeiro; uma virgem estudando uma prostituta”<sup>559</sup>. Todos aqueles que de alguma forma se sentiam fascinados pela boémia noturna, acabavam por cruzar-se nos mesmos sítios. Por outro lado, quando por acaso o chamado *marialva* chegava das suas incursões noturnas de madrugada e se cruzava com o trabalhador diligente que já seguia para a fábrica, olhamos para a metáfora da sociedade oitocentista e ao mesmo tempo para aquilo que ela tinha na altura de mais antagónico: o lazer e o trabalho, o caos e a ordem, o querer e o dever, Diónisos e Apolo, enfim, a noite e o dia.

Durante estes dois séculos, uma das grandes preocupações terá sido a criminalidade e a preservação da moral e dos bons costumes, para esse fim a Intendência Geral da Polícia e a Igreja foram as instituições que tutelaram uma acção muitas vezes concertada e conjunta.

---

<sup>559</sup> Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, Lisboa, Livros do Brasil, p.70.

Tal como há um medo natural da noite no homem, também há uma associação quase imediata entre a criminalidade e a noite. E esse acaba por ser mais um mito que sobrevive por ser considerado óbvio e, logo, ninguém o questionar. Serve também esta tese para desmitificar alguns aspectos do mundo nocturno, como este. Qualquer pessoa, se questionada sobre isso, responderá de forma imediata que sim, que os níveis de criminalidade são mais altos durante a noite. Contudo, não está de todo provado que a noite é verdadeiramente ou estatisticamente o tempo do crime. Alain Cabantous chama a atenção para o facto, no caso de França, de ser variável consoante as regiões e também consoante a natureza dos delitos. No caso português do século XIX, apesar de a eventualidade de um crime ser praticado durante a noite ser circunstância agravante no caso de julgamento, a verdade é que estatisticamente “todos os tipos de crime são praticados sobretudo de dia”<sup>560</sup>. No entanto, a noite nunca poderia deixar de ser vigiada, quer pelas autoridades quer pela religião, muito pela oportunidade e ocasião que proporciona. De igual modo pela liberdade que a escuridão oferece ao criminoso e o receio natural que alerta mas simultaneamente enfraquece a vítima.

De qualquer forma, importa reter que as principais acções de progresso ocorridas em relação à noite em Lisboa, como seja a iluminação nas ruas ou a abertura de estabelecimentos até mais tarde, tiveram sempre muito mais o intuito do controlo do que o da preocupação em proporcionar espaços e tempos de lazer à população urbana. Assim, a iluminação contribuía para facilitar o trabalho da polícia, sendo muitas vezes a colocação dos candeeiros condicionada pela necessidade de vigiar melhor determinadas zonas, enquanto as licenças auferidas pelas tabernas para ficarem abertas até mais tarde era simultaneamente uma forma de obter ganhos financeiros (a legislação era apertada, logo, as multas eram muito frequentes) e de tirar as pessoas da rua.

Joel Serrão no seu ensaio sobre a noite terá acertado no conceito de noite técnica, tanto para se opor à noite natural como para definir uma nova noite que surgia, a noite iluminada (através da técnica), povoada e, por isso, mais vivenciável socialmente. Contudo, talvez esse conceito possa subir um degrau proporcionalmente ao termo do séc. XX e se ultrapassou já a primeira década do século XXI. Como refere Teresa Alves: “Não existe noite, mas múltiplas noites. A noite é um espaço-tempo com

---

<sup>560</sup> Maria João Mendes Vaz, *A Criminalidade em Lisboa entre meados do século XIX e o início do século XX*, Tese de Doutoramento apresentada ao ISCTE, Setembro de 2006, p. 600.

limites fluídos e com naturezas que variam de acordo com diversos aspectos, mas acima de tudo com as diferentes culturas.”<sup>561</sup> Assim, o termo noite técnica parece já não ser suficiente para definir a complexidade que a noite tem actualmente, propomos por isso falar agora de uma noite cultural ou social. Sendo que a noite natural é efectivamente a noite astronómica: o período de tempo em que o sol está ocluso, a noite cultural (ou social) é o espaço/tempo tipicamente urbano em que as pessoas – de todas as idades e estratos sociais – saem e divertem-se em determinados sítios (bares, cafés, discotecas, teatros, cinemas) ou mesmo na rua. Trata-se de um tempo de vivências de lazer, sem relógio ou tempo contado, é o tempo puro da oportunidade.

Nesta linha, levantamos a questão – que noite nos resta a partir de agora? Se por um lado há o vector fortíssimo que nos impele para a sua abolição, uma vivência contínua, sem paragens, por outro há um movimento ainda tímido mas coeso que faz o arremedo contrário, avisando para o facto de esse movimento perpétuo ter consequências destrutivas para o ambiente e para o ser humano. E Portugal? Como se posiciona em relação a tudo isto? Se, por um lado, acompanha as novas tecnologias, não ficando muito atrás na maior parte desses assuntos, a verdade é que ainda preservamos a nossa noite porque, parece-nos, ainda a tememos e, acima disso, ainda a respeitamos na sua autoridade de manifestação superior da natureza.

Em relação à vivência ininterrupta do dia e da noite Portugal terá demorado tanto a acompanhar o resto do mundo que, se o ritmo começar efectivamente a abrandar devido a questões ecológicas ou tecnológicas, talvez consigamos apanhar o ritmo certo – talvez o nosso ritmo seja o certo.

Como tivemos oportunidade de constatar ao longo deste trabalho, o conceito de noite é verdadeiramente caleidoscópico pela amplitude e variedade semântica que alcança, daí decorre a necessidade de epistemologicamente termos recorrido a várias disciplinas, além da história, para melhor elaborar esta tarefa.

O nosso enfoque nuclear esteve no estudo da noite urbana em Lisboa entre o século XVIII e XIX, noite como espaço e como tempo nunca existindo unidimensionalmente. A noite é, pois, “um espaço-tempo com limites fluídos”<sup>562</sup> que

---

<sup>561</sup> Teresa Alves, *op. cit.*, p. 45.

<sup>562</sup> Teresa Alves, *Geografia da Noite. Relatório para provas de Agregação*, FLUL, 2013, p. 45.

por isso tem de ser visto à luz de uma série de perspectivas: a social – observando a forma como se comportam os diversos grupos sociais; cultural – considerando a cultura portuguesa como ponto de partida, agente e contexto para as nossas observações; e histórica – efectuando uma análise histórica factual dos eventos relacionados com a noite. Contudo, não nos ficámos por essa análise cronológica e factual, mas usámo-la como espoleta para uma reflexão mais conceptual acerca da noite.

Durante os séculos XVIII e XIX ocorrem diversas mudanças – muitas delas negativas – na cultura portuguesa, há uma espécie de contração cultural e social que se reflecte na literatura, na arte e nas obras dos pensadores em geral. Portugal atravessa nestes séculos um período em que já deixou de ser o rosto da Europa (papel que ocupou durante os séculos XV e XVI principalmente), que o era ainda numa mitologia nacional de ressurgimento no início do século XX, com os movimentos de espírito nacionalista e também com Pessoa – “A Europa jaz, posta nos cotovelos:/ [...] O rosto com que fita é Portugal.”<sup>563</sup>. Passamos contudo, e à medida que a Europa se vai voltando para si mesma em termos económicos, sociais e políticos, a ocupar a posição contrária – a cauda, a par talvez de outros países mediterrânicos como a Espanha e a Itália. Estas mudanças ocorrem numa espécie de evolução pendular que nos vai deixando sempre um pouco atrás dos congéneres europeus, “virámos os olhos para a Europa como uma espécie de ponto de fuga, uma tábua de salvação para o nosso secular atraso e subdesenvolvimento. A Europa tornou-se, com a democracia, uma espécie de utopia possível.”<sup>564</sup> O ritmo do progresso tecnológico em geral e a iluminação pública em particular espelham e também explicam este atraso: sem conseguir arriscar ou liderar os grandes avanços do seu tempo, o país avança num passo inseguro e demasiado reflectido que nos atrasa mais do que nos mantém seguros.

No IV capítulo recuperámos a noite como metáfora multisignificativa no período entre 1880 e 1920 em Portugal, um período negro, que julgamos adequado denominar de noite da identidade portuguesa. Vinda das Conferências do Casino, inflamadas do espírito republicado e progressista, chega a *intelligentzia* portuguesa ao final do século cabisbaixa, melancólica e nocturna. Eivados dos espíritos decadentista e

---

<sup>563</sup> Fernando Pessoa, “O dos Castelos” in *Mensagem*, Edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio&Alvim, 1997, p. 15.

<sup>564</sup> José Eduardo Franco e Pedro Calafate (Coord.), *A Europa segundo Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2012, p. 15.

simbolista do *fin-de-siècle* os escritores e poetas foram os porta-vozes de uma geração desistente, principalmente depois do *Ultimatum* inglês, da falha do golpe republicano no Porto (em 1891) e do sempiterno atraso em relação à Europa. Formaram-se na mesma altura os Vencidos da Vida, retrato especular da sociedade e da cultura de então.

Já no século XX, com a esperança depositada no regime republicano, também daqui surge a desilusão, com 44 governos em 16 anos e uma instabilidade social e económica desastrosa, agudizada pela participação na I Guerra Mundial, Portugal prolonga esta noite identitária por mais duas décadas, não se conseguindo erguer na posse desta nova formulação política. Fernando Pessoa faz uma leitura interessante desta noite no livro *Mensagem*, onde denuncia um descaminho pelo qual o país enveredou – Ninguém sabe que coisa quer./ Ninguém conhece que alma tem,/ Nem o que é mal nem o que é bem.”<sup>565</sup> – e anuncia simultaneamente qual deverá ser o caminho a percorrer, o caminho da manhã de nevoeiro – “Ó Portugal, hoje és nevoeiro.../ É a hora!”<sup>566</sup>. O poeta encaminha Portugal, como Vieira o fez em seiscentos, no sentido do mito do Quinto Império do mundo, que o país está supostamente destinado a liderar: “A madrugada irreal do Quinto Império/ Doira as margens do Tejo.”<sup>567</sup>

Numa outra perspectiva, levámos a análise a questão do poder e do controlo em algumas narrativas ficcionais e ensaísticas e tentámos compreender de que forma a noite pode e deve ser um escape a essa autoridade. Efectivamente o entretenimento nocturno pode funcionar tanto como distracção do labor do dia, como pode despertar para questões importantes da nossa sociedade, sendo uma delas precisamente a liberdade.

Na mesma senda, enveredámos inevitavelmente pelos chamados escritores pessimistas do século XX, que ditaram de certo modo o tom da primeira metade do século, até ao pós-guerra. A nosso ver, o espírito nocturno finissecular criou uma espécie de marginalidade nos artistas que o seguiram. A construção desta marginalidade não era apenas imposta por elementos externos, mas sim também constituída interna e

---

<sup>565</sup> Fernando Pessoa, “Nevoeiro” in *Mensagem*, Edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio&Alvim, 1997, p. 91.

<sup>566</sup> *Ibidem*.

<sup>567</sup> Fernando Pessoa, “António Vieira”, *op. cit.*, p. 80.

subjectivamente por um processo muito bem expresso no terrível desespero de “O Grito” (1893) do pintor norueguês Edvard Munch. Frederic Jameson chamou a este quadro verdadeiramente quintessencial do *fin de siècle* “uma expressão canónica das grandes temáticas modernistas da alienação, do anonimato, da solidão, da fragmentação social e do isolamento, um virtuoso emblema programático do que costumava chamar-se a idade da ansiedade”<sup>568</sup>. O autor argumenta também que a expressão de Munch representa uma estética particularmente especial de expressão, na qual um grito desesperado de comunicação tenta exprimir plástica e dramaticamente a dor interior que contagiou toda a Europa em geral e levou-nos a uma visão distópica do mundo, que perdurou em muitas correntes. Essa distopia transformou-se numa espécie de noite cultural que pôs muita da intelectualidade europeia a olhar de uma forma obscura o futuro da civilização, uma vez que o homem estaria condenado a falhar (como havia bastos exemplos na altura) nos seus propósitos políticos, sociais e até culturais. Convocámos igualmente alguns escritores portugueses nesta tentativa de enquadrar o pessimismo nocturno no pensamento cultural do séc. XX e verificámos enfim como a noite marca a identidade portuguesa nas suas diversas manifestações artísticas e mesmo através da sua história. Esta marca é colocada em relevo principalmente considerando as diversas “noites” que neste trabalho tivesmos oportunidade de abordar.

Esta tese pauta-se por uma tentativa triádica, que se subdivide entre a história da cultura, a literatura e a história do comportamento social. Ao longo da nossa investigação, e como é natural num tema multimodo como é o nosso, encontrámos diversos pontos que desejaríamos desenvolver, outros trilhos que desejaríamos seguir, mas inevitavelmente embatemos na impossibilidade de abarcar tudo. Concluimos com a certeza de que um estudo desta natureza é um caminho pautado acima de tudo por opções e decisões que implicam deixar de parte algumas ideias ou, preferencialmente, adiá-las. Este foi o nosso caminho.

---

<sup>568</sup> Frederic Jameson, *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, Durham, N. C. Duke University Press, 1991, pp. 11-12. (tradução nossa)



## **Epílogo**

*Em tudo que já fomos está o que seremos  
No fundo desta noite tocam-se os extremos  
E se soubermos ver nos sonhos o processo  
Os passos para trás não são um retrocesso*

*A noite é um sinal de tudo quanto fomos  
Dos medos, dos mistérios, das fadas e dos gnomos  
Da ignorância pura e da ciência irmã  
Em que, sendo passado, já somos amanhã*

*A noite é o espaço vago, o tempo sem história  
Em que as perguntas nascem dentro da memória  
Em tudo que já fomos está o que seremos  
Mas cabe perguntar: Foi isto que quisemos?*

*Em tudo que já fomos está o que deixamos  
No ventre das marés, nos portos que tocamos  
O rumo desvendado, o preço da bagagem  
É tudo quanto resta para seguir viagem*

*A noite é parideira da contradição  
Que existe em cada sim que nos parece não  
Olhando para nós, os grandes dissidentes  
No meio da luta entre lemes e correntes*

*Será esta viagem feita pelo vento  
Será feita por nós, amor e pensamento  
O sonho é sempre sonho se nos enganamos  
Mas cabe perguntar: Como é que aqui chegamos?*

“A Noite”  
José Mário Branco



## BIBLIOGRAFIA

---

### 1. Fontes

#### 1.1. Manuscritas

*Memorias de acontecimentos* [Manuscrito]. [18--]<sup>569</sup>.

#### 1.2. Imprensa periódica

*O António Maria*, dirigido por Rafael Bordalo Pinheiro, 1879-1899.

*Archivo pittoresco: semanário ilustrado*, dirigido por Castro e Irmão, 1857-1868.

*Balas ... de papel*, dirigido por Gualdino Gomes, 1891-1892.

*O Berro*: caricaturas e direcção de Celso Hermínio, 1896.

*Branco e Negro*: semanário ilustrado, dirigido por António Maria Pereira, 1896-1898. Dirigido por Conceição Silva, Celso Hermínio e Jorge Colaço em 1899.

*A comedia portugueza*: chronica semanal de costumes, casos, politica, artes e letras, dirigido por Marcelino Mesquita, 1888-1902.

*A corja*: semanário de caricaturas, dirigido por Leal da Câmara, 1898.

*Correio da noite*, Lisboa, Typographia do "Progresso", 1881-1910.

*Diario da noite: folha democratica e imparcial*, proprietário Antonio M. B. Tavares, Lisboa, A. M. B. Tavares, [1870]-1881.

*Folheto de Ambas as Lisboas. Notícia do Assumpto*. Org. por Jerónimo de Távora, Lisboa, 1730-1731.

*O espectro*, dirigido por Sampaio Rodrigues, 1846-1847.

*O Gajo*, direcção anónima, 1.º ano, Números 1-12, 1877.

---

<sup>569</sup> Original (?). Algumas anotações marginais noutra letra. - Em nota a lápis no verso da primeira f. de guarda, vem identificado o compilador destas notícias como sendo irmão de Luís Lopes dos Santos, cuja morte, ocorrida em 1833, é mencionada na notícia 266 (p. 175). - Contém notícias de acontecimentos sucedidos em Portugal, particularmente em Lisboa, desde 1755 até 1840, em ordem cronológica à maneira de efemérides: proclamação da independência do Brasil, acontecimentos políticos, civis e militares, acidentes naturais, epidemias, crimes, óbitos, obras públicas, etc.

*Gazeta de Lisboa*, dirigido por José Freire de Monterroio Mascarenhas, 1715-1833.

*Guarda-nocturno. Folha Humorística redigida por uma sociedade de sábios noctívagos*, Lisboa, Direcção Anónima, Typographia Lisbonense, n.ºs 1-3, 1888.

*A imprensa: revista científica, literária e artística*, dirigido por Afonso Vargas, 1885-1891.

*Jornal da Noite*, Lisboa, Typographia Portuguesa, 1871 – 1889.

*Jornal do domingo: revista universal*, dirigido por Augusto de Sampaio Garrido, 1881-1888.

*O microbio: semanário de caricaturas*, dirigido por Celso Hermínio, 1894-1895.

*O occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, dirigido por Francisco António das Mercês, 1877-1915.

*O panorama: jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, dirigido por órgãos da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis (p. ex. Alexandre Herculano), 1837-1868.

*Pontos nos ii*, dirigido por Rafael Bordalo Pinheiro, 1885-1891.

*Revista universal lisbonense: jornal dos interesses physicos, moraes e litterarios por uma sociedade estudiosa*, vários dirigentes, 1841-1859.

*Ribaltas e gambiarras*, dirigido por Guiomar Torresão, 1881.

*Serões&Séstas. Revista das Famílias*, Lisboa, Empreza Serões&Séstas, Abril de 1895.

*Os theatros: jornal de crítica illustrado*, dirigido por Henrique Pinto do Amaral e Diamantino Leite, 1895-1896.

### **1.3. Textos Literários**

ALMEIDA, Fialho de, *A Cidade do Vício*, Lisboa, Arcádia, 1965.

ALMEIDA, Fialho de, *À Esquina: Jornal de um vagabundo*, Coimbra, F. França Amado, 1903.

ANTUNES, António Lobo, *Livro de Crónicas*, Lisboa, D. Quixote, 1998.

- BARRADAS, António e SAAVEDRA, Alberto (org.), *Fialho de Almeida: In Memoriam*, Edição Comemorativa do sexto aniversário da morte de Fialho de Almeida, Porto, Tipografia da Renascença Portuguesa, 1917.
- BRANDÃO, Raul, *El-Rei Junot*, Lisboa, Ediclube, 2001.
- BORGES, Jorge Luis, *Historia de la noche*, Buenos Aires, Emecé Editores, 1996.
- BOTELHO, Abel, *Pathologia Social: Barão de Lavos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1983.
- BOTELHO, Abel, *Pathologia Social: O Livro de Alda*, Lisboa, Promoclube, 1984.
- BOTELHO, Abel, *Pathologia Social: Amanhã*, Porto, Lello&Irmão, 1982.
- BOTELHO, Abel, *Pathologia Social: Prospero Fortuna*, Porto Lello&Irmão, 1983.
- BRAGA, Guilherme, *Heras e violetas*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa., F. A. de Miranda e Sousa, 1914.
- BRONTË, Emily, *O Alto dos Vendavais*, Tradução de Ana Maria Chaves, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1999.
- Cancioneiro do Bairro-Alto: Collecção de Chistosas Poesias de um Autor Patusco offerecidas a certas Meninas que fazem certas coisas*, Cadiz, s. ed., 1864.
- CARVALHO, João Cândido de, *Eduardo ou os mistérios do Limoeiro*, Lisboa, Typ. Da Revolução de Setembro, 1849.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *A Queda de um Anjo*, Porto, Edições Caixotim, 2003.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Eusébio Macário*, Porto, Edições Caixotim, 2003.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Mistérios de Lisboa*, 2 vols., Lisboa, Casa Cruz Moutinho, 1864.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Noites de Insómnia offerecidas a quem não póde dormir*, Livraria Chandron de Lelo & Irmão, 1929 (Projeto Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/ebooks/24957>).
- CASTELO BRANCO, Camilo, *O Lubis-homem: comédia*, Lisboa, Imp. Libânio da Silva, 1900.

- CÉLINE, Louis-Ferdinand, *Viagem ao fim da noite*, Tradução de Aníbal Fernandes, Lisboa, Ulisseia, 2010.
- CLELAND, John, *Fanny Hill*, Tradução de Belisário Praxedes, Lisboa, Ed. Arcádia, s.d.
- CRUZ, São João da, *A noite obscura*, Tradução de Teresa Antunes Cardoso e Armando Pereira da Silva, Col. Iluminações, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- CRUZ, São João da, “Noite Escura”, tradução de Jorge de Sena, in *Poesia de 26 Séculos*, Coimbra, Fora do Texto, 1993.
- DIAS, Carlos Malheiro, *Paixão de Maria do Céu*, Lisboa, Bertrand, 1982.
- DIAS, Carlos Malheiro, *Os Telles d’Albergaria*, Lisboa, Livraria Tavares Cardoso & Irmão, 1901.
- DINIS, Júlio, *Uma família inglesa*, Coleção Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, Ulisseia, 1996.
- DINIS, Júlio, *As Pupilas do Senhor Reitor*, Coleção Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, Ulisseia, 1995.
- DINIS, Júlio, *A Morgadinha dos Canaviais*, Coleção Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, Ulisseia, 1996.
- DUARTE, Júlio, *Antologia do Fogo-de-artifício*, Vila Nova de Gaia, Afos’eiro Edições, 1996.
- GALIS, Alfredo, *Tuberculose Social: A Taberna*, Lisboa, Livraria Central Gomes de Carvalho, 1932.
- GALIS, Alfredo, *Tuberculose Social: Mulheres Perdidas*, Livraria Central Gomes de Carvalho, 1933.
- GARRETT, Almeida, *Viagens na Minha Terra*, Porto, Edições Caixotim, 2004.
- GÖETHE, Johann Wolfgang, *Fausto*, Tradução João Barrento, Lisboa, Relógio d’água, 1999.
- HESÍODO, *Teogonia. A Origem dos deuses*, Tradução de J.A.A. Torrano, São Paulo, Iluminuras, 2006.
- HERCULANO, Alexandre, *Eurico, o Presbítero*, Prefácio de Vitorino Nemésio, Col. Obras Completas de Alexandre Herculano, Amadora, Bertrand, 1979.

- HUXLEY, Aldous, *Admirável mundo Novo*, Tradução de Mário Henrique Leiria, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- LEAL, Gomes, *Antologia Poética*, 2.<sup>a</sup> edição, Escolha e Comentário de Francisco Cunha Leão e Alexandre O'Neill, Lisboa, Guimarães Editores, 1999.
- LEAL, Gomes, *Fim de um Mundo. Sátiras Modernas*, Edição e Introdução por José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000.
- LEAL, Gomes, *A Mulher de Luto. Processo ruidoso e singular*, Edição e Introdução de José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, Assírio e Alvim, 2001.
- LEAL, Gomes, *Nevrose Nocturna*, Ilustrações de Orlando Paulo Gonçalves, Lisboa, Hiena Editora, 1988.
- LOBATO, Gervásio, *A comédia de Lisboa*, Porto, Lello&Irmão, 1911.
- LOBATO, Gervásio, *Lisboa em Camisa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1975.
- MAUPASSANT, Guy, "Noite. Pesadelo/ La nuit. Cauchemar" in *Contos do Insólito*, Tradução de João Costa, Lisboa, Guimarães Editores, 2004.
- MAUPASSANT, Guy de, *Noite de luar; Miss Harriet*, tradução de João Belchior Viegas, Lisboa, Estúdios Cor, 1968.
- NUNES, Rui, *Nocturno Europeu*, Lisboa, Relógio d'Água, 2014.
- ORWELL, George, *1984*, Tradução de Paulo Santa-Rita, Prefácio de Álvaro Ribeiro, Lisboa, Odisseia, 1955.
- PASCOAES, Teixeira de, *Poesia de Teixeira de Pascoaes*, Antologia por Mário Cesariny, Notas de Casais Monteiro e António Cândido Franco, Lisboa, Assírio e Alvim, 2002.
- PASCOAES, Teixeira de, *Senhora da Noite e Verbo Escuro*, Apresentação de Mário Garcia, Lisboa, Assírio e Alvim, 1999.
- PESSANHA, Camilo, *Clepsidra e outros poemas de Camilo Pessanha*, 5.<sup>a</sup> edição, Introdução Crítico-bibliográfica por João de Castro Osório, Lisboa, Edições Ática, 1973.
- PESSOA, Fernando, (Álvaro de Campos), *Poesia Completa*, Edição de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Assírio e Alvim, 2002.
- PESSOA, Fernando, *Mensagem*, Edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio&Alvim, 1997.

- QUEIRÓS, Eça de, *Capital!*, Coleção Obras de Eça de Queirós, Lisboa, Presença, 2003.
- QUEIRÓS, Eça de, *A Tragédia da Rua das Flores*, Lisboa, Moraes Editores, 1980.
- QUEIRÓS, Eça de, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 1997.
- QUEIRÓS, Eça de, *O Primo Basílio*, Lisboa, Livros do Brasil, 1994.
- QUEIRÓS, Eça de, *Conde d'Abranhos*, Lisboa, Livros do Brasil, 2000.
- QUEIRÓS, Eça de, *Prosas Bárbaras*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1980.
- QUEIRÓS, Eça de, Prefácio a *O Mistério da Estrada de Sintra*, 2.<sup>a</sup> ed., 1885.
- QUENTAL, Antero de, *Poesia Completa (1842-1891)*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2001.
- SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Caminho, 1995.
- SARAMAGO, *As Intermitências da Morte*, Lisboa, Caminho, 2006.
- The Seven Tablets of Creation*, Translation and study by Leonard William King (1902), disponível em linha em Dezembro de 2015: <http://www.sacred-texts.com/ane/stc/>
- VERDE, Cesário, *O Livro de Cesário Verde*, Porto, Edições Caixotim, 2004.
- VERDE, Cesário, *O Livro de Cesário Verde (1873-1886)*, Posfácio e Fixação de Texto por António Barahona, Lisboa, Assírio e Alvim, 2004.

#### **1.4. Outros Textos (memórias, olisipografia, crónicas, etc.)**

- AAVV, *O terramoto de 1755. Testemunhos Britânicos/ The Lisbon earthquake of 1755. British Accounts*, (Edição bilingue) Lisboa, Lisóptimo Edições, 1990.
- A. P. D. G., *Sketches of Portuguese Life, manners, costume, and character*, illustrated by twenty coloured plates, London, printed for Geo. B. Whittaker, printed by R. Gilbert, St. Johnas Square, 1826.
- Album das glorias*, desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro; textos João Rialto, Lisboa, Typ. Editora Rocio, 1880-1902.



- ALMEIDA, Fialho de, *Vida irónica: jornal d'um vagabundo*, Lisboa, Monteiro, 1892.
- ALMEIDA, Fialho de, *Lisboa Galante. Episódios e Aspectos da Cidade*, Coleção Lisboa XIX, Lisboa, Vega, 1994.
- ANDRADE, José Maria de, *O Baile Nacional e seus mysterios. Physiologia das Lorettes de Lisboa e dos seus amantes*, Lisboa, Typographia Universal, 1860.
- ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Livros I a XVII, Coleção Conhecer Lisboa, Lisboa, Vega, 1992.
- ASENSIO, Gonzalo Calvo, *Lisboa em 1870. Costumes, Literatura e Artes do vizinho reino*, Tradução e notas de Jorge Pereirinha Pires, Lisboa, Frenesi, 2009.
- BAILLIE, Marianne, *Lisboa nos anos de 1821, 1822 e 1823*, Tradução e Introdução Albano Nogueira, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002.
- BARRETO, J. A. da Graça, *Monstruosidades do tempo e da fortuna: diário de factos mais interessantes que succederam no reino de 1662 a 1680, até hoje attribuido infundadamente ao beneditino fr. Alexandre da Paixão*, Lisboa, Typ. da Viúva Sousa Neves, Ed., 1888.
- BASTOS, António de Sousa, *Lisboa velha: sessenta anos de recordações, 1850 a 1910*, prefácio e notas de Gustavo de Matos Sequeira, Lisboa, Câmara Municipal, 1947.
- BENEVIDES, Francisco da Fonseca, *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até á actualidade: estudo histórico*, Lisboa, Typ. Castro Irmão, 1883.
- BRANDÃO, Raúl, *Memórias*, vol. II, Lisboa Relógio d'Água, 2001.
- CÂNCIO, Francisco, *Lisboa no Tempo do Passeio Público*, Lisboa, 2 vols., Impr. Barreiro, 1962-63.
- CÂNCIO, Francisco, *Lisboa - Tempos Idos*, 2 vols., Lisboa, Ed. Autor, 1957.
- CÂNCIO, Francisco, *Aspectos de Lisboa no séc. XIX*, s. ed., Lisboa, 1939.
- CARVALHO, António Pinto de (Tinop), *História do Fado* (Prefácio de Joaquim Pais de Brito), Coleção Portugal de Perto, Lisboa, D. Quixote, 2003.

- CARVALHO, António Pinto de (Tinop), *Lisboa d'outros tempos*, 2 vols., Lisboa, Livraria António Maria Pereira, 1898-1899.
- CASTILHO, Julio de, *Memórias de Castilho*, 2 vols., Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1881.
- COSTA, Tallopio Papalpo da, *Relação jocoseria, palytohistorico, rara e sumptuosa merenda que fizeraõ as comadres em quinta feira para divertimento destes dias antes do entrudo*, Lisboa, Offic. do D.or Manoel Alvares Solano do Valle, [1740-1753].
- COSTIGAN, Arthur William, *Cartas sobre a sociedade e os costumes de Portugal 1778-1779*, 2 vols., Tradução, Prefácio e notas de Augusto Reis Machado, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992.
- CRUZ, Francisco Inácio dos Santos, *Trabalhos academicos litterarios e scientificos: apresentados á Academia Real das Sciencias, e que o seu conselho julgou não dever mandar imprimir*, Lisboa, Officina de Manoel de J. Coelho, 1851.
- CUNHA, D. Luís da, *Testamento Político de D. Luís da Cunha*, prefácio e notas de Manuel Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1943.
- DANTAS, Júlio, *O Amor em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, Livraria Chardron de Lello & Irmãos Editores, 1917.
- DANTAS, Júlio, *Figuras de Ontem e de Hoje*, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Companhia Editora Portugal-Brasil, 1923.
- Descrição das iluminações de Lisboa pelo feliz nascimento da Augusta Princeza da Beira*, 2 vols., Lisboa, Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1793.
- DIAS, J. Simões, *Figuras de cera: histórias contemporâneas*, Porto, Educação Nacional, 1898.
- DIAS, Carlos Malheiro, *Cartas de Lisboa*, 1.<sup>a</sup> série (1904), Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1905.
- DUMOURIEZ, Charles François, *O reino de Portugal em 1766*, 1.<sup>a</sup> ed., Introdução de António Ventura, Tradução de Margarida Reffóios, Casal de Cambra, Caleidoscópico, 2007.
- FIGUEIREDO, António Pereira de, *Novo Methodo da Grammatica Latina, para uso das eschololas da Congregação do Oratorio*, ordenado e composto pela mesma congregação, Lisboa, Offi. de Miguel Rodrigues, 1752.

- FUNCHAL, Marquês do, *O Conde de Linhares: D. Rodrigo Domingos Antonio Sousa Coutinho*, Lisboa, Marquês do Funchal, 1908 (Conjunto de vários documentos transcritos: correspondência, decretos, etc.)
- GALLET, George (imp.), *Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs, par Monsieur M. \*\*\*\**, Amsterdam, 1699.
- GONZALEZ, Modesto Fernandez y, *De Madrid á Oporto passando por Lisboa. Diario de un caminhante*, Madrid, s. ed., 1874.
- GORANI, Giuseppe, *Portugal: a corte e o país nos anos de 1765 a 1767*, Tradução, Prefácio e notas de Castelo-Branco Chaves, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992.
- HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos*, Tomo IX, Lisboa, Livraria Bertrand, 1909.
- HOLLAND, Lord e Lady e ALLEN, John, *Três diários de viagem em Portugal em 1808-1809*, Trad., Introd. e Notas José Baptista de Sousa, Prefácio John Clarke, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2011.
- KINSEY, William Morgan, *Portugal Illustrated in a series of letters*, London, Treuttel, Würtz, and Richter, 1828.
- LATOUCHE, John (pseud. de Oswald Crawford), *Travels in Portugal*, London, Word, Lock & Co., 1878.
- LICHNOWSKY, Félix, *Portugal: recordação do ano de 1842*, Col. Portugal visto pelos Estrangeiros, Lisboa, Publicações Alfa, 1990.
- LIMA, Sebastião Magalhães, *Episódios da minha vida: memórias*, 2 vols., Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.d.
- LINK, Heinrich Friedrich, *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*, Tradução, Introdução e notas de Fernando Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005.
- LOBO, Eduardo de Barros (Beldemonio), *Viagens no Chiado: apontamentos de jornada de um lisboeta a través de Lisboa por Beldemonio*, Porto, Barros & Filha, 1887.
- LOBO, Eduardo de Barros (Beldemonio), *A volta do Chiado*, Lisboa, Parc. A. M. Pereira, 1902.

- LOBO, Eduardo de Barros (Beldemonio), *Do Chiado a São Bento. Apontamentos de jornada de um lisboeta através de Lisboa*, Porto, Livraria Portuense, 1890.
- MACHADO, Júlio César, *Da Loucura e das Manias em Portugal*, Lisboa, Frenesi, 2004. [conforme 1.º edição: 1871]
- MACHADO, Júlio César, *Do Chiado a Veneza*, Lisboa, Livraria A. M. Pereira, 1867.
- MACHADO, Júlio César, *Os teatros de Lisboa*, Ilustrações de Rafael Bordallo Pinheiro, Lisboa, Notícias, 1991.
- MARTA JUNIOR, o Curioso de Minde, *Testamento da velha que serração vae soffrer*, Lisboa, Typ. de S. J. R. da Silva, 1844.
- MARTINS, J.P. de Oliveira, “Carta a Eça de Queiroz”, in *Correspondência de J.P. de Oliveira Martins*, Lisboa, P. A.M. Pereira, 1926.
- MARTINS, Rocha, *Lisboa de Ontem e de hoje: as colinas da cidade*, Lisboa, TENP, 1946.
- MARTINS, Rocha, *Lisboa: história das suas glórias e catástrofes*, 2 vols., Lisboa, Inquérito, 1947-1948.
- MESQUITA, Alfredo de, *Alfacinhas*, Colecção Lisboa XIX, Lisboa, Vega, 1994.
- MIGUÉIS, José Rodrigues, *Aforismos & Desafortismos de Aparício*, Lisboa, Estampa, 1996.
- MONTEIRO, Apollónio (Cortezam), *Recreação de Apolo nas quatro noites de luminarias, em que andou de passeio com as musas pelas ruas de Lisboa*, Lisboa, Na Officina de Manoel Coelho Amado, 1761.
- MORAIS, José Maria de, *Brados da razão ao Liberalismo, freio no ex-commendado Narcizo, reflexão ao Padre Macedo, mordação para o fogo de Neves, ferroadada na Epidemia Periodical, e arrocho de marca no enxame dos Corcundas*, Lisboa, na Impressão de Alcobia 1822.
- MOTA, Adolfo Ernesto, *Recordações da pátria: episódios da invasão francesa em Portugal; A casa dos fantasmas*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1872.
- MOURA CABRAL, *Lisboa Alegre. Aspectos, Typos, Costumes, Episódios*, 2.ª ed., Lisboa, Typ. A Editora, 1912.

- NEUVILLE, Josephine, *Memorias da minha vida: recordações de minhas viagens*, 2 vols., Lisboa, Typ. do Panorama, 1864.
- NORONHA, Eduardo de, *Pina Manique: o intendente de antes quebrar...: costumes, banditismo e policia...*, Porto, Civilização, 1923.
- NORONHA, Eduardo de, *Á esquina do Chiado: notas e observações de um servo que durante quarenta annos serviu na intimidade de politicos, banqueiros, titulares e mulheres de todas as qualidades*, Porto, Magalhães & Moniz, 1913.
- NORONHA, Eduardo de, *Á esquina do Chiado: continuação das "Memórias de um gallego"*, Porto, Magalhães & Moniz, 1913. .
- O alimpador dos candeeiros, ou a conversa que estes tiverão em huma das noites da semana passada*, Porto, Typ. á Praça de S. Tereza, 1825.
- OLIVEIRA, Cavaleiro Francisco Xavier de, *Cartas familiares, historicas, politicas e criticos. Discursos*, Haia, Casa de Adrien Mortjens, 1742.
- OLIVEIRA, Cavaleiro Francisco Xavier de, *O Galante século XVIII*, Compilado e vertido por Aquilino Ribeiro, Lisboa, Livraria Bertrand, 1967.
- OLIVEIRA, Nuno, *Memórias e Trabalhos de Meio-Século dum Cavaleiro Português* [contém antologia de textos de Cavaleiro de Oliveira], Pref. Fernando Sommer D'andrade, Mafra, s. ed., 1981.
- ORTIGÃO, Ramalho, *O culto da Arte em Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos, 2006.
- PEREIRA, Bernardo e OLIVEIRA, Francisco, *Anacephaleosis medico-theologica magica, juridica, moral, e politica na qual em recopiladas dissertações : divizões se mostra a infalivel certeza de haver qualidades maleficas, se apontão os sinais por onde possão conhecerse*, Coimbra, a Officina de Francisco de Oliveyra Impressor da Universidade, 1734.
- PIMENTEL, Alberto, *Vida de Lisboa*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900.
- Portugal aflito e conturbado pello terramoto do anno de 1755* (ed. crítica), Dir. Municipal de Cultura, Div. De Gestão de Arquivos, Lisboa, CML, s.d.

- RUDERS, Carl Israel, *Viagem em Portugal (1798-1802)*, Tradução de António Feijó, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.
- SANCHES, António Nunes Ribeiro, *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1922.
- SANTA CATARINA, Lucas de (o.p), *Anatomico Jocosos*, Lisboa, Officina Doutor Manoel Alvarez Solano, 3 vols., 1755-1758.
- SCHWALBACH, Fernando, *O Vício em Lisboa (Antigo e Moderno)*, Coleção Livros Licenciosos (Coord. António Ventura), Lisboa, Tinta-da-China, 2011 (1.<sup>a</sup> ed., 1912).
- SCHWALBACH, Fernando, *Lisboa a nú: vidas, typos e costumes*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1912.
- SORIANO, Luz, *Revelações da minha vida e memórias de alguns factos e homens meus contemporaneos*, Lisboa, Typ. Universal, 1860.
- SOUSA BASTOS, *Lisboa Velha. Sessenta anos de Recordações*, Lisboa, 1947.
- Terramoto de 1755. Testemunho de uma testemunha ocular*, Prefácio e notas de Ângelo Pereira, Lisboa Livraria Ferin, 1953.
- TRINDADE COELHO, *Gente do Século XIX: Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Abel Botelho,...* (organização, prefácio e notas por Viale Moutinho), Lisboa, Ulmeiro, 1987.
- VEJECEE, P.<sup>o</sup> Nicolau Carlos, *Escudo Santíssimo e armas da igreja contra a malícia diabólica com que os espíritos imundos...*, Lisboa, 1725.
- VERNEY, Luís António, *Verdadeiro Método de Estudar: cartas sobre a retórica e poética*, Introdução e Notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Presença, 1991.

### **1.5. Institucionais e estatísticos**

*Actas Municipais de Lisboa, Synopse*, 1834-1852.

Associação dos Albergues Nocturnos de Lisboa, *Acta n.º1*, 1 de Maio de 1881, no Real Paço da Ajuda, às 3 ½ horas da tarde.

Associação Dos Albergues Nocturnos Do Porto, *Estatutos: 1882*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, s.n., s.d.

*Carta do Príncipe Regente ao Doutor Diogo Inácio de Pina Manique, Desembargador do Paço e Intendente Geral da Polícia da Corte e Reino, [Lisboa], Regia Off. Typ., [1801].*

CRUZ, Francisco Inácio dos Santos, *Da prostituição na cidade de Lisboa: considerações históricas, hygienicas e administrativas em geral sobre as prostitutas, e em especial na referida cidade: com a exposição da legislação portugueza a seo respeito, e propostas de medidas regulamentares, necessárias para a manutenção da saude pública, e da moral*, Lisboa, Typ. Lisbonense, 1841.

*Diário do Governo*, 3 de Agosto de 1848.

*Exposição e documentos relativos ao processo das multas impostas pela Exma. CML...*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1877.

GALHARDO, António Rodrigues, *Leys a que se refere a da Policia*, Lisboa, na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, [1755].<sup>570</sup>

*Intendência Geral da Polícia*, AN/TT (Maços 1-55).

*Lei da Administração Civil de 26 de Junho de 1867*, disponível em linha a 15 Dezembro de 2015: <http://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/1839.pdf>

LOPES, Alfredo Luiz, *Estudo Estatístico da Criminalidade em Portugal nos anos de 1891 a 1895*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

*Memorial de Official da Guarda Real da Policia de Lisboa*, Coordenado systematicamente por Joaquim Miguel de Andrade, Lisboa, Typografia de Antonio Rodrigues Galhardo, 1824.

*Regimento dos Quadrilheiros*, Em Lisboa, na Officina de Miguel Manescal, Impressor do Senado, 1696.

*Relaçam dos embargos que poz á cerraçam da velha huma neta*, s.l. s.n., [17--]. *Serração da velha (Testamento, etc.)*, Lisboa, Nova Imp. M. J. de Barros, [17--].

---

<sup>570</sup> Inclui: Regimento dos Quadrilheiros desta cidade de Lisboa, de 12 Março 1603, p. 1-4. - Alvará obrigando os Ministros Criminais e Officiais de Lisboa a residirem nos seus Bairros, dando providências para a sua aposentadoria, de 30 Dezembro 1605, p. 5-6. - Alvará acrescentando a Jurisdição dos Corregedores da cidade de Lisboa, fazendo-lhes repartição dos Bairros, de 25 Dezembro 1608, p. 6-13. - Alvará providenciando sobre a repartição dos Bairros de Lisboa entre Ministros Criminais, criando para eles doze Corregedores, de 25 Março 1742, p. 13-17. - Decreto estabelecendo a forma de processar os furtos e Decreto estabelecendo a forma de processar os vadios, de 4 Novembro, de 1755, p. 17-18. - Lei proibindo a saída do Reino sem autorização do Rei, de 6 Dezembro 1660, p. 18-19. - Alvará sobre a forma das licenças que se conderem aos mendigos, de 9 Janeiro 1604, p. 19-20

*Representação dirigida à Rainha D. Maria II pelos presos da Cadeia do Limoeiro queixando-se não só do sustento diário como do tratamento que sofrem na enfermaria....*, Lisboa, Typ. Patriotica, 1839.

RIBEIRO, José Silvestre, *Gremio popular: excerpto da historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos*, Lisboa, Typ. Rua da Escola Politecnica, 1813.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Notícia de uma viagem a Portugal em 1765-1766*, Lisboa, s.n., 1960.

*Trabalho nocturno das mulheres nos estabelecimentos industriaes: alterações e aditamentos aos decretos de 14 de abril de 1891 e 16 de março de 1893*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911.

*Guarda Real da Polícia* (verbetes 1809), AN/TT.

## 2. Estudos

AAVV, *Como interpretar Pombal?*, (Organizado por Manuel Antunes enquanto diretor da Revista Brotéria), Lisboa-Braga, Edições Brotéria/Livraria A. I., 1983.

ABREU, Luís Machado de, *Estética e Ecologia no Portugal Finissecular – a proposta de Jaime de Magalhães Lima*, Braga, Universidade do Minho, 1991. Separata da Revista *Diacrítica*, n.º6, 1991.

ABREU, Luís Machado de, *Percursos do oitocentismo português*, Universidade de Aveiro, 1998.

ABREU, Luís Machado de, *O discurso do anticlericalismo português (1850-1926)*, Universidade de Aveiro, 1999.

ABREU, Luís Machado de, *Ensaio anticlericais*, Lisboa, Roma Editora, 2004.

ABREU, Luís Machado de e FRANCO, José Eduardo, *Dois exercícios de ironia: ‘Defesa da Carta Encíclica de Pio IX’ de Antero de Quental e ‘Contra os Jesuítas’ de Sena Freitas*, Lisboa, Prefácio, 2004.

ÁGUAS, Sofia, “Fim da Escuridão: os candeeiros de iluminação pública de Lisboa 1780-1928” in *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*, n.º 2, Novembro de 2013, CML, Gabinete de Estudos Olisiponenses, pp. 91-105.

ALBUQUERQUE, Martim de, *A consciência nacional portuguesa – Ensaio de História das Ideias Políticas*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Tip. Guerra, 1974.



- ALMEIDA, Amaro de, *Reflexões sobre a origem do fado*, Lisboa, Império, 1944. Separata de *Olisipo*, n.º 25.
- ALMEIDA, Fernando António, *O operário no imaginário oitocentista: o caso do teatro da actualidade (1845-1870)*, Tese apresentada ao Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988.
- ALVAREZ, A., *Noite – A vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- AMEAL, João, *As crimonosas do Chiado*, tradução de Luis de Oliveira Guimarães, Lisboa, João Romano Torres, 1925.
- ANASTÁCIO, Vanda, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio, 2009.
- ANDERSON, Benedict, *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*, Tradução de Catarina Mira, Lisboa, Edições 70, 2005.
- BARRETO, Luís Filipe (Coord.), *Inquisição Portuguesa: tempo, razão e circunstância*, Lisboa; São Paulo, Prefácio, 2007.
- BARRETO, Luís Filipe, *Caminhos do Saber no Renascimento Português: Estudos de História e Teoria da Cultura*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.
- BARROS, Júlia Leitão de, *Os night clubs de Lisboa nos anos 20*, Lisboa, Ed. Lúçifer, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt, *Confiança e medo na cidade*, Tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio d'Água, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de, *O Segundo Sexo*, Tradução de Sérgio Milliet, Amadora, Livraria Bertrand, 1981.
- BEIRÃO, Caetano, *D. Maria I: 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado*, 4.ª ed., Lisboa, Emp. Nacional de Publicidade, 1944.
- BERTRAND, Dominique (ed.), *Penser la nuit: XVe-XVIIe siècles, Colloques, Congrès et Conférences sur la Renaissance 35*, Paris, H. Champion, 2003.
- BILÉU, Maria Margarida Correia, *Diogo Inácio de Pina Manique, Intendente Geral da Polícia: inovações e persistências*, Tese de Mestrado em História Cultural e Política apresentada à Universidade Nova Lisboa, 1995.
- BOÉTIE, Étienne de la, *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, 2.ª edição, Tradução do francês de Manuel J. Gomes, Lisboa, Antígona, 2007.

- BOGARD, Paul (Ed.), *Let there be night. Testimony on behalf of the dark*, Las Vegas, University of the Nevada Press, 2008.
- BOLÉO, Luísa V. Paiva, *Casa Havaneza: 140 anos à esquina do Chiado*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, D. Quixote, 2004.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, “A revolução de 9 de Setembro de 1836: a lógica dos acontecimentos” in *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, terceira série, vol. XVIII, 1982-2.º, pp. 331-370.
- BRAGA, Isabel Drumond, *Cultura, Religião e Quotidiano: Portugal (séc. XVIII)*, Lisboa, Hugin, 2005.
- BRAGA, Teófilo, *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, 2 vols., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.
- BRAGA, Teófilo, *Contos tradicionais do Povo Português*, 2 vols., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987.
- BRANCO, Fernando Castelo, *Significado das Academias de Lisboa no século XVIII*, Lisboa, s.n., 1973.
- BRITO, Gomes de, *Ruas de Lisboa: notas para a história das vias públicas lisboenses*, Lisboa, Sá da Costa, 1935.
- BRONFEN, Elisabeth, *Tiefer als der Tag gedacht: eine kultur geschichte der Nacht*, München, Hanser, 2008.
- CABANTOUS, Alain, “La nuit rustique. Monde rural et temps nocturne aux XVIIe et XVIIIe siècles,” in *Les fruits de la récolte. Études offertes à Jean-Michel Boehler*, ed. Isabelle Laboulais and Jean-François Chauvard, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 2007, pp. 49-64.
- CABANTOUS, Alain, *Histoire de la nuit. XVII-XVIII siècle*, Paris, Fayard, 2009.
- CABANTOUS, Sébastien, “Crimes et délits nocturnes en pays tarnais au siècle des lumières,” *Revue du Tarn*, 3<sup>rd</sup> series, n.º 181, 2001, pp. 107-131.
- CALAFATE, Pedro, *A Ideia de Natureza no século XVIII em Portugal: 1740-1800*, Lisboa, IN-CM, 1994.
- CALAFATE, Pedro (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português, Vol. III: Luzes*, Lisboa, Caminho, 2001.
- CALAFATE, Pedro (Org.), *Portugal como problema, Vol. I - Séculos X-XVI: A afirmação de um destino colectivo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

- CÂMARA, Alexandra Gago da, *A Arte de bem viver. A encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa da segunda metade de setecentos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- CAMUS, Albert, *O Mito de Sísifo. Ensaio sobre o Absurdo* (com um estudo sobre Franz Kafka), tradução de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- CÂNDIDO, Antonio, *A Educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1989.
- CARLOS, Álvaro, *Narrativas e lendas de Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Paulistas, s.d.
- CARREIRA, Paula, *As Argonáuticas de Apolónio de Rodes. A arquitectura de um poema helenístico*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014.
- CARVALHO, Rómulo de, *Actividades Científicas em Portugal no Século XVIII*, Évora, Universidade de Évora, 1996.
- CARVALHO, Rómulo de, *O texto poético como documento social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- CASTANHEIRA, Maria Zulmira, *Portugal, a visão de um militar inglês: Georges Thomas Landmann*, Lisboa, s.n., 2008. Separata de *A guerra peninsular: perspectivas multidisciplinares / Congresso Internacional e Interdisciplinar Evocativo da Guerra Peninsular, XVII Colóquio de História Militar nos 200 Anos das Invasões Napoleónicas em Portugal*, 2007.
- CASTRO, Catarina de, *Sketches of Society and Manners in Portugal. Um livro negro acerca do Portugal setecentista*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2004.
- CATROGA, Fernando, *Os inícios do positivismo em Portugal: o seu significado político-social*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1977.
- CATROGA, Fernando, *O Céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal, 1756-1911*, Coimbra, Minerva, 1999.
- CHAVES, Castelo Branco, *Livros de Viagens em Portugal no século XVII e a sua projecção europeia*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- CHONÉ, Paulette et al., *L'âge d'or du nocturne*, Paris, Gallimard, 2001.
- CIDADE, Hernâni, *Ensaio sobre a crise cultural do séc. XVIII*, Introdução de Joaquim Coelho Rosa, Lisboa, Presença, 2005.
- CIDADE, Hernâni, *Cultura Portuguesa: Reinado de D. Maria I, Invasões Francesas e retirada da Corte para o Brasil, A acção reformadora de D. Maria I, Novas*

*academias, As Artes Plásticas e a Música*, S. l., Empresa Nacional de Publicidade, 1974.

CIDADE, Hernâni, *A obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1982.

CIDRAES, M. Lourdes, *As lendas portuguesas: temas; motivos; categorias*, Lisboa, Apenas Livros, 2014.

COELHO, António Borges, *Inquirição de Évora: dos primórdios a 1668*, Lisboa, Caminho, 1987.

COELHO, António Borges, *Questionar a História: ensaios sobre a História de Portugal*, Lisboa, Caminho, 1986.

COELHO, António Borges, *Cristãos-Novos, Judeus e os Novos Argonautas. Questionar a História IV*, Lisboa, Caminho, 1988.

COELHO, Joaquim-Francisco, *Microleituras de Álvaro de Campos*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987.

COELHO, Maria Teresa Pinto, *Apocalipse e regeneração: o Ultimatum e a mitologia da Pátria na literatura finissecular*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996.

CORDEIRO, Bruno Cordovil da Silva, *A iluminação pública em Lisboa e a problemática da história das técnicas*, Tese de Mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa, 2006.

CORRÊA, António Augusto Mendes, *Os Criminosos Portugêses. Estudos de Anthropologia criminal*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1913.

CORREIA, Luís Grosso, “A escola nocturna da Cedofeita (1888-1890)” in Magalhães, Justino (org.) *Fazer e Ensinar História da Educação*. Actas do II Encontro de História de Educação, SPCE, Braga, 1996.

CORREIA, João David Pinto, *Romanceiro Oral da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Edições Duarte Reis, 2003.

COSME, João, *História da Polícia de Segurança Pública. Das origens à actualidade*, Lisboa, Sílabo, 2006.

COSTA, José Alves da, *Gás de Lisboa. Da iluminação pública a gás na Lisboa Romântica ao Gás Natural*, Porto, Lello Editores, 1996.

COSTA, Mário, *Bezas e desditas que cercaram Lisboa*, Lisboa, s.n., 1971. Separata da *Revista Municipal*, n.<sup>os</sup> 116-117

COSTA, Mário, *Uma Quermesse de Caridade na Real Tapada da Ajuda*, Lisboa, Ed. do Autor, 1959.

- COSTA, Soledad Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas – Junho*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.
- CRISTÓVÃO, Fernando (coord.), *Condicionamentos culturais da Literatura de Viagens*, Coimbra, Almedina, 2002.
- CURTO, Diogo Ramada, *Para que serve a história?*, Prefácio de Angela Alonso, Lisboa, Tinta-da-China, 2013.
- CURTO, Diogo Ramada, *As Múltiplas face da História*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- CURTO, Diogo Ramada, *et alii, As gentes do livro: Lisboa, século XVIII*, Lisboa, BNP, 2007.
- DAMÁSIO, António, *O Erro de Descartes*, Temas e Debates, 1995.
- DAME, Enid, RIVELING, Lilly e WENKART, Henny, *Which Lilith? Feminist writers recreate the world's first woman*, Santa Barbara, Jason Aronson Inc., 1998.
- DELUMEAU, Jean, *História do Medo no Ocidente*, Tradução de Maria Lúcia Machado, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DELUMEAU, Jean, *Mil anos de felicidade. Uma história do Paraíso*, Tradução de Augusto Joaquim, Lisboa, Terramar, 1997.
- DIAS, Augusto da Costa, “Introdução” in GARRET, Almeida, *O roubo das Sabinas. Poemas Libertinos*, Lisboa, Estampa, 1969.
- DIAS, J. S. da Silva, *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*, Coimbra Editora, 1953.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Pombalismo e teoria política*, Separata da Revista *Cultura, História e Filosofia*, Vol. I, 1982, pp. 45-114.
- DIAS, J. Sebastião da Silvas, *Correntes do Sentimento Religioso*, 2 vols., Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.
- DUARTE, João Carvalho, *Factores preditores de tolerância ao trabalho nocturno em estudantes de enfermagem*, Tese de Mestrado em Desenvolvimento Comunitário apresentada à Universidade da Extremadura, Badajoz, 1996.
- DUARTE, Luís Miguel, *Justiça e Criminalidade no Portugal Medieval (1459-1548)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- DURAND, Gilbert, *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*, Tradução de Nuno Júdice, Lisboa, A Regra do Jogo, 1983.

- DURAND, Gilbert, *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*, 1.<sup>a</sup> ed., Tradução de Hélder Godinho, Lisboa, Presença, 1989.
- DURAND, Gilbert, *Imagens e reflexos do imaginário português*, Tradução de Cristina Proença, Lisboa, Hugin, 1997.
- ECO, Umberto, *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais*, Tradução de Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa, Gradiva, 2011.
- EKIRCH, Roger, *At Day's Close. A History of Nighttime*, London, Weidenfeld&Nicholson, 2005.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés, *A religião popular portuguesa*, Lisboa, Assírio&Alvim, 1990.
- ESTEVES, Maria Helena Seirós de Almeida, *Esboço de uma História da Poesia da Noite: no Lirismo Português até fins do Romantismo*, Tese de Licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1952.
- FARIA, Miguel Figueira, *Praças Reais: Presente, Passado e Futuro*, Actas do Colóquio Internacional, Universidade Autónoma de Lisboa, Livros Horizonte, 2006.
- FATELA, João, “*Para se lhes dar destino... Modos de repressão dos vadios em Portugal na segunda metade do séc. XIX*” in VAZ, Maria João, RELVAS, Eunice e PINHEIRO, Nuno (org.), *Exclusão na História*. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social, Oeiras, Celta Editora, 2000.
- FEIJÓ, António M., *Admiração pastoril pelo diabo*, Lisboa, IN-CM, 2015.
- FERNANDES, Rogério, *Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras: do pombalismo a 1820*, 1.<sup>a</sup> ed., Porto, Porto Editora, 1994.
- FERNANDES, Rogério, “Nascimento da educação de adultos em Portugal, séc. XVII e XVIII” in *O Instituto. Revista Científica e literária*, vol. CXL - CXLI, 1980-81.
- FERRAZ, Maria de Lurdes, *Ensaio Oitocentistas*, Lisboa, Caixotim, 2011.
- FERREIRA, Joaquim Albino Pinto, *A cidade na época em que a iluminação pública de azeite foi substituída pela de gás*, Porto, Câmara Municipal, 1962. Separata de *Boletim Cultural da Câmara Municipal Porto*, n.º 25.
- FINA, Rosa, “E agora a noite – A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX” in *Brotéria*, Volume 180, n.º4, Abril de 2015.
- FINA, Rosa, “Antinotivaguisimo” in *Dicionário dos Antis*, Lisboa, IN-CM, 2016 (no prelo).

- FINA, Rosa, “A ideia de Noite na Cultura Portuguesa”, *Actas do Congresso Internacional Cultura(s) em Negativo. Mitos Negros, Antis e Mudança Social*, Universidade do Minho, 1-3 de Outubro de 2015 [no prelo].
- FINA, Rosa, “O Mito da Noite: configurações do nocturno no imaginário cultural português”, *Actas do X Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Departamento de Línguas, Comunicação e Artes da Universidade do Algarve (Julho de 2011), Faro, 2012.
- Fogo-de-artifício. Festa e celebração 1709-1880*, Coleção de Estampas da BNP, Lisboa, BN, 2002.
- FOUCAULT, Michel, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, Tradução de Pedro Elói Duarte, Lisboa, Edições 70, 2013.
- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa 1800*, Separata das Actas do Colóquio “A casa literária do Arco do Cego”, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, 2001.
- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa pombalina e o Iluminismo*, 3ª ed., [isboa], Bertrand, 1983.
- FRANCO, José Eduardo e MARUJO, António (coord.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*, Lisboa, Temas & Debates / Círculo de Leitores, 2009.
- FRANCO, José Eduardo, *O Mito dos Jesuítas. Em Portugal, no Brasil e no Oriente* (2 vols.), Lisboa, Gradiva, 2006.
- FRANCO, José Eduardo e CALAFATE, Pedro (Coord.), *A Europa segundo Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2012.
- FRANCO, José Eduardo e FERNANDES, J. Manuel, *O Mito do Milénio*, Lisboa, Ed. Paulinas, 1999.
- FRANCO, José Eduardo e GOMES Ana Cristina da Costa Gomes, “Cumplicidade entre Literatura e História na obra de Sena Freitas”, in *Brotéria*, Vol. 156, 2003, pp. 497-518.
- FRANCO, José Eduardo e RITA, Annabela, *O mito do Marquês de Pombal: A mitificação do Primeiro-Ministro de D. José I pela Maçonaria*, Prefácios de Zília Osório de Castro e de José António Ferrer Benimeli, Lisboa, Prefácio Editora, 2004.
- FRANCO, José Eduardo, “O mito negro do século XVII: A idade de ferro portuguesa e a problemática da mitificação das idades”, in Miguel Sanches de Baêna e Paulo Alexandre Loução (Coords.), *Grandes enigmas da História de Portugal*, Lisboa, Ésquilo, 2011, pp. 255-281.

- FREITAS, Maria João Lynce Costa Pais de, *Iconografia da memória na azulejaria do século XVIII: quatro estações, quatro elementos, quatro partes do mundo*, Lisboa, s.n., 1994.
- FREUD, Sigmund, *Civilization and its discontents*, Penguin Freud Library, London, Penguin Books, 2002.
- FRIESE, Heinz-Gerhard, *Die Ästhetik der Nacht. Eine Kulturgeschichte*, Leipzig, Rowohlt Verlag, 2011.
- FUNCHAL, 3.º Marquês de, *O Conde de Linhares: D. Rodrigo Domingos Antonio Sousa Coutinho*, Lisboa, M. do Funchal, 1908.
- GANDRA, Manuel J., *Portugal sobrenatural: deuses, demónios, seres míticos, heterodoxos, marginados, operações, lugares mágicos, e iconografia da tradição lusitana*, 1.ª ed., Lisboa, Ésquilo, 2007.
- GIL, Isabel Capelo, “Terrores nocturnos. A noite e a estética *noir* em Edgar Allan Poe”, *Comunicação & Cultura*, n.º 4, 2007, pp. 43-65.
- GINZBURG, Carl, *História Noturna. Decifrando o Sabá*, Tradução de Nilson Moulin Louzada, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GOFF, Jacques Le, *La Nouvelle Histoire*, Paris, C.E.P.L., 1978.
- GOFF, Jacques, “História”, in *Enciclopédia Einaudi*, Vol. I, [Lisboa], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp.158-259.
- GOFF, Jacques, “Idades Míticas”, in *Enciclopédia Einaudi*, Vol. I, [Lisboa], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 311-337.
- GOFF, Jacques, “A memória”, in *Enciclopédia Einaudi*, Vol I, [Lisboa], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 11-50.
- GOFF, Jacques, *Histoire et mémoire*, [Paris], Gallimard, 1998.
- GOMES, António Martins, “Monarquia e jacobonismo em *Paixão de Maria do Céu* de Carlos Malheiro Dias” in *A Guerra Peninsular. Perspectivas Multidisciplinares*, XVII Colóquio de História Militar nos 200 anos das Invasões Napoleónicas em Portugal, vol. 1, Lisboa, Comissão Portuguesa de Escola Militar, 2007, pp. 565-571.
- GOMES, Bugalho, *História Completa da Prostituição*, Lisboa, ABGomes, 1913.
- GOMES, Francisco Ferreira, *O teatro da Graça na segunda metade do séc. XVIII*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2012.
- GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, modernismo e vanguardas*, Porto, Lello&Irmãos, 1992.



- GUIMARÃES, Júlio, *História do Fado*, Lisboa, Livraria Barateira, 1934.
- GUINOTE, Paulo e OLIVEIRA, Rosa Bela, “Prostituição, boémia e galanteria no quotidiano da cidade” in REIS, António (dir.), *Portugal Contemporâneo*, vol. II (1851-1910), Lisboa, Alfa, 1990.
- GUINOTE, Paulo, “The old bohemian Lisbon (c.1870-1920): Prostitues, Criminals and bohemians” in *Portuguese Studies*, vol. 18, 2002.
- HARDING, E., *Le mystère de la femme*, Paris, Peyot, 1953.
- HERCULANO, Alexandre, “D. Leonor d’Almeida, Marquesa d’Alorna”, *O Panorama*, 2.<sup>a</sup> série, vol. III, n.º156, 21.12.1844, p. 404.
- HESPANHA, António Manuel, “A punição e a graça” in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. IV: *O Antigo Regime*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- JABOUILLE, Victor, *Iniciação à Ciência dos Mitos*, Lisboa, Inquérito, 1994.
- JAMESON, Frederic, *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, Durham, N. C. Duke University Press, 1991.
- JANKE, Wolfgang, *La noche de la edad contemporánea: Fichte, Novalis, Hölderlin*, Valencia, Ed. Episteme, 1997.
- KANTOR, Iris, *Esquecidos & Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*, São Paulo, HUCITEC/Centro Estudos Baianos, 2004.
- KOSLOFSY, Craig, *The Empire of the Evening. A History of the night in the Early Modern Europe*, Cambridge, Cambridge Press, 2011.
- LEITE, Rita Mendonça, *Representações do Protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea. Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2009.
- LOPES, Alfredo Augusto, *Vendedores Ambulantes*, Lisboa, Ed. Império, 1944.
- LOUREIRO, José Carlos de Magalhães, *A construção do tempo escolar na modernidade portuguesa: modelos, processos e instrumentos de uma arquitectura social e cultural*, Tese de Doutoramento em Ciências da Educação apresentada à Universidade do Porto, 2011.
- LOURENÇO, Eduardo, *Fernando Pessoa Revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*, Lisboa, Gradiva, 2000.
- LOURENÇO, Eduardo, *Antero ou a Noite Intacta*, Lisboa, Gradiva, 2007.

- LOURENÇO, Raúl, *A Figuração da Noite na Novelística de Branquinho Da Fonseca*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.
- LOUSADA, Maria Alexandre, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa. Finais do séc. XVIII a 1834*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 1995.
- LOUSADA, Maria Alexandre, “A Cidade vigiada: a Polícia e a Cidade de Lisboa no início do séc. XIX” in *Cadernos de Geografia*, n.º 17, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998, pp. 227-232.
- LOUSADA, Maria Alexandre, “A new grammar for urban space. The police and the city – Lisbon 1760-1833” publicado originalmente em italiano: “Una nuova grammatical per lo spazio urbano: la polizia e la città a Lisbona, 1760-1833” in *Storia Urbana*, n.º108, 2005, pp. 67-85. Disponível *online* no site [www.academia.edu](http://www.academia.edu) .
- LOUSADA, Maria Alexandre, “A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime” in Maria da Graça Mateus Ventura (coord.), *Os Espaços de Sociabilidade na Ibero-América (sécs. XVI-XIX)*, Lisboa, Ed. Colibri, 2004, pp. 95-120.
- LOUSADA, Maria Alexandre, *Sociabilidades mundanas em Lisboa: partidas e assembleias, c. 1760-1834*, Lisboa, s.n., 1998. Separata de *Penélope*, n.ºs 19-20.
- MACEDO, Jorge Borges de, *Um desafio à Cultura Portuguesa*, Separata de *Democracia*, nº 2, Março, 1977, Lisboa, Instituto Democracia e Liberdade, 1977.
- MACEDO, Jorge Borges de, *O Marquês De Pombal, 1699-1782*, Lisboa, BNP, 1982.
- MACEDO, Jorge Borges de, *Dialéctica da Sociedade Portuguesa no Tempo de Pombal*, Separata da Revista *Brotéria*, n.º115, 1982.
- MADUREIRA, Nuno Luís, *Cidade: espaço e quotidiano (Lisboa 1740-1830)*, Lisboa Livros Horizonte, 1992.
- MAGALHÃES, Justino (org.), *Fazer e ensinar história da educação em Portugal: actas do 2.º Encontro de História da Educação*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – Secção de História da Educação, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 1998.
- MALRAUX, André, *As vozes do silêncio*, Tradução de José Júlio Andrade dos Santos, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

- MARGIOCHI, Francisco Simões, *A Real Casa Pia de Lisboa : 1780-1895 : Notícia da sua Fundação, História, Fins e Organização Actual*, Lisboa, Typ. Portuense, 1895.
- MARQUES, João Pedro, *Os trópicos em Lisboa: a epidemia de febre-amarela de 1857*, Lisboa, Apenas Livros, 2011.
- MARTINS, Isabel Oliveira, *William Morgan Kinsey: uma ilustração de Portugal*, Tese de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1986.
- MARTINS, Jorge de Carvalho, *Judaísmo e anti-semitismo em Portugal nos séculos XIX e XX (do ressurgimento das comunidades judaicas à “Obra do Resgate”)*, Tese de Doutoramento em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2005.
- MATIAS, Else Maria Henny Vonk, *Guia ilustrativo das academias literarias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: [s.n.], 1995.
- MATOS, Albano Mendes de, “Os medos e a defesa do corpo no homem da Gardunha” in *Medicina na Beira Interior. Da pré-história ao século XXI*, Cadernos de Cultura, n.º23, Novembro de 2009.
- MATOS, Sérgio Campos, *História, positivismo e função dos grandes homens no último quartel do séc. XIX*, Lisboa, s.n., 1992. Separata de *Penélope*, n.º 8.
- MAXWELL Kenneth, *O Marquês de Pombal*, tradução de Saul Barata, Barcarena, Presença, 2004. Obra original: *Pombal. Paradox of Enlightenment*, Cambridge University Press, 1995.
- Memórias de viagem: um olhar europeu sobre o Portugal do século XVIII = Travel memoirs: a European view of the 18th century Portugal*, textos de Nuno Saldanha, João Paulo Ascenso Pereira da Silva, Isabel da Cruz Lousada, 1.ª ed., Lisboa, Fundação Oriente, 2000.
- MEDINA, João, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, D. Quixote, 1984.
- MESQUITA, Gema e RUBENS, Reimão, “Qualidade do sono entre universitários: os efeitos da utilização do computador e televisão no período da noite” in *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, São Paulo, Oct. 2010, Academia Brasileira de Neurologia.
- MINOIS, Georges, *As Origens do Mal. Uma história do pecado original*, Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Lisboa, Teorema, 2004.

- MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *Elites Locais e Mobilidade Social em Portugal nos Finais do Antigo Regime*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade, 1997.
- MUCHEMBLED, Robert, “La violence et la nuit sous l’Ancien Regime” in *Ethnologie française* (nouvelle serie), T. 21, n.º 3, Juillet-Septembre 1991, pp. 237-242.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Vultos e Perfis II. Quase que os vi viver*, Col. Obras Completas, IN-CM, 2004.
- NERY, José Máximo de Castro (1957), “Iluminação Pública. Evolução na Cidade de Lisboa”, in *Revista Municipal*, n.º 73, Lisboa, pp. 5-10.
- NERY, Rui Vieira, “Vozes na Cidade: música no espaço público de Lisboa no final do Antigo Regime” in FARIA, Miguel Figueira de (Coord.), *Praças Reais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2010.
- NETO, Vítor, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, IN-CM, 1998.
- NUNES, Abreu, *Em Guisa que as Ruas fossem alumiadas*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1945.
- NUNES, Maria de Fátima, “O publicismo e a difusão dos conhecimentos úteis” in REIS, António (dir.), *Portugal Contemporâneo*, vol. II (1851-1910), Lisboa, Alfa, 1990.
- OLIVEIRA MARTINS, Isabel, *William Morgan Kinsey. Uma Ilustração de Portugal*, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1986.
- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim, *Sistema dos Mitos Religiosos*, Lisboa, Guimarães, 1953.
- PAIS, José Machado, *A Prostituição e a Lisboa Boémia do século XIX aos inícios do séc. XX*, Lisboa, Editorial Querco, 1985.
- PAIS, José Machado, “Fontes Documentais em sociologia da vida quotidiana” in *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, terceira série, vol. XX, 1984-4.º, pp 507-519.
- PAIVA, José Pedro, *Bruxaria e superstição num país sem "caça às bruxas": 1600-1774*, 1.ª ed., Lisboa, Notícias, 1997.
- PAIVA, José Pedro, *O medo das bruxas em Portugal: séculos XVI-XVIII*, Separata de *Anunçe: revista de divulgação cultural*, n.º 16, 2001, pp. 97-108.
- PALMA-FERREIRA, João, *Academias Literárias dos séculos XVII a XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.

- PAULINO, Maria Clara Loureiro Borges, *Uma torre delicada: Lisboa e arredores em notas de viajantes, ca. 1750-1850*, Porto, CITCEM, Edições Afrontamento, 2013.
- PAZ, Octavio, *A Chama Dupla. Amor e Erotismo*, Tradução de José Bento, Lisboa, Assírio e Alvim, 1995.
- PEDROSO, Consiglieri, *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, Prefácio, org. e notas de João Leal, Lisboa, Dom Quixote, 1988.
- PEREIRA, Isaías da Rosa, *Processos de feitiçaria e de bruxaria na Inquisição de Portugal*, Lisboa, [s.n.], 1977. Separata de *Anais da Associação Portuguesa de História*, 2.<sup>a</sup> série, vol. 24, n.º 2.
- PEREIRA, J. C. Seabra, *Do fim-de-século ao tempo de Orfeu*, Coimbra, Almedina, 1979;
- PIANKOFF, A., *Egyptian Religious Texts and Representations, vol. V: Pyramid of Unas*, Princeton University Press, 1969.
- PIMENTEL, Alfredo, *Triste Canção do Sul. Subsídios para uma história do fado*, Lisboa, Gomes de Carvalho, 1904.
- PINA, Luís de, *A anacephaleosis do Doutor Bernardo Pereira e a etnografia*, Porto, Junta Distrital, s.d., Separata de *Revista Etnografia*, n.º 13.
- PINTO-COELHO, Maria João, *A importância da iluminação na imagem da cidade: opções axiais e configuração urbana*, Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 1995.
- PIRES, José Cardoso, *Cartilha do Marialva*, 6.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Moraes Editores, 1976.
- PIRES, Daniel, *Exposição Biobibliográfica comemorativa dos 230 e dos 190 do nascimento e da morte de Bocage*, Setúbal, CMS, 1995.
- QUADROS, António, *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Lisboa, Átrio, s.d.
- QUADROS, António, *O enigma de Lisboa: ensaio de psicologia e psicografia de uma cidade*, Lisboa, s.n., 1958. Separata da *Revista Rumo*, Ano 1, n.º 11
- QUEIROZ, Ana Isabel e ALVES, Daniel, *Lisboa, lugares da Literatura. História e Geografia na Narrativa de Ficção do séc. XIX à actualidade*, Lisboa, Apenas Livros, 2012.
- RAMÓN, Micaela, *A novela Alegórica em português dos séculos XVII e XVIII: o belo ao serviço do bem*, Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, 2007.

- REIS, Carlos, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, 1991.
- RIBEIRO, Maria Eugénia, *Consequências do trabalho por turnos e nocturno em profissionais de enfermagem* (estudo realizado em dois hospitais do norte de Portugal), Tese de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2008.
- RITA, Annabela, *No fundo dos espelhos I*, Porto, Caixotim, 2003.
- RITA, Annabela, *Itinerário*, Lisboa, Roma Editora, 2009.
- RITA, Annabela, *Cartografias Literárias*, Lisboa, Esfera do Caos, 2010.
- ROAZZI, Antonio, FREDERICCI, Fabiana e CARVALHO, Maria do Rosário, “A questão dos consensos nas representações sociais: um estudo do medo entre os adultos” in *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Maio/Agosto 2002, vol. 18, n.º2.
- ROCHE, Daniel, *História das Coisas Banais. Nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (sécs. XVII-XIX)*, Tradução de Telma Costa, Lisboa, Teorema, 1998.
- RODRIGUES, Maria João Madeira, *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, Lisboa, s.n., 1979. Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital Lisboa*, 3.ª Série, n.º 84.
- RODRIGUES, Teresa, *Cinco Séculos de quotidiano. A vida em Lisboa do séc. XVI aos nossos dias*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.
- RODRIGUES, Teresa, *Nascer e Morrer na Lisboa Oitocentista. Migrações, mortalidade e desenvolvimento*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.
- RODRIGUES, Teresa, “Ser imigrante na Lisboa oitocentista” in VAZ, Maria João, RELVAS, Eunice e PINHEIRO, Nuno (org.), *Exclusão na História*. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social, Oeiras, Celta Editora, 2000.
- ROSA, Daniel Augusto de Melo, *Ensino secundário nocturno: 1972-1997. Um contributo para o estudo da criação e evolução dos cursos complementares*, Tese de Mestrado em Ciências da Educação apresentada à Universidade de Lusófona, 2001.
- RUBIM, Gustavo, *Experiência da Alucinação: Camilo Pessanha e a experiência da poesia*, Lisboa, Caminho, 1993.
- SERRÃO, Vítor, *A trans-memória das imagens. Estudos iconológicos de pintura portuguesa (séc. XVI-XVIII)*, Chamusca, Cosmos, 2007.
- RUDLOFF, Robert von, *Hecate in early greek religion*, Horned Owl Pub., 1999.

- SAMPAIO, Albino Forjaz de, *Guilherme de Azevedo*, Lisboa, Emp. Diário de Notícias, 1931.
- SANTOS, Ana Clara, *Repertório teatral na Lisboa oitocentista: (1835-1846)*, Lisboa, IN-CM, 2011.
- SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos, “Sociabilidade, comunicação e aprendizagem” in REIS, António (dir.), *Portugal Contemporâneo*, vol. I (1820-1851), Lisboa, Alfa, 1990.
- SANTOS, Piedade Braga, RODRIGUES, Teresa; NOGUEIRA, Margarida, *Lisboa setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987.
- SCHIVELBUSCH, Wolfgang, *Disenchanted Night: The Industrialization of Light in the Nineteenth Century*, trans. Angela Davies, Berkeley, University of California Press, 1988.
- SCHNEPEL, Burkhard e BEN-ARI, Eyal, “When darkness comes...: steps toward an anthropology of the night” in *Paideuma*, n.º51, 2005, pp. 153-163.
- SCHLÖR, Joachim, *Nights in the Big City: Paris, Berlin, London 1840-1930*, trans. Pierre Gottfried Imhoff and Dafydd Rees Roberts, London, Reaktion Books, 1998.
- SCHWARZ, Howard, *Lith's Cave: jewish tales of the supernatural*, Oxford, Oxford University Press, 1988.
- SEIXO, Maria Alzira, “Literatura e História. Poética da descoincidência. Peregrinação de Barnabé nas Índias, de Mário Cláudio”, *Actas do Colóquio Internacional sobre Literatura e História*, vol. II, Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, 2004.
- SERRÃO, Joel, “Noite Natural, Noite Técnica” in *Temas Oitocentistas II*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 13-58.
- SILBERT, Albert, *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, Tradução de José Raimundo Correia de Oliveira, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- SILVA, Isabel Maria Soares da, *Trabalho por turnos: efeitos nos estados de humor, ritmicidade biológica e social*, Tese de Mestrado, Universidade Minho, 1999.
- SILVEIRA, Olga de Moraes Sarmiento da, *A Marquessa de Alorna: sua influência na sociedade portuguesa*, Carta-prefácio de Theophilo Barga, Lisboa, Livraria Ferreira, 1907.
- SOARES, Carmen *et alii* (coord.), *Norma & Transgressão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2008.

- SOUSA, Maria Leonor Machado de, *A literatura “negra” ou de terror em Portugal (séculos XVIII e XIX)*, Lisboa, Editorial Novaera, 1978.
- SOUSA, Rui, “Antilibertinismo” in FRANCO, José Eduardo (dir.), *Dicionário dos Antis*, IN-CM, 2016 [no prelo].
- SOUPEL, Serge, COPE, Kevin L., PETTIT, Alexander (ed.), *The enlightenment by night. Essays on After-Dark Culture in the Long Eighteenth Century*, New York, AMS Press, Inc., 2010.
- SUBTIL, José Manuel, *O Vintismo e a criminalidade (1820-1823)*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1986.
- TAVARES RODRIGUES, Urbano, *Poesia da Noite*, Lisboa, Div. Farmacêutica, 1970.
- TAVARES, Adérito, PINTO, José dos Santos, *Pina Manique: um homem entre duas épocas*, Lisboa, Casa Pia, 1990.
- TENGARRINHA, José, *E o povo, onde está? Política popular, contra-revolução e reforma em Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos, 2008.
- TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989.
- TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Maria Amado e CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX)*, 2 vols., Lisboa, Temas e Debates, 1998.
- TORGAL, Luís Reis e VARGUES, Isabel Nobre, *Vintismo e Instrução Pública*, Coimbra, s.ed., 1984.
- TORGAL, Luís Reis e VARGUES, Isabel (Coord.), *O Marquês de Pombal e o seu tempo*, 2 Tomos, Número especial do 2º Centenário da sua Morte - Revista de História das Ideias - IV, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1982-1983.
- VAQUINHAS, Irene, *Quermesses como uma forma específica de Sociabilidade no século XIX: o caso da Quermesse da Tapada da Ajuda em 1884*, Separata de *Biblios*, vol. 72, 1996.
- VAQUINHAS, Irene, *Senhoras e Mulheres na Sociedade portuguesa do século XIX*, Lisboa, Colibri, 1999.
- VASCONCELOS, J. Leite de, *Tradições populares de Portugal*, organização de M. Viegas Guerreiro, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.
- VASQUES, Sérgio, *Os impostos do pecado: o álcool, o tabaco, o jogo e o fisco*, Coimbra, Almedina, 1999.



- VAZ, Cecília, “Boémia nocturna e sociabilidade artística. Cabarés em Lisboa nos ‘Loucos anos 20’” in *Estudos do Século XX*, n.º 9, Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, 2009, pp. 135-151.
- VAZ, Maria João, “Crimes e Cidades: Lisboa nos finais do séc. XIX” in VAZ, Maria João, RELVAS, Eunice e PINHEIRO, Nuno (org.), *Exclusão na História*. Actas do Colóquio Internacional sobre Exclusão Social, Oeiras, Celta Editora, 2000.
- VAZ, Maria João, *A Criminalidade em Lisboa entre meados do século XIX e o início do século XX*, Tese de Doutoramento, ISCTE – Universidade de Lisboa, 2006.
- VEIGA, Teresa, “Os quotidianos na vida de Lisboa nos séculos da Modernidade” in *Revista Instituto Camões*, n.º15 e 16, pp. 166-178.
- VENTURA, António, *O imaginário seareiro: ilustradores e ilustrações da Revista Seara Nova (1921-1927)*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.
- VENTURA, António, *Anarquistas, Republicanos e socialistas em Portugal: as convergências possíveis (1892-1910)*, Lisboa, Cosmos, 2000.
- VENTURA, António, *Estudos sobre história e cultura contemporâneas de Portugal*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.
- VENTURA, António, *Magalhães Lima. Um idealista impenitente*, Lisboa, Assembleia da República/Centenário da República, 2011.

### 3. Obras de Referência

- AAVV, *Dicionário de Provérbios, Adágios, Ditados, Máximas, Aforismo e Frases feitas*, Lisboa, Porto Editora, 2014.
- ABREU, Luís Machado de, FRANCO, José Eduardo (Coords.), *Ordens e Congregações Religiosas no contexto da I República*, Lisboa, Gradiva, 2010.
- AZEVEDO, Carlos Moreira de, *Dicionário de história religiosa de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000-2001.
- BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

- BRAUDEL, Fernand, *A Gramática das Civilizações*, Tradução de Telma Costa, Lisboa, Teorema, 1989.
- BRITO, J. J. Gomes de, *Ruas de Lisboa. Notas para a história das vias públicas lisboenses*, 3 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1935.
- CABRAL, Roque, *Logos: enciclopédia luso-brasileira de Filosofia*, Lisboa; São Paulo, Verbo, 1990-1997.
- CAILLOIS, Roger, *O Homem e o Sagrado*, Tradução de Germiniano Cascais Franco, Lisboa, Edições 70, 1979.
- CALAFATE, Pedro (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português, Vol. III: Luzes*, Lisboa, Caminho, 2001.
- CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- CHAGAS, Pinheiro, *História de Portugal*, 12 vols., Lisboa, Escritório de Empresa, s.d.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Tradução de Cristina Rodrigues e de Artur Guerra, Lisboa, Teorema, 1994.
- CHORÃO, João Bigotte (dir.), *Verbo Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Edição século XXI, Lisboa, Verbo, 30 vols., 1998-2005.
- CIORAN, E. M., *História e Utopia*, Tradução de Miguel Serras Pereira, Venda Nova, Bertrand, 1994.
- CORBIN, Alain, *História dos tempos Livres. O advento do Lazer*, Tradução de Telma Costa, Lisboa, Teorema, 2001.
- ELIADE, Mircea, *Aspectos do Mito*, Tradução de Manuela Torres, Col. Perspectivas do Homem, Lisboa, Edições 70, s.d..
- ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Tradução de Natália Nunes e de Fernando Tomaz, Col. Coordenadas, Lisboa, Edições Cosmos, 1990.
- FEBVRE, Lucien, *Olhares sobre a História*, Tradução de Fernando Tomaz, Lisboa, Edições Asa, 1996.
- FEBVRE, Lucien, *Amour Sacré, Amour Profane*, [Paris], Gallimard, 1996.
- FERRO, Marc, *Les tabous de l'histoire*, Paris, NiL Éditions, 2002.
- FOUCAULT, Michel, *As Palavras e as Coisas*, Tradução de A. Ramos Rosa, Lisboa, Portugália Editora, 1968.

- FRANÇA, José-Augusto, *A arte portuguesa de oitocentos*, Col. Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.
- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa – História física e moral*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- FRANCO, José Eduardo, MOURÃO, José Augusto e GOMES, Ana Cristina da Costa, *Dicionário histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2010.
- GARDINER, Patrick, *Teorias da História*, 5.<sup>a</sup> edição, Tradução e Prefácio de Vítor Matos e Sá, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- GOMES, Joaquim Ferreira, FERNANDES, Rogério e GRÁCIO, Rui, *História da Educação em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.
- GRIMAL, Pierre, *Dicionário da mitologia grega e romana*, Coord. da edição portuguesa por Victor Jabouille, Lisboa, Difel, 2009.
- HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal*, Lisboa, Ulmeiro, 1980.
- HOSBSBAWM, Eric, *A era das revoluções*, Tradução de António Cartaxo, Lisboa, Editorial Presença, 2001.
- KANT, Emmanuel, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Traduzida do alemão por Paulo Quintela, Lisboa, Edições 70, 1986.
- KAYSERLING, Meyer, *História dos Judeus em Portugal*, Tradução de Gabriele Borchardt Corrêa da Silva e de Anita Novinsky São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.
- MARCOCCI, Giuseppe e PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, 1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013.
- MATTOSO, José e SOUSA, Bernardo de Vasconcelos e, *História da Vida Privada em Portugal*, 3 vols., Lisboa, Temas & Debates, 2011.
- MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, 8 vols., Lisboa, Estampa, 1993-1994.
- MEDINA, João (dir.), *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, 15 vols., Amadora, Ediclube, 1993.
- MONAGHAN, Patricia, *Encyclopedia of Goddesses and Heroines*, 2 vols, Santa Barbara, Greenwood Publishing Group Inc., 2009.
- MUCHEMBELD, Robert, *Uma história da violência. Do final da Idade Média aos nossos dias*, Tradução de Luís Filipe Sarmiento, Lisboa, Edições 70, 2014.
- OLIVEIRA MARTINS, *História de Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores, 1987.

- OLIVEIRA MARTINS, *Sistema dos Mitos Religiosos*, 3.<sup>a</sup> edição, Prefácio de José Marinho, Lisboa, Guimarães Editores, 1953.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica, I Volume: Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- PICK, Daniel, *Faces of degeneration. An European disorder 1848-c.1918*, Cambridge University Press, 1989.
- PINHEIRO, Marília Futre, *Mitos e Lendas: Grécia Antiga, vol. 1*, Lisboa, Livros e Livros, 2007.
- PISTOLA, Renato e ROCHA, Ana Catarina, *Sob o Signo do Pelicano. História do Montepio Geral (1840-2015)*, Coordenação de José Eduardo Franco e António Castro Henriques, Lisboa, IN-CM, 2015.
- RAMOS, Rui, SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.
- ROMANO, Ruggiero (dir.), *Enciclopédia Einaudi*, Coordenação da edição portuguesa: Fernando Gil, Lisboa, IN-CM, 1984.
- SANTANA, Francisco, SUCENA, Francisco (dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, CML, 1994.
- SCHIVELBUSCH, Wolfgang, *The culture of defeat*, Londres, Granta Books, 2003.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, 13 vols., Lisboa, Verbo, 1978-2000.
- SILVA, Luís Augusto Rebello da, *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Introdução de Jorge Borges de Macedo, Lisboa, Imprensa Nacional, 1971-1972.
- SORIANO, Simão José da Luz, *Historia do reinado de El-Rei D. José e da administração do Marquez de Pombal* (precedida de uma breve noticia dos antecedentes reinados a começar no de El-Rei D. João IV, em 1640), Lisboa, Typographia Universal, 1867.
- THOMSON, Oliver, *História do Pecado*, Lisboa, Guerra&Paz, 2010.

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>I – Figuras.....</b>	<b>267</b>
<b>II – Cronologia da iluminação nocturna em Lisboa.....</b>	<b>297</b>
<b>III – Glossário da Noite.....</b>	<b>301</b>
<b>IV – Documentos .....</b>	<b>309</b>
Documento 1 – Lei de Criação dos Quadrilheiros para a Cidade de Lisboa.....	309
Documento 2 - Instituição dos Quadrilheiros Municipais (15 de Março de 1521).....	311
Documento 3 – Lei sobre a proibição de lançar fogo-de-artifício.....	315
Documento 4 – Poema setecentista sobre uma escaramuça nocturna....	317
Documento 5 - Lei onde se determina a criação do cargo de Intendente Geral da Polícia da Corte e dos Reinos (25 de Junho de 1760).....	318
Documento 6 – Instituição e Organização da Guarda Real da Policia, em 1801.....	323
Documento 7 – <i>O Alimpador dos Candeeiros ou a Conversa que estes tiverao em huma das noites da semana passada</i> .....	326
Documento 8 – <i>Conversaçam nocturna</i> .....	333

## **Anexos: nota de apresentação**

A escolha dos documentos que figuram em anexo a esta dissertação prende-se quer com a sua pertinência em relação ao tema em estudo quer com opções metodológicas.

No caso do Anexo I, são aqui elencadas todas as figuras e cartazes referidos ao longo do texto (Fig. 1, 2, etc.) que foram remetidas para anexo para não perturbar o decorrer da dissertação. Desde pinturas estrangeiras e nacionais que exprimem o imaginário nocturno, a ilustrações do quotidiano lisboeta dos séculos XVIII e XIX, chegando às fotografias do planeta Terra tiradas do espaço a partir da Estação Espacial Internacional, divulgadas pela NASA.

Por outro lado, o Anexo II contém uma cronologia exclusivamente elaborada para esta tese com os eventos que consideramos mais pertinentes no que diz respeito à iluminação nocturna na cidade de Lisboa. Trata-se de um documento de consulta importante, principalmente no auxílio da leitura dos capítulos II e III.

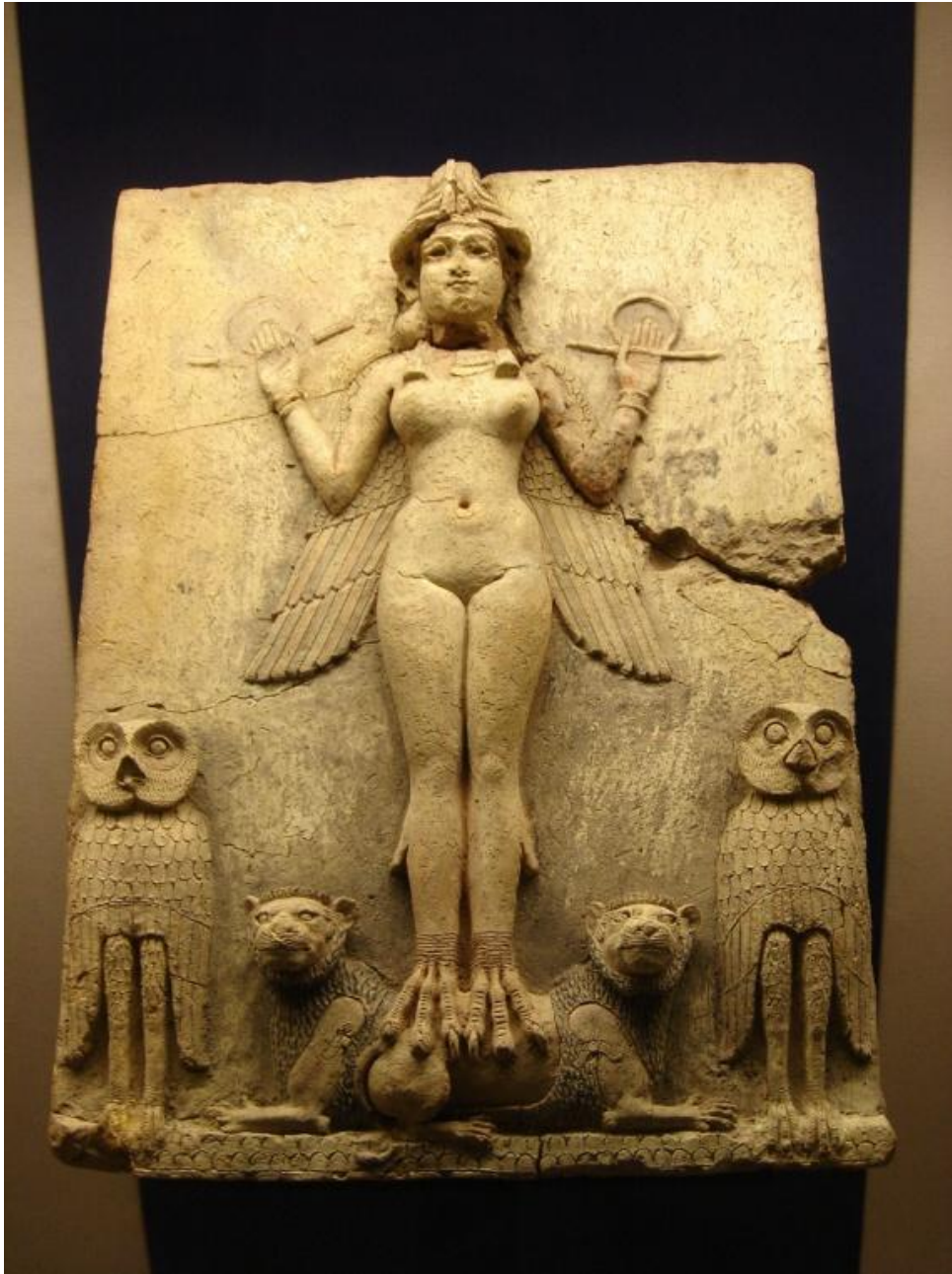
O Anexo III, igualmente elaborado exclusivamente para esta dissertação, é um glossário relacionado com a noite. Abarcando esta selecção tanto os vocábulos que derivam da mesma raiz como os que se relacionam semanticamente com o tema do nosso estudo. Julgamos pertinente este trabalho de recolha vocabular no sentido de asseverar em que medida a noite está presente e como se manifesta na língua e, conseqüentemente, na cultura portuguesa.

Por último, o Anexo IV congrega um conjunto de documentos transcritos dos documentos originais que vão desde a legislação relacionada com a noite e com a segurança (criação dos Quadrilheiros, proibição de fogo-de-artifício, fundação da Intendência, por exemplo) até a alguns textos literários que considerámos especialmente originais e relacionados com a iluminação das ruas de Lisboa. A selecção destes textos em particular prende-se, por um lado, com o facto de serem pouco conhecidos e por outro por serem invocativos de momentos charneira na história da noite em Portugal.

# ANEXO I

## FIGURAS

---



**Fig. 1.:** *Queen of the Night*, Old Babylonian, 1800-1750 BC (alto relevo), British Museum.



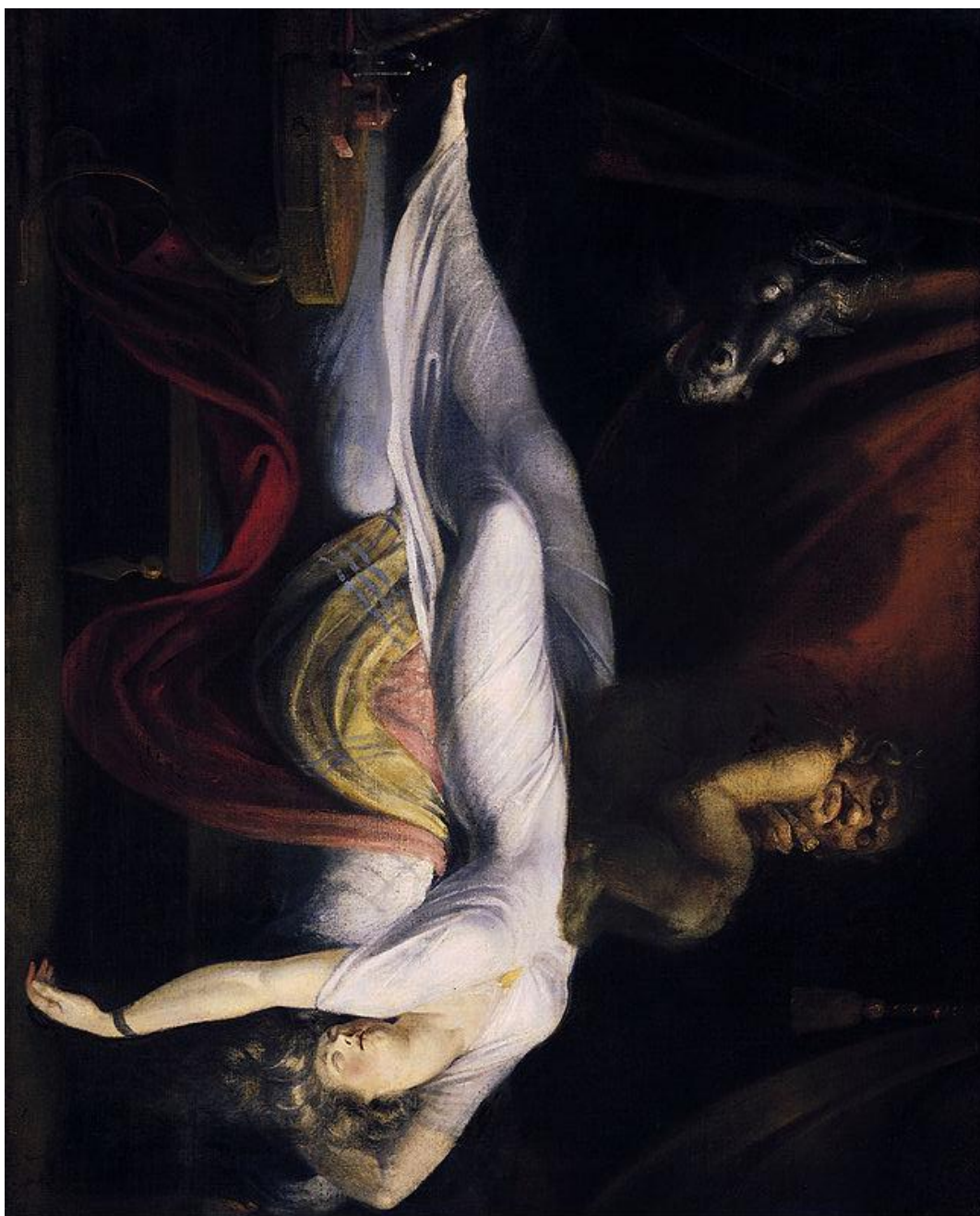


**Fig. 2.:** Dante Gabriel Rossetti, *Lady Lilith*, 1867 (aguarela e guache em papel), actualmente em exposição no Metropolitan Museum of Art, New York.





**Fig. 3:** William Blake, *The night of Enitharmon's joy*, 1795 (caneta e tinta com aguarela em papel). Em exposição no Tate Gallery, em Londres.



**Fig. 4.** Henry Fuseli, *O pesadelo*, 1781 (pintura a óleo). Actualmente pertence à colecção permanente do Detroit Institute of Arts, EUA.





**Fig. 5:** François Philippe Charpentier (1734-1817), Panorâmica de Lisboa antes do terramoto de 1755 - *Lisbone, ville capitale du Royaume de Portugal...* (baseada em gravura precedente de Pierre Aveline, 1656-1722). BNP..





**Fig. 6:** Anônimo alemão, *Das Ruinirte Lissabon*, gravura em água-forte, preto e branco; 18x29,5 cm (matriz), produção provável entre 1755 e 1760. Gravura rica em observações pormenorizadas do ambiente pós-terramoto em Lisboa, nomeadamente os enforcamentos (com a presença dos frades franciscanos) imediatos dos ladrões que eram apanhados, as pessoas ainda debaixo dos escombros, algumas ainda desesperadas a tentar salvar os seus bens, agressões e violência um pouco por toda a parte. BNP.



**Fig. 6a:** Alegoria sobre o Marquês de Pombal e a sua obra política, da autoria de António Fernandes Rodrigues. À sombra da figura tutelar do Ministro de D. José I figurado em busto sob uma peanha circular rodeado de figuras mitológicas, as luzes da razão e do progresso prosperam em Portugal, fundando uma nova era iluminada que se expande na razão inversa da expulsão dos inimigos do reino, os fatores das trevas (onde se incluem preponderantemente os Jesuítas), vergastados para longe. Como pano de fundo, à esquerda, estão representadas as ruínas do terramoto que contrastam, à direita, com os monumentos da reconstrução pombalina de Lisboa. BNL, Iconografia, E. 44 A.



V I N T E N A  
DE  
QUADRILHEIROS.

O DOUTOR JUIZ DE FORA, E VEREADORES  
desta e seu Termo, por SUA MAGE-  
STADE que Deos guarde &c.

Mandamos aos moradores da freguezia de  
que, visto este, conheçaõ por Quadrilheiro da mesma freguezia a  
por quanto o elegemos para servir estes tres annos seguin-  
tes; pelo que mandamos lhe obedeaõs ás diligencias e citações que vos fizer,  
que houve juramento na fórma costumada; e para sua Vintena lhe nomeamos  
vinte homens; a saber:

Os quaes todos serãõ obrigados, sendo por elle chamados, a lhe acudirẽm e  
acompanharem, com pena de pagar a condemnação que por nós lhe fôr posta;  
e elle Quadrilheiro será obrigado a vir dar conta a casa do Juiz desta  
de todos os casos crimes que na sua freguezia acontecerem, e notificará a todas  
as mulheres solteiras, que andarem prenhes, dem conta das barrigas; e fará  
matar os pardaes pelos moradores, e traráõ a esta, pelos mezes  
de Janeiro e Fevereiro, as cabeças a casa do Escrivão da Camara; e fará plan-  
tar hortas e nabaes e duas amoreiras a cada morador; encoimar os gados dam-  
ninhos, e tomadias que se fizerem nos baldios; e não deixarãõ malhar o Ren-  
deiro a renda, nem tirar palha della, sem que primeiro mostre Certidão  
do Escrivão da Camara, de como tem dado fiança á terça e casa; e satisfará  
ás mais obrigações que lhe pertencerem, e lhe será entregue a rede dos par-  
daes, e medidas, e não havendo se farãõ á custa da freguezia: por bem do  
que mandamos ao Juiz do Subsidio que, visto este, finte logo duzentos reis  
pelos moradores para este Quadrilheiro, que pagou do seu Regimento, e o  
Jurado da dita freguezia os cobrarãõ logo, com pena de os pagar de sua casa,  
e os que não quizerem pagar serãõ pñhorados; e assim o cumpraõ aliás.

aos dias do mez de de 182 Ecu

Fig.7: Vintena de Quadrilheiros, BNP (CT. 1369 P.).

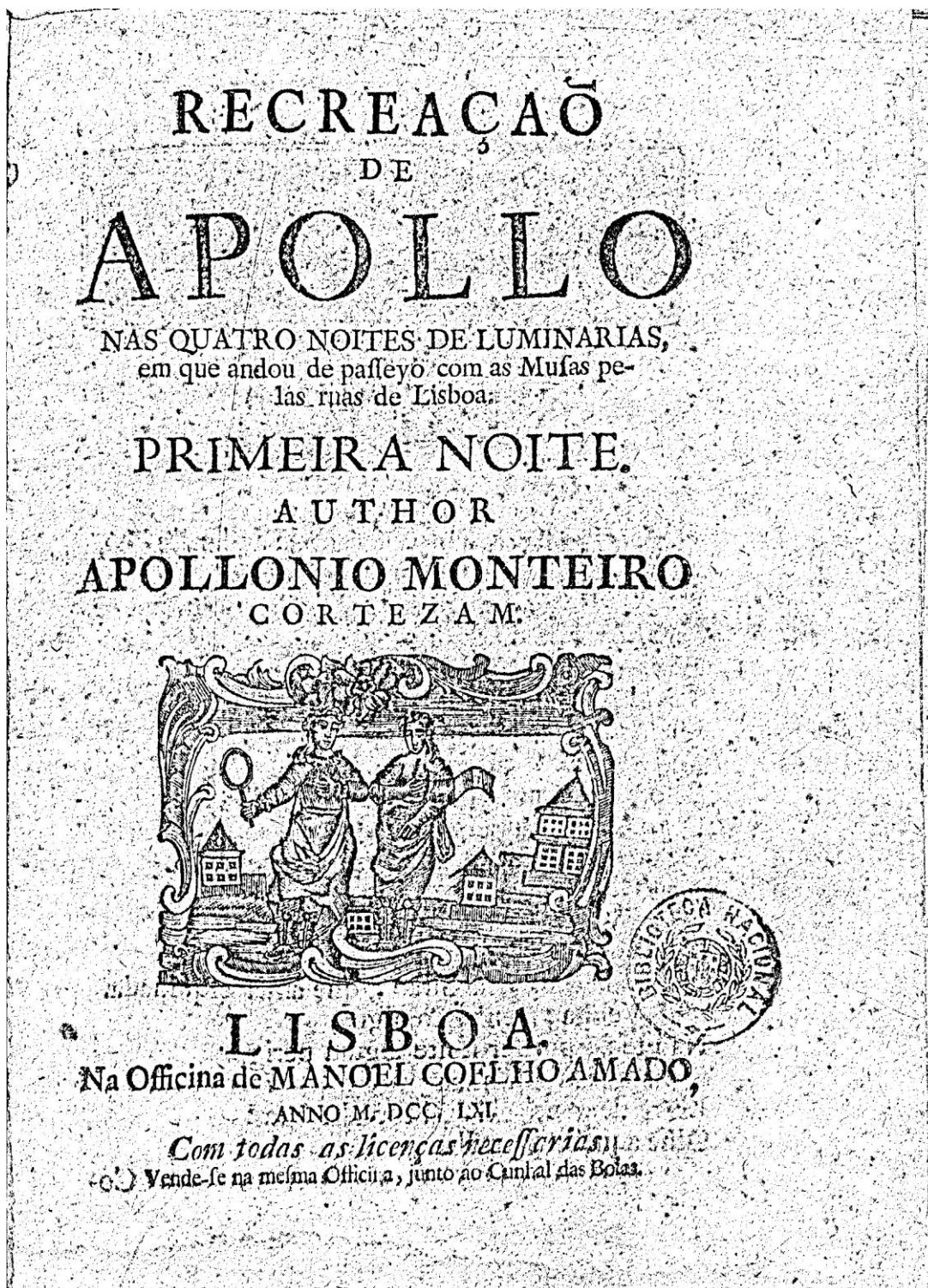
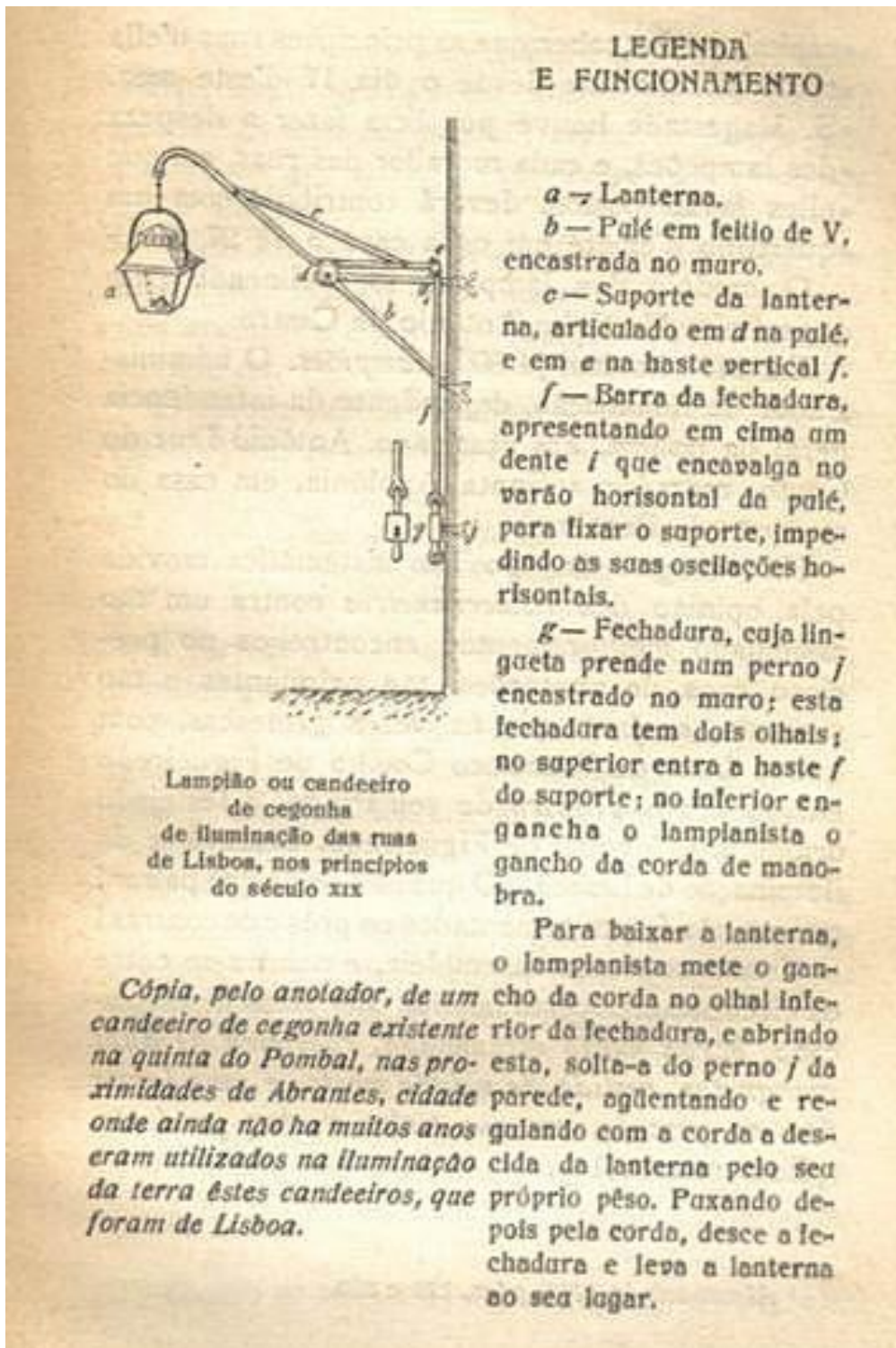


Fig. 8: Apollónio Monteiro (Cortezam), *Recreação de Apolo nas quatro noites de luminarias, em que andou de passeio com as musas pelas ruas de Lisboa*, Lisboa, Na Officina de Manoel Coelho Amado, 1761. BNP.





**Fig. 8a:** Esquema de lampião a azeite. Júlio de Castilho, Lisboa Antiga; Bairros Orientais, 2ª ed. revista e ampliada pelo autor e com anotações do Engº Augusto Vieira da Silva, vol. IX, Lisboa, S. Industriais da C.M.L., 1937, p.169.

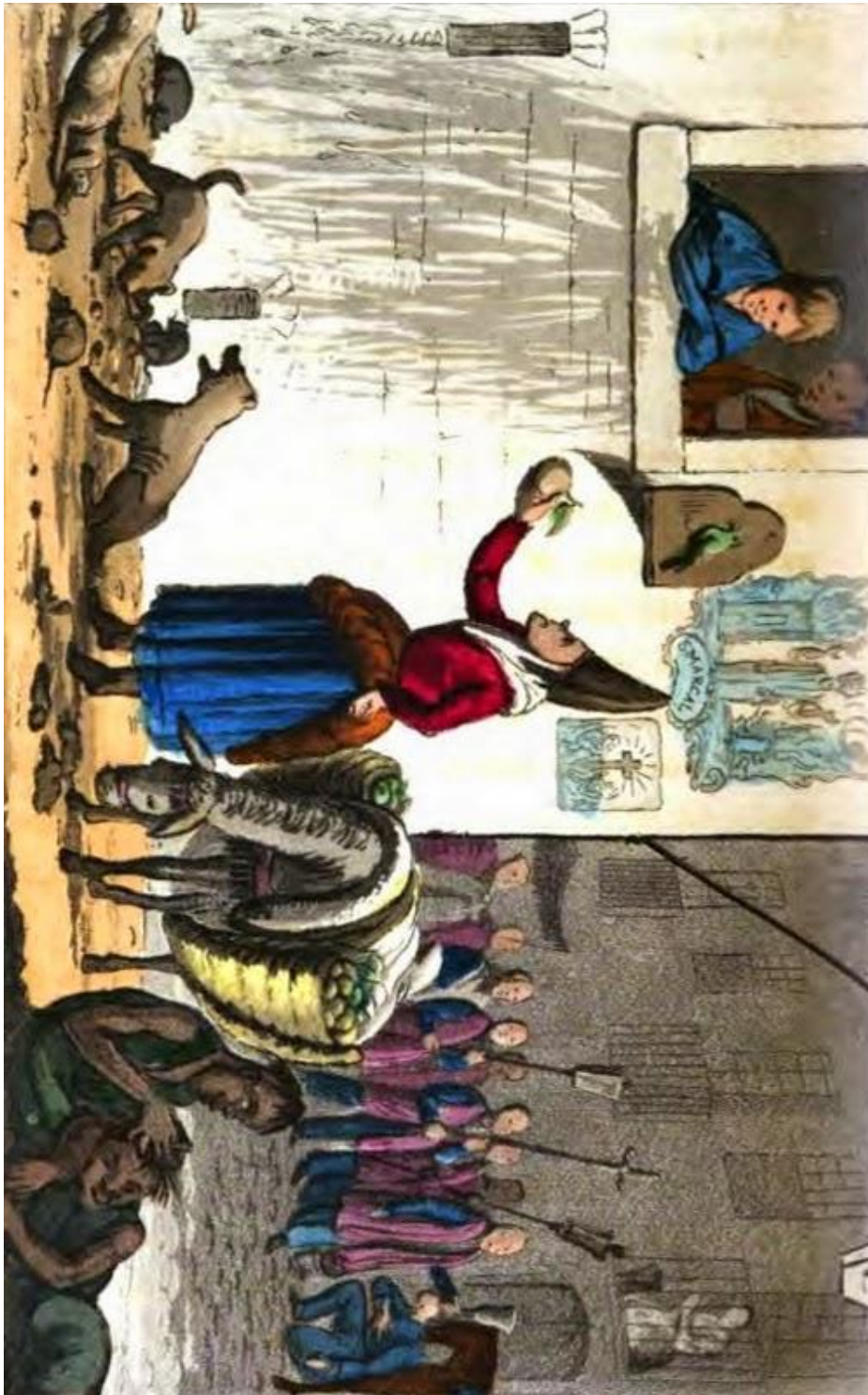




78

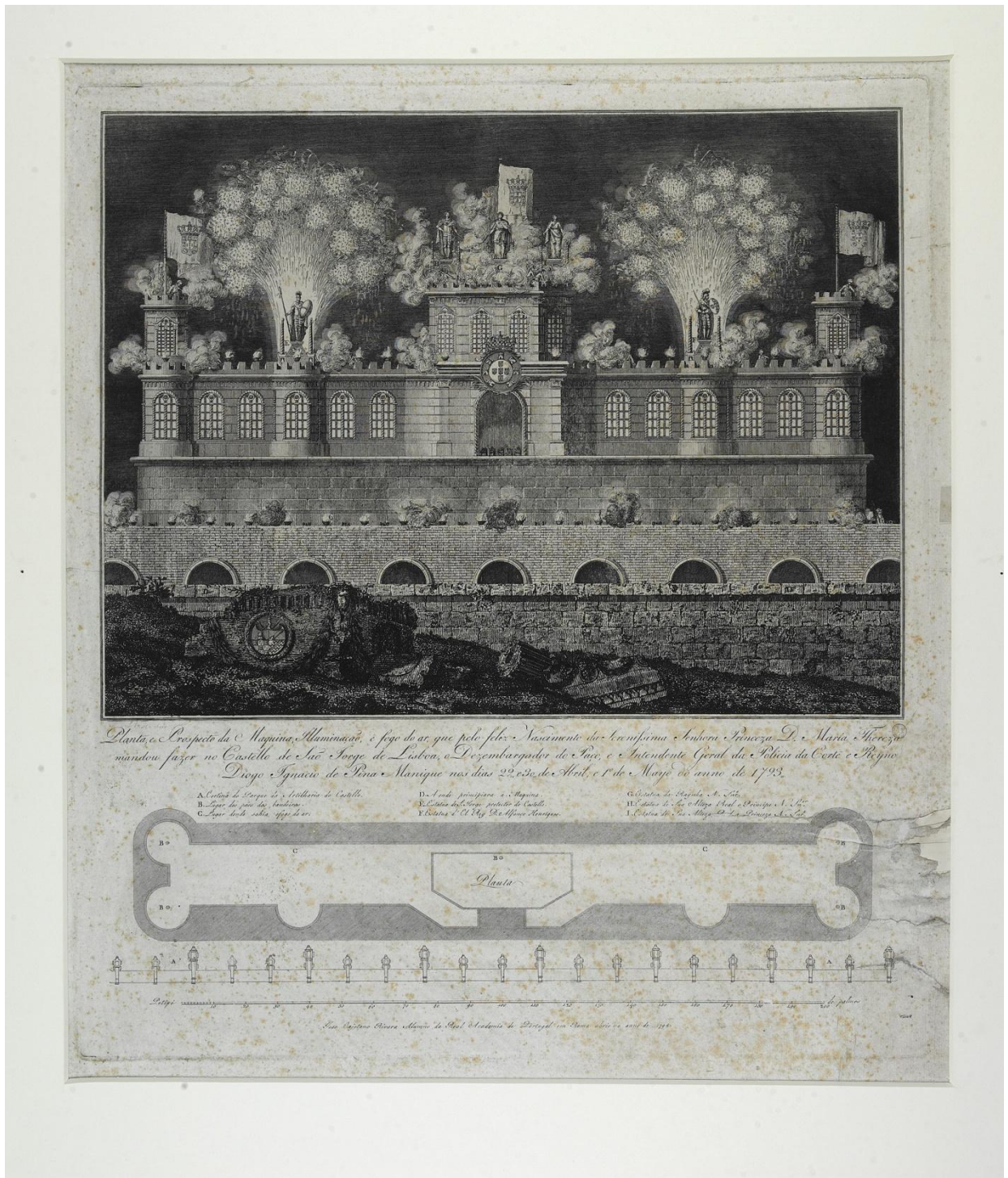
90

**Fig. 9:** *Botequim*, ilustração de Christiano, 1860. BNP.



**Fig.10:** Imagem retirada de A. P. D. G., *Sketches of Portuguese Life, manners, costume, and character*, illustrated by twenty coloured plates, London, printed for Geo. B. Whittaker, printed by R. Gilbert, St. Johnas Square, 1826, p. 316. BNP.

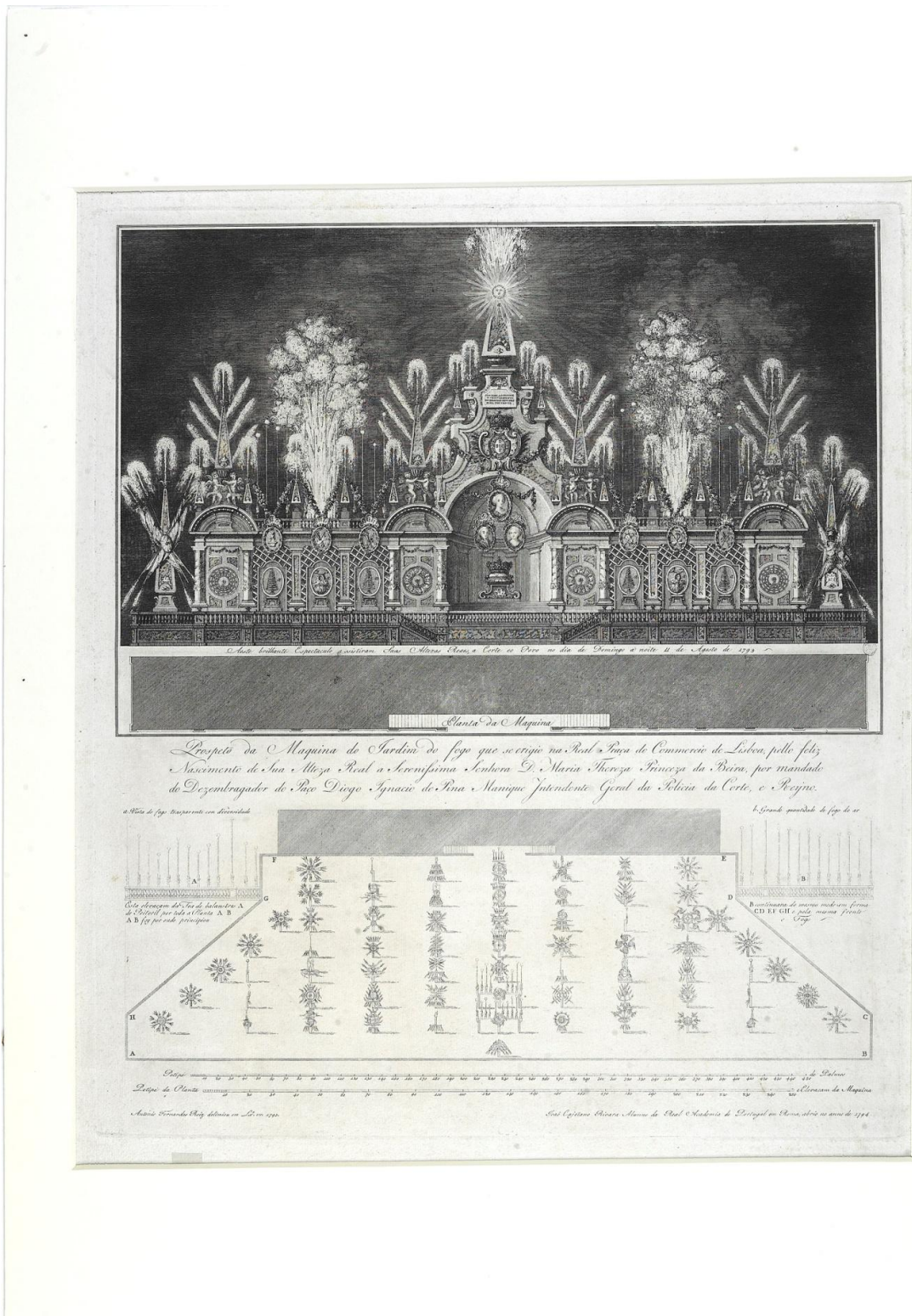




**Fig. 11:** Prospeto da Maquina do Jardim do fogo que se erigio na Real Paraça do Commercio de Lisboa, pello feliz Nascimento de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora D. Maria Thereza Princesa da Beira

Planta e Prospecto da Maquina Illuminacão e fogo do ar que pelo feliz Nascimento da Serenissima Senhora Princesa D. Maria Thereza mandou fazer no Castello de São Jorge de Lisboa o Desembargador do Paço e Intendente Geral da Policia da Corte e Reyno Diogo Ignacio Pina Manique nos dias 29 e 30 de Abril de Maio do anno de 1793. Autor: José Caytano Rivara. BNP.





**Fig. 12:** (Legenda) A este brilhante Espectaculo assistiram Suas Altezas Reais, a Corte e o Povo no dia de Domingo a noite 11 de Agosto de 1793.

Prospeto da Maquina do Jardim do fogo que se erigiu na Real Paraça do Commercio de Lisboa, pello feliz Nascimento de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora D. Maria Thereza Princesa da Beira, por mandado do Desembargador do Paço Diogo Ignacio de Pina Manique Intendente Geral da Policia da Corte e Reyno. Autor: José Cayetano Rivara.BNP.





*JOANNI Lusitanorum*  
*Hanc machina pyrotechnica pro celebratione*  
*FERDINANDI, et MARIE, in arca*  
*Hispanie dn. 1728.*  
*T. Andreas Hæveria, impress. Regie.*



*QUINTO, Regum Maximo,*  
*Nuptiarum Serenissimorum Principum*  
*Palatij constructa, descriptionem*  
*Sacrat.*  
*Ant. Quillard Regius Pictor et Scultor*

**Fig. 13:** *Júpiter no Capitólio.* Gravura a buril e água-forte. Autor: Pierre Antoine Quillard, 1701-1733. BNP.



S. G. 5789<sup>48</sup>

ACADEMIA DE NOITE  
N O  
COLLEGIO  
D A  
RUA DOS OURIVES DO OURO,  
N.º 253.

ABRE-SE A 6 DE OUTUBRO PROXIMO

PARA AS PESSOAS DE DIA OCCUPADAS APRENDEREM A ESCREVER o Character da letra Ingleza, lingua Franceza, Arithmetica, Cambios, &c. para o uzo do Commercio por Mestres Nacionaes, e Estrangeiros do mesmo Collégio. Na Classe do Francez haverão effectivamente duas horas de lição, durante as quaes não deixará de haver lição de Grammatica, e leitura, traducção do Francez em Portuguez, e do Portuguez em Francez, lição de escrever Cartas na dita lingua, e de fallar, a fim de que em breve tempo se possa aprender com perfeição o dito Idioma, não só a traduzir; mas tambem a escrever, e fallar.

ADVERTENCIA

NA DITA CASA DE EDUCAÇÃO SE CONTINUA A ACCEITAR MENINOS Pensionistas em Casa, e dão-se-lhes além dos Mestres já indicados para de noite, os de Inglez, Latim, Rhetorica, Filosofia, e Mathematica. Tambem se annuncia, que na mesma Casa se acceitão

COLLEGIAES EXTERNOS,

e se poderão estes applicar a qualquer dos Ramos aqui demonstrados, ou sómente á Escrita, e Arithmetica.

Os preços das pensões se farão vêr em huma lista no mesmo Collegio áquellas pessoas, que delle se quizerem aproveitar.

---

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

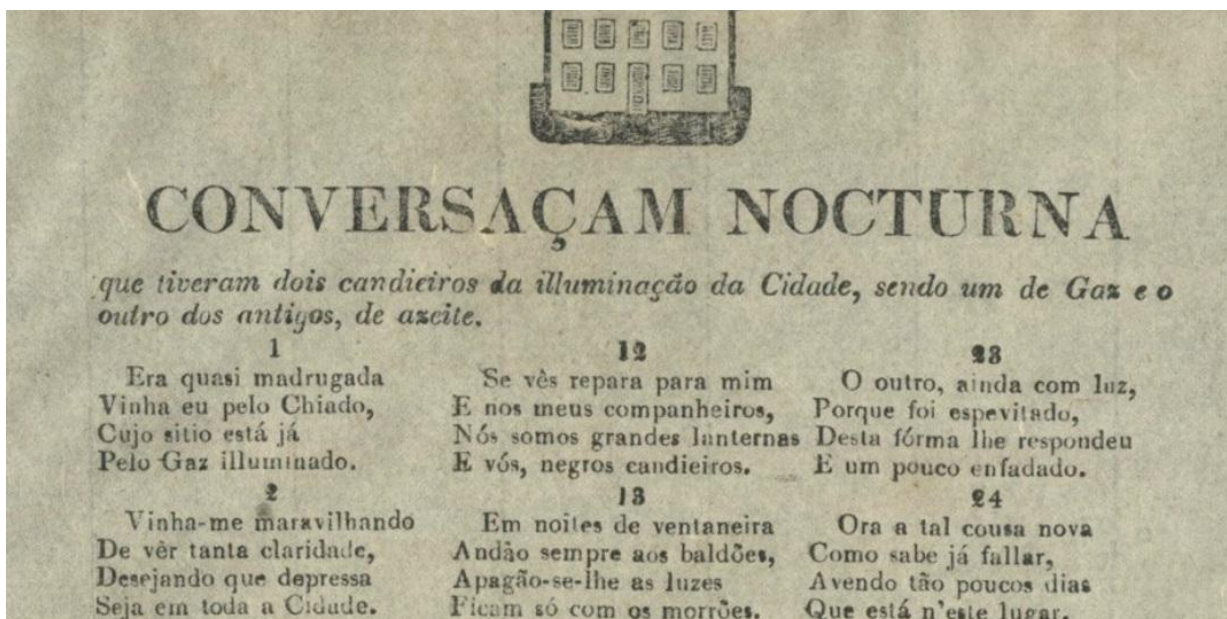
*Com licença da Meza do Dezembargo do Paço.*

**Fig. 14:** *Academia de Noite no Collegio da Rua dos Ourives do Ouro.* Cartaz, preto sobre papel azul claro. Impresso na na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, ca. 1820. BNP.



**Fig. 15:** *O Alimpador de Candeeiros ou Conversa que estes tiveram em uma das noites da semana passada, 1825 (Capa). BNP.*





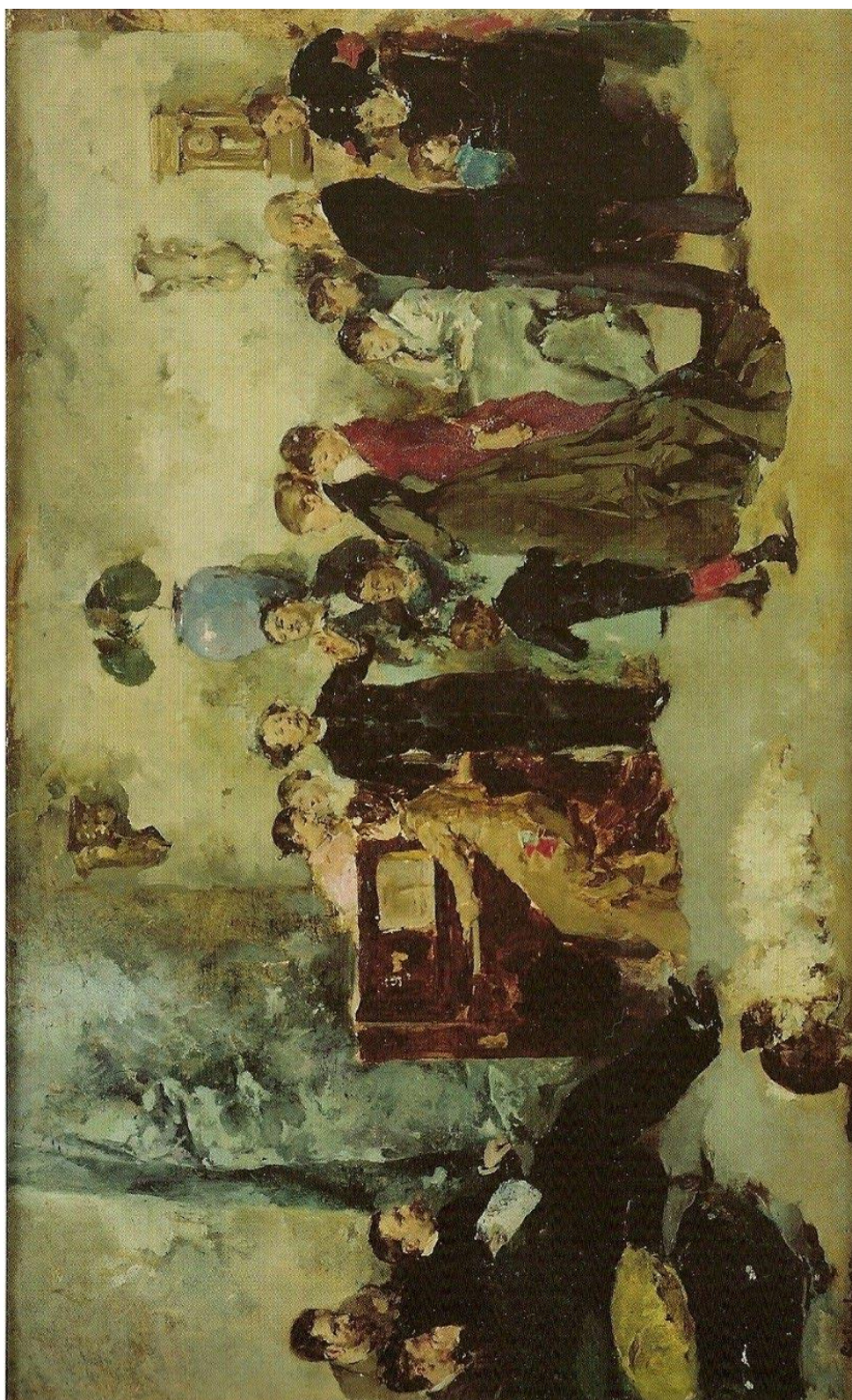
**Fig. 16:** *Conversaçon Nocturna que tiveram dois candieiros da illuminaçon da Cidade, sendo um de Gaz e o outro dos antigos, de azeite.*, 1851 (Folhetim). BNP.



O SERÃO. Quadro de Antonio Ramalho

**Fig. 17:** António Ramalho, “O Serão”, Reprodução em gravura do Sr. Caetano Alberto, distinto gravador da Revista *Occidente* (1895). BNP.





**Fig. 18:** Columbano Bordalo Pinheiro, *Sarau Literário*, 1880, Museu Nacional de Arte Contemporânea.



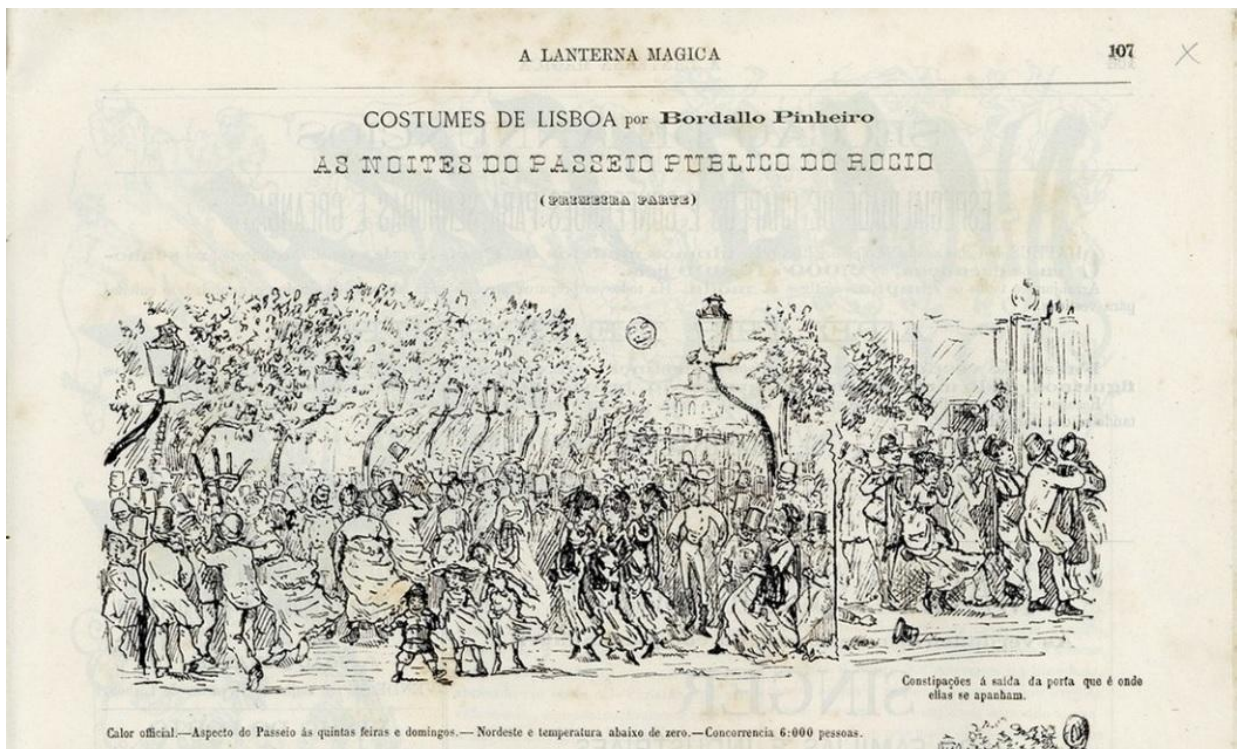


**Fig. 19:** Columbano Bordalo Pinheiro, *Soirée chez Lui*, 1882, Museu Nacional de Arte Contemporânea.

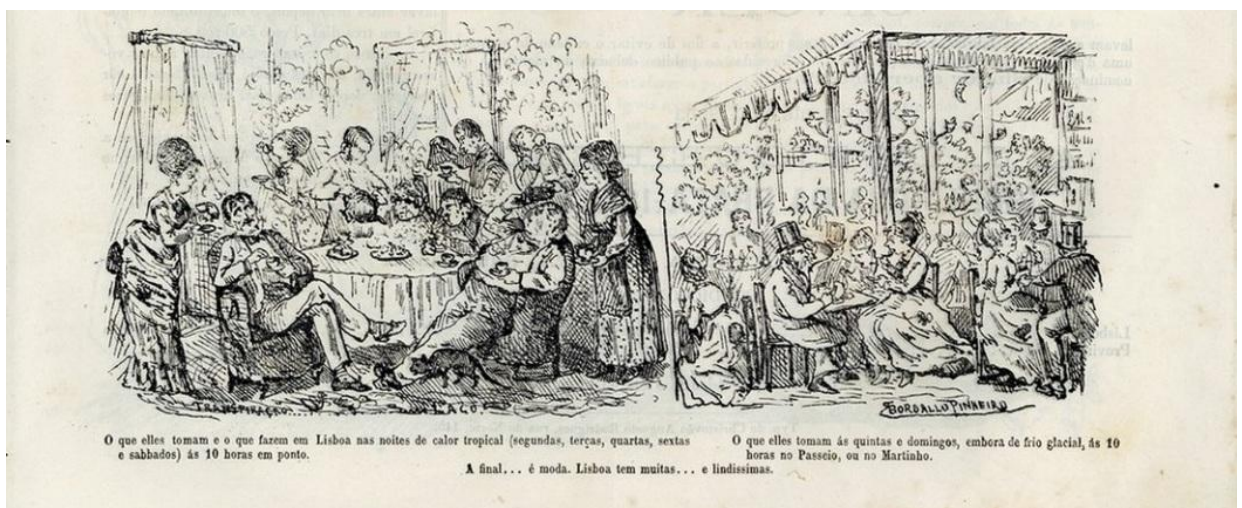


**Fig. 20:** Columbano Bordalo Pinheiro, *O Grupo do Leão*, 1880, Museu Nacional de Arte Contemporânea. Aqui Columbano retratou, sentados, da esquerda para a direita: Henrique Pinto, José Malhoa, João Vaz, Silva Porto, António Ramalho, Moura Girão, Rafael Bordalo Pinheiro e Rodrigues Vieira; e de pé, da esquerda para a direita: Ribeiro Cristino, Alberto d'Oliveira, o empregado de mesa Manuel Fidalgo, Columbano Bordalo Pinheiro, outro criado (Dias) ou o dono da Cervejaria, António Monteiro e Cipriano Martins.

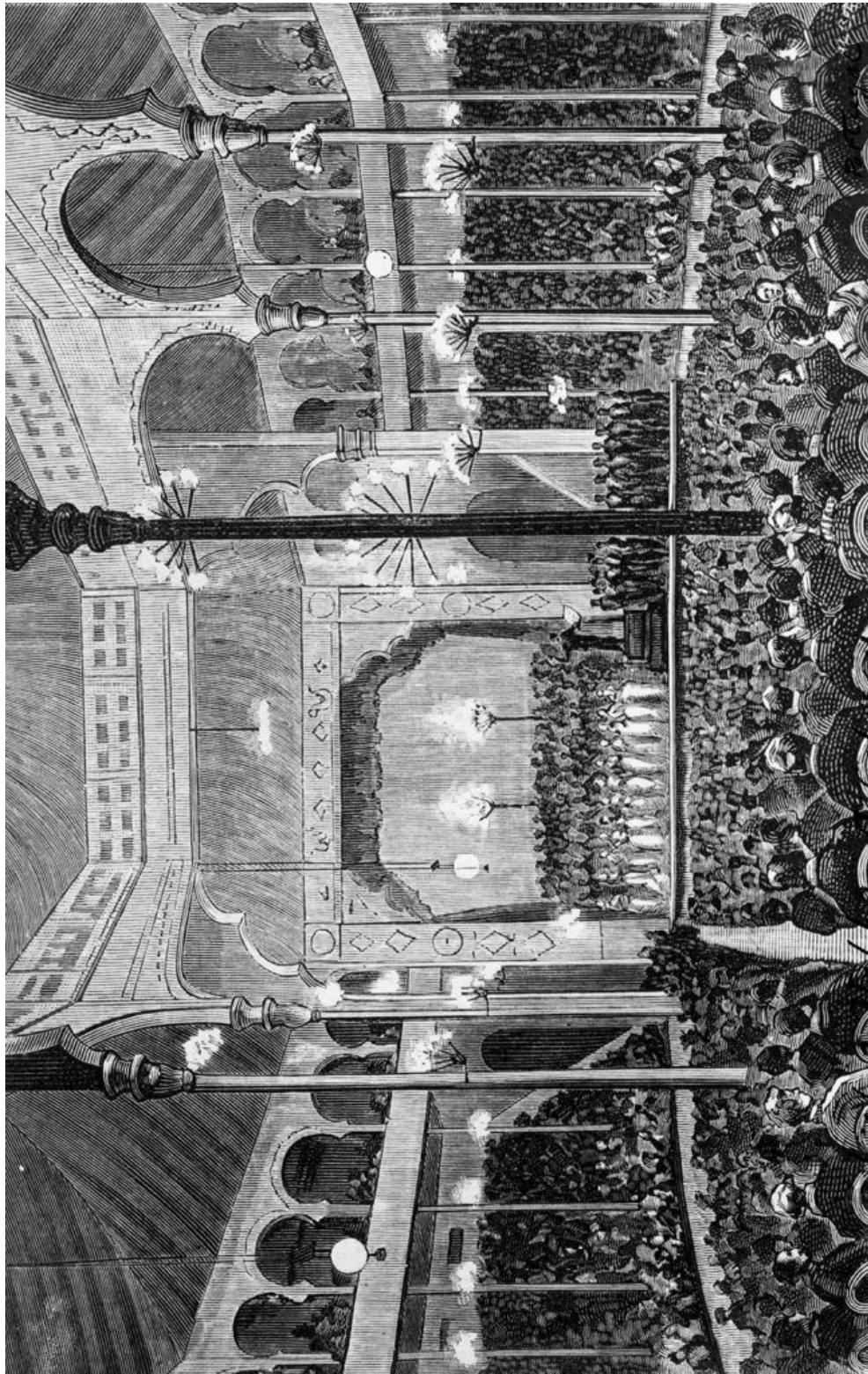




**Fig. 20a** – Ilustração do passeio público, por Rafael Bordalo Pinheiro, « in *Lanterna Mágica*, n.º20, 15 de Julho de 1875. Hemeroteca Digital.



**Fig. 20b** – Ilustração do passeio público, por Rafael Bordalo Pinheiro, « in *Lanterna Mágica*, n.º20, 15 de Julho de 1875. Hemeroteca Digital.



**Fig. 20c:** Circo Whyttoyne (apelido de um «palhaço», Henry, que trabalhara no Circo Price, ao Salitre), demolido em 1887 para construção da gare da Estação do Rossio.BNP.



## ANTIGOS COSTUMES PORTUGUEZES



A SERRAÇÃO DA VELHA (Esboço de Manuel de Macedo)

**Fig. 21:** *Serração da Velha*. A imagem, desenhada por Manuel Macedo, foi publicada na revista *O Occidente* n.º 8, de 15.4.1878. Hemeroteca Digital.





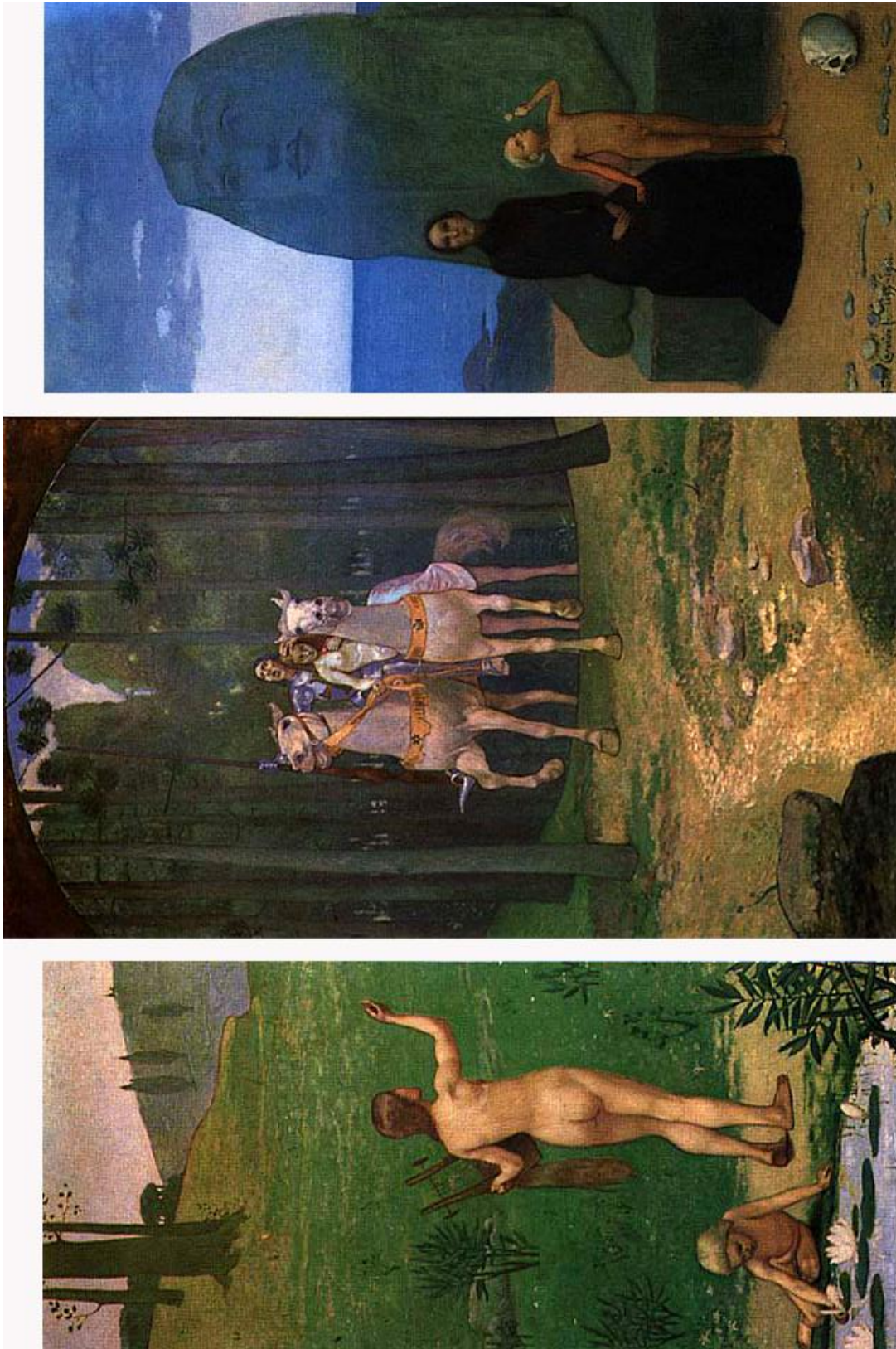
**Fig. 22:** José Malhoa, *Fado*, 1910, Museu de Lisboa - Palácio Pimenta.





**Fig. 23:** *Policia Civil e Guarda Nocturno, em Lisboa.* BNP.





**Fig. 24** – Antônio Carneiro, *Tríptico A Vida*, (1899-1901) composto pelas telas A Esperança, O Amor e A Saudade (da esquerda para a direita). Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão.





**Fig. 25:** Fotos da noite de 26 de Julho de 2014, tiradas por um dos astronautas a bordo da Estação Espacial Internacional (Expedição 40-NASA).



**Fig. 27.** Terra vista do espaço, 2008 (NASA).



## ANEXO II

### Iluminação pública em Lisboa Cronologia

Data	Descrição
1383 <i>12 de Dezembro</i>	<b>Carta régia de D. Fernando</b> em que manifesta a preocupação com a necessidade de “alomear as ruas do reino” por uma questão de segurança.
1689 <i>25 de Outubro</i>	<b>Decreto de D. Pedro II</b> a pedir parecer e medidas para a iluminação pública ao Senado, mas este recusa por falta de verba e “pertinência”.
1780 <i>17 de Dezembro</i>	<b>Inauguração da iluminação pública a azeite.</b> Pina Manique publica em Edital que no dia 17 de Dezembro desse ano (aniversário de D. Maria I) as ruas da capital serão iluminadas com 774 lâmpões de azeite.
1788	Existiam já só 718 candeeiros e alguns não acendiam por falta de combustível ou <b>vandalismo</b> .
1792 – 1801	<b>Interrupção da Iluminação Pública</b> fixa por “falta de financiamento de um serviço caro”, conforme palavras de Pina Manique.
1801	Decreto da Rainha D. Maria I a pedir ao Senado mais <b>policimento</b> e mais <b>iluminação</b> nas ruas devido a um aumento da criminalidade.
1801 <i>19 de Dezembro</i>	Extenso ofício de Pina Manique a D. Rodrigo de Sousa Coutinho a explicar o <b>problema da iluminação</b> em Lisboa e a dizer que tudo está tratado para o restabelecimento excepto a parte do dinheiro para comprar o azeite.
1802 <i>Janeiro</i>	A iluminação pública é não só restabelecida como aumentada e é também fundada a Guarda Real da Polícia.
1823	D. João VI pede novamente para entregar a iluminação e a limpeza à Intendência Geral da Polícia (os liberais haviam passado para a CML).
1824	Queixas de <b>roubos e insegurança</b> na maior parte das ruas da cidade (onde os candeeiros eram apagados bastante cedo) enquanto à porta dos

- ilustres da cidade eram mantidos acesos por mais tempo.
- 1825 Já existiam **2320 lampiões** de azeite na cidade. O Conde de Farrobo manda iluminar os jardins do seu palácio com 10 candeeiros a gás.
- 1834 **2784 lampiões**, mas que eram desligados em noites de luar, como sempre.
- 1834 Decreto a transferir novamente a responsabilidade da **iluminação para a CML**, uma vez que se preparava a extinção da IGP.  
*19 de Abril*
- 1835 Entabularam-se as primeiras **negociações para a iluminação a gás** nas ruas de Lisboa com Abel Dago e José Maria O'Neill
- 1838-1846 A CML recebe várias propostas de Companhias nacionais e estrangeiras para a iluminação a gás das ruas de Lisboa. D. Maria II abre, por decreto, um **curso para a apurar a companhia de gás** escolhida.
- 1848 É escolhida a empresa de Luís de Castro Guimarães e J. Detry – a **Companhia Lisbonense de Iluminação a Gaz**. Começam as obras para a instalação dos candeeiros.
- 1848 São acesos os primeiros 26 candeeiros a gás no Chiado, como **inauguração oficial**.  
*30 de Julho*
- 1851 Publicação do folhetim “**Notícia histórica acerca da iluminação da cidade de Lisboa**” por Francisco Ignácio dos Santos Cruz.
- 1860 Extinguem-se os **últimos candeeiros de azeite** nas ruas de Lisboa.
- 1860-1920 Populariza-se o **uso do petróleo** na iluminação, principalmente no uso doméstico.
- 1870 Início da **iluminação eléctrica** de forma **experimental**.
- 1878 São acesos **6 candeeiros de lâmpadas de arco tipo Jablochhoff**, na Cidadela de **Cascais**, por ocasião das festas de aniversário do príncipe D. Carlos.  
*28 de Setembro*
- 1878 O rei D. Luís oferece à CML os mesmos **6 candeeiros Jablochhoff** para inaugurar a iluminação eléctrica na cidade de **Lisboa**. Os candeeiros foram colocados na rua dos Mártires, no Chiado, no largo das Duas Igrejas e na varanda do hotel Gibraltar. Porém, não foi entretanto expandida por problemas com a Companhia Lisbonense de Iluminação a Gaz.  
*Outubro*

- 1887 **Fim do contrato com a Companhia Lisbonense e contratação da empresa belga S.A. d’Eclairage du Centre** (que no mesmo ano viria a mudar o nome para S.A. Gaz de Lisboa e a instalar a fábrica em Belém). A nova empresa promoveu imediatamente um aumento do número de candeeiros a gás espalhados pela cidade.
- 1889 **Inauguração efectiva da iluminação eléctrica** nas seguintes artérias lisboetas: Chiado, rua do Ouro, praças D. Pedro IV, do Município e dos Restauradores e na avenida da Liberdade. Apregoava-se o “fim da lamparina”.
- 1891 A nova Gaz de Lisboa absorve a antiga Companhia Lisbonense e formam a **CRGE - Companhias Reunidas Gaz e Electricidade**, que se encarregam pelo desenvolvimento das instalações eléctricas na cidade de Lisboa tanto a nível público como particular.
- 1924 A iluminação **deixa de obedecer ao ciclo lunar**, ou seja, deixa de ser regra apagar os candeeiros em noites de lua cheia.
- 1965 São “apagados” os **últimos candeeiros a gás** de Lisboa.





## ANEXO III

### Glossário da noite

---

**Anoitecer** - *v.* **1** *int.* fazer-se noite; quando a noite está a chegar ou a cair **2** *int., por ext.* Estar ou encontrar-se em certo local, ao cair da noite **3** *t.d., fig.* cobrir de trevas; ensombrar, escurecer **4** *s.m.* transição entre o entardecer e a noite; início da noite.

**Arrebol** - *s.m.* **1** cor avermelhada do crepúsculo **2** *p. met.* a hora em que o sol está a surgir ou a desaparecer no horizonte.

**Breu** - *s.m.* **1** *quím.* sólido escuro, inflamável, obtido a partir de secreções resinosas de várias plantas, esp. de coníferas (*Pinus palustris*, etc.), da destilação do alcatrão; breu de colofónia, colofónia, colofónio **2** betume artificial composto de sebo, pez, resina e outros ingredientes, usado pelos calafates para dar acabamento e cobrir as costuras do tabuado do navio **3** resina odorífera que exsuda do tronco de várias árvores da família das burseráceas **4** *p.ana.* escuridão ou coisa muito escura.

**Crepúsculo** – *s. m.* **1** Claridade suave que precede a escuridão da noite **2** Claridade suave que precede o clarão do dia **3** *fig.* Período que antecede o fim de algo.

**Escuridão** - *s.f.* **1** quantidade do que é escuro; ausência de luz **2** negrume, escuro **3** *fig.* tristeza ou melancolia profunda **4** *fig.* ausência de clareza, de limpidez, de perceptibilidade.

**Lua** - *s.f.* **1** *astro.* único satélite da Terra (inicial maiúscula) **2** *p.met.* face visível desse satélite vista da Terra **3** *p.met.* luminosidade nocturna desse satélite, decorrente do reflexo da luz do Sol **4** *astro.* satélite natural de qualquer planeta **5** *p.ana.* objeto que tem aspecto de Lua, especialmente nas fases cheia e crescente **6** espaço de um mês, contado de acordo com as fases da Lua **7** parte dianteira e arqueada da sela **8** cio dos animais **9** menstruação **10** *alq.* a prata.

**Luar** - *s.m.* **1** claridade da Lua que lhe provém, por reflexão, da luz solar **2** luminosidade fraca, difusa, efémera.

**Madrugada** - *s.m.* **1** acção de madrugar, de levantar-se cedo **2** a primeira aparição da luz do dia, a que se segue o nascer do Sol; alvorecer, alvorada **3** período de tempo compreendido entre as zero horas e o amanhecer **4 fig.** início de algo **5 fig.** capacidade de antepor-se ao tempo marcado; precocidade.

**Noctofobia** - *s.f. psicop.* medo mórbido da noite; horror à escuridão.

**Noctografia** - *s.f.* arte de escrever na escuridão, ou sem fazer uso da vista.

**Noctambulação** - *s.f.* **1** acção de andar ou passear à noite **1.1** comportamento de sonâmbulo **2** diversão, à noite, fora de casa.

**Nocticolor** - *adj.* da cor da noite; escuro, negro.

**Noctifloro** - *adj.* cujas flores se abrem à noite.

**Noctígeno** - *adj.* que traz a noite, as trevas, as sombras; noctífero, noctígero.

**Noctilúcio** - *adj.* que brilha à noite.

**Noctívago** - *adj. s.m.* **1** que ou aquele que anda ou vagueia à noite **2** que ou que tem hábitos de vida nocturnos **2.1** que ou quem aprecia a noite, a vida nocturna, frequentando lugares que oferecem serviços, divertimentos, neste período do dia.

**Noctivisão** - *adj.* que vê um objeto tornado invisível pela escuridão, nevoeiro.

**Noctívolo** - *adj.* que voa à noite.

**Nocturnal** - *adj.* **1** relativo, pertencente ou próprio de noite; nocturno **2** realizado à noite; nocturno **3 fig.** triste, macambúzio, taciturno.

**Nocturno** - *adj.* **1** referente ou próprio da noite; nocturnal **2** que acontece ou ocorre durante a noite; nocturnal **3** *zoo.* que desempenha a maior parte da sua actividade durante a noite **4** noctívago **5** *litur.* momento do ofício divino da noite que se compõe de salmos e lições; composição ou cântico para esta subsecção das matinais **6** *mús.* composição vocal ou instrumental de cunho melancólico destinado às serenatas, em voga no século XVIII **7** *mús.* composição vocal breve, para duas ou mais vozes, com influência da romança **8** *mús.* composição instrumental, geralmente para piano, de carácter programático, sem forma definida **9** *mús.* espécie de poema sinfónico que revive no século XX a essência das serenatas setecentistas **10** avião, comboio ou autocarro nocturno.

**Noitada** - *s.f.* **1** espaço de tempo de uma noite; noite **2** divertimento que dura toda a noite ou que termina muito tarde, geralmente com consumo de bebidas e comidas; noite **3** trabalho nocturno **4** hospedagem para passar a noite; pernoita, dormida.

**Noite** - *s.f.* **1** tempo que transcorre entre o ocaso e o nascer do sol [Nas regiões terrestres situadas no Equador, a noite vai das 18 horas do dia anterior até as 6h do dia seguinte, o que, noutras latitudes, só ocorre nos equinócios.] **2** horário em que está escuro, por falta da luz solar, e em que geralmente as pessoas descansam ou dormem **3** *p.ext.* ausência de claridade; escuridão, trevas **4** *p.metf.* estado de dor, desesperança; tristeza, melancolia **5** *fig.* falta da visão; cegueira **6** *p.metf.* ignorância, obscurantismo **7** vida nocturna, especialmente as actividades ligadas ao entretenimento que funcionam à noite **8** *rel.* a vigília de um santo, na véspera do seu dia.

**Noitibó** - *s.m.* **1** *ornit.* designação comum a vários géneros de aves de hábitos nocturnos. **2** *p.ana.* indivíduo que costuma caminhar à noite, que sai à noite, noctívago, noctâmbulo **3** *p.ext.* pessoa pouco sociável.

**Obscurantismo** - *s.m.* **1** Estado do que se encontra na escuridão, do que não tem luz ou claridade **2** Estado de completa ignorância, de falta de instrução ou visão esclarecida **3** Doutrina que consiste na oposição a que o esclarecimento, o conhecimento, a instrução sejam acessíveis às classes populares **4** Doutrina política de

oposição ao desenvolvimento, ao progresso intelectual e material, considerado perigoso para a sociedade.

**Obscuro** - *adj.* **1** Que tem falta de luz, de claridade; que é pouco iluminado **2** Que não é luminoso ou que emite pouco brilho; que não é claro ou vivo **3** Que se compreende mal, com dificuldade; que tem falta de clareza, que é pouco explícito **4** Que se distingue com dificuldade; que tem falta de nitidez **5** Que não é visível, que está escondido; que não se tem conhecimento.

**Ocaso** - *s. m.* **1** Desaparecimento do Sol ou de outro astro ao sair do horizonte **2** Ocidente; poente **3 fig.** Decadência **4** Termo, fim **5** Morte.

**Sombrio** - *adj.* **1** cheio de sombras, não exposto ao sol; sombroso, umbroso **2** sombroso, umbrífero **3** pouco iluminado **4** em que há já nuvens pesadas, céu escuro **5** *p.ana.* de tom puxado ao cinzento ou ao negro; escuro **6** *p.metf.* Que denota ou acompanha desgraça, infelicidade; tenebroso, fúnebre, lúgubre **7** *p.metf.* Sem leveza e alegria; severo, taciturno, carrancudo **8** *p.metf.* que revela intenções más, criminosas; sinistro, torpe, condenável **9** *p.metf.* sem perspectiva de final feliz; desanimador, desconsolador, desesperante **10** *p.metf.* que lida com os aspectos menos alegres da natureza humana, com pesados dramas psicológicos **11** *s.m.* lugar cheio de sombras, não exposto ao sol.

**Sonambulismo** - *s.m.* **1** *psicop* fenómeno que ocorre com algumas pessoas, que se levantam a dormir, caminham, falam e realizam algumas actividades durante o sono, e geralmente não se recordam disso quando despertam; noctambulação **2** *p.ext.* maneira de ser daquele que parece agir mecanicamente, sem consciência do que faz e das razões por que faz **3** *psic.* estado induzido por hipnose que apresenta certas semelhanças exteriores com o sonambulismo.

**Treva** - *s.f.* **1** total ausência de luz; escuridão **2** *fig.* falta de conhecimento; ignorância por falta de estudo ou esclarecimento **3** *fig.* o castigo do inferno **4** *p.metf. litur.cat.* o período da Semana Santa que inclui a quarta, a quinta, e a Sexta-Feira da Paixão **5** *p.met. litur.cat.* conjunto das cerimónias religiosas que celebram esse período.

### **Referências bibliográficas:**

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001.

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2007.

José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols., Lisboa, Livros Horizonte, 2003.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), ferramenta em linha, disponível em <https://www.priberam.pt/DLPO/>.

Destacamos em seguida, devido à quantidade assinalável de vocábulos não encontrados nos dicionários actuais, a recolha feita em:

**José Pedro Machado (Coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Volume VII*, Lisboa, Amigos do Livro Editores, 1981.**

**Noctidiurno**, *adj.* Que compreende a sequência de dia e noite.

**Noctífilo**, *adj.* Que gosta da noite ou das trevas.

**Noctígeno**, *adj.* Que espalha sombras, que produz trevas.

**Noctígero**, *adj.* O mesmo que *Noctígeno*

**Noctígrafo**, *s. m.* Pessoa que escreve à noite.

**Noctilaborar**, *v. int.* Trabalhar à noite.

**Noctilúcio**, *adj.* Diz-se dos corpos que luzem ou brilham de noite. | *S. m. Zool.* Protozoário fosforescente dos que formam a ardentia marítima.

**Noctiluco**, *adj.* Diz-se das flores que só se abrem de noite. | Nome específico aplicado a várias espécies de animais que têm a propriedade de espalhar, na obscuridade, uma claridade fosforescente.

**Noctiluz**, *s. m.* O m. q. pirilampo.

**Noctiluzir**, *v. intr.* Luzir, brilhar de noite.

**Noctivagante**, *adj. e s. 2 gén.* O m. q. noctívago.

**Noctivisão**, *s. f.* Fís. Forma de televisão em que o emprego dos raios infravermelhos possibilita a percepção da imagem de objecto tornado invisível pela escuridão, nevoeiro, etc.

**Noctógrafo**, *s. m.* Instrumento que permitia escrever às escuras, inventado em fins do séc. XVIII, e que era usado pelos cegos.

**Nóctua**, *s. f.* Nome dado por certos naturalistas a um género de aves nocturnas cujo tipo é a coruja.

**Nóctula**, *s. f. Zool.* Género de morcegos da Europa, Ásia e África.

**Nocturnal**, *adj. 2 gén.* Relativo à noite, escuro, envolto em trevas; o m. q. nocturno. | *S. m. Liturg.* Ofício de noite; matinas.

**Nocturnância**, *s. f.* Des. Espaço da noite em que ela é mais escura.

**Nocturnizar**, *v. intr.* Passar a noite. Tornar nocturno.

**Nocturno**, *adj.* (do lat. *nocturnu-*). Relativo ou pertencente à noite; próprio da noite. | Que aparece ou chega durante a noite; noctívago. | Que está acordado de noite e dorme de dia. | Cujas vida activa começa de noite. | Que só se abre de noite; noctifloro. | *S. m.* Parte do ofício divino que se compõe de certo número de salmos e lições. | Forma de composição musical, de carácter meditativo e vago, de um devaneio. | *Bras.* Comboio que circula de noite. | *S. m. Zool.* Nome de uma das secções de aves de rapina, a que pertencem a coruja, o mocho e o bufo. Antiga descrição de insectos lepidópteros. | *Liturg.* Dá-se o nome de nocturno (subentendendo canto ou curso) a cada uma das três partes de que constam as Matinas do Ofício divino e que correspondem às três primeiras vigílias da noite, observadas em Roma na rendição das sentinelas. | *Mús.* Género de música que, no século XVIII, tinha uma significação idêntica à da serenata, peça instrumental executada ao ar livre, de noite, nos jardins senhoriais; no séc. XIX, deu-se, primeiro, o nome de nocturno a pequenos trechos de canto para duas vozes, análogos à romança, e, mais tarde, a peças, em geral, para piano, de carácter lento e melancólico.

**Noite**, *s. f.* (do lat. *nocte*). O espaço de tempo entre o crepúsculo da tarde e o alvorecer da manhã; espaço de tempo em que o Sol está abaixo do horizonte. | A escuridão que reina desde o escurecer até ao romper da aurora; trevas; cerração; obscuridade; escuridão. | A véspera ou vigília de um santo. | *Fig.* Mistério. | Ignorância | Incerteza | Tristeza, sofrimento. | *Alta noite, a alta noite, por alta noite*, a hora adiantada da noite, por noite velha, a desoras. | *Boa noite!* Forma de saudação que se dá, à noite, à chegada, à despedida, ou quando se passa por alguém. Também se usa no pl.: *Boas noites!* Neste caso também se emprega exclamativamente para despedir importunos ou para rematar uma controvérsia. | *De noite*, durante a noite. | *Já de noite*, depois de ter cessado o crepúsculo da noite; depois de anoitecer, mas ainda não tarde. | *Nem de dia nem de noite*, nunca. | *Noite e dia* ou *de noite e de dia*, incessantemente, sem descanso, sem interrupção. | Também se exprime o mesmo pensamento transpondo os termos noite e dia. | *Noite cerrada*, noite completa sem restos de luz do dia depois do crepúsculo vespertino. | *Noite de estrelas*, noite em que o céu está límpido, sem nuvens e por isso se vêem luzir as estrelas. | *Noite de festa*, no Brasil, o m. q. noite de Natal. | *Noite de luar*, noite em que a lua está acima do horizonte e alumia a Terra. | Noite desabrida, noite

tempestuosa, noite tormentosa. | *Noite dos tempos*, os tempos remotos, os tempos muito afastados, a idade muito recuada, de que temos noções vagas e raras. | *Noite eterna*, a morte, a vida do Além, a eternidade. | *Noite fechada*, o m. q. noite cerrada. | *Noite morta*, hora adiantada da noite, o m. q. noite velha. | *Noite tempestuosa*, noite em que há temporal, noite tormentosa, chuvosa, ventosa. | *Noite tenebrosa*, noite tempestuosa. | *Noite escura*, sem luar. | *Noite velha*, alta noite, hora adiantada da noite. | *À boca* ou *à boquinha da noite*, ao crepúsculo da tarde, ao anoitecer, ao escurecer: chegou à boca da noite. | *Alva noite*, noite de luar. | *A noite*, durante a noite. | *Loc. Adv. À noite*, às primeiras horas da noite, ao serão. | *A noite do túmulo* ou *a noite dos túmulos*, a noite eterna, a noite infernal, isto é, a morte, a habitação da morte. | *A paz da noite*, a tranquilidade, o sossego nocturno. | *A rainha da noite*, a Lua. | *Calada da noite*, período da noite em que tudo está silencioso; alta noite, noite velha. | *Cor da noite*, preto, negro, muito escuro. | *Fam. Fazer meia-noite*, dormir. | *Ant. Fazer a meia-noite*, cevar carne ou outra coisa que não se podia comer no dia que acabava nessa meia-noite. | *Fazer noite em algum lugar*, pernoitar nele ou passar lá a noite. | *Fazer-se noite*, anoitecer, vir a noite, escurecer. | *Ir alta a noite*, ser muito tarde. | *Levar a noite em alguma coisa*, passá-la. | *Meia-noite*, o ponto médio entre o pôr e o nascer do sol; zero horas, ou sinal indicado pelo relógio, quando a noite, pela hora solar, chega mais ou menos a esse ponto. | *Não deitar a noite fora*, estar em perigo de vida, estar na agonia, não dever chegar com vida ao dia seguinte. | *O astro da noite*, a Lua. | *O manto, o véu, as asas, a sombra da noite*, a escuridão nocturna. | *Os fachos ou os luzeiros da noite*, as estrelas. | *Passar a noite em branco* ou *em claro*, não adormecer durante toda a noite; também se diz passar a noite à vela. | *Uma boa noite*, aquela em que se dormiu bem. | *Uma noite*, certa, determinada noite. | *Uma noite má* ou *uma má noite*, aquela em que não se dorme nem descansa, em virtude de sofrimentos físicos ou morais. | *Obs.* Há a forma paralela *noute*.

**Noitinha**, *s. f.* O crepúsculo da tarde; o anoitecer. Usado na *loc. Adv. À noitinha*. | *Obs.* Há a forma paralela *noutinha*.





## ANEXO IV

### Documentos Transcritos

---

#### **Documento 1 – Lei de Criação dos Quadrilheiros para a Cidade de Lisboa** (12 de Setembro de 1383)

Fonte: *Elementos para a História do Município de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tomo V, Lisboa, 1891, pp. 407-409.

Dom Fernando, pella graça de Deus, Rey de Portugal e do Algarve, a vós juizes, vereadores, homens bons da cidade de Lixboa, saude. Sabede que Alvaro Gonçalvez, vedor da nossa fazenda, nos disse que elle falara comvosco, da nossa parte, em como nos fora dito que em essa cidade se faziam muitos furtos e mortes de homens, assy de dia como de noyte, e outros males e forças e roubos, e que nós mandávamos que olhassedes de poer hi tal Regimento que se refreassem os homens de fazer esses males; e que os que os fezessem [h]ouvessem escarmento com jostiça, em guisa que fosse eixemplo tal, porque se cabidassem os mãos de fazer o que faziom; e que nós, a conprir o nosso mandado, acordarades que era bem de poermos por meirinhos, para prender e apoderar os que mal fezessem e quisessem fazer, a Esteuão Vasques e Afomso Furtado, escudeiros, nossos vassalos e vossos vezynhos, e que lhes mandássemos que de dia e de noyte andassem com seus homens por a dita cidade, e com elles o nosso alcaide pequeno e os nossos homens. E se parassem por as partes da cidade e andassem por ella, e olhassem que se algum quisesse fazer algum alevantamento ou peleja, ou outro algum malaficio, que fosse logo por eles, ou cada hum deles, preso e apoderado e entreg[u]e à jostiça, para lhy das ascarmento, qual coubesse segundo o feito fosse; e que, outrossy, para se refrearem os males, e se saber os que os faziom, ordinarades que em cada hua freg[u]esia [h]ouvesse dois homens bons, que em cada hua somana enqueressem e soubessem que vyvenda faziom os que moram em cada hua freg[u]esia, e os que com elles colhiam, e de que fama eram, e se achassem alguns que não usavam de sy como deviom, e erom de má fama, que o veessem dizer em cada sábado os que assy achassem aos ditos meirinhos, em segredo, e que os ditos meirinhos os prendessem e trouvessem à

jostiça, para saberem o que assy deles acharam esses homens bons, e lhes darem tal escarmento, que vissem que conpria para escarmento dos outros; outrossy que ordynharades que os ditos homens bons das ditas freg[u]esias fizessem cada huns, em sua freg[u]esia, em as ruas que vissem conpria, teer candeas acesas por toda a noyte, em g[u]isa que as ruas fossem alomeadas, por que por esto os que mal fazem de noyte se cabidariam de andar por a cydade; e que, outrossy, em cada hua freg[u]esia, fossem postos, cada hua noyte, cynco homens, que olhassem, que os prendessem e os levassem à jostiça; outrossy que ordenardes que os quadrilheiros, que som postos por as ruas, teuessem prestes suas armas às portas, e que sse vissem volta por a villa ou a bradar por jostiça que saíssem logo, para apoderar os que mal fizeram; outrossy que ordenarades que às portas da cidade fossem cerradas em cada hua noyte, e que certos homens teuessem as chaves, e nom as abrissem senão de dia; e que se acontecesse que se fizesse algum maleficio de noyte, que logo fosse dito a esses, que as chaves teuerem, que nom abram essas portas sem mandado da jostiça, e se as teuessem abertas de noyte ou de dia que as cerrassem logo e as nom abrissem sem mandado, como dito hé.

E nós, veendo o que nos assy o dito Alvaro Gonçalvez disse que assy ordenarades, e olhando como era bem ordenado, e que por ello se pode refrear de se fazerem os males e se fazer jostiça aos que o fizeram, de que [h]avemos grande talante, porem [h]avemos por bem feito o que assy por nós foy ordenado, e mandamos aos nossos corregedores e juízes que som e forem em a dita cidade, que o façam assy conprir e guardar por a guisa que dito hé e que foy ordenado.

Ende os huns e os outros al nom façades. Dante em esta cidade de Lisboa, doze dias de Setembro; El-Rey o mandou por o dito Alvaro Gonçalvez, seu vassalo e vedor da sua fazenda. Afomso Perez a fez. Era de mil iiij e xxxj anos.

Livro II d'el Rei D. Fernando, fl. 42.

---

## **Documento 2 - Instituição dos Quadrilheiros Municipais (15 de Março de 1521).**

Fonte: *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título LIV.

Dos Quadrilheiros

Em todas as Cidades, e Villas, e Lugares, e seus Termos [h]averá Quadrilheiros, pera que melhor se prendam os malfeitores, e se evitem os malefícios.

1. E pera se fazerem os ditos Quadrilheiros se ajuntaram em Camara os Juizes, e Vereadores, e teram em huu rol todos os moradores da dita Cidade, Villa, ou Lugar, e seu Termo, a cada vinte moradores que [h]ajam de servir em quadrilha, que mais vezinhos estiverem, ordenaram huu Quadrilheiro, que pera elle mais auto, e pertencente lhe parecer; e feitos assi os ditos Quadrilheiros, ficarm escriptos no livro da Camara polo Escrivam della, pera servirem três annos com a quadrilha, que lhe assi for ordenada.
2. E será dado juramento em Camara aos que assi forem ordenados por Quadrilheiros, que bem e verdadeiramente cumpram o Regimento nesta Ordenaçam conteúdo. E acabados os tres annos ordenaram outros Quadrilheiros na maneira sobredita; e se durando os ditos tres annos falecer cada huu dos ditos Quadrilheiros, ou se absentar de ausência perlongada, os mesmos Juizes, e Vereadores faram outro em seu lugar, que acabe de servir os ditos tres annos, ou até o outro vir, quando for feito por sua ausência perlongada.
3. Item cada Quadrilheiro terá vinte homens de sua quadrilha, os quaes lhe seram dados em rol ao tempo que receber juramento, e o treslado do dito rol ficará na Camara pera se saber os que lhe foram ordenados; e seram obrigados todas as ditas vinte pessoas a terem continuamente lança de desoito palmas pera cima, ou ao menos mea lança boa; e nom a tendo paguará cincoenta reaes pera o Meirinho que o acusar.
4. E os moradores dos Termos, e Terras chans trazeram consigo continuamente lança, ou mea lança; e posto que em seus serviços andem, hi as teram, pera tanto que ouvirem alguu apelido, ou os chamar o Quadrilheiro, poderem loguo dahi hir onde lhe for mandado, ou comprir por Nosso serviço, e bem de Justiça; e quem for achado sem as ditas armas, pague por cada vez cincoenta reaes pera o dito Meirinho.

5. Item será cada Quadrilheiro muito diligente em saber pera sua enformaçam, sem sobre isso tirar inquiriçam, se em sua quadrilha se fazem alguus furtos, ou outros crimes, e quaes sam as pessoas que nisso tem culpa, pera quando por hi vier o Corregedor lho fazerem saber, e assi o faram saber ao Juiz pera fazer aquello, que por bem de Nossas Ordenações podem, e devem fazer.
6. Outro si seram muito deligentes em saberem, se em suas quadrilhas andam aluus homens vadios, ou de má fama, ou alguus estrangeiros, e loguo lhes tomem conta do que hi fazem; e nom lhes dando elles algua justa, e verdadeira razam, per que tenham causa de hi andarem, os prendam, e levem ao Juiz antes de serem metidos na Cadea, o qual Juiz lhe tomará conta de quem sam, e do que hi fazem, e achando-os em culpa os prendam, e façam deles justiça com apellaçam, e agravo; e dando o tal homem algua razam per que pareça claramente que tem necessidade de estar na Terra, o Juiz lhe mande que em certo tempo, que lhe parecer que abastará, acabe o que hi tiver pera fazer, sob pena de seer preso; e sendo mais despois achado, passado o termo que lhe o Juiz der, os ditos Quadrilheiros o prendam, leuem ao Juiz como dito he. E qualquer Quadrilheiro, que em sua quadrilha consentir andar as semelhantes pessoas, sem comprirem o que lhes aqui he mandado, encorreram em pena de trezentos reaes para o Meirinho, ou Alcaide, e alem disso se a tal pessoas vadia, ou estrangeira fezer alguu furto, ou dano a algua pessoa, o dit Quadrilheiro com os de sua quadrilha, que consentirem antre si andar a tal pessoa, paguará à parte danificada o dano que receber.
7. Item pera melhor execução da Justiça, e os malfeitores, e homiziados nom andarem pola Terra, os Juizes tanto que os Tabaliães lhes derem os roles dos culpados, os daram a cada Quadrilheiro, huu rol dos que devem seer presos, o qual lhes entreguará perante huu Tabeliam, e os ditos Quadrilheiros faram de maneira, que se cada huu dos ditos culpados (que lhes os Juizes derem em rol) andar em sua quadrilha; o prendam, lançando loguo onde quer que o virem apelido, dizendo *Prender Foam da parte D'el Rei Nosso Senhor*; à qual vós sahiram loguo todos os de sua quadrilha, e de quadrilha em quadrilha o siguam até seer preso; sob pena daquelle Quadrilheiro, ou quadrilha, per cuja culpa, mingoa o tal homeziado deixar de seer preso, paguarem à parte danificada o que lhe paguará o dito homeziado se fora preso, e além disso o Quadrilheiro, que em sua quadrilha deixar andar algua pessoa das que lhe forem dadas em rol,

- encorreram em pena de quinhentos reaes pera o Meirinho, ou Alcaide que o acusar.
8. Item seram os ditos Quadrilheiros, e homens de suas quadrilhas muito deligentes em acudirem às voltas, e arroidos com suas armas, e faramk de maneira que prendam os culpados; e se loguo nos arroidos os nom poderem prender, corram após elles com apelido no modo sobredito de huma quadrilha em outra até serem presos; e deixando os culpados de serem presos por sua mingoa, seram obriguados pagar à parte danificada o dano que receberam e poderam [h]auer do malfeitor se fora preso; e além desto o Quadrilheiro que nom acudir aos arroidos paguará cem reaes, e as outras pessoas da sua quadrilha paguaram cada huu cincoenta reaes pera o Meirinho, ou Alcaide que os acusar.
  9. Item sendo caso, que seguindo alguu Quadrilheiro alguu homeziado pera o prender, e elle se acolher a casa de alguu poderoso o dito Quadrilheiro lhe requererá que lho entregue, ou lho deixe buscar em suas casas, e nom querendo lho haja por preso em suas mãos e tendo hi Tabeliam faça de todo auto, e nom tendo Tabeliam tome de todo testemunhas, e loguo ante que torne a sua casa se vá ao Juiz da terra, o qual Juiz fará de todo auto, e procederá por elle a lhe seer entregue o dito malfeitor segundo fórma da Ordenaçam, ou envie o dito auto ao Corregedor da Comarca, o qual Corregedor guardará acerca dello a dita Ordenaçam. E este requerimento (aos poderosos em [h]aver-lhe por presos os malfeitores em suas mãos) nom faram os Quadrilheiros, salvo onde nom esteuer Juiz; porque onde esteuer Juiz, loguo poder seer chamado, o dito Juiz fará o dito requerimento e guardará a forma das Ordenações.
  10. E sendo a pessoa onde se o dito malfeitor acolher pessoa ecclesiastica, e nom o querendo entregar, nem consentir que as casas se lhe busquem, por esse feito será suspenso de qualquer jurisdição que tener [a]té Nossa Mercê.
  11. Item porque somos informado que alguus dos ditos Prelados trazem consigo, e acolhem em os Cotos de seus Mosteiros os malfeitores, nom esguardando como lhe já foi defeso per Nosso Mandado, nem olhando o que devem a Nosso serviço, e sua honestidade, Queremos que tanto que os Juizes, ou Quadrilheiros souberem que alguu malfeitor se acolhe em casa dos ditos Priores, e dom Abades lhe diguam e requeiram que os lancem fora, notificando-lhe como sam omeziados; e tendo-os elles mais, ou trazendo-os consigo, façam disso auto, e o

enviem ao Corregedor, o qual procederá contra elles a suspensam da dita Jurisdiçam, como dito he.

12. E este requerimento se lhes nom fará quando o tal omeziado tiver cometido o crime, per que merece seer preso no Coto do dito Moesteiro; porque em tal caso pela mais obrigaçam em que os ditos Dom Abades, e Piores estam, de os nom acolherem, nem empararem, nom se lhes fará requerimento, que os lancem fora mas prende-los-am em suas casas, se o poderem fazer sem se seguir cousa contra Nosso serviço; e em outra maneira façam auto, e o enviem ao dito Corregedor.
  13. E os Corregedores pelos Lugares onde andarem, ou estiverem, saberam com deligencia, se os Quadrilheiros cumprem este Regimento, e procedam contra os que acharem em culpa.
-

### **Documento 3 – Lei sobre a proibição de lançar fogo-de-artifício.**

Fonte: *Ley porque V. M. há por bem prohibir se não fação nem se mandem fazer ou lançar Foguetes, Rodas, ou outra qualquer invenção de fogo, cõ as penas nella declaradas, como assima se declara*, Typographia Real, 1689.

DOM PEDRO por graça de Deos Rey de Portugal, & dos Algarves da quem & dalem mar, em Africa Senhor da Guine, & da Conquista, Navegação, Comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, & da India, & c. Faço saber a vòs que eu passei ora huma Ley por mim assinada, & passada por minha Chancellaria: da qual o treslado he o seguinte.

Dom Pedro por graça de Deos Rey de Portugal & dos Algarves da quem & dalem mar, em Africa Senhor da Guine, & da Conquista, Navegação, Comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, & da India, & c. Faço saber aos q esta minha Ley virem, que eu fui servido mandar publicar outra em três de Agosto de seiscētos, & oitenta, & nove, de teor seguinte: Tendo cõsideraçã a se haver publicado no anno de seiscētos, & quarēta, & hũ, hũ Alvará, em q se prohibiaõ as Festas de Foguetes, Rodas & Arvores, & outros artificios de fogo, em que se fazia grande despeza de pólvora nos fogos que se ordenavaõ, & faziaõ nas festas, que se celebravam nesta cidade de Lisboa, & em todos os meus reynos, & Senhorios; & dos grandes incêndios, & riscos que com esta occasiaõ tẽ sucedido, & q a observância deste Alvará pela diuturnidade do tempo se hia quebrantando; & mandando considerar de novo esta matéria com os do meu Conselho: Hey por bem, & mando, que daqui em diante se não use de nenhuns fogos de pólvora nas festas dos Santos, nem em outras festas, & occasioens que haja, & que nehuma pessoa de qualquer qualidade q seja, mãde fazer os taes fogos, nem os fação, nem os laneçem, sob as penas, que as pessoas que forem compreendidas nesta Ley, seraõ condenadas em degredo por três anos para Angola com baraço, & pregaõ, & em vinte cruzados: e as pessoas de mayor qualidade em que não couber esta condemnação, seraõ degradados por dois annos para Africa, & em duzentos Cruzados: as quaes pennas pecuniárias, humas, & outras, seraõ metade para os Captivos, & outra metade para quem accusar. E porque nesta Ley se não declarou que este caso era de devaçã: Hey por bem declarar o seja, & que os julgadores serã obrigados a tirallas ao menos de oito testemunhas, & que não passaraõ de doze, & que esta Ley comprehenderá geralmente aos feitores que fizeram os Foguetes, & as pessoas que os mandarem fazer, & as que os

lançarem, ainda que sejam menores de dez the quatorze annos; & que as pessoas que fizerem os ditos Foguetes, ou outra qualquer espécie, ou género de fogo com pólvora, ainda que sejaõ estallos em papeis, seraõ condenados em cinco annos de degredo no Brasil, & em vinte mil reis para Captivos, & denunciantes: & as pessoas q os mãdarem fazer, sendo nobres, quatro annos de degredo para Africa, & duzentos Cruzados; & sendo plebeis, cinco annos de Africa & vinte mil reis de condemnação: & os que os lançarem, sendo nobres, a mesma pena, & sendo plebeos, tenhaõ também a mesma pena com distincão de nobres, ou plebeos: & os que forem menores de dez tè quatorze annos, seraõ presos na cadea publica, onde estaraõ vinte dias sê remissaõ: & de quatorze annos athe vinte seraõ as penas a arbítrio. E para que assim se execute, & guarde inviolavelmente; mando a todos os Corregedores, Ouvidores, Juizes, & mais pessoas dos meus Reynos, & Senhorios, cumpram, guardem, & executem esta Ley sem exceção de pessoa alguma. E para que com a antiguidade do tempo se não possa allegar ignorância, & venha à noticia de todos; mando ao Doutor João de Roxas e Azevedo, do meu Conselho, Chanceller mòr do Reyno, a faça publicar na Chancellaria, & enviar o treslado della sob meu sello, & seu sinal, às Comarcas do Reyno, para assim o terem entendido, & se executar; & se registará nos livros do Desembargo do Paço, Casa da Supplicação, & Relação do Porto, aonde semelhãtes Leys se costumaõ registrar. Francisco de Siqueira a fez em Lisboa a vinte, & nove de Julho de seiscentos,& e noventa, & cinco. Francisco Galvão a fez escrever. REY.

---



#### **Documento 4 – Poema setecentista sobre uma escaramuça nocturna.**

Fonte: *Relação sobre a malícia da corte e seus nacionais. Pertencentes a estas possoas que são Galegos, Lacayos, Areeyros Taverneiros Tendeiros, e os Cortadoures de Açougue, etc.* 1753.

Fazem tal escaramuça  
ajuntando-se huns com outros,  
qual outra roda de potros,  
ás patadas.  
Buscaõ logo os camaradas,  
Patriotas, e amigos,  
Pois, que são aqui antigos,  
Os ensinem.  
E para que elles atinem,  
Os levaõ logo a taverna,  
E lhe acendem á lanterna,  
De Deos Bacco.

---

**Documento 5 - Lei onde se determina a criação do cargo de Intendente Geral da Polícia da Corte e dos Reinos (25 de Junho de 1760).**

Fonte: *Colecção das Leys, Decretos, e Alvarás que compreende o feliz reinado del Rey Fidelissimo D. Joze o I Nosso Senhor...* Tomo I, 1790.

Eu El Rey. Faço saber aos que este Alvará com força de Ley virem, que dictando a razão, e tendo-se manifestado por huma longa, e decisiva experiência, que a Justiça contenciosa e a Policia da Corte, e do Reino, são entre si incompatíveis, que cada huma dellas pela sua vastidão se faz quasi inacessível às forças de hum só Magistrado: Havendo resultado da união de ambas em huma só Pessoa a falta de observância de tantas, e tão santas Leys, como são as que os Senhores Reys Meus Predecessores, [...] que parecerão competentes; e dando-lhes as Instrucções mais sábias, e mais uteis para cohibirem, e acautelarem os insultos, e mortes violentas, com que a tranquillidade publica era perturbada pelos vadios, e facinorosos; sem que contudo se pudessem até agora conseguir os uteis, e desejados fins, a que se applicavam os meios das sobreditas Leys; por não haver um Magistrado distincto, que privativamente empregasse toda a sua applicação, actividade, e zelo a esta importantíssima matéria; promovendo a execução daquelas saudáveis Leys, e applicando todo o cuidado a evitar desde os seus princípios, e causas os damnos, que se pertenderão acautelar em benefício público.

[...]

E por quanto não há cousa que seja mais própria do meu Regio; e Paternal cuidado, do que fazer gostar aos meus fiéis Vassallos aquelles uteis, e saudáveis frutos; de sorte que cada hum delles possa viver à sombra das minhas Leys, seguro na sua casa e pessoa: Conservando-me com os exemplos do que ao dito respeito se tem praticado nas referidas Cortes mais polidas, e com o parecer dos Ministros do meu Conselho, e Desembargo, que ouvi sobre esta matéria: Sou servido ordenar o seguinte.

Hei por bem crear hum lugar de Intendente Geral da Policia da Corte, e do Reino, com ampla, e ilimitada jurisdicção na matéria da mesma Policia sobre todos os Ministros Criminaes, e Civis para a elle recorrerem, e delle receberem as ordens nos casos

ocorrentes; dando-lhe parte de tudo o que pertencer à tranquilidade publica; e cumprindo inviolavelmente seus mandados, na maneira abaixo declarada.

[...]

4. Ficarão debaixo da Inspeção do mesmo Intendente Geral todos os Crimes de armas prohibidas, insultos, conventículos, sedições, ferimentos, latrocínios, mortes; e bem assim todos os mais delictos, cujo conhecimento por minhas Ordenações, e Leys Extravagantes, pertence aos Corregedores, e Juizes do Crime dos Bairros de Lisboa: Para promover aos ditos Corregedores, e Juizes do Crime a cumprirem summaria, e diligentemente com as suas obrigações, preparando os Processos, e defferindo às Partes, ou remetendo os Autos para a Caza da Supplicação, nos cazos em que assim o deverem fazer na forma abaixo declarada.

[...]

6. Cada hum dos Ministros dos respectivos Bairros terá hum livro de registo, ou matricula em que descreva todos os moradores do seu Bairro, com exacta declaração do officio, modo de viver, ou subsistência de cada hum delles: Tirando informações particulares, quando for necessário, para alcançar um perfeito conhecimento dos homens ociosos e libertinos, que habitarem no districto da sua Jurisdicção: E fazendo delles separado registo no fim da matricula assima ordenada.

7. Os mesmos respectivos Ministros entregarão ao Intendente Geral da Policia as copias dos registos assima ordenados: Escrevendo particularmente da sua própria letra as declarações das pessoas suspeitas, que não forem manifestamente nocivas à tranquilidade publica, pela boa razão, que concorre, para serem guardadas em segredo estas informações até se concluir a verdade, ou insubsistencia dellas, sem prejuizo de terceiro, que seja attendivel.

8. Nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, e condição que seja, poderá allugar cazas a homens vadios, mal procedidos, jogadores de Officio, aos que não tiverem modo de viver conhecido, ou aos que forem de costumes escandalosos; sobpena de perder o valor do alluguer das cazas de hum anno, pela primeira vez; e de pagar pela segunda vez da Cadeia, o tresdobro a favor de quem denunciar. Na mesma pena incorrerão as que alugarem debaixo do seu nome cazas para introduzirem nellas algum dos sobreditos

Inquilinos do procedimento reprovado, ou dellas lhe fizerem cessão, ou recolherem na sua companhia.

[...]

11. Todas as pessoas de qualquer qualidade, estado, e condição, ou sejam Nacionaes, ou Estrangeiras, que vierem à minha Corte, e Cidade de Lisboa, serão obrigadas a apresentar-se ou annunciar-se no termo de vinte e quatro horas, ao Ministro Criminal do Bairro para onde vierem assistir: declarando-lhes os seus nomes; e profissões; o lugar donde vem; o lugar por onde entrarão neste Reino; o tempo da sua entrada; e o número, e qualidade das pessoas da sua comitiva: Para que o referido Ministro participe logo tudo por escrito ao Intendente Geral: E isto sob pena de que as pessoas, que não fizerem a sobredita apresentação, ou annunciação, dentro no referido termo, serão mandadas sahir da mesma Corte no espaço de outras vinte e quatro horas, não havendo outra razão, que as sujeite a maior procedimento.

12. Semelhantemente todos os Estalajadeiros, Taverneiros, Vendedeiros, ou outras quaesquer pessoas, que allojarem nas suas Cazas de pasto, Estallagens, Tavernas, ou Vendas, alguma, ou algumas pessoas Nacionaes ou Estrangeiras, serão obrigadas a fazer hum Diario dos que chegarem às sobreditas cazas, e nellas se houverem recolhido, no qual escreverão os nomes das mesmas pessoas, os lugares donde vem, as suas profissões, o numero, e qualidade das pessoas das suas comitivas, e das que forem vizitar os referidos adventicios: Entregando de tudo huma relação diaria ao Ministro Criminal do Bairro; para participar ao Intendente Geral: E continuando em tratar nella das vizitas, de cada hum dos referidos adventicios em quanto o dito Ministro Criminal do Bairro lhe não mandar suspender as sobreditas declarações: Sob pena, de que não o executando assim em parte, ou em todo, lhe serão fechadas as Cazas de pasto, Estallagens, Tavernas, e Vendas; ficando inhabilitados para abrirem outras; alem de serem responsaveis por todo o damno que fizerem as pessoas, cujas declarações houverem sido omittidas, ou affectadas por cada hum dos sobreditos.

13. Os mestres dos Navios Nacionaes, ou Estrangeiros, que entrarem de Barra em fóra no porto de Lisboa, serão obrigados a declarar na Torre do Registo o numero, qualidade, e profissão dos Passageiros que trouxerem, aos quaes não permitirão desembarcarem em quanto para isso não receberem ordem do Intendente Geral da Policia, ou de alguns Comissarios por elle deputados para esse effeito: Os quaes sobre a noticia de serem

chegados os sobreditos Passageiros, expedirão logo as ordens necessárias para virem à sua presença fazer as declarações abaixo ordendas para os que então pela via da Terra, e para serem ou recebidos no cazo de se legitimarem; ou mandados sahir do Reino nas mesmas embarcações que os trouxerem, no cazo de serem Vadios, e Vagabundos sem legitimação. O que se executará inviolavelmente sobpena de que os Mestres que deixarem desembarcar Passageiros, sem proceder à sobredita licença, serão prezos, e os seus Navios; e Embarcações embargadas até darem conta com entrega dos mesmos Passageiros. E succedendo occultallos ao tempo da entrada, serão castigados com a pena da confiscação do casco da Embarcação; mas de nenhuma sorte das fazendas por ella transportadas.

[...]

17. Para que estas uteis, e necessarias providencias tenham toda a sua devida execução: Estabeleço que toda, e qualquer pessoa particular, que for inspirada pelo zelo do bem commum, que resulta da extirpação dos Vagabundos, e homens ociozos sem legitimação, possa, livremente perguntar nas Villas e Lugares por onde passarem os Viandantes que se lhes fizerem suspeirosos, pelos Bilhetes de entrada, ou licenças de sahida: E que, não os apresentando os ditos Viandantes, possam os sobreditos particulares apreehendellos pela sua authoridade propria convocando a gente necessaria, e remetellos ao Magistrado mais vizinho, o qual os fará recolher na Cadeia para nella serem retidos em quanto se não legitimarem.

18. Tendo mostrado a experiencia dos perniciosos abuzos, que de muitos tempos a esta parte fizeram os Vadios, e os Facinorozos, das virtudes da caridade, e devoção muito louváveis nos meus fieis Vassallos, para nutrirem os vicios mais prejudiciaes ao socego publico e ao bem commum, que resulta sempre aos Estados, do honesto trabalho dos que vivem sem ociozidade: Estabeleço que em nenhuma caza pia, ou Mizericórdia deste Reino, se possa dar Carta de Guia a pessoa alguma, que não apresentar para isso Bilhete do Intendente Geral da Policia, com que se legitime: e que com as ditas Cartas de Guia, que se lhe passarem, sejam obrigados a trazer sempre o referido Bilhete para o apresentarem quando lhe for pedido: Sobpena de serem prezos, remettidos, e castigados como vadios, na fórmula assim declarada.

19. Porque os Pobres mendicos, quando pela sua idade, e forças corporaes podem servir o Reino, são a causa de muitas desordens, e o escandalo de todas as pessoas prudentes:

Excitando o que a respeito delles está determinado pelo Alvará de nove de Janeiro de mil e seiscentos quatro, e pelo meu Real Decreto de quatro de Novembro de mil setecentos e cincoenta e cinco: Mando, que nenhuma pessoa Nacional, ou Estrangeira, possa pedir esmolas nesta corte sem licença expressa do Intendente Geral da Policia, e nas outras Cidades, e Villas das Provincias, sem faculdade também expressa, e escrita dos respectivos Commissarios, que para este effeito deputar o mesmo Intendente. As sobreditas licenças, que se concederem às pessoas, que conforme a razão, e Direito pódem pedir esmolas, serão sempre concedidas por tempo de seis mezes até hum anno, que depois poderão ser prorogadas, se para isso concorrer justa causa; procedendo sempre para ellas certidão do Pároco da Freguezia onde viverem os sobreditos pobres, pela qual conste que se confessarão, e satisfizerão ao preceito da Igreja na Quaresma proxima precedente. E todas as pessoas, que forem achadas pelos Officiaes da Policia pedindo esmolas sem as ditas licenças por escrito, serão levadas nesta Corte perante o Intendente Geral da Policia, e nas Cidades das Provincias, perante os Commissarios constituídos nas Cabeças das Comarcas, os quaes ouvindo verbalmente os Réos, sem outra ordem, nem figura de Juízo, lhes imprão as penas estabelecidas pela referida Ley de nove de Janeiro de mil setecentos e cincoenta e cinco, fazendo-as executar na forma por elles ordenada. E porque entre os referidos Mendicos aquelles, que forem cégos, e impossibilitados para todo o trabalho, se fazem dignos da minha Real piedade, ordeno que o mesmo Intendente Geral faça formar huma relação delles em cada Freguezia pelos Ministros dos respectivos Bairros, para que Eu possa dar a este respeito a providencia necessaria.

---

## **Documento 6 – Instituição e Organização da Guarda Real da Policia, em 1801.**

Fonte: *Memorial de Official da Guarda Real da Policia de Lisboa*, Coordenado systematicamente por Joaquim Miguel de Andrade, Lisboa, Typografia de Antonio Rodrigues Galhardo, 1824.

Título I. §. I.º Instituição, e Organização progressiva.

A Guarda Real da Policia foi creada por Decreto de 10 de Dezembro de 1801 para vigiar a conservação da ordem, e tranquillidade publica na Cidade de Lisboa, e para guardar, pela forma, e maneira regulada no Plano da Creação annexo ao mesmo Decreto.

A Força desta Guarda na sua criação foi auxiliada por Patrulhas de Ronda dos Regimentos de Cavallaria, e Infantaria aquartelados na Cidade de Lisboa, conservadas permanentes todas as noites; subordinadas, logo que sahiaõ ao Comandante do Corpo para concorrerem ao importante fim da segurança da mesma Cidade, e obrarem em conformidade, do que pelo dito Commandante fosse disposto. Cada Individuo, que compunha estas Patrulhas era gratificado com 50 réis por cada noite.

Em attenção ao bom Serviço da Guarda Real da Policia, pelo qual se conseguiu a tranquillidade publica da Capital, e a utilidade da Real Fazenda, evitando-se os maiores descaminhos dos Reaes Direitos; foi ampliada a disposição do Decreto da sua Creação, em virtude de outro de 26 de Maio de 1802 relativamente á Força com hum aumento provisional, verificando o qual cessaria inteiramente o referido auxilio dos Regimentos aquartelados na Corte; assim como a gratificação, ou aumento de soldo, que por este respeito se lhes estava dando.

Correndo o anno de 1803, augmentou este Corpo com quatro Praças no Estado Maior; (...).

34.º As Patrulhas de noite faraõ melhor Serviço indo cada Soldado por seu lado da rua, que seguirem, ou em filla; ou ainda mesmo por cada rua, sendo ellas paralelas, para se juntarem no meio, ou no fim combinando-se por disposição dos Comandantes das Guardas para melhor surprehenderem os malévolos; cumprindo aos Commandantes das

Companhias respectivas ensinua-los em segredo de quaes saõ as ruas, que importa serem assim rondadas.

35.º Nos casos mencionados no Art. Precedente devem as Patrulhas evitar o serem percebidas pelos malévolos, que as espiaõ pela toada dos passos, pela brancura do correame, e pelo lustre do armamento; e as de cavalaria pelo tropel dos Cavallos, e tenido das Espadas, e correntes dos Cabrestillos quando as trazem; espreitando-as principalmente nos trãnsitos em sítios onde haja reflexo dos candieiros, ou raios de luz, que sahem das lojas, e casas; o que tudo he preciso acautelar-se. (pp. 57-58).

(...)

18.º Prender as Pessoas ociosas encontradas nas Ruas depois do toque do sino da Cidade, que vem a ser: ás dez horas desde o dia de Nossa Senhora dos Prazeres até o dia de Nossa Senhora da Luz; e no mais tempo às nove horas: e conduzi-las à cadeia; sendo Militares depois do toque a recolher sem licença do seu respectivo Commandante. O mesmo para as Tavernas, Botequins, Bilhares e casas publicas que as não fixarem quando acaba de tocar o sino da Cidade. (p.84)

(...)

56.º Vigiar a observância dos Editaes do Senado, de 27 de Maio, e 27 de Junho de 1803, para que sómente se despejem aguas fóra desde as 10 horas da noite até ás 5 da manhã, precedendo sempre as vozes do estilo (*agua-vai, por três vezes*); dando parte das infracções, em que declare com expressa mensaõ o dia, a hora, a Rua, número da porta, andar e quarto, (do lado direito ou esquerdo) e o nome do infractor, que será prevenido logo no acto da infracção, e nome do queixoso se o houver; a qual será entregue ao Almotacé da limpeza da Cidade do Bairro respectivo, dentro em 24 horas. (p. 100)

(...)



<i>Relação das Barreiras, e Cancellas da Capital</i>	
<p>Ponte de Alcantara*</p> <p>Necessidades</p> <p>S. Francisco de Borja</p> <p>Boa Morte</p> <p>Nuncio</p> <p>Campo d'Ourique</p> <p>Rua do Sol</p> <p>Rua das Aguas-Livres*</p> <p>Entre-muros</p> <p>S. Francisco Xavier</p> <p>S. Sebastião da Pedreira*</p> <p>Rêgo</p> <p>Arco do Cego*</p> <p>Largo do Leão</p> <p>Grande de Sacavém*</p> <p>Pequena de Sacavém</p> <p>Penha de França</p> <p>Estrada de Baixo</p> <p>Quinta dos Peixes</p> <p>Santa Apolonia*</p>	<p>Cada huma guarnecida por dois Guardas Barreiras, perfazem ao todo 54; os quaes tendo todos os mesmos vencimentos, usaõ dos distinctivos dos Postos, que d'antes occupavaõ.</p> <p>*São estas as seis Barreiras principaes, que se conservaõ efectivamente abertas, e guarnecidas por uma Guarda da Policia permanente.</p>
<p>Das Escadinhas de Santos</p> <p>Do Visconde d'Assêca</p> <p>De José António Pereira</p> <p>Do Conde de Obidos</p> <p>Da Pampulha</p> <p>Dos Fornos da Cal</p> <p>Da Caldeira d'Alcantara</p>	

**Documento 7 – O Alimpador dos Candeeiros ou a Conversa que estes tiveram em huma das noites da semana passada.**

Edição: Porto, 1825, Typ. á Praça de S. Tereza

1.º *Candeeiro*. – Sabes tu, ó meu colega, que a luz que espalhamos não tem servido para se acalmarem os acontecimentos desastrosos, que até agora se commettião nas trevas, e seja a prova disto o hirem daqui agora dous sujeitos de calças à Grega, e cabeça de Lambaz de limpar botes, cheios de ufanía, por terem logrado hum mestre Çapateiro, a quem pilharão (dizião com muita graça) os Botins que tinhao~ calçados, e isto com o suposto nome de hum freguez, a quem angariarão o moço, para que fosse pedir-lhe alguns pares para seu amo escolher, cousa que lhe servisse.

2.º *candeeiro*. – Nessas, e outras que taes ligeirezas dos alecantineiros, nada influem nas trévas, ou a luz, porque são caurins [?] que tanto se arranção de noite como de dia, o facto que há pouco eu aqui observei, comprova melhor a tua proposição; porém nisso não tem culpa quem se empenha em nos conservar. Não ouviste, haverá meia hora, para este lado seu barulho?

1.º *Candeeiro*. – Sim, ouvi; e o que era?

2.º *Candeeiro*. – Era huma Patrulha de Policia, e alguns Paizanos atraz de um sujeito, a quem apellidavão de ladrão, dizendo: *peguem, peguem*; e como o que corria já não o podia continuar a fazer, parou, e foi agarrado por hum Soldado, que lhe disse: Ah sú ladrão! Aonde está o Relogio que agora tirou áquelle homem, ao pé do Candeeiro da quina dos Caldeireiros? Eu... (lhe rosponde o sugeito) eu que venho, como V. m. vê, com este Rozario na mão, encommendo-me ao *Anjo da Guarda*! Ah! Sr. Camarada, olhe que se engana; eu não sou capaz disso! Não me engano, não Sr. (tornou o Soldado) logo que o roubado gritou: Ó da Guarda, peguem que he ladrão, vi que foi V. m. quem sahio do pé do homem, e nunca o perdi de vista até este momento, sem que para a esquerda, ou para a direita correse mais pessoa alguma. Pois meu bom Camarada (disse o meliante com voz mui terna) não observou que diane de mim hia hum vulto que não corria, voava; e que a ter havido esse roubo (desgraçada cousa!) não era outro o ladrão? Quer melhor desenganar-se? Faça favor de me apalpar, que não achará mais que hum lenço, e o livro das minhas devoções. Quem he que se queixa de mim? Apareça, e diga

se eu o roubei. Homem (acudio o Cabo da Patrulha) vossê parece sincero; mas o facto de fugir áquellas vozes, e á nossa diligencia, depõem contra a sua devoção. Para que se bispava, se era innocente? Ah Sr. Cabo d'Esquadra (continua o meliante) V. m não sabe como está o Mundo! Eu quando trago o rozário na mão, escondo-me, porque quanto mais me retiro do barulho, e me entretenho em rezar, mais velhaco me chamao~, e já prevenido por semelhantes insultos, apenas ouço vozes mal soantes, fujo do sitio, e he o mesmo que me aconteceu: vinha em minhas contemplaçoens, ouvi gritos, assustei-me, maquinalmente corri, até que parei, e V. m. comigo sem eu o prever. He por isso que sou ladrão?! Meu amigo (disse o Cabo) V. m ou he muito ladino, ou muito simplório, e como o roubado não está aqui para o reconhecer, valha-lhe a exterioridade que nos mostra; porém sempre o advirto, que estimarei quando patrulhar nunca mais o ver tão devoto.

Assim se foi a Patrulha, e a gente que acompanhava a função, ficando o tal amigo aqui parado e mudo; apenas porém teria a Tropa andado cincoenta passos, eis que se chega hum garoto, ainda rapaz, ao pé do Devoto fingido, e lhe diz: Então pôde escapar-se? Sim (lhe tornou o patife) e muito bem, e nem eu me azaranzava, por te ter passado o Relogio imediatamente, que he no que consiste a melhor manobra, por quanto sem hum confidente pouco se pode fazer. Diga-me (disse o garoto a rir-se) e o Rosario não servio de nada? O'lá se servio! Sel elle (continuou o ladrão) eu não poderia escudar-me tanto na innocência. Vamos pois para casa vêr o que terão feito o Torto e o Remela, e fujamos deste sitio que me hia sendo fatal.

Por isto verás, meu honrado vizinho (concluiu o candeeiro), como são os ladrões, e o que estudão para iludir.

*1.º Candeeiro.* – Com effeito; e mesmo á luz do nosso colega da quina he que se roubou o homem?! E com que capa se cobrio o velhaco! Neste caso temos dous crimes, o do furto, e o da Hypocrizia. Ah! Santo Deos, para quando guardais os raios da vossa vingança! Meu vizinho, por mais que se vigie e se faça, mais se previnem e estudão os vilhacos.

*3.º Candeeiro.* – O' Camarada do meu lado direito, que há por lá até agora?

2.º *Candeeiro*. – Houve um caso divertido, que acabo de contar ao meu vizinho, e que te contarei mais tarde, porque has de gostar... E tu tens pechincha que entretenha algum instante?

3.º *Candeeiro*. – Se tenho!... Tu bem sabes que este lugar por causa dos assentos he azado para bons sucessos. Ora ouve: chegarão aqui dous homens que pelo aspecto, traje, e circunspecção parecia-me que traziam a probidade, e a honra a seu mando, e quem os visse, e os não ouvisse confiava-lhe o melhor tesouro. Hum que era mais novo he o que principiou a falar. Mas como? Que disse! Ainda tenho horror! O Milhafre (rompeo ele) parece-me que me enganou Sr. ... (não lhe percebi o nome) porque há 3 mezes me não tem mandado mais do que 4 castiças de prata, e 2 cordões d'ouro, e não sei se 20 ou 22 colheres entre de chá, e de sopa: ora V. m. sabe que lhe puz fóra da Relação os 5 companheiros, que elle mais apreciava, e que melhor o servião nos lances da fortuna, que nisso gastei quasi tresentos mil reis, e he impossível que elle não tenha sido mais feliz, porque se não pode negar a sua habilidade, e as Igrejas roubadas são tantas, que será grande fatalidade o não lhe ter tocado alguma coisa. Eu estou á espera da Feira de.... E se me não apparece temos desordem. Meu vizinho (disso e o mais velho) he preciso ser menos fogo, e ter mais paciência, nem sempre os nossos mineiros são felizes; V. m. bem sabe que eu já me deixei disso; nmas enquanto lidei com esse negócio aconteciam-me casos extraordinários, passando-se, em ocasiões, 6 mezes sem nada vir, e depois em 15 dias vinha huma, duas, ou mais arrobas de Prata: O Milhafre não é mau homem, e quem sabe se terá por lá grossa remeça, e que a não possa mandar com segurança? Attenda bem a isto, e olhe que he mais interessado no segredo do que elle mesmo; porque, falemos sem rebuço, nós somos mais ladrões como receptadores, do que elles que se arriscão. Com que sossegue: ainda lhe digo mais, se lhe mandar pedir algum dinheiro não duvide mandar-lho, porque não o perderá. Eu...

Hia a dizer mais não sei o que, quando para o pé deles veio gente, e por isso mudarão de objecto que nada vem para o caso. E então que taes? Pois á primeira vista enganavão hum Santo.

2.º *Candeeiro*. – Apre que refinados ladrões! Que maldita peste da sociedade! O' Justiça! O' Leis! O' Forca! O'!...

3.º *Candeeiro*. – Não exclames, que he tempo perdido; a nós o que nos importa he divertirmo-nos com estas bagatelas. Muito se tem rido o colega defronte; acaso terá observado alguma tramoia?

2.º *Candeeiro*. – Eu chamo e veremos: ó resplandecente!

4.º *Candeeiro*. – Que he isso collega?

2.º *Candeeiro*. – Que rizadas tem sido essas? O nosso companheiro, que as tem ouvido, está admirado.

4.º *Candeeiro*. – He verdade que me tenho rido deveras, e quem não faria o mesmo? Achava-me aqui só, dando luz a quem a precisava, eis que pára ao clarão della hum homem com chapéu à piamonteza (da minha zanga) e nelle um plumacho, que era mais copado que os chorões da Quinta das Lágrimas, e ainda bem não tinha puxado pelo lenço para se limpar do suor, que bem se lhe conhecia, lhe appareceo huma velha a increpallo de causador da sua desgraça, e de ter um quadril derreado, e duas costelas quebradas. Senhor, (dizia a velha) leve o diabo os doze vinténs que me deo, e leve o diabo a V. m. já que me metteo em similhante trapalhada. Por que me não prevenio que na casa havia hum irmão da Senhora? Ai que nunca tal me aconteceu, apesar de ser velha no Officio, além de o ser também na idade! Mulher (lhe pergunta o sujeito) que he o que lhe aconteceu? Accaso soube-se... diga, descobrio-se... Ora por quem he explique-se para me tirar de cuidados. Sim, V. m. há de ter muitos (lhe diz a velha) visto estar são, e salvo; e eu que me leve o diabo. Maldita trapalhada que me hia custando a vida! He o caso, logo que recebi a sua carta dirigi-me à casa, escada, e porta da sala que me indicou, bati, e pedi a minha esmolinha, e como não visse pessoa alguma fingi um flato, deitei-me no pavimento, e entrei a estrebuchar, dando pancadas na porta da sala, a fim de pôr em prática todas as minhas habilidades; mas com este exercício cahio-me a carta no chão, a tempo que entrava o irmão da Menina (como depois sube), o qual apanhando-a, e vendo por ella o conteúdo da minha comissão ficou desesperado, lançou-me os olhos, e entrou a dar-me pontapés e bengaladas, que me puzerão neste miserável estado. Vossê sempre he velha de seiscentos diabos (lhe disse o do chorão) havião de a pôr em peor estado, já que não he capaz de desempenhar o de que se encarrega; E foi-se.

2.º *Candeeiro*. – Abençoado mancebo, nunca as mãos te doão: não é esse do rancho de muitos que não só embaração semelhantes correspondências, mas até as fumentão. E que tal he o militar? Há-de ser bom para a defesa da pátria, quando se entretém a dezencaminhar pessoas honradas; merecia que lhe fizessem o mesmo, que fizeram á sua corretora!

*Alimpador*. – Não podendo ouvir, no local em que me achava, se não aos já referidos mudei de sítio, e fui eu mesmo conversar com outros, que parece me estavam esperando para me contarem o que lhe tinha acontecido, e por isso apenas me vio o primeiro, que ficava só ao voltar de huma Rua, me entrou a dizer se já tinha perdido a vontade de escrever as suas conversações, como lhe tinha prometido;

[...]

Vieram aqui parar três Tafues que erão mesmo huns Adonis, calça branca, colete de bico na cintura, sobrecasacas que tinhão abaixo das verilhas hum palmo; dous com chapéos brancos, e hum com elle preto; mas d’abas esquisitas, suas luvas, gibatinha na mão, e todos elles que não lhe pouzava uma mosca. Se a sua figura se fazia recomendável a quem os via, como eu, muito mais o seria a sua palradella a quem como eu também a ouvisse: ora atende. – Agora, meu amigo, he que estamos pilhados (dizia hum) quem poderá escapar ao novo regulamento da Polícia? Elle vai ter connosco a toda a parte, e não nos deixa, estejamos em casa, na rua, ou em jornada; e por isso em vista delle, ou mudarmos de vida, ou cahir na cadea qualquer dia. Isso não vai mao (disse o Candeeiro), pelo que vejo temos tratantes. Ouve, ouve, que isto ainda não he nada, eu continúo. Mudar de vida (disse outro), e para qual, ou para que! Já agora eu não me sujeito a trabalhar, succeda o que succeder, esperemos a sorte que não será tão má quanto tu agouras. Não sabes que há mil recursos? Eu cá por mim compro huma dúzia de lenços de diversas qualidades, e ponho-me a belfurinho, e mesmo com este pé, como entro em muita casa, pode ser que traga, sahindo, mais do que levára: assim já posso alegar um modo de vida para o que vier de futuro. O’lá! Não lembras mal (disse o primeiro que havia fallado), e faz-me ocorrer a lembrança de também mandar fazer huma Tabuleta, e pôr nella e á minha janela – Dentista – Isto, depende de um ferro sobre huma meza, e da minha vontade, querer ou não querer tirar dentes a quem me procurar para isto. Vossés (disse o terceiro) crêm muito de leve. Com que não há mais que vender lenços, e tirar dentes! E as informações da vizinhança? E o aluguer da casa?

Isso, meu honrado amigo, nada vale e nada he (disse o primeiro) morar aqui 2 mezes, acolá 4, e em outra parte 6, he quanto se requer para se viver a coberto de tudo isso. Concedo, mas não no todo, porém passe (replicou o terceiro); mas o pagamento desse aluguel? Não sabes que ás vezes não pesamos huma de X? Não te afflijas antes de tempo (teimou o primeiro) isso não me dá cuidado, e agora que tenho de aprontar sete mil e duzentos pela minha agoa furtada, formo tenção de os não dar, e ainda receber dinheiro do Senhorio. Essa he nova (disse o segundo, que tinha estado mais em silêncio), e como será isso? Eu o digo (continuou): o meu Senhorio tem hum Macaco que ás vezes salta, e anda pelo telhado, e vai até ao meu cobiculo. Eu tenho já em casa, há dous dias, huma cazaca preta velha, e cheia de buracos, e quando elle vier pedir o aluguer, apresento-lhe a cazaca, dizendo que era do meu uso, que estava boa, e que vindo de fóra achára o seu Macaco engalfinhado nella, e que me deixou como lha apresento; que ella me servia como se fosse nova, e me poupava outra de 14\$400; por tanto requero-lhe que ma pague, e espero não lhe abater nada de 9\$600 rs., vindo assim a lucrar meia moeda. Bravo! Bravo! (disseram os dous) bem achada! Com que assim se arranja, e não faltam modos de viver. Nada, nada, eu não deixo a boa vida por cazo algum, e venha o que vier. – Isso é capaz de sensibilizar uma pedra (respondeo o mudo Candeeiro), e não te admires se eu fallar fóra do meu costume, e por ti criticado, chamando-me somnolento. Esses três, e muitos que há como elles, fazem masi estrago na Sociedade do que o fogo lavrando n'uma seara de pão, pois arruinão o crédito, e a honra de muitas Famílias, são a vergonha da probidade, e da boa fé, adorando só a rainha dos vícios que he a ociosidade. Aproveitão-se da sinceridade e da virtude, para iludirem e roubarem o sincero e o virtuoso. Nada lhe escapa, e basta vêr como já planizam para se subtrahirem às Leis, que nunca respeitão; atavião-se decentes com as resultas do vício, e andam nédios com o património do roubo e do engano. Nunca desejára saber de semelhantes cousas para não alterar o meu bom humor, e só me alegrarei e terei paz quando vir perseguidos os ladroens, os caurineiros, os ociosos, e os malvados sem que aem quartel em parte alguma. Porque não trabalhão? Olha o nosso Alimpador, para viver sem mancha no crédito, o que perde noutes, exposto ao frio, á chuva, e talvez a incommodos imprevistos, procurando mais a utilidade pública, que a sua mesma; a fim de que o bem-digão pela assiduidade de nos limpar o fumo, e ter em brilhante clarão as ruas da Cidade, mediante hum tenuo estipendio. Que honrado homem!!...

*Alimpador.* – Aqui não pude deixar de falar, e dar-me a conhecer exclamando:

*Que verdade disseste ó Candeeiro  
Que çujo trato! Que mizero dinheiro!*

Rirão-se os dous, e me disseram: vem cá, vem cá, que ainda não dissemos tudo; porém como era já quasi dia, reservei paa outra noite a continuação das conversas, e lhe disse um saudoso adeos.

FIM.

---



**Documento 8 – Conversação Nocturna que tiveram dois candieiros da  
illuminação da Cidade, sendo um de Gaz e o outro dos antigos, de azeite.**

Lisboa, 1848, Typografia de A. J. P. - Rua da Barroca n.º40.

---

1 Era quasi madrugada Vinha eu pelo Chiado, Cujo sitio está já Pelo Gaz illuminado.	10 Coitado, de ti tenho dó Tu disse não és culpado, O morrão é das torcidas Deves ser espevitado.	19 Tu estás enforcado, E's mesmo um tão-balalão, Eu estou posto em cima De um bem forjado varão.
2 Vinha-me maravilhando De vêr tanta claridade, Desejando que depressa Seja em toda a Cidade.	11 Pois estás com grande monco Nesses bicos de vergonha, Ora como tu és velho Já disse não tens vergonha.	20 Em te tirando d'ahi Só o podes esperar, E' que te mettão n'um canto Ou te mandem desmanchar.
3 Chegando ao Loreto Vi ao pé da Encarnação, Um candeeiro antigo Que me chamou a attenção.	12 Se vês repara para mim E nos meus companheiros, Nós somos grandes lanternas E vós, negros candieiros.	21 Os que já se teem tirado Não sei de que sirvão mais, Do que nos Cemiterios De lampedas sepulcraes.
4 Comparando aquella luz Com a outra sem torcida, Disse cá para comigo És muito amortecida.	13 Em noites de ventaneira Andão sempre aos baldões, Apagão-se-lhe as luzes Ficam só com os morrões.	22 Nisto eis que de repente O de Gaz se apagou, Pois que já era manhã E por isso se calou.
5 Sempre é grande invento O tal gaz carbónio, Ora estes estrangeiros Teem ideias do demónio!	14 Fazem tão grande fumaça Como a forja d'um ferreiro, Quem os tem ao pé de casa Tem um pestilento cheiro.	23 O outro, ainda com luz, Porque foi espevitado, Destas fórma lhe respondeu E um pouco enfadado.
6 Se fosse á um século Decerto que se diria, Que esta illuminação Era por feitiçaria.	15 Não sei como possa haver Mulheres, que se sujeitão A casar com teus serventes, Pelo máu cheiro que deitão.	24 Ora a tal cousa nova Como sabe já falar, Avendo tão poucos dias Que está n'este lugar.
7 Mas eu que sou deste tempo Não deixei de admirar, Ouvindo um candeeiro Com um outro a fallar.	16 Vê tu lá os que nos servem Se andam enfarruscados, Isto cá não faz mascarras Nem os deixa besuntados.	25 O idioma Portuguez Alguma cousa o vicia, Criado com estrangeiros Aprendeu o que ouvia.
8 O' de azeite de peixe Tu ainda estás ahi, Decerto não tens vergonha De estares defronte de mim.	17 Vosses é que dão bezunto, A menos par'a candeia, Mas de nós que hão de tirar? O fogo que se attea!	26 Sempre lhe vou responder Para não ficar atraz, Madama, está dormindo Já se lhe acabou o gaz?
9 Nos teus bicos que tens Não vejo mais que morrão, Serves ahi d'estafermo Dás um pálido clarão.	18 Precizas d'um bota-fogo, D'uma corda para descer. E nós emcarapitados Aqui nos veem acender.	27 Onde está esse clarão Com que tanto resplandeceu? Apagárão a fornalha Essa luz desapareceu

28

Eu lhe empresto um morrão  
Se ainda está accordada,  
Mas é preciso que venha  
O seu moço com a escada.

29

A respeito das escdas  
Foi uma lembrança boa,  
Temos a serração da Velha  
Todas as noites em Lisboa!

30

Póde ser que par'o anno  
No dia d'essa funcção,  
Alguns levem chicotada  
Mesmo por equivocação.

31

Um d'esses da escadinha  
Póde a salvo namorar,  
Até mesmo uma moça  
Em qualquer primeiro andar.

32

Finalmente a lanterna  
Veio para aqui no verão,  
Em vindo os vendavaes  
Talvez que a deitem no chão.

33

Porém eu há muitos annos  
Aqui estou pendurado,  
Cá me vou embalouçando  
Até ser appostado.

---